Jan Val Ellam

O Drama Cósmico de Javé

Conectar Editora

Jan Val Ellam

O Drama Cósmico de JAVÉ

Conectar Editora

Obras de Jan Val Ellam

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- O Sorriso do Mestre
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I e II
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha

outras obras:

- A Teia do Tempo – josé renan de medeiros e rogério de almeida freitas
- Inquisição Poética – rogério de almeida freitas

Sumário

Introdução.

Desde o início dos anos 90, quando comecei a registrar as notícias, as elucidações e as narrativas fornecidas por mentes situadas além do contexto terreno que me esforço por atrapalhar o mínimo possível o intento desses mentores.

Já vivi um pouco de muitos dos sentimentos humanos superlativos na área da experiência mediúnica, na intimidade dessas experiências e em situações outras que somente a aparente solidão, laboratório maior da alma, pode produzir. Contudo, apesar da intenção nobre, sei que atrapalho bastante. Mas não há muita coisa que eu possa fazer, e isso descobri ao longo desses anos.

A opção seria a de não me deixar envolver por essas mentes, aspecto que muito ponderei, pus mesmo em prática em algumas oportunidades, quando me via no aparente comando do processo da minha teórica autonomia espiritual. Mas diante da amplitude das singulares informações que sempre me chegavam, independente da minha vontade, sentia-me o pior dos vermes em "guardar" somente para mim o que obviamente me era fornecido para um fim maior. Apesar dos percalços que me são próprios e dos inevitáveis equívocos no campo do entendimento, renovava sempre a inquietante decisão de me deixar levar pelo influxo da vontade desses seres.

Diante dos fatos que me marcavam a vida – por estranhos que possam parecer a outros mas para mim eram e são fatos dos quais não consigo me ver livre ou deles me libertar – devo dizer que jamais existiu uma opção que me acalentasse a zona de conforto do ego: inquietava-me não ceder às amorosas e insistentes solicitações do Alto, angustiava-me mais ainda assumir-me como

instrumento de transmissão de painéis desconhecidos para esta humanidade, advindos dos contextos cósmico-extraterreno e espiritual, o que obviamente não podia se adequar às condições modestas de um simples cérebro animal algo desgastado, cansado, preguiçoso e hesitante. Em resumo: jamais me senti habilitado para essa tarefa, nem no campo da estatura moral, no da condição intelectual e muito menos no da perspectiva espiritual.

Sempre que sobre isso reflito, costumo concluir afirmando que algo deve ter ocorrido de muito errado nos planos desses seres para que alguém como eu tivesse o concurso pessoal tão solicitado. Porém, tudo o que pude vivenciar nos quinze anos compreendidos entre 1990 e 2005, parece nada representar perante o que estou vivendo nos últimos quatro anos.

Sinceramente, às vezes penso não saber mais aferir ao certo o que faço por vontade própria e o que é produto da insistência desses seres. Assim vem sendo desde o ano de 2005.

Há um "quê" de insistência amorosa, algo imperiosa, que não se coaduna com o aspecto que me mais me fascina no testemunho que o Mestre Jesus nos legou, o qual, mesmo sendo eu um simples verme movido por intenções nobres, tornou-se o combustível maior desta e de outras existências do espírito que me anima: a prática do amoroso jugo suave, que nada pede, nada quer, nada impõe, tudo dá de si, sem nenhum tipo de patrulhamento e sem nada esperar receber.

Assim o digo porque, para o quase pavor da minha ótica humana, percebi que por sobre a conduta mestra dos mentores espirituais, estava lidando com uma componente, a qual, somente a partir de 2005, começava discretamente a se apresentar, mostrando definitivamente sua face a partir de 2007, e aqui me refiro as hostes do Senhor Javé e ao próprio personagem. Se já não me sentia habilitado para a convivência com a hoste espiritual que me envolvia, com relação a esta é que não poderia existir hipótese de que tal fosse possível.

O Senhor Javé – e as hierarquias que dele partem – simplesmente não tem no seu modo de agir o menor traço que o aproxime do jugo suave de Jesus, o que me deixou perplexo. Na teoria, por ser conhecedor de certas passagens das páginas bíblicas, já imaginava mesmo que, somente alguém com as tais

características poderia suportar o fardo de ser o condutor desta humanidade teimosa e recalcitrante. Mas isso só na teoria. Contudo, ao começar a conviver com o seu modo de agir em relação ao ser terráqueo, o espanto e mais perplexidade ainda, até o momento em que escrevo estas linhas, são os elementos que tomam lugar no meu cansado psiquismo.

Simplesmente penso que não há nada, no campo da arquitetura do pensamento humano terráqueo, que possa dar guarida razoável à compreensão da exuberante e estranhíssima personalidade de Javé. Ele não se classifica nos nossos padrões de conhecimento; nós é que estamos classificados em certo padrão das definições que lhes são próprias e ele age conforme o tirocínio disso resultante.

O Senhor Javé nos ama, a seu modo, disso sei com a tola presunção que marca os terráqueos quando pensam ter "certeza absoluta" em torno de alguma questão.

O que mais Jesus nos pediu é que amássemos ao ser criador deste universo, que é exatamente o mesmo personagem. Quanto ao porque do Mestre Jesus não nos ter explicado os painéis complexos que envolvem exatamente àquele que patrocinou, com o anúncio das profecias, a sua vinda a este mundo, é questão que hoje penso compreender, e sobre a qual trataremos a seu turno. Jesus tinha e tem os seus motivos para isso nos pedir, ainda que não possamos compreender o Senhor Javé.

Este livro é uma tentativa meio que "desesperada", da parte deste aflito escrevente, em algo transmitir do que, segundo a Espiritualidade, agora é possível ser explicado, ainda que em cores superficiais, sobre o Senhor Javé e a sua história. Para tanto, precisamos retornar a um "tempo" antes mesmo de existir o espaço-tempo no qual hoje existimos o que, por si só já é aventura pouco recomendável aos olhos da prudência. Mas é necessário que o ato da criação deste universo e os problemas disso advindos possam ser abordados ainda que diminuídos pela pobre linguagem e modesto entendimento do autor terreno.

Se a isso tudo o (a) presumível leitor (a) sobreviver, o "fator Terra" nesse contexto universal será também abordado, além dos muitos porquês da vinda de Jesus ao nosso mundo. Será também abordada a dramática situação dos

dias que vivemos, não só sob a perspectiva da atualidade planetária como também sob à de uma possível ótica universal.

Assim, permitam-me logo afirmar: somente a ousadia amorosa dos que muito podem amar é que nos permitirá a todos bem administrar a consciência, agora desperta para os terráqueos, e que cedo ou tarde todos os que vivem na Terra e neste universo terão: a de que somos **todos herdeiros de uma eternidade espiritual que se situa muito além do horizonte deste majestoso universo** no qual nossos espíritos estão inseridos, vinculados que estamos com um processo histórico-universal em curso aparentemente incompreensível aos nossos olhos.

Somente me permito escrever este livro porque, conforme desconfio, penso ter percebido na insistência amorosa de seres cujos nomes não me atrevo aqui a elencar, uma "solicitação silenciosa e mesmo desesperada" de ajuda não só aos que vivem na Terra, mas principalmente em relação ao Senhor Javé. E o faço depois de já ter "deletado" dois livros escritos sobre o tema, por não me sentir bem perante o contexto que me estava sendo imposto pelas forças que assessoram o Senhor Javé, ou pelo menos é isso que penso.

O fato é que, acredite-me ou não o (a) leitor (a), não faz três meses que, mesmo indo contra toda uma força vibratória cuja fonte não ouso atinar, consegui fazer valer o primitivismo da minha vontade pessoal quando destruí o que havia sido edificado pelo meu esforço como forma de protesto diante do que julgava e julgo ser desnecessário. Aqui me refiro a certos padrões de conduta da parte de alguns desses seres para com o gênero humano terráqueo, ou, em última e egoística instância, para com este mísero cidadão terráqueo. Provavelmente estava errado, mas, paciência!

Transformei-me, diante de mim mesmo, em um pequeno, porém, devotado soldado desarmado na resistência pacífica e amorosa em nome da beleza e da harmonia do amor fraternal. Assim o digo porque preciso evoluir bastante para poder afirmar que pratiquei e pratico o que, com o Mahatma Gandhi e com Jesus aprendi, que é a prática da disciplina da resistência pacífica e amorosa em torno da **verdade**, porque simplesmente a desconheço. Contudo, penso ser aluno esforçado na arte de tentar perceber a beleza e a harmonia do

amor que dão pleno significado a tudo o que existe. E é em nome desse ideal que vivo os meus dias terrenos, apesar de saber-me um verme.

Dito isso, reafirmo que por mais estanho e paradoxal que possa parecer, o que agora faço, somente o faço porque tudo o que estou vivenciando aponta inevitavelmente para os termos de uma equação que somente a ciência do amor poderá resolver: a de que os seres da Terra e de outros mundos deste universo dependem do Senhor Javé para poder caminhar nas jornadas evolutivas que lhes são comuns. Estas, porém, são produto de problemas advindos do modo como o Senhor Javé administra a sua obra e a vida dos seres nela inseridos, por força dos problemas ocorridos quando da criação deste universo. E esse aspecto pouco ou nada tem a ver com o que nos propõe o Amantíssimo Pai, o Incognoscível, cujo primado da Sua consciência parece ser a "parte sagrada" que dá sustentação a cada ser, inclusive a cada um dos terráqueos.

Para tanto, porém, por estarmos submetidos ao método de Javé (o que conheci e conheço por mim mesmo e o que foi descrito pelas suas próprias narrativas bíblicas de como agia com a humanidade) muitos problemas inevitavelmente surgem como obstáculos ao progresso espiritual. Contudo, paradoxalmente, sem a parceria com o Senhor Javé, nós não iremos a lugar nenhum.

Em contra partida, Javé precisa de nós e do nosso progresso para também se unificar ao Pai, o Incognoscível, Aquele que está acima de todas as divindades criadoras – como é o caso do próprio Senhor Javé, no sentido mais amplo da sua personalidade anterior à criação deste universo. Na verdade, penso que **Javé é refém do progresso espiritual de todas as criaturas que existem no universo por ele criado**, aspecto este que exploraremos neste livro.

Este é, portanto, um pálido retrato do drama cósmico do Senhor Javé. Percebê-lo, por força de uma convivência difícil de ser narrada e que a isso não me atrevo, foi o que me motivou definitivamente a passar por sobre todas as minhas aparentes conveniências e me ofertar para algo contribuir, ainda que equivocadamente, no processo elucidativo pretendido pelos amigos espirituais e de outros orbes. Afinal, "alguém na Terra precisa abordar tão precioso e inadiável tema", repetem de modo insistente os mentores cósmicos e espirituais que me suportam a companhia vibratória.

Espero, honestamente, que a minha pequenez não distorça além da conta o esforço concentrado de algumas mentes extraterrenas e espirituais que há muitos milênios terrestres trabalham na edificação dessas notícias para os que vivem na Terra.

De todo modo já me obrigo a rogar as necessárias desculpas a quem por este livro passar a vista porque simplesmente sei que o resultado é pífio perante a grandiosidade do tema tratado. Contudo, simplesmente não me é suportável resistir à insistência amorosa dos mentores e do próprio Senhor Javé para que, mesmo com todos os defeitos de produção, esta primeira versão sobre o que está em curso ao nosso redor, e que por nós não podia mesmo ser razoavelmente compreendida até agora, finalmente tenha vez e lugar nos dias em que vivemos.

A outra opção seria guardar tudo o que segue somente para a reflexão pessoal, o que não me permitiria dormir em paz. Creio que, ao final da leitura, a amiga e o amigo leitor haverão de me perdoar, ao perceberem a teia complexa de toda uma engrenagem que responde pela existência da realidade como a conhecemos e que precisava um dia ser explicada, ainda que com as marcas da imperfeição de um angustiado escrevente terráqueo.

É, pois, com a ternura que posso produzir que ofereço aos meus irmãos e irmãs em curso evolutivo neste planeta as páginas que se seguem de um livro que, conforme penso, somente deve ser lido por aqueles que se dispõem a analisar criticamente os assuntos aqui enfocados. Infelizmente, este livro não é de leitura fácil, nem muito menos agradável, seja pela incompetência do autor terreno ou mesmo pelo inusitado da questão em torno da personalidade do Senhor Javé.

Atlan, 27 de março de 2010.

Jan Val Ellam.

Capítulo 1

Antes da Criação do Universo.

A **Realidade Maior** é pré-existente a tudo, afirmam os **Espíritos Codificadores**[1]. Nessa espécie de **realidade espiritual** que dá suporte e tem vinculação com tudo o mais que existe e possa um dia vir a existir além dela mesma, reside um incontável número de seres numa espécie de **universo espiritual** com dimensões infindáveis e formas existenciais indescritíveis para os padrões terrenos.

Nesse paraíso onde nada é transitório posto que tudo é eterno pela vontade do Pai Supremo, o Amantíssimo, encontra-se o que, nos moldes do entendimento terrestre, costumamos chamar de seres evoluídos (superiores) que convivem com as **Personificações da Deidade**.

A entidade a quem chamamos de **Pai Supremo** é, na verdade, uma das personificações da **Deidade**, esta sim, o único a quem deveríamos nos referir como sendo **Deus**, o **Incognoscível**. Este, por ser incompreensível e indescritível para os padrões das consciências evolutivas, personifica-se, por sua vez, em **Divindades Excelsas** que passam a Lhe representar perante tudo o que já existe e o que venha a ser gerado.

Desse modo, Aquele a quem denominamos de **Pai Supremo**, o Amantíssimo é **uma das personificações da Deidade** que mais se aproximaria do que, na condição humana, seria possível vislumbrar como sendo uma **individualidade "deificada"**[2], ou perfeita, e a quem a nossa pequenez também poderia se referir como sendo **Deus Pai ou Deus Mãe.**

Registre-se que a "pequenez humana" somente consegue raciocinar em termos de masculino e feminino, o que não se aplica à Deidade nem muito menos as Suas Personificações Divinas, ou seja, as **Divindades Excelsas**. Estas, sob a perspectiva dos que vivem na Terra, poderiam ser consideradas como sendo as **divindades "maiores" e "menores"**. Isso se dá conforme o **potencial representativo dos atributos da Deidade** que lhes marcam a existência, enquanto "representantes da Deidade", como também em relação à **função que exercem**.

Nessa espécie de "não-tempo", a vida eterna que ali se expressa é muito mais rica e diversa do que tudo o que existe para além das suas fronteiras. É uma dimensão existencial que simplesmente foge completamente à lógica terrestre, o que dificulta o aprofundamento do assunto.

Em um desses rincões, e dentro das etapas existenciais pelas quais passam os seres ali inseridos, era chegado o momento de mais uma **divindade menor co-criadora** apresentar-se para exercer a função de **arquiteto universal**. As divindades, quando investidas dessas funções, fazem-se sempre acompanhar por outros seres que a assessoram na empreitada.

Mesmo para os padrões dos setores de criação do paraíso chega a ser impressionante o que ocorre a partir dessa união de esforços e de poderes divinos em torno de um foco comum. É algo simplesmente impensável o que essas divindades passam a produzir por força do nível de compromisso que se estabelece entre elas e o que pretendem arquitetar.

O que acontece é que passa a existir um **elo vibratório indestrutível**, em torno da criação a ser edificada, e o mesmo **perdurará ao longo do "tempo" em que o que foi gerado estiver em curso de existência** ou enquanto dela possam ainda existir ajustes a serem procedidos.

A história do que no futuro cósmico iria resultar na criação do nosso universo teve início em um dos **planos co-criadores**, pertinente ao circuito das chamadas **realidades transitórias**. Estas últimas se caracterizam pelo fato dos seres submeterem temporariamente as suas consciências espirituais em corpos transitórios para vivenciarem realidades específicas para depois deles

se libertarem. Na Terra conhecemos este processo como sendo o "nascimento" e a "morte" do corpo animal transitório.

Esses níveis de realidade caracterizam-se por possuírem momentos de criação definida e **fins absolutamente programados**. Normalmente atendem a "misteres culturais" relativos a vivências do que poderíamos classificar como sendo os "prazeres da alma", espécies de aventuras científicas e espirituais no campo mental para entidades desse naipe que compõem os quadros da existência em níveis muito avançados.

Fatos desse naipe, ou seja, a criação de realidades universais como forma de homenagear o Pai Amantíssimo, são acontecimentos singulares desse nível de coexistência divina, os quais somente acontecem de tempos em tempos.

Assim, em um dos planos co-criadores onde Seres Excelsos em algum grau unificados ao Pai Amantíssimo se congregaram para homenageá-Lo, foi que ocorreu o que redundaria na criação do universo em que hoje vivemos.

Aqueles seres ali congregados detinham, dentre outros aspectos em comum, a **especialização na edificação da vida** através do uso da chamada **forma-padrão humanóide**. Esta era e é uma das bases de edificação corporal utilizada em outras criações universais geradas a partir daquele grupo de divindades menores co-criadoras. Seria, portanto, a que também iria ser plasmada na próxima empreitada geradora de vida transitória que se avizinhava.

Se pudéssemos algo aproximar da linguagem terrena as personagens daquele evento diríamos que todos eles eram "doutores em elevadíssimo grau" na ciência da edificação da vida, além de portadores de condição espiritual excelsa, muito superior ao que, com os valores da Terra, podemos aquilatar. Além do que, aquelas divindades possuíam a **plena consciência da herança advinda do "Sagrado" presente em cada um deles**, o que não os impedia nem os impede de **arquitetar personalidade própria** sempre que necessário.

É imperioso, portanto, que seja ressaltado que, para levar a efeito a **criação das realidades universais**, a arquitetura das idéias é sempre produto da mente das divindades criados pelo Pai Supremo, o Amantíssimo, dEle recebendo a individualidade deificada em grau menor de consecução divina. Esse é um dos mistérios do campo da criação universal há muito revelado a

esta humanidade nas antigas tradições védicas, dentre outras. Estas apontam para o fato de que o "**poder que criou o mundo material, o mantém e o pode transformar**" encontra-se, portanto, formatado nas mentes das divindades co-criadoras. Assim, este poder, **esta parcela da Consciência Divina está desperto na mente dessas individualidades divinizadas**, o que não acontece com os membros da espécie *homo sapiens*, à exceção do Avatar – aquele que é considerado encarnação de uma divindade unificada à Deidade.

Um dos seres excelsos ali presentes apresentou aos demais o plano de arquitetura da obra com a qual pretendia homenagear o Pai Supremo e a Deidade que a tudo e a todos sustentam sob a perspectiva espiritual profunda. É imperioso perceber que a sustentação ofertada pela Deidade é, na verdade, a base de todos os níveis que podem ser considerados como "realidade", do que "um dia" virá a ser e de tudo o que nela se encontra inserido. Sem esta **sustentação espiritual profunda** absolutamente nada se forma como realidade transitória. Em outras palavras, nenhum universo denso, como é o caso do nosso, pode se formar sem que a Deidade e Seus Prepostos doem a **estruturação espiritual que dá "vida" às criações das divindades menores**.

Caso a proposta do ser criador viesse a ser aprovada aquilo significaria a porta de acesso ao grupo dos arquitetos universais, função das mais notáveis no âmbito da administração divina, somente exercida pelas divindades especializadas naquele mister.

O que aconteceu em seguida foi algo raro nos anais de todos os setores dos planos de co-criação, mas que já havia acontecido anteriormente: o plano de co-criação apresentado não recebeu a concordância unânime de todos.

Em outras oportunidades questões daquele naipe jamais haviam se transformado em problema. Contudo, naquela ocasião, algo de inusitado e de muito grave se fez presente na mente do ser arquiteto-criador que havia feito a proposta.

A divindade menor em questão havia cumprido com todas as etapas necessárias à arquitetura de um novo plano existencial. Já havia mergulhado como "ser cidadão" de universos co-criados pelos seus irmãos e irmãs[3] de ministério, tendo exercido todas as funções pertinentes ao aperfeiçoamento da

sua condição mental. Além disso, era adestrado de modo singular, sendo a sua condição considerada como única naquele setor do paraíso, pelo seu alto nível de consecução mental estruturado em etapas sucessivas de expansão criadora. Esse aspecto, por sinal, haveria de se transformar no fator de alavancagem da criação do universo em que hoje vivemos e, por decorrência, no drama que passou a marcar a sua personalidade criadora, responsável pelo processo.

Por mais que nos pareça algo inusitado, por um lado, e simplório, por outro, o que estamos aqui narrando é exatamente o conjunto dos painéis de um contexto referentes à **convivência entre divindades** e que terminou resultando num gravíssimo problema.

Na função de autor terreno dessas informações sinto profundo desconforto já que, pessoalmente, tenho opinião diferente do que aqui está sendo expresso. Contudo, nada posso fazer a não ser reproduzir o que me é insistentemente afirmado – e que pude constatar por mim mesmo sem jamais isso ter pretendido, ou seja, o fato de que **existem divindades com problemas**.

Sob a perspectiva da ótica humana isso não seria sequer razoável, pois não caberia nenhum tipo de problema nessas relações de divindades. Muito menos é aceitável a perspectiva de que alguma divindade poderia promover um "**drama criatório**" cujos desdobramentos, incontroláveis pela natureza da sua própria origem, foram e são ainda **motivos de constrangimentos** entre os seus pares divinos.

Assim, para melhor lidarmos criticamente com tal possibilidade é prudente partirmos da premissa de que, somente a própria **Deidade**, perfeita em si mesma, e as suas principais **Personificações Divinas**, por representarem seus atributos de modo absoluto **podem e devem ser consideradas "realmente perfeitas"**. Para além dessas excelsas Personalidades tudo o mais que existe parece ser **passível de equívocos e de problemas**, inclusive as outras classes de divindades consideradas "menores".

Sei que esta afirmação não é e nem pode ser facilmente aceita pelo (a) eventual leitor (a) destas páginas, e é bom que assim seja já que a ninguém pretendo convencer sobre coisa alguma. Apenas aqui o afirmo para deixar claro que é desta premissa, pois, que parto para afirmar que **existem proble-**

mas naquilo que consideramos como sendo os níveis periféricos do **paraíso**, o que, convenhamos, é um aparente paradoxo. Mas é exatamente isso mesmo!

A questão assume outro aspecto se o conceito do que comumente temos sobre "céu", "paraíso", o que seja, for modificado de modo a que vislumbremos que, para além da Deidade – e da Sua expressão criadora direta, ou seja, as principais Divindades que representam a Sua vontade em "**límpida e singela primeira fronteira de expressão**" – tudo é aventura amorosa com os naturais obstáculos produzidos pela incompletude de quem ainda não pode ser considerado como perfeito, obstáculos estes necessários ao progresso dos que buscam a perfeição. É daqui que surgem as imperfeições, as incompletudes, enfim, os problemas a serem superados no contexto a que chamamos "**evolução**".

As divindades que representam a vontade da Deidade com perfeição são aquelas consideradas da "Primeira Geração de Potencial Deífico"**.** Em outras palavras, qualquer expressão espiritual da vontade da Deidade e das Suas **Divindades da Primeira Geração de Potencial Deífico** é simplesmente perfeita e singularmente intocável pelo que "em torno dela" possa vir a ser gerado. Nada, absolutamente nada perturba o contexto da Realidade Maior sustentada pela Deidade e pelas Divindades por Ela personificadas. Contudo, **para além desta fronteira, tudo e todos são passíveis de problemas** e nesse aspecto, como afirmado anteriormente, estão incluídas algumas classes de **divindades menores**.

Não se preocupe o (a) eventual leitor (a) destas páginas em memorizar coisa alguma do que aqui está informado, pois sempre que necessário para o entendimento em torno das questões, as elucidações serão resgatadas e adequadas ao fluxo da narrativa.

Assim, para melhor formular a nossa cota de entendimento em torno da questão é de boa prudência supor que as **divindades menores – formadas a partir da vontade de outras divindades** e não propriamente a partir da Deidade ou dAquelas que compõem a Primeira Geração de Potencial Deífico– **padecem do sentimento de incompletude**, o que não implica necessariamente em nenhuma ordem de problema. Estas apresentam padrões psíquicos totalmente diversos do que entendemos por "psiquismo terráqueo",

sendo este apenas um dos "**modos de ser ou de pensar**" que pode compor a exuberante personalidade das chamadas **divindades menores**.

O fato é que, como rezam os anais da Espiritualidade Maior, finalmente revelados a esta humanidade, um grupo, composto por **oito seres divinos,** foi então formado para acompanhar a divindade cuja proposta havia sido refutada pelos membros do **Conselho das Divindades Co-Criadoras**. Isso se deu porque foi percebido que a divindade em questão apresentava **ímpeto criador exaltado**, porém, sem a **necessária conexão** com a "fonte maior de estruturação espiritual profunda" que a tudo sustenta e fornece guarida vibratória.

Essa **Fonte Primordial Formadora do Todo** ou **Matriz Modeladora Eterna**, é produzida a partir do trabalho incessante dos membros divinos da "Primeira Geração de Potencial Deífico" que sempre associam o poder criador que lhes é próprio ao poder criador das divindades menores, co-criadoras de realidades existenciais. Para que tal conexão exista é necessário que as **divindades menores "evoluam"** a ponto de criar a necessária **ressonância** compatível entre as mentes envolvidas na criação e na sustentação de todos os modelos de tudo que passa a existir.

Toda a questão, por complexa que possa parecer para o pensamento humano, pode ser resumida no seguinte: exatamente na oportunidade em que o plano de criação da divindade co-criadora estava sendo avaliado pelo colegiado de divindades que normalmente se compõe para este fim, o **inquietante problema de "instabilidade mental" da divindade menor foi identificado**.

A descrição do fato – para que possa ser pelo menos superficialmente compreendida pelo modo de pensar terreno – deve necessariamente ser adequada ao modelo de um indivíduo que tem seu psiquismo marcado por permanente profusão de pensamentos incontroláveis que passam a povoar, independente da vontade, a sua vida mental. Este, por mais que tente se livrar ou se libertar do tal domínio não consegue "parar", "controlar", os impulsos que lhe surgem na intimidade. Esta analogia, apesar de simplória, é a que mais aproxima o entendimento dos eventos então ocorridos.

Apenas fornecendo mais alguns elementos para a melhor compreensão da questão, diria que nós, os humanos, diante da inquietação mental, ainda

temos o "escape" de podermos dormir já que possuímos um corpo transitório animal. As divindades simplesmente não dispõem desses momentos porque os seus "**softwares mentais divinos**" disso não necessitam.

Os humanos ainda podem tomar remédios para o necessário confronto químico provocado pela ingestão da droga alopática com o objetivo de acalmar, relaxar o processo mental. Fazendo uma analogia, poderia dizer que as divindades menores não o podem, por força do portentoso programa mental presente nas suas mentes, que não têm como ser influenciados por "química externa", exatamente por serem divinos, ou seja, herdados das divindades excelsas.

Apesar das providências gerais impossíveis de serem aqui descritas levadas a efeito pelas oito divindades, chegou-se a inquietante conclusão de que o "germe" do problema havia surgido em tempos imemoriais quando do mergulho da divindade co-criadora em um universo cujas características "físico-químicas" em muito se assemelham ao padrão do que mais tarde viria a marcar os parâmetros observados no nosso universo.

O "germe" identificado teria algo a ver com um "micro-detalhe" de uma "micro-imprecisão" ali existente e que provocava "aberrações de posicionamento de tempo e de lugar (espaço)" no tal universo. A divindade co-criadora, enquanto ali cumpria estágio de aperfeiçoamento, por haver percebido e interagido com o problema, havia se "contaminado" por força da ressonância surgida entre o seu processo mental acurado e a distorção do micro-fator existente nas forças de atração e de repulsão presentes naquela realidade.

O tal universo, que havia sido estruturado a partir do que poderíamos agora chamar de uma "***Fonte Secundária de Formação Dimensional***", passou a ser "reajustado" exatamente a partir da percepção do problema surgido na mente da divindade que ali vivera durante um "bom pedaço da eternidade". Ressalto uma vez mais que, essas *Fontes Secundárias*, geradas a partir da força mental das divindades menores, surgem sempre se "apoiando" na "***Fonte Primordial Formadora do Todo***", gerada, como já o dissemos, pela Deidade e pelas Divindades da Primeira Geração de Potencial Deífico.

Constatação

A força mental da Deidade – e de alguns de Seus Prepostos Divinos da Primeira Geração Deífica – é o foco gerador da Fonte Primordial Formadora do Todo. Das mentes das divindades menores co-criadoras é que surgem as Fontes Secundárias que formam as dimensões existenciais à parte, como é o caso do universo em que vivemos.

Essas ***Fontes Secundárias*** são espécies de matrizes energéticas que se moldam e são geradas em obediência aos ditames mentais dos *softwares* presentes nas mentes divinas. Em outras palavras, é a vontade da divindade co-criadora que determina que essa **matriz energética** passe a existir, a partir da força e da qualidade mental que lhe são próprias, mas sempre alicerçada na Fonte Primordial Formadora do Todo.

O "germe" detectado na expressão mental da divindade menor em questão havia surgido por força de uma "ponta de presunção" da sua parte em pensar ser possível criar a partir de si mesmo outra *Fonte Secundária* mais complexa, alternativa à primeira. Além disso, "guardou" a tal presunção no mais íntimo da sua mente por "muito tempo", o que somente foi claramente exposto e percebido pelo Colegiado de Divindades quando da avaliação do seu plano de criação.

Esse "germe", tempos cósmicos mais tarde, após a criação deste universo em que vivemos, teria relação com o que o atualmente é denominado pelos cientistas como sendo a teórica "matéria escura" e, principalmente, a aclamada "energia escura", as quais, juntamente com a matéria visível – no linguajar científico – compõem o "todo" do nosso universo.

Apenas a título de registro e para melhor compreensão, somente enxergamos 4% do que realmente existe no nosso universo. Os outros 96 % são formados por "energia" e por "matéria escura", conforme apontado pelos cientistas.

Diante da inexorabilidade dos fatos, por desagradáveis e inquietantes que estes fossem mesmo para o "comum" no nível das divindades, as outras oito divindades houveram por bem se **alinhar com o ímpeto criador da di-**

vindade com problemas. Assim fizeram porque tiveram consciência de que era **simplesmente impossível evitar que alguma criação viesse a acontecer** no âmbito do incontrolável processo que envolvia, de modo doentio, a mente da divindade irmã.

As oito divindades – além de todos os seus circuitos hierárquicos que as assessoravam – e mais o circuito hierárquico comum à divindade com problemas de "ímpeto criador", todas essas mentes, enfim, entraram em **convergência vibratória com aquela prestes a expressar a sua criação**.

O objetivo era, em perspectiva remota, o de ainda conseguir neutralizar o que pudesse ser emanado da mente da divindade que era conhecida nos padrões comuns à dimensão paradisíaca em que se situava preferencialmente como sua residência, como **Criador de Padrões Dependentes**. Isso em modo aproximado com o linguajar terráqueo e mais ainda com o vocabulário disponível na linguagem pátria do autor terreno.

Obviamente o que aqui está sendo exposto parecerá estranho ao modo de pensar corrente. Mas é sabido, conforme rezam os anais da Espiritualidade, que entre as divindades co-criadoras existem algumas delas que costumam gerar dimensões e seres que passam a ser total e completamente **independentes** em relação à mente daquele que os criou.

Muitos universos e seres assim existem, passando a ser a **afinidade ressonante entre estes e o seu criador**, um **fator a ser naturalmente construído pelo mérito individual de cada criatura**. É exatamente nessa questão que reside o necessário processo de auto-realização – proposta maior da existência para qualquer ser pensante – de cada individualidade envolvida no que particularmente chamo de "aventura amorosa da existência". O Mestre Jesus a isso se referia como sendo a **vida eterna**.

Outras há que formulam suas criações estabelecendo **padrão de dependência vibratória** (que neste livro será chamado de "**dependência holográfica**" cujos termos serão explicados no capítulo quatro) sob o **pretexto evolução** da das individualidades ali inseridas se darem "**com**" **e** "**através**" **da influência progressiva e direta da divindade criadora.**

Entre esses dois extremos, existe um número simplesmente inimaginável – para os padrões terráqueos – de **situações existenciais intermediárias** assim formuladas pelos planejamentos das divindades menores pertencentes ao colegiado do mister criador.

A divindade em foco, doravante **denominada como sendo o Criador de Padrões Dependentes**, tinha posteriormente agravado o seu estado por ter situado por demasiado tempo o foco do seu acurado processo mental na tentativa de gerar a partir de si mesma uma fonte formadora e modeladora de realidade com características especiais. O modelo então criado por sua habilidade mental não conseguiu estabelecer ponte de ressonância com a já referida **Fonte Primordial Formadora do Todo** ou **Matriz Modeladora Eterna**, de cujo concurso tudo depende. Como também já afirmado, sem o concurso dessa **Matriz Modeladora Eterna**, nada, absolutamente nada de material – seja em que nível de materialidade for – consegue tomar forma e existir transitoriamente.

Pois muito bem! Um dos aspectos da questão que envolveu a **divindade Criadora de Padrões Dependentes**, pelo que consegui depreender das informações recebidas, foi que ela pretendeu estabelecer um parâmetro singular, a partir da sua própria herança divina do Sagrado, na expectativa de que a sua marca pessoal de divindade estaria firmemente marcada em cada coisa ou ser que viesse a criar.

Ao mesmo tempo, o padrão do que hoje chamamos de "livre-arbítrio individual", também se expressaria a partir de cada individualidade criada, só que totalmente submetida à obediência aos ditames mentais da personalidade da divindade co-criadora. Em outras palavras, é como se a divindade menor tivesse pretendido que os "traços da sua personalidade" determinassem o "progresso individual" dos seus "herdeiros", como se esse aspecto pudesse e viesse a substituir o padrão estruturante espiritual sempre ofertado pela Deidade e Seus Prepostos da Primeira Geração. Ao longo dos "evos" aquilo jamais havia sido intentado.

Dificilmente esse aspecto será compreendido pelos terráqueos, seja pela pobreza de expressão que caracteriza a narrativa ora empreendida, ou

mesmo pela inexistência de melhores parâmetros que permita uma analogia mais objetiva e rica de significado.

O que os mentores afirmam é que a pretendida intenção de homenagear a Deidade e aos Pais e Mães Maiores que A representam, nos padrões sonhados pela divindade em foco, feria o que comumente era feito e produzido pelas divindades menores nesse sentido.

O fato é que, aos olhos terrenos, parece que o Criador de Padrões Dependentes desejava realizar uma obra criadora na qual tudo e todos tivessem a "sua cara", o que nos remete a questões de "ego afetado" e outras esquisitices hoje conhecidas na Terra.

Apesar de inevitavelmente assim nos parecer, não seria exatamente isso um problema sob a perspectiva das divindades já que, quando no uso-fruto sadio das suas possibilidades divinas, sabem que tudo o que existe – inclusive elas próprias – somente existe porque "carrega" a parcela do Sagrado consigo e em tudo o mais que passe a existir.

Afinal, algumas revelações feitas no Oriente há milênios apontam para a presença do Sagrado por trás da aparência material de absolutamente tudo o que assim se expresse, desde a mais ínfima proto-partícula, micro-coisa ou micro-criatura, até o ser humano pensante, que traz o **Sagrado em si mesmo** sob a forma do que, na Terra – conforme advindo dessas revelações – é chamado de "**Eu Profundo**", sob certos aspectos, e comumente de "**Eu Superior**"[4].

Mesmo com todo o esforço concentrado pela família das oito divindades e de todos os membros dos seus níveis hierárquicos, como também o de tudo o mais a eles associados em torno do "problema mental" da divindade Criadora de Padrões Dependentes, esta, mesmo se deixando "operar" pelas demais, permanecia em postura instável quanto à possibilidade ou não de conter o ímpeto criador.

Essa "operação", sob a perspectiva do que podemos vislumbrar através do modo de pensar terrestre, "cirurgicamente falando", seria o mesmo que mentes poderosas interferirem nos parâmetros da mente de uma individualidade sem que esta estivesse sob o efeito de "alguma anestesia", ou seja, com sua aquiescência e conhecimento do que está ocorrendo.

Enquanto tinha a sua mente amorosamente invadida pelas dos seus pares que pretendiam ajudá-la para evitar o caos tormentoso do que para eles era ainda, naquele "tempo cósmico", somente a teórica idéia do que seria uma "**criação fora do controle deífico**", a divindade doente se portava do modo amoroso que lhe era comum, em postura de gratidão as demais, até porque, a partir de certo momento do desenrolar daqueles fatos, ela passou a ter plena ciência do seu problema.

Aquele grupo de divindades estava unido em torno da interferência vibratória na mente da co-irmã porque tinham "ciência profunda" de que a **Deidade dá tudo de si**, mas diferente do que se pensa na Terra, **Ela em nada interfere** apesar de a tudo sustentar, cabendo sempre esse "**papel de interferência**" às divindades excelsas e às divindades menores co-criadoras e mantenedoras das expressões existenciais. Ou seja, sabiam que se algo precisava ser feito era por elas mesmas já que, em última instância, eram os representes últimos da hierarquia divina para enfrentar os obstáculos inevitavelmente existentes ao longo da eternidade. Afinal, **obstáculo é sempre fator de progresso** para os seres ainda imperfeitos e/ou incompletos.

Apesar do esforço coletivo a instabilidade mais e mais se expressava a olhos vistos, pois já era claramente percebida a postura mental de dúvida e mesmo de "**rejeição científica**" que em certo momento passou a povoar o psiquismo da divindade adoentada. Contudo, conforme os parâmetros do conhecimento e da sabedoria que marcam aquelas mentes divinas, as sugestões vindas dos amorosos "cirurgiões mentais" continuavam a fluir em direção à mente da divindade que mais e mais **passou a se sentir desafortunadamente invadida** naquilo que considerava, naturalmente, ser a **sua riqueza pessoal, enquanto ser divino**.

Para piorar a situação, o que a princípio era positivo – que era o fato da divindade doente ter se submetido com a melhor das intenções a absolutamente tudo o que lhe foi proposto como sendo o "processo de ajuste dos parâmetros mentais" – passou a ser fator de complicação em certa altura daquele processo.

O que era para ser pacificado, ou seja, o ímpeto criador exaltado, este terminou sendo "envolvido" por uma postura complicada assumida repentinamente pela divindade doente, postura esta que, no linguajar comum ao modo

de pensar terreno, seria algo próximo à arrogância, presunção, autoconfiança ou algo do gênero. Esta postura mental, quando assumida pelo modo de agir do **Criador de Padrões Dependentes**, foi o fator determinante para o que veio a seguir, cujas conseqüências até hoje sofrem todo aquele conjunto de divindades e outros seres a elas associados como também todos os demais seres que passaram a existir no universo que viria a ser criado.

A divindade adoentada repentinamente **resolveu desligar-se da interferência amorosa** das suas congêneres o que resultou num problema vibratório jamais ocorrido.

Foi dessa maneira que o *modus operandi* criativo daquela divindade exaltou-se e **explodiu em processo incontrolável**, o qual, até os dias atuais vem se perpetuando, e que passou a representar um problema de graves conse-quências para os níveis hierárquicos vinculados à Deidade e a Seus Prepostos Divinos. O **grau de tormento** que muitos dos seres da hierarquia divina vivem desde então é simplesmente impossível de ser aquilatado.

Ao fazer "explodir" o seu *modus operandi* mental, a **divindade gerou fora de si um campo vibratório singular** que daria margem a todo um processo de expansão dimensional o qual, em uma das suas vertentes, criou a **faixa de realidade espaço-temporal** na qual hoje existimos.

Mas como isso efetivamente aconteceu?

Kundalini: Herança do Sagrado em cada Ser.

Estamos longe de perceber a realidade que nos envolve, em todas as suas nuances. E aqui nos referimos também como sendo "**realidade**" ao que se encontra **além do que é aparente à percepção** desta humanidade. Sequer sobre o que objetivamente percebemos temos compreensão profunda, sendo a nossa **última fronteira** a decodificação feita pelo esforço do método científico da aparente realidade. Contudo, **não sabemos o porquê de tudo ser do modo como é**.

Se estiver certo no meu entendimento tempo virá, e não parece estar longe, em que os terráqueos compreenderão que, aquilo que consideramos como sendo o "**todo**" **é como é devido à mente de uma divindade** posto que foram dela que surgiram todos os parâmetros que mais tarde definiriam a "realidade" da sua criação.

Para seguirmos adiante é necessário que ao menos possamos vislumbrar a "lógica mental" do criador deste universo para por fim perceber a função de cada um de nós em toda essa história, como também o porquê da atitude amorosa de Jesus no contexto em que ela se deu.

Para quem já tem o privilégio de entender com senso de profundidade os conceitos da física quântica, no âmbito do limite do que até hoje foi descortinado, nada há de impressionante na questão referente à lógica do **criador da singularidade que a tudo deu início**. Contudo, para aqueles que ainda não puderam dedicar o foco das suas atenções ao entendimento da nossa realidade a partir das **premissas quânticas**[1], alguma dificuldade poderá existir para entender **como é possível ser produzida**, a partir de uma "**atitude**

mental", uma "**porção de campo energético**" – chamado pelos cientistas de "**singularidade**", na ausência de outra definição. E de como, sobre esta singularidade**, a mesma mente que a criou passou a atuar** feito uma espécie de "**observador quântico**", inserindo no campo recém-criado os modelos dos seus pensamentos expressos como partículas, ondas e demais forças atuantes no âmbito da obra gerada.

Para o ser humano do ocidente, com seu modo "aristotélico" de ver o mundo, será muito difícil, se não impossível, a percepção profunda quanto ao que aqui está sendo exposto. O problema é que para nós, homens e mulheres ocidentais, somente existe uma **lógica**, que é aquela herdada do pensamento de Aristóteles[2]. Porém, hoje já é sabido que essa premissa é falsa.

Os **desdobramentos da física quântica** já tornaram **impossível a sustentação da lógica ocidental como alicerce da realidade**. Simplesmente o modo de pensar a que estamos acostumados não se aplica no correto entendimento da "**lógica da realidade**" como os fundamentos quânticos nos mostram. Desse modo, o primeiro aspecto do que agora nos é "óbvio" é o de que a **nossa lógica é apenas uma das lógicas possíveis**, o que nos deveria refrear as "certezas" produzidas pelo nosso modo de pensar modesto e limitado.

Existe ainda outro aspecto cruel nessa questão: o **conceito ocidental de lógica** encontra-se completamente **condicionado pelas linguagens** ocidentais que utilizamos para lidar com a realidade que percebemos. E infelizmente não somos dados a perceber que a riqueza do raciocínio e da percepção dependerá das possibilidades de vocábulos e de conceitos ofertados pela linguagem presente no cérebro.

Aqui, sirvo-me de Joachim-Ernst Berendt, que no seu livro *Nada Brahma*[3], oferece àqueles que buscam libertos dos grilhões da ortodoxia os mais belos elementos para uma descrição mais coerente da realidade, capaz de integrar as verdades mais recentes da física e das ciências da vida, como ele mesmo afirma.

Para tanto, Berendt refere-se ao trabalho de Carl Friedrich Von Weizsäcker[4], que apontava para o fato de que a mecânica quântica há muito havia desenvolvido a sua própria "**lógica quântica**", mostrando que esta última "tem

a ver com o novo posicionamento da física quântica, relativo ao princípio metodológico da **separação entre o sujeito e o objeto**". O detalhe é que essa mesma **separação é reconhecida como falsa**, como uma **ilusão**, pela antiga lógica das doutrinas orientais, no seio do Hinduísmo, do Budismo, dentre as quais o Zen Budismo japonês.

Uma das máximas do mestre zen Hakuin[5] afirma que "**a diferença entre sujeito e objeto só existe enquanto há consciência do ego**". Como afirma Berendt, "qualquer físico nuclear moderno poderia subscrever essa constatação" nos dias atuais "só que com uma diferença: Hakuin a fez na primeira metade do século XVIII, e a mecânica quântica chegou à semelhante conclusão apenas na década de 1930, quando Heisemberg[6] formulou o seu conhecido *princípio da incerteza*".

Sobre essa questão, e deixando de lado a preocupação com o academicismo em torno do tema, o que significa, para a **lógica humana cotidiana**, esse princípio da incerteza de Heisemberg? Exatamente a "**incerteza**" que o ser humano sente na sua lógica, quanto ao que o seu psiquismo produz como sendo o senso de realidade que nos marca.

Isso acontece quando a sua "**equivocada e condicionada consciência de ego" falsamente apartado** de tudo ao seu redor, interage com o microcosmo, penetrando nos caminhos de uma lógica quântica que, agora sabemos, lhe mostra exatamente o contrário, ou seja, que não há separação entre sujeito (ego) e objeto já que "**tudo é um**", conforme apontam as **lógicas quântica**s, zen-budista[7], védica[8], taoísta[9], dentre outras.

É perante esse aspecto que a lógica ocidental fracassa na **arquitetura de uma visão de realidade** coerente com o que hoje apontam os postulados científicos. Em outras palavras, nós, os ocidentais, precisamos simplesmente **modificar ou reeducar o "modo de pensar sobre a realidade"**, como também "**a maneira como com ela interagimos**".

Obviamente que isso somente poderá ocorrer com as sucessivas gerações que haverão de um dia homenagear a "**lógica do criador**" **deste universo** com a correta percepção da dramática beleza da sua majestosa obra, apesar de problemática, como veremos ao longo das páginas deste livro.

Berendt nos diz ainda que existe uma outra forma de lógica – e de fato, existem *algumas lógicas* – e isso requer a multidimensionalidade tal como ela resultou da abordagem da teoria da relatividade e das equações de espaço/tempo de Hermann Minkowski[10], de sorte que Lama Govinda[11], de modo simples, mas correto, conclui: "**Existem tantos tipos diferentes de lógica quantas dimensões**". Lama Govinda está inteiramente de acordo com o físico nucelar Heisemberg ao exigir "a superação daquela lógica unidimensional, linear", totalmente superada pelos fatos quânticos.

A afirmativa acima traduz um dos aspectos da "**Realidade Maior**" ainda por ser amplamente descortinado pelo ser terráqueo. Ele aponta para o fato de que, para **cada modo de pensar** (lógica) deve existir uma **dimensão de realidade específica** que lhe seja comum. E o formidável é que, conforme penso, isso serve tanto para o âmbito individual como para o coletivo.

Se levarmos em consideração que não existem duas pessoas iguais ou, pelo menos, que pensem do mesmíssimo modo sobre tudo o mais, será possível, então, depreender que **cada indivíduo** tem a sua **lógica-dimensão** pessoal. Reunindo todos esses indivíduos e, nivelando-os pela força da **utilização de uma mesma caixa de ressonância de percepção** (o **cérebro animal** da nossa espécie), teremos agora uma espécie de **lógica coletiva** que **condiciona a todos que têm cérebro humano** a pertencerem a uma mesma dimensão existencial. É exatamente esse tipo de **condicionamento que acontece com as mentes dos espíritos** que são obrigados a encarnar (a assumir um cérebro animal) para nascerem na Terra.

O interessante agora é supor que essa perspectiva parece ser a base funcional da existência individual e coletiva em qualquer quadrante cósmico, em qualquer dimensão existencial seja ela física-densa, espiritual, astral ou ainda outras que não possuam conceituação no vocabulário terreno.

É aqui, no chamado conceito lógico das palavras, que residem não só a estrutura encantadora do **sentido da lógica do pensamento**, como também o **limite da possibilidade** do mesmo, já que, na condição humana, **a ninguém é dado pensar** se, para tanto, **não existirem as palavras cujos significados possam dar sustentação ao conteúdo da lógica do pensamento**.

Abstraindo-nos agora da questão referente às palavras, não podemos esquecer que nossas espécies-irmãs da natureza terrestre têm – cada uma delas – a sua própria "**lógica de espécie**", o que abre um contexto de estudo ainda mais amplo. Afinal, as baratas, as abelhas, os golfinhos, todos têm a lógica que lhes é própria enquanto espécie e, **cada uma delas se define por força do cérebro animal dos seus corpos**. Assim, as suas "almas" apenas dão a "força motriz" ou "força vital" para as lógicas inevitáveis das suas existências físicas.

As "**almas humanizadas**" também cumprem o mesmo papel só que as mesmas já se encontram despertas no campo da "**lógica do pensamento**". Esta "**lógica espiritual**" se expressa como pode ou permite o condicionamento da "**lógica cerebral humana**" que se serve das **palavras** para criar os seus **elementos básicos** constituintes da **ótica terrena**.

O fato é que nas línguas ocidentais **não existem conceitos suficientes para que uma lógica mais coerente com a realidade** possa ser através deles expressada. Os especialistas consideram que as línguas asiáticas, como o **sânscrito clássico e japonês**, por exemplo, são muito mais ricos e precisos quanto à decodificação de fatos, de objetos e de situações que nos envolvem a vida na Terra.

As línguas asiáticas, conforme apontam os estudiosos, são mais precisas quando não buscam simplesmente a definição de um objeto separado do sujeito, mas simplesmente elas tornam o sujeito e o objeto uma coisa só, de tal modo que a voz ativa e a passiva chegam a se fundir.

Berendt[12] nos traduz essa questão quando se refere ao fato de que a mulher japonesa não diz ao seu amado: "Eu te amo". Ela diz: *Aishiteru*, o que quer dizer: amar. Não se precisa do "eu" e do "tu" quando se ama. Eles formam uma unidade no "amor". Do mesmo modo que o sujeito e o objeto se fundem, o passivo e o ativo do modo de expressão japonês se integram, mostrando, a nós ocidentais, que existem outros modos de percepção e de interação com a realidade. Os japoneses dizem: "Yama ga mieru", ou seja, "eu vejo a montanha", na lógica ocidental. Mas *Yama ga mieru* significa apenas e literalmente "ver montanha".

O filósofo japonês Ryogi Okochi[13] nos informa que "o japonês não fala nem na voz ativa, nem na passiva; o que é se diz, e o que foi dito acontece além da divisão entre praticar e sofrer a ação, ou seja, em puro movimento *a partir de si mesmo*. Ver e ser visto... olhar para... e a coisa vista mostrando-se... pertencem indissoluvelmente um ao ou outro. A montanha não é objeto mas sim o tema que nos dá a entender do que se trata no momento. O ato de ver contém ambos os momentos: quem vê e o que é visto em si. **Praticar e sofrer a ação e o que é visto, tornam-se nesse ato inseparavelmente um**". Atente bem o (a) leitor (a) que a assertiva anterior de Ryogi Okochi ressaltada por mim representa o segredo mais importante para os que buscam construir e/ou entender a lógica quântica que nos dá um melhor sentido da realidade, diferente da que estamos irremediavelmente acostumados. E isso tem tudo a ver com a ligação que cada ser humano tem com o Senhor Javé, como será demonstrado ao longo deste livro.

"Por que?", haverá de se perguntar o eventual leitor ocidental destas páginas quanto à razão desses aspectos "lingüísticos" e dos "painéis de diversas lógicas" estarem sendo aqui referidos. A resposta que posso ofertar é bem simples: para tentar despertar a reflexão de que a **lógica ocidental não serve** para entender **como uma divindade pode criar, a partir de si mesmo**, **um universo nos padrões** em que hoje o conhecemos e, além disso, "**sentir-se um só com o universo por ele criado**" e, portanto, **dele dependente**.

Muito menos serve a nossa lógica para falarmos de **divindades geradas pela Deidade**, e que dEla possuem a **herança sagrada** para serem o que são, dependendo do que cada uma delas possa fazer da herança sagrada que possui – aqui também há o livre-arbítrio. E mais ainda menos servirá para a compreensão de que algumas dessas divindades terminaram por gerar seres de diversos tipos, também a partir de si mesmas, sem o concurso de qualquer relação com outra divindade. Muito menos ainda servirá a lógica ocidental para nos referirmos ao fato de que essa "herança sagrada" também se faz presente em cada ser presente neste ou em outro universo, seja ele divindade, quase-deus, anjo, terráqueo ou algo do gênero.

O problema é que será exatamente sobre essas questões e muitas outras que seremos obrigados a abordar ao longo deste e de outros trabalhos que me

obrigo a produzir por força das circunstâncias que me envolvem – e a lógica ocidental simplesmente para nada ou pouco servirá.

Feita essa ressalva em relação a qual alguns aspectos e desdobramentos serão ressaltados ao longo do livro, vamos retomar a abordagem dos painéis da "**lógica das divindades**" e das suas funções.

Sob a **perspectiva das divindades** com ímpeto criador[14], **gerar um universo**, ou um novo nível dimensional, é simplesmente o fato de conseguir **expressar**, **fora da sua mente**, um **novo arquétipo** prenhe das características da mente que o criou. Em outras palavras, estamos aqui nos referindo ao caso de um **alguém que dá a luz a uma idéia criativa com vida própria e que herda a condição genética mental de quem a gerou**, além do seu modo de pensar e de todos os demais modelos de sentir, de se portar, enfim, da sua visão de realidade e do modo como interage com esta.

Para as divindades o ato de criar pode ser simples, por um lado, quando a criação se dá apenas com a "componente genética" de uma só mente e, complexo, por outro, quando outras "componentes genéticas mentais" compõem a arquitetura do que está sendo criado.

Assim, no caso da divindade com ímpeto de **criação plenamente potencializada** — novamente ressalto que não são todas as divindades que possuem essa característica disponível nos seus psiquismos — o ato de gerar é pessoal tanto no que se refere ao "**tipo de material mental**" utilizado, como na componente dos **modelos de estruturação espiritual** do que está sendo gerado. Ainda assim, nem todas as divindades pertencentes a essa classe de "ímpeto de criação" estão totalmente "**amadurecidas nos seus potenciais criativos**", ou seja, em relação às **componentes estruturais** do que na compreensão terrena seriam chamados de "**material**" e "**espiritual**".

É imperioso, contudo, observar que, quanto a essa componente estruturante, aqui sempre existe a "**contribuição misteriosa**" da Deidade e de algumas das Suas principais Personificações, que a tudo sustenta, mas, como já informado, em **nada interferindo**, deixando sempre ao **critério das divindades criadoras menores** a "interferência criativa" direta no âmbito de suas criações. Estas, normalmente se compõem – conforme o modelo terreno de

entendimento – de universos sendo alguns semelhantes e outros bem diferentes em relação ao que vivemos, com seus **níveis espirituais vinculados** e **demais realidades paralelas** circunscritas à vontade idealizada da divindade criadora.

No caso do nosso universo, e aqui retomo o eixo principal da narrativa, o "clímax" da questão – entre as nove divindades envolvidas com o que depois seria o universo no qual estamos existindo transitoriamente – foi atingido quando a divindade criadora apontou para o fato de que, devido à "**intervenção cirúrgica mental**" procedida pelos seus pares estaria ocorrendo uma **descaracterização entre o modelo de singularidade a ser gerado e a sua real intenção**, caso ela viesse realmente a exteriorizar o seu intento.

Para os padrões do nível superior de existência daquelas divindades foi mesmo "aterrador" perceber que, por maior que pudesse ser o esforço aplicado na questão já existia a perturbadora certeza de que seria inevitável impedir, de algum modo, o ímpeto criador da divindade. **Tudo o que era possível fazer**, a partir de certo momento daqueles instantes vividos pelas entidades envolvidas, dizia apenas da intenção de algo **moldar o ímpeto criador** dentro dos padrões aceitáveis, conforme os parâmetros comuns em uso nos processos criatórios.

O fato é que, quando da atitude por parte da divindade adoentada, de desfazer a corrente em curso, como já o dissemos, **foi nos "micro-instantes" que se seguiram** a agora já fragilizada atividade vibratória da corrente mental sustentada pelas as outras oito divindades, que o **nascimento da singularidade ocorreu**, gerando, a partir da sua expansão, uma **nova dimensão existencial de espaço e de tempo**, "agregada" a outras "**dimensões astrais e espirituais**". Hoje, cerca de 13,7 bilhões de anos terrestres depois, contemplamos o universo em que vivemos sem que saibamos (com certeza científica) das demais dimensões espirituais primárias e astrais que nos envolvem e que fazem parte da criação da divindade aqui referida.

O nosso universo, por gigantesco e majestoso que seja, foi e é fruto da mente poderosa da divindade que terminou por ficar indelével e doentiamente ligada a sua criação até os dias atuais.

Foi desse modo, portanto, que surgiu uma **criação parcialmente potencializada**, ou seja, estruturada com o "**tipo de material mental**" comum à capacidade de geração da divindade perturbada, porém sem que dela pudesse advir o devido "**alicerce espiritual**" que sustenta a tudo o que existe, pouco importando se é de caráter transitório ou eterno. Esse aspecto é um dos "dramas" do universo em que os nossos espíritos se encontram inseridos.

CONSTATAÇÃO

A divindade criadora, a partir da sua vontade e, com a força mental que a caracteriza, produziu a singularidade que criou o universo. Para tanto, utilizou-se da sua avançada programação mental associada a sua energia Kundalini. Esta corresponde à herança do Sagrado que está presente no mais íntimo de cada individualidade, na sua componente espiritual, herdada que foi da Deidade que tudo dá de si e a tudo sustenta.

Ser portador da herança da Kundalini é condição que está presente e desperta nas divindades criadoras e nos seres evoluídos. Nos seres humanos, esta energia também se faz presente na componente espiritual que nos sustenta a personalidade terrena, permanecendo, porém, adormecida em praticamente quase todos os membros da espécie *homo sapiens* da Terra.

As divindades amorosas, quando em missão na Terra nascendo como simples homens e mulheres, a despertam por força do seu mérito espiritual e a utilizam como a base dos muitos poderes aparentemente milagrosos que apresentam.

Como isso se deu? Qual a força motriz que deu origem à singularidade que, em se expandindo, formou o nosso universo?

Com a consumação dos fatos, ou seja, com a **exteriorização da singularidade**, automaticamente as demais divindades foram obrigadas a romper os seus laços vibratórios com a corrente que, desde então, passou a não mais existir.

A divindade co-criadora vendo-se agora na **solitária posição de condutor do processo em curso** começou a se sentir frágil e hesitante devido

aos desdobramentos pertinentes à exteriorização da kundalini sob a forma da singularidade antes inexistente.

Para complicar ainda mais o já complexo contexto, diante da "implosão de forças da corrente" advinda da sua atitude unilateral, vendo-se agora sozinha, a divindade começou a sentir "**instabilidades**" no campo mental que a abalariam a tal ponto que a fez "desconfiar", repentinamente, que a sua criação seria "inóqua", sem sentido ou função existencial. Isso se deu por ser a sua "especialidade" a criação de padrões dependentes o que, por conta do seu **desalinhamento** em relação à força das demais divindades, resultou no fato de que a sua **mente adoentada não mais poderia estabelecer a pró-ativa relação de influência com o que de "vivo" viesse a existir** na sua obra recém-gerada.

As demais divindades e os seres a elas associados, além dos próprios pares da divindade que havia gerado a singularidade, estavam todos em posição expectante com a intenção de **aquilatar até onde o criador da singularidade conseguiria administrar o processo gerado a partir do impulso mental que não lhe foi possível controlar**. Foram "micro-instantes" indescritíveis para o padrão do linguajar dos terráqueos.

Uma delas, que no futuro distante – num longínquo planeta azul pertencente a uma galáxia que somente nasceria muito mais tarde – viria a ser conhecida como Jesus, percebendo o aspecto estéril da singularidade que já começava a atingir, em milionésimos de milésimos de milésimos de segundo, em certa condição crítica do desenrolar dos fatos, **acionou o seu circuito mental em uníssono com o do criador da singularidade**, posicionando-se de forma a apoiá-lo na inevitabilidade do processo em curso, apesar da divindade criadora **nada ter percebido do apoio que estava recebendo** já que o foco da sua atenção estava totalmente envolvido com o que acabara de gerar.

O que foi gerado por esta divindade até hoje, o repetimos, responde por absolutamente tudo o que acontece no âmbito do nosso universo e das "realidades" a ele adjacentes.

Tomando a nós próprios como exemplo, a ciência quântica aponta para o aspecto de que, no "**mundo dos quanta**", que é a **menor de todas as escalas do universo**, as partículas que o formam nos mostram que existem

forças subjacentes a nossa realidade, e que o **nosso aparente senso de realidade** nada mais é do que um "**truque**" naturalmente provocado pelo nosso cérebro. O interessante é que, seja lá quem o tenha criado, o fez de modo a condicioná-lo exatamente a isso.

Para melhor entendermos a questão faz-se necessário apresentar a definição que do que seja "**quantum**", ou seja, uma quantidade discreta de energia eletromagnética, que é basicamente **aquilo de que se constitui o nosso universo** – e tudo o que ele contém – quando o mesmo é reduzido a sua essência, conforme apontam os cientistas.

Aqui, aproveito-me do que já foi exposto em diversos livros sobre a questão e que exemplificam, de modo acessível, o que seria o "**mundo dos quanta**". Para tanto, sirvo-me agora do livro "Matriz Divina", de Gregg Braden[15], reproduzindo o que ali se encontra exposto sobre o tema, que julgo bastante didático.

Ao assistirmos a um filme, sabemos que as imagens que se movem na tela estão nos transmitindo uma ilusão. O que vemos são fotogramas estáticos que são disparados muito rapidamente, um em seguida ao outro, criando, dessa maneira, a sensação de uma história contínua. Conquanto nossos olhos estejam vendo as imagens quadro a quadro, nosso cérebro consegue fundi-las de modo a percebermos o movimento como ininterrupto.

Os físicos quânticos acreditam que nosso mundo funciona de uma maneira bastante semelhante.

Dessa forma, cada conjunto de cenas que vemos, em termos quânticos, corresponde a uma série de eventos isolados que acontecem muito rapidamente e que nos são apresentados conjuntamente, por força do condicionamento do nosso cérebro.

Semelhante ao modo como muitas imagens juntas fazem o movimento parecer tão real, a vida na realidade ocorre como breves e minúsculas erupções de luz que chamamos de "quanta". O quanta da vida acontece de maneira tão rápida que, salvo se formos donos de um cérebro treinado para operar de modo diferente (como em alguns casos da prática da meditação), o que ele faz é simplesmente

tirar uma média dos pulsos para criar uma ação ininterrupta, semelhante àquela que nos prende quando assistimos à televisão.

Assim, o **cérebro humano foi projetado** para ser uma **caixa de sentidos programada para decodificar esta faixa de realidade** a que as nossas mentes espirituais estão inseridas, quando submetidos às encarnações. O nosso cérebro é que nos permite criar a **ilusão da realidade** a que ele se encontra submetido, fazendo, com isso, que a mente espiritual que lhe está subordinada apenas se expresse no âmbito da realidade que ele produz. Isso limita e enquadra as possibilidades de atuação do espírito à faixa de realidade criada pela divindade.

Pelo que depreendo dos fatos foi exatamente a divindade em questão quem criou a singularidade que se expressa aos observadores terrestres como sendo o **mundo dos quanta**, que dá o suporte à realidade densa material do espaço-tempo ao qual estamos submetidos, como de sorte estão também todos os seres que vivem neste universo.

O **mundo dos quanta** é exatamente aquele formulado por Max Planck[16] em sua teoria quântica, na qual ele lançou a hipótese de que **a energia existe em unidades** do **mesmo modo que a matéria**, e não como uma onda eletromagnética constante, como até então se pensava. Ele postulou que a **energia é quantizada** – consiste de **unidades discretas**, as quais Planck chamou de ***quantum***.

Max Planck, quando da publicação da sua teoria da realidade como sendo **lampejos** de uma **energia** chamada **quanta** ou **quantum**, afirmou que a existência do campo por ele percebido, **sugeria a existência de uma inteligência responsável pela nossa realidade física**. Dizia ele: *"Devemos supor que por trás dessa força* (que percebemos como sendo a matéria formadora da realidade que percebemos – nota do autor) *existe uma mente consciente e inteligente. Essa mente é a matriz de toda matéria*".

O curioso e, ao mesmo tempo estranho, é que essa afirmação foi feita por um gênio da ciência que modificou a visão de mundo com o seu paradigma quântico. Porém, a tal mente consciente e inteligente por trás da força que cria a nossa realidade, por tão inapropriada parecer aos padrões aceitáveis das

mentes dos cientistas, parece "**brincar de não existir**" já que, aceitá-la, seria assumir a existência de um criador, o que não é conveniente para a ciência, ou melhor, para os cientistas que não têm olhos para enxergar além das suas próprias conveniências. E todos nós perdemos com isso. Inclusive a própria divindade que muito estimaria sair de uma vez por toda do anonimato em que se encontra e ser finalmente percebida e aceita pelos seres humanos da Terra. Escutamos a sua música, vibramos com os seus efeitos, mas ainda assim nos recusamos a assumir que existiu e existe "alguém em ação".

Novamente recorrendo ao livro "Matriz Divina", de Gregg Braden, ele nos aponta que *no início do século XX, Einstein*[17] *fez referência a uma força misteriosa que ele estava seguro que existia naquilo que vemos como o universo que nos cerca. "A natureza nos mostra apenas a cauda do leão", dizia ele, querendo dizer que havia algo mais do que podíamos perceber como realidade, ainda que não pudéssemos vê-la a partir do nosso ponto de vista particular. A analogia de Einstein sobre o cosmos mostra a beleza e a eloqüência típica da visão que ele tinha do universo: "Não duvido que o leão seja o dono dela (da cauda), mesmo que ele não possa se revelar imediatamente por causa do seu tamanho descomunal". Em escritos posteriores, Einstein prosseguiu dizendo que, independentemente de quem somos ou de qual possa ser nosso papel no universo, todos nós estamos subordinados a um poder mais elevado: "Seres humanos, vegetais ou poeira cósmica – todos nós dançamos ouvindo o ritmo misterioso da distante melodia de um flautista invisível".*

Até quando?

Arquiteto por Excelência, "Deus" por necessidade.

Ao longo das primeiras etapas de formação do universo e de suas adjacências astrais e espirituais[1], a outra divindade apenas se mantinha dando o apoio estrutural profundo na arquitetura dos "modelos e arquétipos" necessários à edificação em curso.

De modo incontrolável as forças organizadoras que dariam vida à matriz secundária recém-criada passaram a se desenvolver por conta da expansão universal que se processava naqueles primeiros micro-instantes, obedecendo à poderosa mente da divindade que, apesar de hesitante, mantinha-se em atitude mental de criação, o que já lhe era mesmo inevitável.

Foi assim que teria surgido o processo hoje chamado de **Big Bang**. Essa explosão (na verdade, um processo de expansão) teria dado às partículas primordiais um grande impulso, afastando-as rapidamente do centro hipotético da criação. Conforme apontam os cientistas, a chamada "explosão" que deu início à expansão do nosso espaço-tempo universal funcionou como um grande "acelerador de partículas" – e aqui afirmo fora dos padrões da ciência –, partículas estas que foram geradas a partir da vontade e do poder mental da divindade criadora.

Constatação

Ao criar a singularidade a partir da sua força mental, a divindade gerou um incontável número de agentes de tensão energética que viriam a vi-

brar nos micro-instantes seguintes de acordo com os programas mentais advindos da divindade.

Quando a programação mental da divindade começou a definir "o padrão de vibração" de cada pequeno agente de tensão um "tom" primevo e uníssono surgiu junto com o espaço-tempo recém-gerado, "tom" este que até hoje ecoa nas "ondas" da expansão cósmica.

Esta é a Sinfonia da Divindade Criadora, o som original da sua criação, a música de todas as esferas por ela criadas que se propaga no aparente silêncio da imensidão do universo.

Este é o mantra considerado por muitos como "sagrado", a chave do micro e do macro universal.

Foi, portanto, a atitude mental da divindade criadora que fez surgir a energia primordial que gerou o universo. A "tensão" que se fez em cada foco de energia gerou o "tónos" (palavra grega), o "tonus" (palavra latina) que na verdade parecem significar o "som" que passou a se fazer presente no surgimento de cada porção de matéria – as micro-partículas – que nasciam, **emitindo, cada uma delas, o "tom" particular que as definia, conforme a vontade criadora da divindade**.

Não foi por menos que Eichendorff[2] formulou os mais belos versos que acalentam as mentes que ainda vibram na simplicidade do sentimento puro da infância:

Uma canção dorme em todas as coisas e estas sonham, sonham, e o mundo começa a cantar. Basta que você descubra a palavra mágica.

Novamente recorrendo ao *Nada Brahma*, de Berendt, ali ele analisa a antiga proposição hindu de que o "**mundo é som**" – *Nada Brahma* em sânscrito clássico – apontando as tonalidades advindas do micro e do macrocosmo, da harmonia das esferas, das "canções dos golfinhos e das baleias", mostrando-nos que **cada sub-partícula faz soar o seu "tom" no grande concerto da existência**. E como começou este majestoso concerto universal?

A partir desse ponto, penso ser melhor traçar um teórico paralelo entre as proposições apontadas pela ciência quanto aos "primeiros momentos" da expansão do nosso espaço-tempo, ou seja, do nosso universo, e as posturas mentais da divindade criadora, posto que foram as definições do seu psiquismo que dariam rumo a absolutamente tudo o que aconteceu desde então.

Assim, vamos agora tratar – do modo mais didático que me é possível – das **ordens mentais** emitidas pela divindade co-criadora, fazendo uma analogia aproximada com os postulados científicos sobre o tema, que é comumente chamado de Big Bang, como já nos referido. Para este fim e para melhor situar o eventual leitor, esclareço que vou me valer do que é formulado pela ciência para a abordagem quanto aos primeiros **micro-instantes da criação do universo** no qual hoje vivemos. Para tanto, teremos que penetrar nos caminhos da cosmologia que é a ciência que procura responder as seguintes indagações: de que modo surgiu o universo? Como ele está evoluindo? Qual será o seu fim, se ele, de fato, tiver um fim?

Obrigo-me ainda a ressaltar que, até o advento da relatividade geral, formulada por Einstein no ano de 1915, a cosmologia enquadrava-se necessariamente, por assim dizer, na filosofia. Mas, com a relatividade geral, pela própria natureza desta teoria, as investigações cosmológicas passaram para o domínio da ciência. O que não impede que possa ainda existir uma "cosmologia filosófica" nos tempos atuais. Vou, dela, pois me valer, com as cores do entendimento que me é próprio sobre a questão, para melhor expressar as informações recebidas perante os postulados cosmológicos.

O "**tempo mais antigo**" vislumbrado pela ciência para o surgimento de alguma coisa **vinda aparentemente do nada**[3] foi apontado por Max Planck, passando, desde então, a ser conhecido como a "**Era Planck**", que se refere ao tempo mais antigo possível – com algum significado – de ter existido no **processo de criação em que o espaço e o tempo tomam forma**.

Nesse ponto, o universo inteiro consistia em uma região de um trilionésimo do tamanho de um próton. Era um "micro-tempo" que correspondia a 10^{-43} do que viria a ser o primeiro segundo de existência do nosso universo.

Ao longo dos **próximos micro-instantes** ainda do "**primeiro segundo do universo**", ou seja, aproximadamente entre 10^{-41} a 10^{-36} do primeiro segundo, houve uma fase breve na qual o índice de expansão inicial aumentou exponencialmente, conforme apontado pelo modelo inflacionário[4] de Alan Guth.

Nessa altura dos fatos o criador da singularidade que agora se expandia, percebeu que as micro-partículas que haviam surgido apresentavam, vamos assim dizer, "velocidade de deslocamento" acima do que hoje chamamos de velocidade da luz (as chamadas partículas super-luminais), como também na velocidade da luz (partículas luminais), o que as impedia de se chocarem uma com as outras para poder existir a formação dos núcleos subatômicos do que hoje chamamos de matéria.

Foi então que a sua mente de divindade criadora plasmou outro tipo de micro-partícula cujo aparente objetivo era o de se unir ou de se "colar" as partículas super-luminais[5] e luminais, diminuindo, assim, as suas "velocidades", para que surgissem partículas que se deslocassem numa velocidade inferior à da luz (partículas sub-luminais), podendo, então, finalmente, **chocarem-se umas com as outras**, aspecto este responsável pela **base material de tudo o que existe no nosso universo**.

Essa nova partícula criada num segundo momento pela divindade foi vislumbrada pelo cientista Peter Higgs, físico teórico escocês, passando, desde então, a ser conhecida como o bóson de Higgs, a qual os cientistas costumam se referir como sendo a "**partícula de Deus**", por saberem que, sem ela, o nosso universo não teria se formado nos moldes como hoje o conhecemos.

Isso porque o bóson de Higgs, dentre outros aspectos, interage com os quarks (partículas elementares que compõem os prótons e nêutrons, formadores dos núcleos atômicos) e os léptons (que compõem os elétrons), o que confere uma massa a estes, permitindo assim o **surgimento da base da matéria como a percebemos**.

Esta foi uma **interferência direta** da divindade para **fazer valer a sua vontade** de **criar uma faixa de realidade** que corresponde ao nosso universo físico denso-material, "em torno do qual", outras dimensões foram proposita-

damente geradas, aspecto que um dia será melhor vislumbrado pelo avanço do método científico ou mesmo por uma nova ciência cujos cânones atentem para o "**além da física**", equacionando com outros instrumentos e fatores o que hoje pobremente pode ser vislumbrado.

O rapidíssimo processo de expansão, denominado de inflação cósmica, criou, portanto, um grande e homogêneo trecho de espaço preenchido por uma granulosa sopa de quarks, léptons e os carregadores de força – os fótons, os bósons W e Z e os glúons, que são outras partículas elementares.

Essa sopa que surgiu continha, desde aqueles primórdios, os constituintes básicos do que viria a ser o que hoje conhecemos como Natureza. Essa sopa tomou forma no micro-instante 10^{-35}, **ainda do primeiro segundo do universo**.

Se bem percebermos, a grande questão que passamos agora a nos defrontar é a **evolução da simplicidade da sopa de quarks à fantástica complexidade** que vemos hoje nas **galáxias**, **estrelas**, **planetas** e na própria **existência da vida**. Essas características emergiram uma a uma durante bilhões de anos, guiadas pelas leis atualmente decodificadas como sendo as que formam os fundamentos da física e, em especial, as da física quântica[6].

"*Ele fez tudo apropriado ao seu tempo. Ele pôs, além disso, no seu coração a duração inteira, sem que ninguém possa compreender a obra divina de um extremo a outro*", conforme nos elucida o Eclesiastes[7] no seu capítulo 3, versículo 11*.

Calcula-se que o tamanho do universo primordial, no final dessa transição inflacionária, tenha sido o de aproximadamente o tamanho de uma bola de beisebol.

Foi nessa altura dos fatos, por volta do micro-instante 10^{-30} ainda do primeiro segundo do tempo do nosso universo, que a **mente da divindade criadora enfrentou o seu maior nível de angústia e de insegurança** diante do processo em curso.

Parece ter sido exatamente nesse ponto que uma força aparentemente irresistível de modo nunca antes observado no processo de criação de realidades transitórias começou **a atrair a divindade criadora na direção da**

criação, como se esta passasse a funcionar como o que hoje vislumbramos ser um "buraco-negro", em relação à divindade que a gerou.

Como subproduto de toda essa inquietação da mente responsável pela criação, e agora sob a égide de uma proposição teórica da ciência ainda não entronizada como "verdade científica", um tipo em potencial de **matéria escura**[8] parece ter sido sintetizada enquanto, sob a perspectiva desta narrativa, a **divindade co-criadora lutava desesperadamente para se manter "fora" dos limites da recém-criada realidade que parecia "puxá-la"**, como se a obrigando a fazer parte da sua própria criação.

Ressalto, porém, que provavelmente essa história não deve ter acontecido exatamente dessa forma. O contexto é muito mais doloroso, complexo e bizarro. Aqui somente a ela nos referimos pela **analogia** que queremos demonstrar entre **o que se passou no psiquismo da divindade e as forças e ocorrências que foram tendo lugar no âmbito da criação**.

A formulação científica aponta que na altura do micro-instante 10^{-26} do primeiro segundo houve a separação das partículas tipicamente formadoras da realidade material daquelas que passariam a formar o tempo. Desde então, a noção exposta pela Teoria da Relatividade de Einstein[9] – **o espaço-tempo** – passou a ser a marca do que normalmente hoje é percebido no âmbito do universo. Este é um dos aspectos mais importantes de toda essa história, mas de difícil percepção para o ser humano. Contudo, tempo virá para esta humanidade em que o mais simples dos mortais terráqueos compreenderá a "**lógica do criador**" deste universo.

Antes que se completasse o primeiro segundo do tempo do universo foram ainda emanadas da mente instável e poderosa da divindade em questão, diversas ordens programadas para promover a quebra de simetria entre as forças eletromagnéticas e fracas, o que veio a ocorrer no seu micro-instante 10^{-12}.

Logo depois, na marca de 10^{-11}, a matéria supera a anti-matéria, ao "mesmo tempo" (10^{-10}) em que os quarks se aglutinavam em prótons e nêutrons.

Por mais que o cérebro humano se esforce na tentativa de compreender a questão torna-se praticamente impossível, para o pensamento comum, arqui-

tetar o correto entendimento em torno de "como", em **menos de um segundo** do nosso tempo terreno, **tudo isso aconteceu a partir de um impulso mental de uma divindade adoentada**. Mais ainda: a inevitabilidade do processo tem a ver com a rapidez presente no fluxo dos acontecimentos, o que **impediu e impede qualquer possibilidade de ajuste e/ou de interrupção do processo em curso**. Porém, entendendo ou não, aceitando ou não, é a ciência que nos aponta que assim foi deixando em aberto somente a questão de como a tal singularidade surgiu. A tese que modestamente aqui é apresentada apenas preenche esta lacuna e pretendo que possa servir como **semente de reflexão em torno do enigma que toda essa história representa**.

Enquanto as etapas iniciais da geração primordial ocorriam num ritmo impensável para o padrão humano a divindade criadora, em profunda inquietação, começava a vislumbrar painéis de dificuldades indescritíveis sobre o processo em curso, ao mesmo tempo em que sentia mais amplamente uma espécie de "fraqueza" nos seus potenciais divinos. Foi por "muito pouco" que ela não "abandonou", naqueles instantes, a criação que começava a tomar forma, plasmando-se em níveis de energia já praticamente distintos. Foi quando por volta do micro-instante 10^{-6}, ainda do primeiro segundo, que a anti-matéria se aniquilou, o que parece ter provocado o **singular acidente** que deixaria a divindade "praticamente dividida", como se estivesse com "partes do seu potencial pessoal" vinculado a alguns dos níveis distintos da sua criação, além de também ainda se encontrar "presente", por "algum tempo" do contexto daquela dimensão, no "lugar" de onde projetou a sua singularidade mental.

Mais uma vez recorrendo à metáfora do buraco-negro que atrai tudo ao seu redor desconstituindo a matéria como se a estivesse destruindo perante os nossos olhos, a criação recém-gerada produziu algo semelhante junto à natureza da divindade co-criadora, **obrigando-a a decair de nível existencial**, o que, para os padrões das divindades é algo impensável jamais ocorrido em "tempo algum da eternidade".

Os cientistas costumam se perguntar aonde se encontra anti-matéria que foi criada junto com a matéria. Essa questão é ainda inexplicável. Especula-se que se há um universo de matéria, como o conhecemos, deverá existir um anti-universo no qual cada partícula terá uma carga oposta a de sua contraparte

no nosso mundo material. Especula-se também que podem existir galáxias de anti-matéria muito antigas no nosso próprio universo.

O interessante é que já se conseguiu criar a anti-matéria em condições laboratoriais ainda que em quantidade mínima e somente por frações de segundos. Mas ela existe. Onde, então, ela se encontra? E se ela – pergunto de minha parte – formou uma espécie de realidade paralela ao nosso universo exercendo também força de atração sobre a mente da qual o seu modelo foi gerado?

Imaginemos, pois, alguém "puxado" por diversas forças pertencentes a realidades distintas, todas elas geradas a partir de um ato da sua vontade, provocando, com isso, uma **instabilidade desesperadora no psiquismo** desse alguém que hesitava não só quanto ao que fazer como também se conseguiria manter-se firme na condição em que encontrava. E todo esse processo estava ocorrendo de modo quase que "instantâneo", em termos da noção que temos de "tempo psicológico".

A divindade começou então a se sentir doentia e irresistivelmente atraída pela "força" do "buraco branco"[10] que acabara de criar e **hesitava, agora, em que direção se deixaria levar**, posto que lhe era agora inevitável manter-se na condição em que se encontrava, no sentido de **concentrar o seu "todo existencial" em uma só realidade** dentre as que havia criado.

Nesse ponto, **enquanto a realidade do nosso espaço-tempo já começava a existir, algumas outras faixas de realidade também começavam a serem plasmadas** todas elas produzidas a partir do campo da singularidade e dos desdobramentos das ordens mentais incidentes sobre a mesma.

Não suportando por mais tempo **manter-se no pretenso comando do processo de criação**, na condição em que se encontrava, a **divindade capitulou**, **colapsando a si mesma**, à medida que via serem **implodidos alguns de seus potenciais divinos**, por força do inusitado acidente de percurso, sendo **"tragada" por um dos níveis de realidade da sua criação.**

Num **último micro-instante** em que ainda lhe sobrou alguma lucidez no campo decisório, **optou por se deixar mergulhar num padrão de rea-**

lidade paralela ao contexto do espaço-tempo que já então caracterizava o nosso universo.

Na metáfora aqui utilizada, em que a criação passou a representar para a divindade o mesmo que o buraco-negro costuma provocar em tudo o que se encontra ao seu alcance – "sugando", "engolindo", "atraindo" de modo irresistível o "todo a sua volta" que se encontre naquilo que os físicos chamam de "horizonte de eventos" – é como se a sua **criação** passasse a **implicar deterministicamente** que o seu criador fosse dela fazer parte, por força de "questões inexoráveis" no campo dos "**defeitos de fabricação mental**" ou das inconsistências na elaboração dos parâmetros mentais, consequência esta incompreensível para a ótica terrena.

Em outras palavras, pelo modelo formatado em curso de expansão não conter a previsibilidade do seu final, a mente que o gerou, como se por uma espécie de **"força compensatória",** "implodiu" ao mesmo tempo em que se "transferia", se "teletransportava" ou ainda se "desconstituía para depois se reconstituir" no âmbito interno da sua obra recém-gerada. Obviamente aqui todas as **expressões são inadequadas**, mas é o que disponho para ilustrar o "roteiro lógico" para o entendimento humano, referente aos eventos então ocorridos. No futuro, quando outros parâmetros do avanço científico estiverem disponíveis, a questão específica referente à queda da divindade deverá ser convenientemente aprofundada.

Ainda assim, mesmo sabendo da impropriedade dos termos, por dever de consciência obrigo-me a ressaltar que a "força compensatória" que praticamente obrigou a divindade a se "deixar mergulhar na criação", seria uma espécie de **decorrência das "leis morais evolutivas"** das divindades menores, ou seja, uma simples questão cármica de ação e reação, do mesmo modo que tudo o mais que existe também sofre os seus efeitos.

Em outras palavras, é como se, sob a perspectiva do conjunto de dimensões recém-gerado, por força do "**defeito de fabricação do modelo quanto à formatação final e a outros aspectos de incompletude e de destinação**", este "exigiu vibratoriamente" que a mente responsável pela sua geração viesse compensar a ausência da formatação completa e correta, com a sua presença

no âmbito do que havia sido criado. Parece que é da lei da responsabilidade moral das divindades co-criadoras que assim seja.

Logo após a ocorrência do "impensável", para o padrão das divindades, o raio do universo tinha aumentado para cerca de 90 cm enquanto a sua temperatura já havia se "esfriado" para cerca de 100 bilhões de graus.

A divindade, agora implodida, que desesperadamente **procurava se auto-organizar a partir dos seus constituintes que haviam sobrevivido ao mergulho** em uma das realidades paralelas a este universo, **de lá observava as sementes por ela lançadas antes do incidente**, que iriam responder, mais tarde, pelo **surgimento das estrelas e das galáxias**.

Apesar de alquebrada e diminuída em muito dos seus potenciais a "divindade caída" conseguiu, após um "longo tempo", **reconstituir a si mesma**, organizando-se na forma de um ser cuja força mental, agora sem maiores adornos no campo da pacificação pessoal, ainda era de tal padrão que lhe foi possível continuar a interferir no rumo dos acontecimentos no âmbito da formação do nosso universo.

Imperioso é ressaltar que, a partir da queda da divindade co-criadora, a **sua mente se encontrava agora refém da força do processo** em curso que havia criado. O que implicava em que o "foco" criador e mantenedor de "uma criação universal" não mais existia, ou pelo menos deixara de cumprir a sua função, a exemplo de um pintor que, repentinamente deixa de existir para a sua realidade porque simplesmente "entrou" no âmbito do quadro que estava pintando.

A metáfora é pobre, mas significativa, porque retrata com precisão a ausência do pintor, apesar de que, somente com uma boa dose de "**compreensão quântica**" elevada a um limite extremo que ainda não foi sequer percebido pelos atuais cânones que a dão sustentação, é que podemos imaginar o artista vivendo doravante **prisioneiro dos limites da realidade que ele imaginou para a sua obra**. Somente os contos e resenhas infantis falam de "estórias" análogas a esta.

A divindade, a partir da sua queda, somente poderia interferir nos padrões formadores internos, ou seja, de "dentro para dentro" e não mais de

"fora para dentro", como seria o usual. Habitando agora uma das dimensões da sua criação, paralela a do universo em que vivemos, a divindade dali podia continuar a criar e a administrar só que com seu poder bastante diminuído. Foi e é assim, desde o princípio, que algumas "questões de âmbito interno", pertinentes à realidade universal a que pertencemos, foram e continuam a ser administradas desde a "realidade paralela", na qual residem o criador e muitos dos seus "filhos" e "assessores".

As demais dimensões existentes no contexto da criação da divindade em foco correspondem aos ambientes espirituais primários – a "erraticidade" apontada por Allan Kardec no Livro dos Espíritos – onde estão congregados os espíritos que, no jogo das reencarnações, permanecem prisioneiros dos seus próprios equívocos, faltando-lhes mérito moral para se tornarem livres em relação aos limites desta criação.

Seria exatamente esse ser que, cerca de 13 bilhões e 700 milhões de anos terrestres mais tarde, apresentaria a si mesmo a Moisés como sendo aquele que, desde então, passou a ser conhecido como Javé. É natural que o sofrido, porém, ainda muito poderoso Senhor Javé, ao tempo de Moisés, pouco detinha da sua majestosa condição de divindade co-criadora agora perdida.

Hoje, ainda "mais fraco" ele se encontra, sendo esse o motivo maior da existência deste livro – conforme será exposto ao longo das suas páginas – a pedido (na verdade, uma ordem) do próprio só que com as inevitáveis cores das imperfeições e equívocos no campo do entendimento da parte deste aflito escrevente.

O fato é que, como informado anteriormente, a outra divindade, desde o "desaparecimento do pintor", **assumiu a função de co-criador e mantenedor das dimensões recém criadas** sem que disso a divindade decaída tivesse a menor idéia.

No princípio era o Verbo, e o verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, se, sem Ele, nada do que foi feito, se fez.

O reproduzido acima é a abertura do Evangelho de João na qual o autor afirma claramente que, **sem o Verbo, que no "princípio da criação" estava com a divindade, nada do que foi gerado teria sido de fato criado**. Este é outro enigma por trás do mistério da criação universal, mas, convenhamos, não é assunto novo. Se João, apóstolo dos mais próximos a Jesus, afirmou isso é porque devia saber do que estava falando. Afinal, revelação de tal monta ele deve ter escutado do próprio Jesus.

Assim a atuação do Verbo-Divindade-Jesus junto à criação do Deus--Divindade-Javé perdurou por muitos "evos" até a formatação das primeiras galáxias no nosso universo, o que principiaria a ocorrer aproximadamente a cerca de 600 milhões de anos após a expansão da singularidade.

Esta outra divindade, a qual, como já informado, seria mais tarde conhecida na Terra como Jesus é, pois, **co-criadora de um contexto existencial por ele jamais pretendido**. O interessante é que não foi somente mais essa divindade a se tornar co-criadora por força do apoio imprescindível dado à divindade decaída. Existem muitas que transcendem as "oito divindades" inicialmente citadas e, cada uma delas, no seu nível de potencial deífico, contribuiu e ainda contribui com o processo em curso, o qual se encontra ainda longe de chegar ao seu fim.

Para as classes de divindades, exercer eventualmente a função de arquiteto-criador de realidades existenciais transitórias, nada tem a ver com a noção de ser visto como um "deus". Afinal, todas sabem que, o que estão realizando aparentemente a partir de si mesmas, representa simplesmente uma **dádiva da Deidade que se expressa "através" e "com o concurso" da divindade criadora**. Porém, aos poucos, a **"cegueira" espiritual que se instalou no psiquismo do ser decaído o fez perder a noção de si mesmo** ao ver-se existindo no âmbito da sua criação.

Perdeu, também, com o tempo, a **noção de tudo o que existia antes** da assunção da personalidade que agora lhe marcava o psiquismo existencial e, o pior, por força de uma **deformação** na sua "nova forma de ser", produzida pelo decaimento vibratório, **perdeu qualquer tipo de contato** com os seus **companheiros de hierarquia divina** que estavam situados além das fronteiras da sua criação.

Mais tarde, quando da criação de espécies cujos corpos animais apresentavam vibração algo primitiva – como viria a ser o caso da humanidade terráquea – essa **herança iria representar o esquecimento temporário que acomete o espírito quando encarna**, por exemplo, na Terra, como é o caso de quase todos os que aqui vivem.

Do mesmo modo que o universo que hoje conseguimos perceber a partir da Terra foi delineado nos seus primeiros momentos, conforme nos apontam os postulados da cosmologia, as características do ser que passou a existir a partir da divindade também foram delineadas naqueles "primeiros momentos" da hesitação divina que potencializou o drama como hoje pode ser percebido.

Para o analista atento das **páginas da Bíblia** será observado que ali está **descrita a natureza de um ser cujas características apontam bem mais para um governador do universo do que própria e simplesmente para a de alguém responsável pelo seu início**, apesar da ênfase sempre repetida de que aquele alguém era o "criador dos céus e da Terra", que era o modo de, perante os valores da época, alguém se afirmar como sendo o criador do universo percebido a partir da Terra.

Isso se deu porque realmente a divindade criadora, hoje **espiritualmente implodida e refém da sua criação**, é também **escrava** do seu próprio poder mental que **não se pacifica, não consegue "dormir", "desfalecer"** ou algo do gênero, tudo isso porque "desprendeu parte de si mesma" no estranho processo de decaimento que lhe inabilitou a condição de divindade.

A chamada "parte de si mesma" – na linguagem terrena seria algo próximo ao que poderíamos chamar de "corpo mental" – que "mergulhou" na própria criação é somente **um aspecto diminuído e doente da sua grandeza pessoal,** correspondendo exatamente ao ser que se expressou através das páginas bíblicas, a quem chamamos de Javé.

Constatação.

O drama cósmico do Senhor Javé surgiu quando ele criou um universo a partir de um impulso mental ainda no seu estado anterior de divindade

sem o devido distanciamento psicológico que a elas é comum e que as permitem se "desligar" das suas criações. Isso naturalmente ocorre quando a completude do que foi idealizado se plasma como realidade, sendo esta então naturalmente estruturada sob á perspectiva espiritual advinda de outras forças criadoras da Deidade.

Outro aspecto do seu drama refere-se ao fato de ter agido sozinho, o que o desconectou da força de estruturação espiritual do que por ele havia sido criado. Esse complemento teve que advir da parte de outras divindades.

Devido a esses dois aspectos, e por força do fator "emoção" da divindade, toda e qualquer partícula e/ou parcela de energia que foi sendo criada a cada "micro-instante", após a expansão em curso, simplesmente representava os ímpetos e impulsos que povoavam a psicologia do criador ainda no estado de divindade.

Ao perceber problemas na sua idealização de realidade, logo após a geração da singularidade que deu origem ao cosmos, passou, então, a hesitar, chegando mesmo a se arrepender por alguns micro-instantes. Terminou, por fim, sendo inevitavelmente atraído por força não só da responsabilidade moral sob o que fizera, mas também por uma "questão técnica" que o atraiu inapelavelmente para fazer parte do problema por ele gerado. Deixou-se, então, "engolir" pela própria criação, aspecto jamais acontecido com qualquer divindade co-criadora. Aqui começaram todos os seus dramáticos problemas.

É imperioso compreender que **a realidade é como é** pelo simples fato da **mente da divindade co-criadora ter feito a "opção quântica" uma vez só** e, por ter decaído e perdido a sua condição mental anterior, jamais ter sido possível a sua nova condição – agora sob a personalidade do Senhor Javé – de algo fazer no sentido de "uma opção diferente" ou mesmo de "modificar o curso do colapso inicial".

O fato é que a "**doença do Impulso criativo**" presente na mente da divindade transformar-se-ia mais tarde na "**doença do primeiro impulso no Senhor Javé**", aspecto determinante em todos os contatos entre Javé e esta humanidade. Esta doença marca as suas atitudes para com os humanos com "cores" difíceis de serem aceitas vindas da parte de alguém que obviamente julgamos ser superior aos cidadãos da Terra.

É nesse aspecto que reside o grande e enigmático problema no campo do entendimento humano em relação ao estranho e aparentemente terrível modo como o Senhor Javé costuma agir com os humanos da Terra. Mas isso será melhor abordado mais adiante.

Para alguns "princípios" adotados pelos estudiosos das coisas da Espiritualidade a história de uma divindade decaída não soa bem por conta do apego doutrinário à interpretação corrente do princípio da **retrogradação espiritual**. O mesmo aponta, acertadamente, que um espírito em evolução jamais retrograda, ou seja, se no caso terreno, uma individualidade espiritual atingiu a condição humana, por pior que ele possa se comportar ao longo das suas vidas terrenas, a mesmo não voltará a encarnar em corpos de animais não-pensantes da natureza terrestre. E isto permanece válido, pelo que apontam os mentores espirituais. Contudo, o pretérito parece contradizer esse princípio, pelo menos no que se refere ao aspecto de que, nem sempre foi assim, pelo menos no caso do acidente da divindade e em outras ocorrências tidas no hoje desconhecido passado terrestre. Mas esse assunto será convenientemente tratado no livro "**O Drama Espiritual de Javé**".

Outra questão cujo aprofundamento também ficará para depois, provavelmente para as gerações futuras, será o de arquitetar a necessária compreensão perante o fato de que, muito antes da criação do nosso universo, seguramente **já existiam "problemas no paraíso"** o que, para o senso comum, convenhamos, é chocante. Mas em sendo verdade o que aqui está sendo abordado é fato que já deveriam existir problemas de conduta evolutiva no segmento das divindades.

O aspecto aqui ressaltado, como já dito, poderá nos parecer estarrecedor e, pelo fato da atual humanidade não possuir a necessária maturidade para ser esclarecida sobre a questão, parece-me que somente no futuro a necessária elucidação poderá ser feita sem grandes dramas e traumas para os que vivem na Terra.

Capítulo 4

Matriz Modeladora: Pano de Fundo da Criação.

As tradições antigas registradas, por exemplo, no vedismo e no taoísmo, afirmam que a **realidade em que vivemos** não passa de um **espelho** de **coisas que acontecem em outro domínio mais elevado**. Assim, torna-se necessário ressaltar que, além das coisas que acontecem em outro "domínio mais elevado" existem outras que também acontecem em "**realidades mais profundas não necessariamente mais elevadas**". Algumas destas, na verdade, são "menos elevadas" que as da nossa casa planetária, sob a perspectiva virtuosa da moral. Apesar disso, influenciam também decisivamente os acontecimentos do nível de realidade no qual os nossos espíritos estão inseridos, por se encontrarem submetidos e subordinados aos "cérebros físicos" temporários.

Para que não haja dúvidas da parte do eventual leitor, quando me refiro a "nosso nível de realidade" estou falando do universo material a que nós pertencemos, das coisas que acontecem no âmbito dessa grande "bolha universal" que surgiu a partir da expansão da singularidade gerada pela divindade.

Explicando melhor, "domínio mais elevado" seria o correspondente ao que na Terra costumamos chamar de ambientes da Espiritualidade Superior, posto que realmente são desses níveis mais elevados de existência que trazemos os "programas encarnatórios"[1] de nossas vidas na Terra, dentre outros aspectos. Contudo, "realidade mais profunda" refere-se apenas a uma questão de diapasão vibratório diferente, distinto do que modela o nosso senso de materialidade, o que corresponderia ao que, neste livro, vem sendo apontado como as **realidades adjacentes** à criação material da divindade decaída.

Dessas realidades mais profundas – não necessariamente mais evoluídas do que o nível em que estamos inseridos– também muito se influencia o que acontece no nosso universo e, em especial, no nosso mundo, já que é esta a historia que nos interessa mais de perto.

Como exemplo de "realidades mais profundas" sob a perspectiva vibratória – apesar de não serem elevadas sob a ótica do adiantamento moral e espiritual dos seus habitantes – as esferas espirituais "mais primitivas", onde estão agrupados os espíritos ainda longe de conquistarem um nível ao menos razoável de evolução moral, como também aquela, de "ordem astral", onde reside o Senhor Javé.

Para melhor clarificar as idéias aqui apresentadas ressalto que até o momento nos referimos a **três grandes níveis de realidades** distintas sendo duas delas as que compõem a obra da divindade decaída:

- ao da Espiritualidade Superior que é eterna e, portanto, anterior a tudo o que possa existir e independe de tudo o mais que possa vir a ser criado;
- ao do universo material que surgiu a partir da singularidade gerada pela divindade adoentada;
- ao do conjunto de outras realidades astrais e espirituais inferiores também geradas a partir da criação da divindade adoentada. Aqui estão inseridas as "realidades espirituais primárias" (onde estacionam os espíritos desencarnados presos ao ciclo das reencarnações) e a "realidade paralela" onde reside o Senhor Javé.

Apenas a título de ressalte o que aqui estou chamando de Espiritualidade Superior é, na verdade, algo tão abrangente, tão amplo, tão multifacetado, tão **cheio de níveis existenciais ditos "superiores"** que, conforme penso, dificilmente um dia poderá ser sequer vislumbrado, ainda que modestamente, pela condição humana.

Esta realidade maior se sustenta numa espécie de **matriz modeladora eterna** cujas características são impensáveis para ótica terrena. Dessa **matriz modeladora se servem as divindades e todos os seres evoluídos e superio-**

res que povoam as diversas regiões do Paraíso, no que se refere à **modelagem dos seus modos de expressão pessoal e de todas as construções comuns ao *modus vivendi* que lhes são característicos**. É importante que fixemos a existência **dessa matriz que dá sustentação e suporte não só ao que é eterno,** mas também às criações transitórias, como as que conhecemos neste universo já que aqui tudo nasce para necessariamente morrer.

Com o objetivo de retomar o fio condutor dessas informações da parte do (a) eventual leitor (a), como já informado no primeiro capítulo, reafirmo que somente a própria Deidade e as suas principais Personificações Divinas são perfeitas em si mesmas. Para além dessas excelsas Personalidades tudo o mais que existe é passível de equívocos e de problemas.

Essas **Personificações Divinas da Primeira Geração**, também chamada de **Geração Sagrada das Personificações Divinas**, dão sustentação ao que, no capítulo um chamamos de **Fonte Maior de Estruturação Espiritual Profunda** – o mesmo que **matriz modeladora eterna** – que a tudo sustenta e dá guarida vibratória.

Dessa "**Fonte Eterna**" ou "**Fonte Primordial**" servem-se as demais divindades co-criadoras para criar as realidades menores ou periféricas àquela que é eterna e independente de tudo o mais. Contudo, cada divindade co--criadora age a seu modo, conforme as suas características pessoais.

Particularizando agora a questão, quando a divindade co-criadora pretendeu homenagear a Deidade e as Suas Personificações Divinas da Geração Sagrada, ela se serviu da "Fonte Primordial" para poder gerar, a partir do programa mental que lhe era próprio, uma **nova matriz modeladora** que passaria a alimentar e a **dar "sustentação material" ao novo tipo de realidade** por ela intentada. Essa **matriz modeladora**, para o que queremos significar, tanto pode ser entendida como advinda da **singularidade** gerada a partir da mente da divindade ou como a própria singularidade.

A partir desse ponto nos referiremos especificamente à **matriz modeladora de realidades menores** ou **matriz secundária,** gerada pela vontade da divindade em foco, aquela que corresponde ao que chamamos de "**mundo dos quanta**" no primeiro capítulo.

A nossa ciência aponta para a existência de um **campo de energia que contém todo o universo**. Ao mesmo tempo, por suas possibilidades quânticas, serve também como uma espécie de **atalho** que **interliga absolutamente tudo o que existe**. Ressalte-se que, **"tudo o que existe" somente existe porque esse campo fornece as "micro-partículas" formadoras da realidade por nós percebida**. Assim, o que nós enxergamos como realidade nada mais é do que o **espelho do que essa matriz modela** sob o influxo do condicionamento dos sentidos perceptivos cerebrais dos "observadores" da realidade que nos é possível perceber sob essas condições.

Einstein afirmava que "no espaço (sem o referido campo de energia – grifo do autor) não apenas seria impossível a propagação da luz, mas também não seria possível existir padrões para o espaço e o tempo", o que corrobora a certeza racional científica da existência da matriz a que me refiro.

Max Planck nos legou, dentre muitas outras contribuições determinantes para o progresso humano, a reflexão de que "*a ciência não pode resolver o derradeiro mistério da natureza. E isso porque, em última análise, nós mesmos somos (...) parte do mistério que tentamos resolver*".

Seja pelo condicionamento imposto pelos sentidos do cérebro ou por força das nossas emoções e atitudes, e apesar de estarmos submetidos às circunstâncias deste universo e nele vivermos, somos, também, **construtores da realidade que percebemos** e essa é uma das mais notáveis descobertas da ciência quântica.

Somos, portanto, **aqueles que dão vida à realidade local deste universo** na medida em que, a partir da utilização desses cérebros animais que nos tipificam o modo de viver na Terra nossos espíritos constroem e se submetem a esta realidade, ao mesmo tempo em que nela atuam e sofrem as naturais conseqüências ao longo do tempo das suas vidas.

Aos que se interessam por esse assunto – e sonho com o tempo em que todos os habitantes da Terra haverão de se interessar profundamente pelo tema – gostaria de recomendar o já citado livro "A Matriz Divina"[2], de Gregg Braden, magistral na sua concepção e esclarecedor nos temas ali abordados dos quais muito me servirei nas próximas páginas.

Conforme nos esclarece Gregg Braden, apoiado nas descobertas científicas, *"existe um lugar onde todas as coisas começam, um lugar de pura energia, que simplesmente é. Nessa incubadora quântica de realidade, todas as coisas são possíveis"*.

A chamada "incubadora quântica de realidade" é exatamente a matriz que Gregg Braden chama de "divina", mas que aqui chamaremos apenas da "matriz modeladora" gerada a partir da mente da divindade decaída. "Divina", realmente, no contexto que aqui abordamos, seria aquela emanada pela própria Deidade e Seus Prepostos de Primeira Geração, que é a **Matriz Eterna** a partir da qual todas as demais são geradas pelas mentes criadoras das divindades. Contudo, se mal podemos compreender a "**realidade visível**" que nos envolve de modo mais imediato, como poderemos vislumbrar, com certa dose de razoabilidade, a "**realidade maior e eterna**" que a tudo realmente sustenta e que se "esconde" por trás da criação daquele a quem chamamos de Javé, quando de sua condição como divindade?

Assim, apenas para melhor contribuir com a tentativa do (a) eventual leitor (a) de entender a realidade visível que nos cerca, é chegado o momento de aprofundar a afirmativa feita no primeiro capítulo sobre uma provável "**dependência holográfica**" que se expressa no pano de fundo por trás da vida neste universo.

Foi afirmado que existem algumas divindades menores co-criadoras que formulam suas criações estabelecendo padrão de "**dependência holográfica**", sob o pretexto da evolução das individualidades ali inseridas se darem "com" e "através" da influência progressiva e direta das suas mentes. O que isso significa?

A idéia de um "**universo holográfico**"[3] foi sugerida por Leonard Susskind e Gerard´t Hooft ainda nos anos 1990. Ela pressupõe o fato de que **vivemos em um gigantesco holograma,** mas não podemos perceber objetivamente por uma questão bem simples: os **limites fundamentais do nosso espaço-tempo**, ou seja, do holograma em que vivemos, **não podem ser percebidos pelos cérebros humanos**.

Esses "limites fundamentais" do nosso espaço-tempo corresponderiam ao ponto em que o espaço-tempo deixa de se comportar como o "**suave-**

-**contínuo**" descrito por Einstein, e se transformam em "**grânulos**", do mesmo modo que uma fotografia se dissolve em pontos específicos de tinta na medida em que se faz um "zoom" sobre a mesma.

Nesses "**grânulos**" ocorreriam o que os cientistas chamam de "**convulsões quânticas**" microscópicas do espaço-tempo que talvez representem a forma como o "**colapso quântico**" acontece **formando a faixa de realidade** que conhecemos, enquanto as demais que existem permanecem para nós "inexistentes", pelo fato de estarmos condicionados para não percebê-las.

O "**suave-contínuo**" de Einstein refere-se ao fato de que o "**filme da nossa realidade**" passa diante dos nossos olhos de modo "suave" e "contínuo", sem que percebamos o **"truque",** que ocorre por força dos nossos cérebros. Isso nos impede de perceber como de fato a realidade visível toma forma a partir das suas menores partes constituintes e do campo energético que jaz subjacente a tudo mais.

O mais curioso em relação à "**dependência holográfica**" é que o campo de energia que conecta toda a criação, por ser holográfico, faz com que **todas as partes que o compõem estejam indelevelmente ligadas entre si**. Isso implica em que **cada uma delas espelha o todo universal só que em escala menor**. Assim, tudo o que existe, das quatro bases químicas que compõem o DNA de nosso corpo aos átomos que compõem o todo universal, está **inexoravelmente interconectado**, ainda que jamais disso saibamos com o nosso atual nível de consciência sobre a questão.

O fato é que "**todas as coisas e todos os seres do universo**" parecem **compartilhar informações com mais rapidez** do que foi previsto por Einstein já que isso ocorre mais rapidamente do que a velocidade da luz. A física quântica chama a esse fenômeno de **interconectividade não-localizada**. Isso implica em que tudo neste universo está interconectado, mas esta interconexão não ocorre e nem está localizada no âmbito dos parâmetros das leis da física clássica que explicam os fenômenos internos ao nosso espaço-tempo que conhecemos. Na verdade, **ela acontece e se localiza numa matriz modeladora** que se situa além das fronteiras condicionante das leis do nosso universo.

Segundo Amit Goswami[4], o novo conceito advindo das novas percepções ofertadas pela mecânica quântica tem a ver com o rompimento do paradigma que existia desde Einstein. Ele havia demonstrado que dois objetos não poderiam nunca serem influenciados um pelo outro, instantaneamente, no tempo e no espaço, porque tudo deveria viajar a um limite máximo de velocidade, e aquele limite seria a velocidade da luz. Então, qualquer influência deveria viajar, se conseguisse viajar através do espaço, durante um tempo finito. Esta é a chamada idéia de "**localidade**", ou seja, aqui a comunicação local, normal, necessariamente implica em **sinais que transportam energia e que levam algum tempo** para que possam se deslocar entre a fonte e a recepção dos mesmos.

A partir da experiência do francês Alain Aspect[5], no ano de 1982, foi percebido que os fótons emitidos por um átomo influenciaram um ao outro à distância, sem trocar sinais porque eles o faziam instantaneamente, e o faziam em velocidade maior do que a velocidade da luz.

Do exposto acima decorria que a influência não poderia ter viajado através do espaço. Ao invés disso, a **influência** deveria **pertencer a um domínio da realidade** que é preciso reconhecer como sendo o **domínio transcendente da realidade**, segundo Amit Goswami. Aqui surge a compreensão em torno do conceito quântico de que vivemos em um **universo não-local**, ou seja, de fato, a **comunicação que acontece se processa sem sinal**, ou seja, é **instantânea** e todos os **seres deste universo estão indissoluvelmente interligados**. Em outras palavras, ocorre a **interconexão não-local** que se processa sem sinais "pelo nosso espaço-tempo".

Ficou, pois, demonstrado experimentalmente que **objetos quânticos**, quando correlacionados de modo adequado, **influenciam-se mutuamente de forma não-local**, ou seja, **sem sinais pelo espaço** e **sem que decorra um tempo finito**. Portanto, **objetos quânticos** correlacionados devem estar **interligados em um domínio que transcende o tempo e o espaço.**

Não-localidade implica **transcendência**. Decorre disso que todas as **ondas quânticas de possibilidades situam-se em um domínio que transcende tempo e espaço,** e o que estamos afirmando neste livro – e os autores aqui citados nada têm a ver com a tese apresentada – é que este domínio é

exatamente a **Fonte Secundária de Formação Dimensional** gerada a partir da mente da divindade decaída.

Amit Goswami ainda chama a nossa atenção para um aspecto singular desse contexto quando nos diz que "não devemos pensar que a possibilidade seja menos verdadeira que a realidade; pelo contrário. O que é potencial pode ser mais real do que aquilo que é manifestado, pois a potencialidade existe em um domínio atemporal, enquanto qualquer realidade é meramente efêmera: ela existe no tempo. É assim que pensam os orientais, é assim que pensam místicos do mundo todo, e é assim que pensam físicos que ouviram a mensagem da física quântica", conclui de sua parte.

Experimentos realizados a partir do DNA demonstraram que existe um **entrelaçamento quântico** que nos **mantém ligados à fonte**. Um dos mais notáveis é o "The DNA Phantom Effect", também citado por Gregg Braden em seu livro "Matriz Divina".

Em 1995 os cientistas Vladimir Poponin[6] e Peter Gariaev[7] publicaram um artigo descrevendo uma série de experimentos indicando que o **DNA humano afetava diretamente o mundo físico** por meio do que eles acreditavam ser o **campo de energia** que hoje sabemos existir. **Este campo unia as bases químicas do DNA à realidade física que conhecemos** – atente bem o (a) leitor (a) para este aspecto pois este é o caminho da nossa interconexão com a "pessoa" do Senhor Javé.

Percebendo melhor: o que está sendo afirmado pelas conclusões advindas dos mais avançados experimentos envolvendo o DNA humano e os desdobramentos quânticos é que o campo energético une as bases químicas do nosso DNA à realidade física que nos rodeia. Em outras palavras: as **emoções humanas** "marcadas" nas **bases químicas do nosso DNA** (presentes nas células do nosso corpo) expressam-se **influenciando a matriz energética** de tal maneira que a **realidade física ao nosso redor recebe invariavelmente o seu fluxo**.

Para melhor facilitar a compreensão, a seguir encontra-se reproduzida a descrição do experimento, conforme apresentado no "Matriz Divina", de Gregg Braden*.

Poponin e Gariaev projetaram seus experimentos pioneiros para testar o comportamento do DNA em partículas de luz (fótons), a "matéria" quântica de que o nosso mundo é feito. Primeiramente, eles removeram todo o ar de um tubo especialmente projetado, criando o que entendemos como sendo o vácuo. Tradicionalmente, o termo "vácuo" transmite a idéia de que o recipiente onde ele existe está vazio, mas mesmo com o ar removido, os cientistas sabiam que alguma coisa permanecia dentro deles: os fótons. Usando equipamento de engenharia de elevada precisão, os cientistas mediram a localização das partículas dentro do tubo.

(...) O que eles encontraram não causou surpresa alguma logo de início: os fótons estavam distribuídos de uma maneira completamente desordenada. (...)

Na parte seguinte do experimento, amostras de DNA humano foram colocadas no interior do tubo fechado, juntamente com os fótons. Na presença do DNA, as partículas de luz assumiram uma atitude que ninguém previa: em vez do padrão de distribuição espalhada que a equipe havia notado anteriormente, as partículas se organizaram de maneira diferente na presença do material vivo. O DNA estava irrefutavelmente exercendo uma influência direta sobre os fótons, como se estivessem imprimindo padrões regulares a eles por meio de uma força invisível. Isso é importante, uma vez que não existe absolutamente princípio algum na física convencional que justifique tal procedimento. Apesar de a experiência ter sido conduzida em ambiente controlado. A observação do DNA – essa substância que nos constitui – possibilitou que fosse documentado o efeito direto que ele exercia sobre a "matéria" quântica que constitui tudo no nosso mundo.

A próxima surpresa ocorreu quando do DNA foi removido do recipiente. (...) os fótons permaneceram ordenados, exatamente como se o DNA ainda estivesse no tubo. (...) Uma vez que o DNA tinha sido removido do tubo, o que poderia estar afetando as partículas de luz? (...) Estaria o DNA e as partículas de luz ainda conectados de algum modo e com alguma intensidade além da nossa capacidade de detecção, ainda que estivessem fisicamente separados e não ocupassem mais o mesmo tubo?

Em seu relatório, Poponin escreveu que ele e seus pesquisadores foram "forçados a aceitar como hipótese de trabalho de que alguma estrutura nova de campo fora excitada". Como o efeito parecia estar diretamente relacionado à presença do material vivo, o fenômeno foi denominado "efeito do DNA fantasma".

Foram, portanto, por meio deste e de outros experimentos que aqui não serão reproduzidos – alguns deles constam do livro "Matriz Divina", de Gregg Braden – que hoje sabemos que as **células humanas**, **por força do que ocorre no DNA**, **influenciam a matéria densa** ao nosso redor através do **entrelaçamento quântico** que nos une à **fonte modeladora da realidade,** na qual nos encontramos mergulhados ao longo das nossas vidas. E são exatamente as **emoções humanas**, conforme demonstraram outros experimentos, que são a "força" que faz com que isso aconteça.

Qual a importância que esse aspecto tem para o tema central deste livro? Acompanhe os fatos:

- Uma divindade gera a matriz modeladora da nossa realidade.
- Essa divindade é tragada pela criação dela permanecendo refém. Para tanto se obrigou a assumir o padrão de personalidade (Javé) que lhe foi possível após a derrocada existencial.
- A matriz modeladora da nossa realidade é afetada pelo nosso DNA.
- O DNA de qualquer ser vivo evoluiu a partir do DNA da célula-mãe que surgiu na Terra. Este DNA veio do Senhor Javé.
- As nossas emoções são quem promovem a afetação no DNA que influenciará a matriz modeladora.
- O Senhor Javé, pelo que ele mesmo tem demonstrado ao longo da nossa história, alterna estados de fúria com os de carinho, de imposição com os de perdão, sendo, enfim, um ser que declaradamente se deixa levar pelas emoções.
- A matriz modeladora interconecta tudo e todos em torno das suas possibilidades quânticas.
- A matriz modeladora é "holográfica", o que causa e permite a interdependência holográfica.
- O "observador quântico" influencia a matriz modeladora por meio das suas emoções.
- Todos os observadores quânticos que se servem de uma mesma matriz modeladora estão interconectados.

Constatação

O Senhor Javé encontra-se interconectado com o DNA de todos os corpos de seres vivos que existem na sua criação, influenciando-os e deles recebendo influência.

É imperioso que percebamos que absolutamente tudo o que foi criado, seja pela divindade ou mesmo pela sua nova personalidade após o decaimento, encontra-se vinculada à matriz modeladora por ela gerada antes da queda.

O que chamei, portanto, de "**dependência holográfica**" refere-se exatamente ao aspecto de que tudo o que os seres vivos da sua criação sentem o Senhor Javé, querendo ou não, sente com a mesma intensidade já que recebe a influência vibratória direta do que é sentido pela sua criação.

Ele está conectado a cada um dos seres vivos do planeta como de sorte a de todos os "corpos" que foram por ele gerados – ou por seus assessores que também possuem o mesmo DNA – para viver neste universo.

Logo, o Senhor Javé está conectado a cada um e a todos os seres humanos da Terra – na verdade ele está conectado a absolutamente tudo o que foi gerado direta ou indiretamente a partir do seu DNA – até porque todos os corpos de seres vivos do planeta descendem de uma molécula-mãe que foi colocada no nosso planeta já com a marcação do código da vida impresso no seu DNA. Essa molécula-mãe apareceu no contexto planetário há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos atrás. Isso é apontado pela própria ciência apesar de que os cientistas não chegam à conclusão de como ela surgiu no cenário, ou seja, se foi produto da chamada geração espontânea ou se veio de "fora" como apontam as teorias chamadas de Panspermia Balística e Dirigida[8].

O presente assunto já foi abordado no livro "O Fator Extraterrestre"[9], motivo pelo qual não o aprofundaremos nestas páginas.

Torna-se, porém, imperioso, ressaltar mais um impressionante aspecto referente ao que denomino como sendo o padrão de dependência holográfica: **o que era para ser uma "dependência vibratória" da parte das criaturas** em relação à vontade do seu criador, por força do decaimento **transformou-se**

numa complicadíssima dependência da parte do criador (impedido de progredir) em relação ao progresso das suas criaturas. É principalmente nesse sentido que o **Senhor Javé hoje se encontra refém do progresso das suas criaturas**.

Assim, retomando agora o que foi afirmado no capítulo dois, quando nos referimos às "lógicas coletivas" e as de cada espécie, o fato é que estamos todos interligados e conectados a tudo ao nosso redor independente da "lógica" que possa marcar a visão de realidade pessoal que possamos ter. Porém, se "couber" na nossa lógica pessoal a consciência de que não estamos separados de coisa alguma, que somos "um só" com tudo e com todos, perceberemos também que **não somos testemunhas passivas** de uma realidade universal. Muito pelo contrário, **somos atores e atrizes** em plena atuação da peça da vida cósmica nos moldes como ela se expressa no condicionamento terrestre.

Esta percepção pode mudar tudo em cada um de nós e em todos, pois a grande verdade em torno de **cada ser humano** é que este **possui uma consciência não-local e holográfica** – e penso ser esta **a maior revolução de paradigma** dos tempos em que vivemos.

O que esta consciência não-local e holográfica significa? Que **cada um de nós é um deus-arquiteto** à parte, ao mesmo tempo em que **somos todos juntos um só organismo existencial**: **uma só família** seja no contexto planetário, no contexto cósmico-universal ou ainda num contexto bem mais amplo.

Isso implica que **não estamos limitados pelo corpo animal mortal** que utilizamos nem muito menos pelas leis da física clássica. Mas essas questões não poderão aqui ser aprofundadas, pois perderíamos o foco em torno do Senhor Javé, tema central destas páginas.

O fato é que a **percepção terrena** comum aparentemente **está condenada** a perceber exatamente o que percebe e, mesmo sobre esse aspecto, vezes há que não costuma fazer bom uso do seu modo de decodificar a realidade imediata. Digo "aparentemente" porque **existem mecanismos disponíveis ao ser humano** para que este possa superar as **limitações condicionantes do modo de pensar comum** aos que vivem na Terra. Porém, "esses mecanismos" não estão disponibilizados no corpo humano (natureza animal), ou seja, na

componente que responde pela noção física de "individualidade" que pertence á criação do Senhor Javé, mas sim, na alma (componente espiritual) que não pertence ao âmbito do que foi gerado pela divindade decaída.

Por questões que um dia serão melhor compreendidas essa componente espiritual, a cada vez que nossos espíritos reencarnam, obriga-se a se subordinar aos aspectos físicos primitivos comuns ao universo que conhecemos e, de modo mais específico, às condições que campeiam na natureza terrestre.

Em outras palavras, o **cérebro que marca a espécie humana terrena está inexoravelmente condicionado a perceber exatamente esta faixa de realidade** e isso se dá por força dos sentidos naturais ao corpo animal que os nossos espíritos utilizam. É imperioso perceber que os nossos corpos, o cérebro que os marca, enfim, todo o conjunto, foi elaborado em "primeira instância" exatamente a partir das micro-partículas ofertadas pelas vibrações do campo modelador de energia em matéria (e vice-versa), como no mais é também o caso de absolutamente tudo o que existe neste universo.

Quando da morte do corpo animal simplesmente os nossos espíritos devolvem ao reino do Senhor Javé o que a ele pertence, por ser inevitável que assim seja, porquanto, eterno, somente a nossa "alma espiritualizada".

Assim, o **buscador honesto**, diante dos fatos apontados pelos experimentos quânticos associados às questões cosmológicas, deve inevitavelmente se questionar sobre o "poder" que a partir de "ordens mentais específicas" junto ao campo energético que a tudo permeia, criaria mais tarde as estrelas, as galáxias, e tudo o que nelas passou a existir. Não se questionar a respeito disso ou colocar o acaso como sendo a causa da atual complexidade hoje percebida no universo é algo bem próximo ao que C.S. Lewis[10] chamava de "estultice mular" na atitude humana perante a realidade que a envolve. Veja bem o (a) leitor (a) que não estou afirmando que cada um deve acreditar nessa questão. Estou apenas afirmando que a questão referente a "um criador" para o universo já tem indicativos e elementos por demais concludentes e perturbadores que o efeito (a existência do universo) não seja relacionado à causa que os próprios fatos apontam que é a existência de um criador.

Os postulados da física quântica – para a inquietação intelectual de alguns cientistas que simplesmente se recusam a admitir o que é apontado pelo que eles próprios chamam de método científico – determinam invariavelmente a existência de um "observador-criador" situado fora da criação, gerada a partir da singularidade surgida de um modo que ainda não foi decodificado pela ciência.

Mais que isso: esses postulados também afirmam que o tal observador interferiu de modo contínuo, ou seja, "detinha um tipo de poder" que, com o seu foco de observação e de interação no desenrolar dos processos hoje denominados como sendo os primeiros momentos do Big Bang já descritos, foi exatamente esse observador (e aqui afirmo de minha parte: a divindade a que nos referimos) o responsável pela criação, seja do universo "físico-material" ao qual pertencemos, como também das esferas dimensionais adjacentes.

Por existirmos dentro deste universo e de sermos seres "pretensamente pensantes" submetidos aos sentidos do corpo mortal, devemos levar em consideração que, "do lado de dentro", se condicionados estamos a somente isso poder observar, óbvia é a conclusão de que o "poder" que criou este universo e, mais tarde, a condição humana, deve ter feito isso com algum propósito.

Aqui a questão que se impõe é: qual o propósito do Senhor Javé em ter criado a espécie *homo sapiens* na Terra? Foi ele mesmo quem a criou ou apenas administrou uma certa questão da geopolítica cósmica que estava ocorrendo na Terra – presença de extraterrestres no passado – quando sequer existia ainda a espécie humana como hoje a conhecemos?

Outro questionamento que deve ser arquitetado por força dos fatos diz respeito ao seguinte aspecto. O que será que ocorreu entre o momento da criação deste universo e ao que depois seria aquele em que a raça humana terráquea seria criada, para que o Senhor Javé ou alguma civilização extraterrena resolvessem criar a espécie *homo sapiens* na Terra?

As respostas a essas e a outras indagações pertinentes à criação da espécie h*omo sapiens* não serão completamente aqui respondidas, pois requerem obra específica que a seu turno virá. Porém, ao longo do presente trabalho,

serão apresentados alguns elementos para que o leitor formule a sua própria reflexão sobre o tema.

Para que a divindade em questão, já com o "status de caída" e prisioneira da própria criação, se visse "levada" a criar mais uma espécie entre as muitas que já existiam, seja no universo ou particularmente as que compunham a natureza terrestre, muito teve que ocorrer. E tudo o que o que aconteceu entre o início deste universo e os tempos que vivemos na Terra simplesmente é total e completamente desconhecido da raça humana terráquea – nem sempre foi assim –, o que deixa este aflito escrevente em situação incomum para transmitir a presente revelação.

Mais ainda se parte desta revelação se expressa por meio do que posso deduzir, com meus erros e possíveis acertos no campo do discernimento, de uma vivência que fui levado a ter, na verdade, praticamente "obrigado a ter" com o tal ser que se afirma como sendo aquele que "um dia", antes da criação deste universo, era a tal divindade que a tudo isso começou.

Se assim afirmo é porque, por paradoxal que possa parecer ao eventual leitor, nem tudo me é dito por este ser e seus assessores. De modo estranho, eles parecem somente saber os fatos ocorridos, mas não o significado extremo de tudo o que ocorreu e suas implicações espirituais. **É como se ainda estivessem procurando alcançar ou construir o entendimento profundo sobre o que está ocorrendo**, não na perspectiva que eles pensam dominar, mas exatamente numa outra ótica que parece somente eles passaram a vislumbrar depois do advento de Jesus entre os humanos da Terra.

Desse modo, parte do que aqui está sendo revelado tem como origem as informações que me chegam vindo desses seres. Outra parte tem como procedência os mentores espirituais que sempre me suportam a companhia vibratória. Porém, a "obrigação" de organizar as idéias e arquitetar ainda que superficialmente as aparentes "conclusões" sobre isto ou aquilo, cabe, infelizmente, à minha modesta condição humana, o que me causa desconforto profundo por muitos motivos já expressos.

O mais complexo para o que resta do meu ego – para o conjunto das desastradas opiniões que por mais que me esforce para não tê-las, estas ine-

vitavelmente acontecem no meu psiquismo por força da condição humana, apesar de a elas não me apegar – é este ser afirmar-se como sendo exatamente aquele que compôs o pano de fundo de certas páginas das vidas de Adão, de Noé, de Abraão, de Moisés, e de Jesus, dentre outros. E é ele quem me pede, ou melhor, "me ordena" a isso fazer, ainda que com os erros que me marcam a atitude no campo da compreensão e da reprodução daquilo que penso ter compreendido.

Como o eventual leitor destas páginas pode perceber, a tarefa é, além de desajuizada, passível de todo tipo de crítica, posto que aqui estou me referindo àquele que se auto-aclamou, perante os terráqueos, como sendo o "deus" dos judeus e, mais tarde, o "deus" dos muçulmanos.

Caber a alguém do meu tamanho a afirmativa de que esse "deus" – como ele mesmo tem afirmado insistentemente ter sido o criador deste universo – é "alguém com problemas", convenhamos, não pode ser uma boa empreitada esta a que me proponho, e somente a realizo pela absoluta impossibilidade de me recusar a levar isso adiante, e somente eu mesmo sei o quanto tentei me "livrar dessa perseguição".

Assim, consciente do que me espera não me permito contar com a compreensão da parte de quem quer que seja sobre o que se encontra registrado nestas páginas. Apenas "peço desculpas" por ferir suscetibilidades alheias as quais respeito como algo sagrado. Ainda assim, este ser marcou a minha presente existência na Terra de tal modo que não tenho como deixar de realizar o que me é ordenado por ele, além de solicitado pelos mentores espirituais e de outros classes de seres a quem sequer me julgo digno de aqui referir os nomes pelos quais são conhecidos na Terra.

Assim, queiramos ou não, compreendamos ou não, aceitem ou não as religiões, a ciência quântica já decodificou o aparentemente indecifrável: existe um campo que a tudo unifica e conecta e este campo passou a existir a partir de certo momento, e que este foi gerado e continuamente influenciado pela mente-consciência de um ser-observador. Isso é fato, por desconhecido que ainda possa ser para a maioria das pessoas.

Tudo o que estamos aqui acrescentando ao que já está posto é o contexto referente ao ser criador da faixa de realidade que conhecemos. E nem mesmo isso é inédito já que este assunto vem sendo há muito discutido no seio desta sociedade humana, só que as notícias sobre isso são algo escassas devido às muitas queimas de arquivos[11] ocorridas ao longo da nossa história.

Além do mais, queiram ou não os católicos, protestantes e espíritas cristãos, **foi o próprio Mestre Jesus quem confirmou Javé como sendo o criador dos céus e da Terra**, aquele que o havia enviado para ajuntar os terráqueos num só rebanho para que o reino dos céus se estabelecesse neste mundo.

Nesse sentido, estou apenas repetindo o que foi apontado por Jesus, apesar de saber que nem tudo ele fez de modo que agradasse ao Senhor Javé, daí o porquê deste ser, mais tarde, ter ordenado a Gabriel, seu assessor, que revelasse o Alcorão a Maomé, surgindo, assim, mais uma "nova religião" nascida sob os auspícios de Javé.

Por que ele tomou essas decisões a princípio conflitantes? O interessante é que a nova religião de Javé passou a rivalizar com as outras que já haviam sido criadas a partir dos seus próprios desígnios, como é o caso do judaísmo e do catolicismo, sendo esta última uma derivação do cristianismo original. Essas questões, porém, serão aprofundadas em outro livro sobre Javé, a cerca do seu "drama terreno", em especial com o curso que a história terrestre tomou por conta das suas fortes interferências em etapas do passado hoje esquecido. Afinal, muitas das **guerras** do nosso mundo foram provocadas exatamente pelas **religiões advindas das imposições do Senhor Javé**. Quanto de responsabilidade dele existe em toda essa história?

Portanto, não há nada de novo no que aqui está sendo abordado, apesar do tema, a muitos, ser totalmente desconhecido.

Não esqueçamos que, ao tempo de Jesus, surgiu um movimento filosófico-espiritual que resgatava "notícias" de um passado já esquecido e envolto pelas brumas do tempo. Esse movimento, que veio a ser conhecido como **gnosticismo**, apontava para a "**incapacidade humana de lidar com o estranho deus-força**" que vez por outra se apresentava aos humanos. Esse deus somente se permitia receber dos humanos a **submissão absoluta** ou

então, a sensação absurda de viver sob a égide da "negação absoluta de qualquer esperança", seria a tônica daqueles que ousassem não se submeter ao seu jugo impositivo.

Para os gnósticos, **a criação vista a partir da Terra** era um **fruto de um deus mau que torturava a todos os que nascessem no âmbito da sua obra**. Nascer na Terra era, para eles, uma **escravidão** que somente poderia ser superada por meio do verdadeiro conhecimento (gnose).

Para os gnósticos cristãos **Jesus é visto como alguém enviado por outro deus**, **o Pai Silencioso, o Incognoscível**, que não teria criado o mundo os céus e a Terra – ou seja, o universo – mas que salvava aqueles que **despertavam para a verdade** que **na Terra não poderia haver qualquer esperança** porque o **seu criador era um ditador insensível e perverso**.

Veja só o (a) eventual leitor (a) como a questão é complexa e melindrosa!

O fato é que desde que a espécie ***homo sapiens*** **saiu do controle do Senhor Javé** – e isso se deu com o chamado "**pecado original**", ou seja, quando Adão e Eva adquiriram a noção do bem e do mal – que chegam "notícias vindas de fora" sobre o **estranho deus criador deste universo**, normalmente advindas das chamadas **rebeliões de "anjos caídos"**. Destas, a mais conhecida é a **rebelião de Lúcifer**.

O curioso é que as **notícias** sobre o **estranho comportamento desse personagem enigmático** e que hoje estão disponíveis para esta humanidade, **foram dadas exatamente pelo próprio Senhor Javé, através de Moisés**, o que é paradoxal e surpreendente pelo simples fato de que ele não se poupou, não se "melhorou" nas suas narrativas ofertadas aos escolhidos. **Mostrou-se como é**.

A Natureza Singular de um Ser.

Infelizmente, a verdade sobre o nosso universo tem um sabor amargo. Assim é porque, na medida em que o princípio que a tudo criou já apresentava "defeitos", "imperfeições", tudo o mais disso decorrente também é e será imperfeito enquanto exista. Não há como ser diferente.

Sob essa perspectiva, **o universo em que vivemos**, apesar de majestoso e impressionante, é um **grande problema para as ordens da hierarquia divina** que a tudo controla além de ser **indiferente e mecanicamente cruel** para os que nele vivem. Este universo simplesmente não deveria existir, por mais que isso nos seja chocante à sensibilidade.

Por intrigante e "politicamente incorreta" que essa afirmativa possa parecer, mas isso é sobejamente sabido, desde há muito, nos ambientes espirituais superiores que acompanham o desenrolar dos acontecimentos neste mundo e nas demais partes deste universo. Contudo, os que existem nessa condição espiritual, nada podem fazer, a não ser projetarem as suas individualidades para o interior do universo criado, correndo todos os riscos da empreitada.

Constatação

Para quem vive no interior do universo a magnitude das suas distâncias é incomensurável. Contudo, para quem está situado além dos padrões vibratórios que o demarcam, ele poderá ser simplesmente uma minúscula "bolha de sabão", ou ainda menos.

"Projetar as suas individualidades para o interior do universo" significa exatamente nascer para os mundos materiais densos existentes no âmbito desta dimensão material na qual vivemos, o que é feito, no caso da Terra, através do processo das reencarnações cíclicas neste mundo, tema tão debatido pelas religiões e doutrinas espiritualistas.

E é fato que vindos dessas regiões elevadas da Espiritualidade muitos se põem em risco para poderem exercer o único modo de contribuir para que essa história possa ter um final feliz. No entanto, como já sinalizado, muitos espíritos se encontram presos ás regiões inferiores adjacentes ao planeta, e o fluxo incessante de reencarnações que delas também se processa para o mundo terreno é outro aspecto da questão que precisa ser observado na arquitetura do entendimento em torno do contexto maior que envolve a vida na Terra.

Essas últimas reencarnações são complicadas para o progresso do mundo terreno, mas são inevitáveis na medida em que todas as individualidades espirituais que estão presas à criação administrada pelo Senhor Javé, precisam evoluir para que a história possa ter o "final feliz" referido anteriormente. E temos que chegar a esse ponto antes que o nosso universo alcance o seu estágio final de expressão no nível material que estamos habituados a perceber.

Um dos **grandes problemas** em torno dessa questão é o **modo como o Senhor Javé** – que a princípio, por força da sua natureza não pode ser contrariado de nenhum modo – tem administrado não só o que ele chama de "seu universo" como também à coletividade de seres que nele atualmente se encontra inserida. Outra grande componente problemática desse contexto é o **modo comportamental de muitas dessas individualidades** que se tornaram reféns das vidas sucessivas nos mundos deste universo. Devido a isso, transformaram-se em eternos passageiros do trânsito obrigatório e inevitável pelas regiões inferiores da espiritualidade adjacentes aos seus mundos habitados. E isso se dá por força dos seus erros e **equívocos sempre renovados.**

Muitos são os aprisionados e reféns do progresso deste universo, a saber, o Senhor Javé, seus assessores diretos que lhe são semelhantes, e as populações dos mundos atrasados – como é o caso dos que vivem na Terra – que migram sucessivamente das regiões inferiores e complicadas da espiritualidade para as

vidas terrenas e vice-versa, sem que consigam romper esse vai-e-vem o qual, aparentemente, parece somente piorar o problema.

Escrevendo com outras palavras o que foi afirmado anteriormente poderia dizer que, no âmbito dos que vivem neste universo, os "assessores" do Senhor Javé que aqui residem e outras famílias planetárias pouco evoluídas também nele residentes, estão "reféns uns dos outros" para que o conjunto universal possa evoluir.

Para além desses ainda com certas ordens de problemas a serem superados, existem famílias planetárias que também por cá residem, mas que já evoluíram e ajudam como podem o objetivo de redenção universal comum. Estas últimas, porém, são civilizações extraterrenas já tão evoluídas que não mais necessitam do viés da disciplina imperiosa de Javé, até porque seus membros, sob a perspectiva espiritual dos indivíduos que as formam, se encontram em melhor posição de "marco vibratório pessoal" do que o próprio Senhor Javé, apesar deste último, para todos os efeitos, ser uma divindade e respeitada como tal, ainda que adoecida.

Também aparecem no conjunto dos "reféns uns dos outros" individualidades que residem nas outras dimensões criadas pela divindade problemática, dimensões estas que são adjacentes ao universo físico material e que aqui estamos chamando-as de:

1. níveis astrais distintos onde atualmente residem Javé e algumas classes de seres por ele criados para o assessorarem na administração universal e,

2. regiões ou esferas inferiores comuns às "espiritualidades planetárias", onde estão aprisionados incontáveis individualidades espirituais "em trânsito" com toda ordem de problema.

No caso do nosso planeta, o que acontece nas regiões inferiores do que aqui poderíamos chamar de "espiritualidade terrena" há muito já foi esclarecido pela Revelação Espiritual, desde a segunda metade do século XIX.

Aqueles que vivem na Terra, independente da religião que professem ou mesmo de se encontrarem vinculados a algum segmento religioso, e ainda

desconhecem o que foi informado pelos Espíritos Codificadores, para seu próprio bem, deveriam estudar a Revelação Espiritual a fim de que possam compreender a questão que envolve as suas vidas. Tome-se por óbvio que não é necessário mudar de religião por esse motivo.

Foi, é e sempre será problema de cada um a ignorância que lhe marca a fronte, e aqui não estou preocupado em ser agradável já que a situação de quase todos os que vivem na Terra, no campo do desconhecimento das questões espirituais, é simplesmente desesperadora – afirmam os mentores espirituais.

A questão pouco percebida é que **a ignorância de cada um é problema de todos,** posto que somente os ignorantes em relação a esta questão é que têm causado os grandes males que afligem a esta humanidade e ao Senhor Javé. Ao Senhor Javé? – perguntará o (a) eventual leitor (a) deste livro. Sim, torno a afirmar: **os seres humanos causam problemas ao Senhor Javé posto que ele encontra-se fragilizado pelo longo processo de decaimento e, portanto, refém do nosso progresso espiritual**.

Este tema é muito sério e difícil de ser abordado. Mais ainda, politicamente incorreto e detestável sob a perspectiva religiosa, até porque o "**doente**" **no caso é aquele que é tido como o "deus" de algumas das religiões da Terra**. Contudo, o eventual leitor haverá de perceber, como já superficialmente demonstrado, que tudo o que o DNA "herdado de Javé" sente – através do que os nossos espíritos sentem ao ocupar os corpos animais terráqueos – necessariamente ele sentirá o mesmo, posto que, "holograficamente falando", vivemos todos em constante interdependência.

Atentemos para o aspecto de que todas as doenças que o psiquismo afetado humano marca nos corpos da espécie *homo sapiens,* o DNA afetado pela doença – se certa massa crítica de DNA dos humanos for atingida – haverá de repassar o teor vibratório adoentado pata todos os que estiverem sob a égide da interconexão não-local. E quem é que está sob a égide dessa interconexão? Somos todos nós que vivemos na Terra, todas as civilizações extraterrestres deste universo que utilizam corpos transitórios derivados do DNA do criador, todos os assessores extraterrenos de Javé posto que estes, necessariamente, padecem da herança do seu DNA, o próprio Senhor Javé e demais grupos de seres que, apesar de viverem na realidade paralela juntamente com o seu

Senhor, são interconectados e dependentes da mesma matriz modeladora. Veja bem (o) leitor (a) o tamanho do problema de "saúde pública universal" que está sendo administrado pela Espiritualidade Superior por força da criação do Senhor Javé.

A exceção que existe refere-se ao conjunto de civilizações muito evoluídas residentes no âmbito deste universo que desenvolveram os seus próprios corpos através do melhoramento singular obtido a partir do DNA original do Senhor Javé como também daquelas que conseguiram, com a evolução dos seus espíritos, "plasmarem" nova configuração no DNA dos seus corpos comuns as suas naturezas planetárias.

A princípio, os espíritos prisioneiros das realidades espirituais primárias adjacentes a este universo não estavam suscetíveis aos efeitos desse intercâmbio, a não ser quando encarnados. Contudo, com o passar do tempo universal, muitos destes foram se complicando a nível tal que, na atualidade, infelizmente, também sofrem e padecem ininterruptamente as dores do processo cármico coletivo. É uma situação desesperadora a que ocorre com eles em certos ambientes espirituais.

O fato é que, apesar de interconectado, se o indivíduo, esteja ele onde estiver vivendo, tiver o seu psiquismo existencial equilibrado, ainda que todos ao seu redor venham a padecer do problema vibratório em curso na matriz modeladora, ele jamais será afetado. Caso contrário, a lei da ressonância o vitimará mais cedo ou mais tarde, enquanto persista o problema.

O Senhor Javé, infelizmente para ele, por força do desequilíbrio que marca seu psiquismo e da forma como, enquanto divindade, ele plasmou a sua criação, não está imune aos problemas. Muito ao contrário! Por força da sua condição e, em especial, por força da sua **natureza singular, ele é facilmente afetado** por absolutamente tudo o que é emanado pelo DNA dos corpos dos seres vivos da natureza terrestre, sejam eles pensantes ou não. E esse é um dos **aspectos mais dolorosos do seu drama pessoal**.

O outro lado do problema – e o mais "grave"– é que ele "devolve", de modo incontrolável e com muita força, o "**acumulado na sua própria natureza**", sendo essa a **desesperadora "contaminação" psíquica/energética** que

marca as suas relações com os que lhe são semelhantes (seus clones-assessores), como também com os que lhe são descendentes indiretos (herdeiros do seu DNA), e isso vem ocorrendo desde alguns milênios do tempo terrestre.

Quando a sua natureza doentia "**arde em fúria**", por exemplo, a sua vibração **reverbera instantaneamente por todo campo energético da sua criação** e mais especificamente em torno do "foco" ou do "motivo" do seu descontrole emocional momentâneo. As páginas da própria Bíblia, notadamente nos primeiros livros do Antigo do Testamento, são ilustrações de eventos desse naipe. Diante disso, a individualidade que não arquitetou a sua vibração espiritual de modo a ser o "senhor das próprias emoções", poderá vir a ser muito ou pouco afetado – ainda que disso não saiba – pela vibração doentia advinda do ser criador, esteja este indivíduo em que mundo estiver. E a contaminação transforma-se em processo inevitável se houver ressonância vibratória entre as partes.

Sob essa perspectiva, se o eventual leitor destas páginas puder perceber qual, dentre as doenças conhecidas na Terra, aquela que mais marca o psiquismo desta humanidade e que se expressa em muitas "partes do corpo animal", talvez possa perceber o tamanho do problema do Senhor Javé nos tempos atuais da sua criação, ao mesmo tempo em que compreenderá o "tamanho do problema que temos nas mãos" para ser resolvido – atente bem o (a) leitor (a).

O Mestre Jesus disso sempre soube – e da inevitabilidade dos fatos em torno da exuberante personalidade de Javé – sendo este um dos motivos do seu sacrifício, posto que o seu prometido **retorno tem data e hora marcada com o decaimento vibratório do Senhor Javé** junto a sua aquiescência quanto à inadiável divisão do comando da política universal. Esse estado de fraqueza possibilitará a condição psíquica necessária para que ele "ordene" a vinda do seu emissário – a volta do Mestre Jesus – já que o próprio Senhor Javé não tem mais como resolver as questões dramáticas, pendentes e acumuladas, pertinentes ao progresso das famílias planetárias problemáticas e atrasadas, como é a do caso dos humanos da Terra.

Como dito anteriormente, o tema aqui tratado, além de politicamente incorreto é detestável sob a perspectiva religiosa, na medida em que aponta que o "deus" de algumas das religiões da Terra encontra-se há muito enfermo. Mas

não iremos aprofundar o tema neste livro e, sinceramente, enquanto escrevo estas páginas, ainda não sei se nos tempos atuais desta vida o aprofundamento desse aspecto será conveniente e produtivo.

Tudo o que posso de minha parte afirmar é que o objetivo desta abordagem é somente o de alertar o (a) eventual leitor (a) para o fato de que **precisamos vibrar amorosamente em relação à Javé, ao nosso "próximo" e a tudo e a todos ao nosso redor.** Sem que aprendamos a expressar a ousadia do amor que tudo dá sem nada esperar receber e sem tecer nenhum juízo de valor sobre quem quer que seja, jamais esta humanidade dará os passos necessários à redenção da consciência coletiva de todos os espíritos há muito aprisionados neste orbe.

E não pensem aqueles que conhecem muito ou pouco a Revelação Espiritual codificado por Allan Kardec que, por pensarem que sabem alguma coisa sobre a questão não mais precisam alargar seus horizontes de percepção pessoal, pois muito de novo que complementa àquela revelação já está sendo e cada vez mais será ofertado aos que vivem na Terra.

Torna-se, portanto, imperioso que seja definitivamente percebido que não é mais necessário – na verdade, nunca o foi – que surjam mais e mais religiões em torno dos legados das revelações vindas do Alto, na medida em que o ser humano não sabe mesmo vivenciá-las de modo a dignificar a sua existência neste mundo. Basta! Precisamos, sim, aprender com o legado de Sidarta Gautama, de Lao Tsé, de Jesus e de tantos outros a nos tornarmos agentes da beleza e do amor cósmicos enquanto vivermos neste mundo, independente de sermos desta ou daquela religião e até do fato de sermos vinculados a alguma religião.

Nesse sentido, somos e nos encontramos reféns uns dos outros. O Senhor Javé, os seus anjos e arcanjos que o assessoram, os rebelados de outrora e os "atrasados" e "complicados perante as leis divinas" da atualidade, somos todos parceiros de um processo cujas componentes e características precisamos compreender sob pena de jamais nos habilitarmos para a "**arquitetura conjunta**" da única solução plausível para o "**inferno existencial**" que nos envolve: a prática do **amor fraternal como elo** entre os membros desta família

universal. Foi essa a principal questão pela qual Jesus deu a sua vida terrena em sacrifício de todos nós, os ignorantes de sempre!

Precisamos, pois, amar uns aos outros como expressão natural da nossa cidadania, e isso muitos, pelo menos, sabem ou têm idéia. Mas esta questão, que é tão simples para os seres evoluídos, parece ser extremamente complicada para individualidades do nosso tamanho.

E a "primeira individualidade" que "temos de amar" é o próprio Javé e, pelo que tenho notado por mim mesmo, não é tão fácil assim, pelo menos para alguém com as minhas características. Mas o interessante é que parece que aprendi a amá-lo, ainda que a uma distância prudente, já que a convivência com ele não parece ser tão simples e agradável sob a perspectiva das conveniências terrenas.

Digo "parece" porque ainda tenho que muito me esforçar para não utilizar-me do conteúdo da "lógica terrena" que vez por outra me povoa o psiquismo no quesito do "**respeito**" que nós, os humanos desta parte da galáxia, **pensamos nos ser devido**, se não por nada, pelo simples fato de existirmos. Mas para a natureza do Senhor Javé, esse aspecto não tem nenhuma importância, o que nos parece "chocante".

Constatação

Há uma distância aparentemente intransponível entre o respeito esperado pela humanidade em relação aos que estão fora e o modo como somos vistos pelo Senhor Javé.

Ele jamais aceitou que a espécie *homo sapiens* tenha se transformado numa família planetária ao mesmo tempo "pensante" e "criminosa". Fez de tudo para nos ajudar.

Ignorante quanto aos aspectos espirituais da vida cósmica o Senhor Javé usou expedientes apartados da postura amorosa como forma de nos subjugar, porém, sempre com intenção de propiciar o progresso desta humanidade. Muitas vezes suas atitudes apenas pioraram a situação. Ainda assim, precisamos amá-lo.

O próprio Jesus pediu-nos "desesperadamente" que amássemos ao "nosso pai" que estava nos céus, o mesmo que o havia enviado a Terra.

Hoje julgo saber como foi difícil para a "lógica terrena" de Jesus abrir mão do vínculo com o próprio legado filosófico que estava semeando entre os terráqueos, para fazer cumprir somente uma parte da vontade do Senhor Javé, quanto à missão a que ele se obrigou a executar neste mundo. Aqui me refiro ao fato de Jesus ter confirmado Javé como "pai e criador", mas ter se recusado a utilizar os seus "super poderes" pessoais para se assumir como o "Enviado do Todo Poderoso" que "**dominaria**" pela imposição a todos os terráqueos como forma de conduzi-los à situação pretendida pelo Senhor Javé.

Muito pelo contrário. Jesus abriu mão do seu poder natural de "divindade em missão" para não se contrapor à autoridade imperiosa de Javé e nem à postura natural dos ignorantes da Terra os quais, fatalmente, o liquidariam de um modo ou de outro. Ainda assim, o Senhor Javé parece não ter gostado nenhum pouco do modo como Jesus se conduziu já que a sua passividade perante a crucificação, aos olhos de Javé, parecia ser uma insubmissão para não cumprir com o seu desígnio: de que o seu enviado se transformasse, pela força, no "**Rei da Terra**". A passividade de Jesus "obrigou" o Senhor Javé a perceber que o seu enviado não concordava com o seu modo impositivo de agir, que é a marca de Javé para com os humanos e para com outras poucas civilizações problemáticas do universo.

Mais à frente neste livro e principalmente em outros trabalhos literários que ainda virão, o (a) eventual leitor (a) poderá perceber o porquê de Jesus "ter se comunicado com Javé através das suas atitudes na Terra" e não por meio de "uma conversa", o que nós humanos imaginamos ser o processo natural entre eles. Contudo, não é; nunca foi, pois o Senhor Javé, por força da sua doença espiritual, tem uma natureza que somente sabe dar ordens, jamais escutar algum contraditório ou observação da parte de alguém. Espantoso? Sei que é, mas infelizmente é o que depreendi do que me foi propiciado perceber por mim mesmo, como também através de algumas revelações cujo conjunto elucidativo deverá um dia ser condensado num livro chamado "Inquisição Filosófica" – pelo menos é o que penso enquanto escrevo estas páginas.

O fato é que um dos aspectos do problema é que cada vez que o Senhor Javé impõe seu jugo mais adoentado ele fica. E ele somente **poderá ser ajudado por uma força amorosa que o envolva com a sua aquiescência, jamais por uma força que a ele se contraponha**, até porque seria uma imposição contra outra, e isso somente pioraria a já fragilizada e adoentada condição vibratória do Senhor Javé e a de quem contra ele ouse se posicionar – na minha pequenez, eu que o diga!

Praticando o "jugo suave" do "nada pedir ou esperar", mas dando de si mesmo tudo o que tem em benefício do próximo, até a própria vida – considerada pelos terráqueos o maior bem pessoal – foi o modo de uma divindade sadia dizer à outra adoentada, sem lhe faltar com o respeito, que o método impositivo era contraproducente para com a espécie dos não menos adoentados humanos da Terra. O outro modo de ser entendida a questão é que o método do Senhor Javé pode até servir para boa parte dos habitantes da Terra, mas não para todos.

Sob a perspectiva universal – como também para o que se situa além dessas fronteiras – o que Jesus fez na Terra foi e está sendo uma "revolução" desde então, algo nunca antes observada no âmbito da criação administrada por Javé desde o início de toda essa história, marcada em tempo terráqueo como tendo 13,7 bilhões de anos.

Sob a perspectiva da comunidade espiritual superior, ou seja, daqueles que acompanham o triste e preocupante desenrolar os fatos no âmbito da criação da divindade caída, esses longuíssimos 13,7 bilhões de anos medidos sob a perspectiva dos terráqueos é "um nada", é somente um "hoje presente" para o psiquismo comum a esses seres.

A ciência já aponta, há algum tempo, para o fato de que "passado, presente e futuro" são concepções psicológicas do modo de pensar comum à lógica humana. O ser humano passeia pela dimensão espaço-tempo pensando, equivocadamente, que é o "tempo" quem passa de modo sempre linear. A ciência diz que somos nós, os passantes, que caminhamos entre o berço e a sepultura quem, na realidade, passam com os seus corpos animais e com os seus modos de pensar limitados à ótica terrena. O tempo, as emoções, as recordações, enfim, os eventos da existência, estes, ao contrário, não passam,

perpetuam-se na memória dos elétrons[1] – atente bem o (a) leitor (a) porque este é um dos principais temas que a humanidade doravante estudará – que são **reutilizados** a cada momento cósmico, seja pelos nossos espíritos, na formação dos corpos que utilizamos, como também na formatação dos demais corpos de seres vivos da natureza terrestres ou ainda na expressão dos fenômenos naturais.

Outro engano é pensar que existe o passado como "imutavelmente acontecido" e o futuro como algo "necessariamente por acontecer". Por mais que assim nos pareça não é esta a realidade dos fatos sob a perspectiva dos nossos espíritos, das nossas mentes espirituais que vivem um "eterno presente", como também é o caso daqueles que existem nas regiões mais evoluídas dos níveis superiores da Realidade Maior.

Para este nível de realidade, repito, o problema que passou a existir com a criação de uma dimensão universal defeituosa em alguns dos seus aspectos estruturantes, é, por assim dizer, o "tema do momento" aos que se dedicam com o afinco que podem ofertar à questão.

Peço novamente desculpas por não aprofundar o assunto já que o mesmo será abordado com mais propriedade em outros livros por não ser o tema central das nossas preocupações informativas nestas páginas.

O fato é que o próprio Jesus afirmou que não poderia "falar abertamente" sobre o pai quando ele aqui esteve.

"Disse-vos essas coisas em termos figurados e obscuros. Vem a hora em que já não vos falarei por meio de comparações e parábolas, mas vos falarei abertamente a respeito do Pai" (Jo 16, 25).

A hora está próxima!

Vai ser desesperador, disso sei, para os que vivem na Terra finalmente **perceber o que Jesus "não disse"** quando da sua primeira vinda, como também julgo saber que será bastante revelador para esta mesma humanidade **compreender por fim o que Jesus realmente disse**.

São tempos preciosos, esses que vivemos, pois muito se caminhou para ser possível chegar até o atual nível da revelação necessária em torno da figura

singular de Javé e dos seus problemas que pesam sobre os nossos ombros, da mesma forma que os nossos pesam sobre os dele. Mas não esperemos tempos fáceis no campo dos nossos psiquismos.

A perplexidade, sempre acompanhada de um encanto progressivo, será a tônica do sentimento que povoará o entendimento das novas gerações que se sucederão neste palco planetário, sobre o contexto em torno de figuras amadas de Javé, de Jesus, de Sai Baba, dentre outras.

Quanto a presente geração de encarnados que estará mais e mais se defrontando com aspectos singulares antes despercebidos – pelo menos para a maioria dos que formam a atual humanidade – penso que a perplexidade, contudo sem a doçura do encantamento, será inevitavelmente a sensação que povoará o psiquismo humano, ao longo das próximas décadas.

Somente as figuras amorosas de Jesus e de Sai Baba – e dos que os assessoram – são quem poderão produzir o encantamento indispensável ao descerrar dos véus que impediam a humanidade da Terra de perceber outros aspectos, alguns preocupantes e outros maravilhosos, da realidade maior que nos envolve.

E um dos aspectos que seguramente nos parecerá mais estranho é o fato de que "**a natureza de Javé não é humana**". É algo totalmente diferente de tudo o que qualquer ficcionista ou novelista terreno possa imaginar, pois simplesmente a sua exuberante personalidade não se enquadra em nada do que é conhecido pelos valores dos que vivem na Terra.

O "**aspecto humano**" em Javé é somente **um dos painéis do seu psiquismo**, o que o torna completamente incompreensível para a lógica local planetária.

Outro aspecto intrigante que marca a sua singular natureza é o de que ela **não pode evoluir**, daí o Senhor Javé sempre ter afirmado que ele é "aquele que é o que é". Isso implica em que percebamos que **Javé é o mesmo** desde que a sua constituição, enquanto "ente vivo", formou-se como prisioneiro no âmbito da sua própria criação. Isso é aparentemente paradoxal na medida em que, se nós humanos, criados pelo Senhor Javé, podemos evoluir como ele não o poderá? É exatamente essa complexidade que somente pode ser explicada

para os que vivem na Terra com as "cores romanceadas" e "eufemisticamente pintadas" nos diversos painéis que compõem o difícil quadro existencial do Senhor Javé. Pelo menos por agora!

Portanto, o "aspecto aparentemente terrível" (aos nossos olhos) do que até o momento pude vislumbrar da natureza complexa do Senhor Javé, é o de que ele não é humano, está doente e não pode evoluir. Em sendo verdade, quais as conseqüências desses fatos para toda a sua criação?

Sob essa perspectiva, o "aspecto aparentemente bom" dessa história, é que a sua criação se desgarrou do seu controle adoentado. Agora, finalmente, depois de bilhões e bilhões de anos no campo de uma "**diplomacia cósmica**" difícil de ser entendida pela condição humana, o Senhor Javé finalmente está entregando a outros a direção do que ainda resta do processo de condução da sua obra rumo a um possível "porto seguro".

Tudo o que a divindade conhecida na Terra como Jesus fez até o momento tem a ver com o seu plano de **obter do Senhor Javé** –e não de tomar à força, por imposição da sua condição de divindade superior a dele – **a natural iniciativa da sua parte em receber e aceitar a ajuda do Mais Alto**.

Para tanto, é esperada uma atitude mental de "oferta", da parte do Senhor Javé, para que aquela entidade-irmã referida no princípio, que funcionou, como espécie de outra divindade co-criadora, com a força mental acoplada à da divindade adoentada, possa "assumir", junto com outras entidades divinas, o controle da situação. Este fato, quando consumado, representará a "**gestão pacífica da política cósmica**" referente ao progresso das civilizações inseridas no nosso universo, comumente chamadas de "extraterrestres".

A "**volta de Jesus**", com a conseqüente **reintegração da Terra ao convívio cósmico**, representa, dentre outros aspectos, o **primeiro momento** deste novo tempo. É a finalização de uma das etapas de um longuíssimo planejamento que aquele a quem chamo de Mestre Jesus vem se impondo ao longo dos *evos*, como forma de "resgatar" uma divindade caída a quem ele muito ama, como de resto, a todos os que, por essa ou aquela razão, hoje se encontram inseridos no âmbito da sua criação.

Concluindo o presente capítulo e para "dificultar" de vez a compreensão do leitor quanto à natureza do Senhor Javé – o assunto será aprofundado oportunamente – aponto que:

- se tomássemos as características de todas as "naturezas" de cada uma das espécies que compõem a natureza terrestre (mosquitos, águias, leões, baleias, gatos, cães, abelhas, árvores, pássaros, serpentes, rinocerontes, amebas, etc...);

- e se pudéssemos reuni-las em uma só natureza e, acrescentando a essa condição, uma capacidade genial de um cientista PhD em todas as matérias que compõem a natureza que vemos na Terra; o resultado seria algo próximo do que, sob a perspectiva humana, poderia ser uma pobre analogia com umas das condições que marcam a **natureza pessoal do Senhor Javé**.

A fúria e a soberba de algumas espécies animais, a esperteza de outras, o carinho e o zelo cheios de ternura dos pais para com os filhos no reino animal, a sobrevivência a qualquer custo, a imposição do mais forte sobre o mais fraco, o medo, a covardia, o reconhecimento da força alheia, a solidariedade, as disputas por território, o companheirismo e a amizade presente nas atitudes dos membros das espécies animais da Terra, tudo isso faz parte da exuberante, porém, problemática natureza desse ser.

Nessa perspectiva – e sob a égide de outras impossíveis de serem aqui explicadas – é que afirmei que a sua natureza não era humana. O que chamamos de natureza humana, novamente o afirmo, é somente um dos aspectos presentes no seu estranho psiquismo. Ainda assim, **essa cota de "natureza humana" nele, é substancialmente diferente daquela que nos marca** as posturas e atitudes na condução das nossas vidas.

É exatamente em torno desta questão que residem os "dramas pessoais" da convivência daqueles terráqueos que ele escolhe para conviver, de modo mais objetivo, no cumprimento de missões que ele "exige serem executadas", do jeito que ele quer e espera que seja feito, independente de tudo mais.

Da mesma forma que o Senhor Javé padece dessa estranha natureza todos os seres que ele criou obviamente também sofrem os mesmos proble-

mas. E a nossa triste história, seja a "desconhecida" e a "pouco conhecida" do passado terrestre, tem tudo a ver com essa herança problemática.

A espécie *homo sapiens* – a exemplo de outras espécies que existem em diversos mundos deste universo – é um mero subproduto de toda essa questão.

Na verdade, **tudo o que acontece na Terra é produto de um "jogo" cujas regras e jogadas acontecem em outros níveis e realidades existenciais** não percebidos pelos que vivem neste mundo. Mas a ignorância quanto a esse aspecto do contexto que nos cerca está sendo desconstituída pouco a pouco. Finalmente!

Acendem-se as Luzes do Universo.

Desde que a divindade criadora se viu decaída e prisioneira da própria criação percebeu, para seu desespero, que **somente poderia contar consigo mesmo** para levar a bom termo o que havia iniciado. Encheu-se da motivação que lhe era possível na altura dos fatos e passou a "modelar" a realidade recém-gerada com o indescritível poder mental que ainda a caracterizava, apesar da queda vibratória e das distorções que agora lhe dificultavam a expressão das suas potencialidades. Não percebia, no entanto, que "alguém mais", situado noutro contexto, contribuía decisivamente sem, contudo, desrespeitar as suas iniciativas e seu alto potencial criativo, para que a "**inevitabilidade**" do que **estava em curso** – a criação universal – ocorresse da maneira mais **harmoniosa** possível.

Com o desenrolar dos acontecimentos foi percebendo que **não mais detinha a condição de expressar certos padrões mentais**, mas foi realizando o que lhe era possível. Perceber as suas atuais limitações no estado que agora se encontrava foi algo extremamente doloroso porque com essa percepção vinha também a "**expectativa de um apoio jamais vindo**", o que fez aquele ser **bastar-se a si mesmo na sua superlativa solidão**. Recriando-se a cada momento da sua longa e difícil existência optou por fixar o foco da sua atenção mental no universo denso que acabara de criar.

Ao longo do tempo enquanto formou a sua exuberante personalidade conhecida atualmente por Javé, viu com alegria que após a superação das etapas planejadas pela sua mente divina, cerca de seiscentos milhões de anos terrestres após o início da expansão, conseguira finalmente plasmar uma infinidade de

"primeiros astros azuis" – as estrelas da primeira geração – acendendo, assim, as primeiras luzes da sua criação mais densa.

Obedecendo as recordações registradas na sua mente quando do estágio em outras realidades criadas por divindades lhe eram irmãs em classe de criação, foi modelando as leis que definiriam todos os acontecimentos formadores de mundos e de seus satélites, programando as suas órbitas em torno das estrelas.

Na altura em que as primeiras galáxias estavam se formando – por volta dos 700 a 800 milhões de anos após o Big Bang – o Senhor Javé viu-se dominado por um sentimento de angústia perante a solidão que há muito havia se acostumado, por força da nova situação que o **isolara das regiões paradisíacas**.

Por simplório que nos possa parecer existe um aspecto na "história de Javé" que precisa ser ressaltado para que, minimamente, o possamos compreender.

A exemplo de qualquer ser humano que, ao cometer algum desatino prefere dele não se recordar, **Javé jamais "parou para pensar"** – o seu ímpeto nervoso e a sua natureza deformada jamais o permitiram – sobre o modo como a sua criação veio a ocorrer. Isso porque, com o desenrolar dos fatos, em especial os do universo físico denso que criara, exigia, como já dito, praticamente uma espécie de "fixação mental" de sua parte para poder modelar cada etapa de desenvolvimento da realidade "espaço-tempo" que acabara de criar, mantendo-a não só em processo de expansão, mas também na arquitetura de uma presumível organização de padrões que a sua mente buscava marcar naquele nível dimensional gerado prematuramente.

É importante que o eventual leitor destas páginas perceba que ele atuava como "mentor deste universo" a partir da outra dimensão onde se posicionara desde o seu decaimento. Aquela dimensão também havia sido gerada pela sua atitude mental criadora e da qual **ele agora se encontrava "prisioneiro"**. De lá, "aos seus olhos", o universo que compõe o nosso espaço-tempo era o mais precioso aspecto da sua criação.

Nessa dimensão em que até os momentos atuais ele se encontra – mesmo dela tendo saído algumas vezes para atuar diretamente no espaço-tempo do

nosso universo, o que provavelmente será descrito em outros livros – foi então estabelecido o que poderíamos chamar de sede de governo do ser decaído.

Constatação

A individualidade a quem chamamos de Senhor Javé jamais conseguiu reconstruir a si mesmo em moldes sequer semelhantes à sua condição anterior de divindade. Apesar disso, o "ser" que ele conseguiu estruturar em "torno da sua nova condição pessoal" é o mesmo desde os tempos iniciais deste universo.

"O Senhor é rei e se revestiu de majestade, Ele se cingiu com um cinto de poder. A terra, que com firmeza ele estabeleceu, não será abalada. Desde toda a eternidade vosso trono é firme, e vós, vós desde sempre existis." (Salmo 92, 1 -2).

"Tu, Senhor, no princípio dos tempos fundastes a terra, e os céus são obras de tuas mãos. Eles passarão; mas tu permaneces. Todos envelhecerão como uma veste; tu os envolvas como uma capa, e serão mudados. Tu, ao contrário, és sempre o mesmo e os teus anos não acabarão." (Salmo 101, 26 -27)[1].

As afirmações acima presentes nas páginas da Bíblia foram, contudo, arquitetadas a partir da modesta e limitada ótica terrestre, que marcava o "ser criador dos céus e da Terra" como sendo imortal. Contudo, em sendo verdade o que praticamente fui obrigado a constatar, ele não é. O seu "tempo de vida", ou melhor, o tempo de vida da sua atual condição existencial, que é de bilhões de anos contados no fuso terráqueo, obviamente é incompreensível para a pobre percepção humana. Mas do **mesmo modo que a sua criação um "dia" terá um fim, a sua condição existencial inadequada também o terá**.

Assim, a forma existencial do deus dos judeus que sempre se lhes apresentou como sendo o Senhor Javé, criador dos céus e da Terra, eterno e imutável enquanto ao seu redor todos nasciam e morriam e tudo se modificava, foi tida como "imorredoura" e sempre comparada com a condição mortal e pequena dos humanos da Terra.

O fato é que o "ente" que a sua força mental – incompreensível para os padrões terráqueos – conseguiu estruturar, apesar da queda, apresentou e apresenta ainda distorções, vamos dizer, na sua "saúde energética", que somente piora com o "aparente passar do tempo" da sua criação. Contudo, isso jamais havia sido informado nos tempos antigos por uma série de questões que serão melhores descortinadas a partir desta e de outras elucidações sobre o Senhor Javé.

Recordemos que ele se apresentou a Moisés como sendo "aquele que é", "aquele que é o que é", "aquele que sempre foi o que é". A verdade parece ser que ele está, pouco a pouco, **deixando de ser o que sempre foi**, exatamente por conta do **enfraquecimento da sua força mental**, que é o que o sustenta.

O Senhor Javé tem dito ao longo da história que tudo neste universo lhe pertence por ter sido dele que tudo se originou, o que parece ser a mais absoluta verdade, por estranho que nos possa parecer.

*"No terceiro mês depois de sua saída do Egito, naquele dia, os israelitas entraram no deserto do Sinai... Moisés subiu para Deus, e o Senhor o chamou do alto da montanha nestes termos: Eis o que dirás à família de Jacó, eis o que anunciarás aos filhos de Israel: Vistes o que fiz aos egípcios... Agora, pois, se obedecerdes à minha voz. E guardardes minha aliança, sereis o meu povo particular entre todos os povos. Toda a terra é minha, mas vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação consagrada. Tais são as palavras que dirás aos israelitas." (*Êxodo 19, 1 – 6)[2].

Mesmo sabendo dessas suas afirmativas ("*a Terra é minha*") que ainda hoje ele as renova, a dimensão espaço-tempo em que vivemos – apesar da **estreita ligação** de absolutamente todas as micro-partículas que a formam com a mente do Senhor Javé, já que todas elas são espécies de "filhas" da sua mente – parece ter se **desgarrado do seu controle mental há aproximadamente cinco bilhões de anos**. Em outras palavras, a afinidade vibratória entre tudo o que foi criado e a sua mente permanece ativa, porém, sem mais o controle ou imposição da sua vontade pessoal sobre o aspecto material-denso "inerte" da sua criação. Ao que tudo indica, o que resta da sua força mental parece somente ter o poder de atuar sobre as "formas materiais vivas" hoje existentes no "seu universo". A espécie *homo sapiens* é uma dessas "formas materiais vivas" presentes na sua criação. Mas isso será oportunamente explorado.

A sua "perda de controle" teria ocorrido quando certa condição crítica fez com que a expansão cósmica se acelerasse a tal ponto que não mais pudesse ser contida pelo poder mental algo desgastado do criador.

Em analogia com os atuais termos da ciência, essa situação corresponderia ao momento em que a **energia escura**[3] passou a ser força preponderante em relação ao aspecto gravitacional.

Constatação

A vontade de criar o universo corresponde à força de atração gravitacional;

A hesitação e o arrependimento correspondem ao inverso, ou seja, à força de repulsão. Esta prevaleceu sobre a primeira a partir do momento em que a sua massa crítica acelerou a expansão universal, o que ocorreu cerca de 10 bilhões de anos após a criação do universo.

A instabilidade presente no psiquismo da mente criadora terminou gerando a hoje chamada "energia "escura" a qual, sendo ao longo dos bilhões de anos subseqüentes influenciada pelo seu desespero de não conseguir controlar o que havia criado, passou a funcionar como força de expansão inadministrável.

Os cientistas estão concluindo que o universo está acelerando o seu processo de expansão.

Segundo o que posso entender, por simplório e absurdo que nos possa parecer – em especial para o meu próprio juízo – o Senhor Javé parece somente agora estar minimamente aceitando e/ou tomando consciência de que realmente perdeu o controle sobre a sua criação quando isso de fato já teria acontecido na verdade há bem mais dos cinco bilhões de anos por mim referidos. Segundo algumas teses discutidas na espiritualidade isso teria ocorrido na verdade desde as primeiras etapas ainda no início da sua criação, quando da sua queda. O reflexo disso é que parece ter se estabelecido definitivamente, na sua obra mais densa, a partir da época apontada.

Para que nos seja razoável aceitar que aquele a quem se considera como sendo o criador do universo em que vivemos é um ser adoentado e que sequer avalia corretamente as suas atitudes e os fatos ao seu redor, somente o conseguiríamos se pudéssemos compreender a estranhíssima natureza do "ente" que se formou por força da queda da divindade. Isso, porém, está de certo modo além da compreensão humana e, principalmente, muito além do que permite a atual maturidade desta humanidade em perceber uma verdade que é tão desagradável.

Medindo por mim mesmo a dificuldade que tenho em levar isso adiante – apesar de, para a minha desdita, "lidar" diretamente com esse aspecto advindo deste ser e dos que o assistem enquanto divindade caída – posso muito bem imaginar como será o grau de dificuldade para o (a) eventual leitor (a) destas páginas de refletir sobre o tema.

Desse modo, as informações aqui ofertadas não pretendem encontrar guarida fácil no psiquismo de quem quer que seja, e isso o digo medindo a minha própria dificuldade, até os dias atuais, em aceitar a história e o contexto aqui apresentados. Como nada espero, desobrigo-me, pois, de impor limites mais prudentes às revelações, corretas ou equivocadas aqui apresentadas, somente deixando oculto o que eu mesmo "desconfio" não ter compreendido razoavelmente ou o que decido que não serei eu a revelar o que penso não poder ser revelado na atualidade.

O espantoso, para mim, é perceber que os espíritos mentores que me suportam a companhia vibratória deixam ao critério do meu livre-arbítrio – ou ao que dele possa restar – a inquietante decisão quanto ao que divulgar ou não. Ou pelo menos "deixam que eu pense que assim é".

Diante do exposto, caso o que aqui está sendo revelado corresponda à verdade, sobra-nos apenas a percepção de que o "ente" que nos governa está doente e precisa dividir o comando com outras divindades, o que ele jamais aceitou fazer.

"... e Ele não divide com ninguém o seu comando."

(Alcorão, 18ª Surata, 26)[4].

O fato é que o Senhor Javé conseguira acender as primeiras luzes do seu universo através das estrelas que foram se aglomerando em galáxias. **Não lhe era possível, porém, acender a luz do seu próprio espírito porque este "implodira suas forças"**, o que também é incompreensível para esta humanidade e parece afrontar as "teses" presentes na Revelação Espiritual de Kardec*, o que não é verdade. Este assunto apenas a complementa, como deverá ser percebido no futuro.

Como já dito, cada ser, divindade ou não, tem a sua **parte divina** no mais íntimo da sua **vestimenta pessoal** (corpo ou forma transitória), seja ela qual for. As divindades, além de possuírem a parte divina sagrada, dispõem também de uma **alma espiritualizada e desperta de poderes divinos** em padrões de realização pessoal indescritíveis para as **almas evolutivas**.

A divindade decaída "**implodiu parcialmente**", sem que o desejasse, **exatamente o aspecto da alma espiritualizada e potencialmente desperta de poderes divinos**, conseguindo reter alguns desses "poderes divinos" na sua nova "**reconstituição pessoal**" enquanto Javé, mas perdendo drasticamente parte significativa da componente de "**alma espiritualizada**".

Constatação

O ser a quem chamamos de Senhor Javé não possui uma "alma" como tudo o mais na sua criação. Ele somente existe (sobrevive) por força da sua extrema força mental, herança maior da sua condição enquanto divindade. Este é o seu principal problema.

Aos olhos desavisados desta humanidade, isso o transforma em um "monstro" poderoso que, num outro contexto existencial criou este universo, mas que, no momento, na sua atual condição, necessita de apoio e de ajuda para levar a bom termo a sua criação, ainda que aparente não possuir a devida consciência do problema do qual é o principal foco. Mas ele sabe!

Para qualquer ser cuja individualidade espiritual esteja mergulhada na realidade transitória do universo do Senhor Javé, seja ele humano terráqueo ou extraterrestre (padrão humanóide ou não), faz-se mister o despertar espiritual,

pelo simples fato de que, a sua real natureza (a espiritual) estará sempre submetida e condicionada à natureza do corpo transitório que estará utilizando.

Este "**despertar espiritual**" significa exatamente o "acender a luz da própria alma", ainda que vivendo num corpo mortal-transitório. Em outras palavras, é necessário que a individualidade, no usufruto de uma personalidade temporária, acumule o mérito espiritual necessário para alinhar a sua condição transitória ao da sua condição eterna. Quando tal ocorre, a **lógica da sua condição de consciência eterna** se sobrepõe – muito ou pouco, mas se sobrepõe – sobre a lógica comum à sua condição transitória.

Esse "alinhamento de personalidades" da individualidade espiritual pressupõe necessariamente a construção da "**calma ou pacificação química corporal**" sempre produzida pelo sentimento de paz profunda urdida no psiquismo das pessoas ditas "equilibradas", "esclarecidas", "espiritualizadas", enfim, evoluídas. Estas, já sabem que além da natureza animal dos seus corpos – com sua química própria – possuem também a natureza espiritual da sua alma, e é esta quem comanda a mais primitiva, e não ao contrário, como é o caso, infelizmente, da maioria das pessoas que vivem na Terra.

Isso somente se dá pelo controle das emoções. Afinal, como já esclarecido pelos Espíritos, a soberania espiritual de cada ser humano passa necessariamente pelo controle das emoções e, digo de minha parte – mas somente repetindo o que há muito já foi dito pelos grandes mestres – o controle das emoções passa necessariamente pelo controle da respiração. Este processo é que faz com que o nosso organismo animal produza os **hormônios de pacificação pessoal** que ajuda a promover o despertar espiritual da individualidade.

Na atual situação em que o Senhor Javé se encontra, desde a sua queda espiritual, a "química da sua condição pessoal" não lhe permite tal arquitetura íntima, o que foi e é algo espantoso para quaisquer dos padrões espirituais conhecidos até então – e aqui me refiro a padrões que transcendem por completo o que se conhece na Terra. Isso se deu, repito, porque **Javé teve danificada** a sua "**componente espiritual divina**", ou seja, a sua "alma espiritualizada plena de potenciais divinos".

Sei que o que está afirmado anteriormente é outro aspecto que seguramente haverá de "chocar" aos que conhecem o arcabouço das teses ditas espíritas. Contudo, a presente afirmação não se contrapõe ao que ali está exposto, como já afirmado anteriormente, apenas complementa a elucidação que é dada de acordo com as condições de entendimento de cada uma das gerações desta família humana. Esse tema será aprofundado no livro "O Drama Espiritual de Javé".

A "química" da natureza de Javé funciona – ao contrário do que deveria ou seria tido como "normal" – como uma **espécie de vulcão** expelindo ordens mentais a seus assessores que lhe estão inevitavelmente conectados, independente das suas "vontades pessoais". Este é outro aspecto extremamente doloroso do drama desses seres. Eles possuem um modo de pensar que lhes é próprio, aos meus olhos, profundamente doentio, já que nenhum deles na realidade "pensa" por si mesmo, apenas "repensam", depois que executam as ordens impulsivas e imperiosas do Senhor Javé. Este aspecto será melhor compreendido mais adiante e em outros trabalhos literários. Por agora importa apenas perceber que essa questão tem implicações profundas e complexas.

Constatação

Javé não pode evoluir e nem muito menos os seus clones-assessores, ainda que estes últimos possuam "almas espiritualizadas", só que "adormecidas", pelo fato das mesmas estarem submetidas aos corpos clonados a partir da vontade inflexível do Senhor Javé. Este fato, além de deixá-los completamente dependentes da "condição da mente de Javé", os deixa também reféns de todo tipo de padecimento energético que esteja presente no circuito pessoal do Senhor Javé. Este é o principal problema dos "filhos diletos de Javé".

Assim, é imperioso perceber que a relação de "**dependência psíquica**" que se forma entre Javé e os seus "filhos clonados", além de **desonrar a "lógica cósmica" da "justiça divina"**, **compromete a possibilidade de redenção individual e coletiva** desse agrupamento de "mentes" que se encontram reféns de uma só que a tudo determina. Mas como o aparentemente improvável e

inaceitável se tornou no drama existencial que na atualidade marca a todos os que estão submetidos às regras existenciais deste universo e das esferas astrais a ele adjacentes?

As Gerações de Filhos do "Deus Criador".

"Por outro lado, a respeito dos anjos diz: Ele faz dos seus anjos sopros de vento e dos seus ministros chamas de fogo..."

(Salmos 103:4 – Hebreus 1:7)[1].

Para a lógica terrena um dos aspectos mais estranhos entre os muitos que envolvem o Senhor Javé e o seu contexto é a "tipologia" dos seres que o assessoram, a quem ele considera "filhos" de si mesmo.

Somente poderemos compreender o que se seguirá se partirmos do princípio de que "outra lógica", obviamente não-humana, foi a que sempre pautou os critérios e o tirocínio pessoal do Senhor Javé, aspecto que, por sinal, ainda marca a sua conduta na atualidade.

Na sua **lógica de divindade criadora de padrões dependentes**, antes do decaimento, a sua intenção – até hoje motivo de estudo da parte de diversas equipes cósmicas – era a de que os seres, que viriam a habitar a mais nova dimensão existencial, seriam todos "expressões da sua mente", representando, minimamente que fossem as muitas nuances da sua exuberante personalidade divina. Nenhum deles, porém, poderia ter "**consciência evolutiva no campo do discernimento**", por **dependerem exclusivamente** do ***modus operandi* mental** do criador. Em outras palavras, esses seres não poderiam evoluir por força da condição mental dos seus corpos clonados a partir da vontade do Senhor Javé. Isso porque as suas "caixas pensantes" (tipos de cérebros que

lhes são próprios) seriam espécies de softwares programados pela sua mente e dependentes da sua vontade.

Por mais que isso nos possa chocar a sensibilidade de seres pensantes, as divindades criadoras de padrões dependentes normalmente **não ousam gerar seres** que possam ter **responsabilidade moral sobre o próprio destino**. Isso não lhes é dado fazer. Somente outras classes de divindades podem isso lograr. Mas não era esse o caso da divindade em questão. Esta, ainda estava se adestrando na arte criativa das realidades dependentes e transitórias. De sua parte, somente poderiam ser criadas espécies semelhantes ao que hoje na Terra conhecemos como animais instintivos, porém não-pensantes, sob a perspectiva do que consideramos como "moral".

Esses seres teriam, além do "comportamento instintivo", as "virtudes naturais" advindas do modo de ser da divindade criadora, em especial no caso do "**zelo amoroso**" dos pais para com a sua prole, como naturalmente se observa no caso da natureza terrestre.

As criações dessas divindades normalmente se assemelham ao que na Terra conhecemos como sendo uma espécie de "jardim botânico criatório de muitas espécies da flora e da fauna", apesar de que, "flora" e "fauna" seriam aspectos modestos quando comparados aos indescritíveis reinos que compõem muitas das naturezas planetárias que existem neste e em outros universos.

Normalmente essas criações dimensionais de padrões dependentes têm a serventia, dentre outros objetivos, de ofertar as condições de padrão evolutivo para diversas classes de mônadas espirituais que precisam "edificar em si mesmas" as metas existenciais a que estão destinadas, além de se tornarem "braços de execução" da vontade do ser que as gerou. "Mônada" aqui representa a **vestimenta espiritual básica essencial a qualquer coisa viva, pensante ou não**, que se encontra hoje evoluindo no contexto universal em que vivemos, ou seja, as porções espirituais individualizadas que dão estrutura espiritual aos seres vivos deste universo.

Os seres a princípio programados para existirem num outro padrão de criação que jamais chegou a existir devido à queda da divindade, com o passar do "tempo cósmico" terminaram seguindo rumo diferente do pretendido no

"projeto inicial". Segundo o pouco que se julga saber sobre a **idéia original da divindade criadora**, esses seres não estariam programados para manter a sua vida a custas de outras formas existenciais, o que parece ter ficado somente no campo teórico, pois a "prática" que começou a existir, entre algumas das classes de seres criados, tomou rumo bem diferente.

Constatação

Jamais foi pretendido pelo Senhor Javé, que os seres por ele criados viessem a se "alimentar uns dos outros", nem muito menos das demais componentes de seres vivos pertencentes aos outros reinos de natureza planetária. Alimentar-se-iam, sim, de outros fatores associados ao que conhecemos como água e certos "nutrientes" nela existentes.

O problema é que a criação gerada tomou um rumo problemático afastando-se de qualquer planejamento ou mesmo de parâmetro conhecido, e tudo isso devido ao complicado, porém, inevitável repasse que fez o Senhor Javé aos seres direta ou indiretamente criados a partir do seu "DNA", de uma carga genética adoentada e viciada nas posturas psíquicas de:

1. "se manter vivo a qualquer custo";
2. de "destruir o que tivesse de ser destruído para que novas possibilidades de vida que viabilizassem o progresso pudessem ter lugar";
3. de "possuir seres **trabalhadores obedientes** para atuarem na obra universal";
4. e isso tudo sobre o inevitável tempero de que o "mais forte manda no mais fraco".

Dessa forma, tudo, **absolutamente tudo o que nasceu a partir do DNA (código químico da vida) da divindade decaída já nasceu doente e inclinado aos mesmos vícios** os quais, sob a perspectiva do progresso espiritual, são totalmente inapropriados, atrasados e aberrantes.

Somente para termos idéia da amplitude dos problemas gerados com a criação indevida da divindade adoentada – e o repito, jamais planejada nos

termos em que se deu – os impasses que a mesma criou ainda não foram “nem de longe” resolvidos e estão ainda, muitos deles, **pendentes de “possibilidade de resolução”** nos tempos atuais deste universo em que vivemos.

Tudo o que se **encontra em curso** é a **estratégia desesperada das divindades envolvidas com a questão**, em especial, a de uma delas que é co-criadora por força das circunstâncias do que foi produzido a partir da singularidade ofertada pela divindade adoentada. Dependendo de como seja concluída a estratégia que está em curso – do ser a quem conhecemos como Jesus – é que os demais impasses terão possibilidade de resolução até o fim dos dias deste universo.

Constatação

Quando decaída, sendo obrigada a existir em situação jamais pretendida, a ex-divindade, agora reduzida a um ser cuja estruturação nada tinha a ver com o seu padrão habitual de antes, passou a criar por necessidade psicológica e ímpeto mental sem que, contudo, estivesse apta para tanto. Esta parece ser a triste verdade que se esconde não só por trás da criação deste universo como também em relação a tudo o mais que foi gerado para nele viver.

Na lógica da sua personalidade como o “Senhor Javé”, mero produto das circunstâncias, os **elementos da solidão e da necessidade de apoio psicológico à sua pretensa grandeza** – daí as marcas da doentia veneração existente nas páginas da Bíblia e do Alcorão – foram os **fatores determinantes** em tudo o mais que se seguiu e cujos reflexos até hoje sofrem todos os que são cidadãos deste universo.

Outra questão inquietante é a do Senhor Javé não apresentar mais os “traços” de onisciência e de onipresença – apesar de ter afirmado que era onisciente e onipresente – obrigou-se então a criar, a partir de si mesmo, uma série de gerações de **seres clonados** cuja feição pessoal era a de representar as qualidades e potencialidades do agora “Pai e Senhor Javé”, perante toda a criação.

Devo ressaltar, por força dos fatos, que apesar da afirmação de que o Senhor Javé não mais apresentava os potenciais de onisciência e de onipresença da sua antiga condição de divindade, que sob certa ótica de análise, há um "quê" de razão da sua parte em se auto-afirmar como tal, devido aos aspectos decorrentes da "**dependência holográfica**" constante na sua criação.

Quem melhor nos fornece uma possível pista das onipresença e onisciência do criador é Nelson Vilhena Granado em seu livro "Omniversalis", quando se refere à singularidade emanada pelo criador antes da sua explosão-expansão que daria origem ao universo.

Nessa bolha lacuna (Bubble-gap), a resistência à propagação deinformações é zero e a velocidade das ondas que transportam informações de essências-primordiais é infinita. Desse modo, qualquer dado que tenha origem em um ponto e se desloque em direção a qualquer outro, chega a este no mesmo instante em que saiu da origem, sendo irrelevante distinguir a fonte que originou a informação.

Essa propriedade demonstra a onipresença e onisciência de Deus! O Criador se manifesta em seu corpo essencial – também nos outros planos de manifestação –e seus estímulos percorrem para todas as direções com velocidade infinita, incidindo assim em todos os lugares ao mesmo instante. Mesmo que Deus estivesse localizado em algum ponto, isso seria verdade. Acontece que Ele está em todos os pontos e essa verdade é mais forte ainda!

O fato é que após a sua queda enquanto divindade o Senhor Javé continuou a "sentir-se como tal", enquanto teve forças mentais para tanto, dando livre curso ao seu continuado e problemático ritmo de criação de gerações e mais gerações de seres que dele **herdaram** não só parte de sua herança genial – no campo mental que lhe marca a singular capacidade criadora – mas também **a parte doentia do seu afetado psiquismo**.

Entre os conceitos da biologia, a **autofagia** permite aos organismos manterem-se à custa de si mesmos, pois, quando em períodos de fome ou de estresse extremos as células adotam a radical estratégia de alimentarem-se de si próprias ao longo de um período que lhes é possível assim proceder, na tentativa de se manterem vivas a qualquer custo. Compreendamos ou não, o Senhor Javé ao ser ver sozinho por um "certo tempo", "**alimentou-se energe-**

ticamente de si mesmo", esquecido de tudo o mais, o que lhe provocou uma série de outros problemas vibratórios que o marcam até os dias atuais.

O fator psicológico de "**manter-se vivo a qualquer custo**" foi e é fruto do trauma do Senhor Javé, e além de estar **presente no seu DNA sob a forma de alguns dos genes** ali alocados encontra-se também em todos os **outros "DNAs", por ele ou por sua ordem, semeados nos mundos do seu universo.**

Os seres humanos terráqueos e todas as demais espécies da nossa natureza planetária – por terem sido todas elas geradas a partir da molécula-mãe com a marca do DNA de Javé que foi colocada na Terra há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos atrás – têm como marca dos seus psiquismos este **fator instintivo** de "**sobrevivência a qualquer custo**".

Dessa forma, sozinho, desde que passara a existir no âmbito da sua própria criação, somente podia gerar outros seres a partir de si mesmo, restando-lhe para tanto o procedimento da clonagem do qual ele passou a se utilizar de acordo com a sua "necessidade de momento". Enquanto assim agia não tinha a menor idéia de que, ao levar a cabo a geração de sucessivas gerações de "**corpos clonados**" no âmbito da sua criação, encontrava-se paralelamente em curso, nos **níveis superiores** de existência, um **desesperado e doloroso fluxo de seres divinos** que estavam se obrigando ao sacrifício maior – jamais visto – de **submeterem as suas almas sagradas aos corpos condicionados à vontade doentia do Senhor Javé**.

Foi, portanto, sob um contexto de extrema solidão que a divindade decaída **transformou o segmento mais denso da sua recém-criação** em um grande **laboratório** para a sua mente singular.

Levado por um estranhíssimo conjunto de sentimentos incomuns à condição humana – impossíveis de serem aqui descritos convenientemente – o Senhor Javé motivou-se a criar e o fez ao longo de diversas etapas, cada uma delas **extinguindo um pouco da sua energia pessoal** enquanto ele **somente dispunha do método da clonagem** para tanto.

No princípio de toda essa história – e o mais interessante, como o (a) eventual leitor (a) verá mais adiante, é que esse evento já havia sido revelado a

esta humanidade há muito tempo – o Senhor Javé criou uma geração de seres a qual passou a ser chamada de "**primeira geração divina**".

Esta era e ainda é composta por seres bastante melhorados nas suas formas pessoais de expressão, se levarmos em conta a incômoda e incomum situação do próprio Senhor Javé. Esses seres foram gerados através de um processo especial de **clonagem que se processou a partir do seu "DNA" manipulado pelo seu poder mental indescritível**. A "ordem" vinda da sua vontade é quem definia o "objetivo" e/ou a "função" de cada um dos seres gerados naquele momento singular.

O "espírito do Senhor Javé" ao criar não só aquela como as demais gerações de "seres clonados" e "programados" por sua conveniência que se seguiram, tinha como objetivo principal exatamente o de **ser servido** e de **se fazer representar** em todos os quadrantes da sua criação por aqueles a quem ele até hoje chama de **"primeiros filhos do seu poder divino**".

O interessante é que **nenhum deles detinha algum tipo de primazia sobre os outros**. Cada um tinha e sempre teve a mesmíssima função desde que foi então gerado. Todos eles **obedecem "cegamente" à Javé, até porque não podem ter mesmo outra opção**. E aqui, apenas fazendo um registro, o **Senhor Javé simplesmente não sabe como lidar com alguém que não lhe obedece** e é imprescindível que nos convençamos disso para melhor direcionarmos as nossas atitudes doravante.

"... Porque o Senhor é um Deus imenso, um rei que ultrapassa todos os deuses. Nas suas mãos estão as profundezas da terra, e os cumes das montanhas lhe pertencem. Dele é o mar, ele o criou; assim como a terra firme, obra de suas mãos.

Vinde, inclinemo-nos em adoração, de joelho diante do Senhor que nos criou. Ele é o nosso Deus; nós somos o povo de que ele é o pastor, as ovelhas que as suas mãos conduzem.

Oxalá ouvísseis hoje a sua voz: Não vos torneis endurecidos como em Meribá, como no dia de Massá no deserto, onde vossos pais me provocaram e me tentaram apesar de terem visto as minhas obras.

Durante quarenta anos desgostou-me aquela geração. E eu disse: É um povo de coração desviado, que não conhece os meus desígnios. Por isso, jurei na minha cólera: não hão de entrar no lugar do meu repouso.”

(Salmo 94, 3 - 11).

“Se um homem tiver um filho indócil e rebelde, que não atende às ordens de seu pai nem de sua mãe, permanecendo insensível às suas correções, seu pai e sua mãe tomá-lo-ão e o levarão aos anciãos da cidade, à porta da localidade onde habitam, e lhes dirão: Este nosso filho é indócil e rebelde; não nos ouve, e vive na embriaguez e na dissolução. Então, todos os homens da cidade o apedrejarão até que ele morra. Assim, tirarás o mal do meio de ti, e todo o Israel, ao sabê-lo, será possuído de temor.”

(Deuteronômio 21, 18-21)[3].

Esse aspecto da postura do Senhor Javé referente aos seus desígnios e métodos, que era plenamente percebido e acreditado nos tempos antigos, para as gerações modernas nada tem de crível ou aceitável, a não ser para os que tenham a sua fé pessoal vinculada ao fundamentalismo religioso. Porém, **ele ainda pensa exatamente do mesmo modo** o que, para nós, homens e mulheres deste mundo pós-moderno, é algo totalmente inaceitável e ultrapassado. Essa complexa questão será, contudo, melhor percebida pelos humanos da Terra com o passar dos tempos. Aqui, torna-se, pois, imperioso sempre recordar que **o Senhor Javé não é humano**. O que entendemos por “**condição humana**”, nele e nos “filhos do seu poder” **é somente um dos aspectos que marcam as suas personalidades**.

Constatação

A natureza do ser que se reconstituiu sob a personalidade do Senhor Javé não é humana. Na verdade ela é incompreensível para a lógica terrena.

O aspecto “humano terrestre” que existe na sua exuberante personalidade, como também na dos seus filhos gerados diretamente por ele, é apenas um dos painéis do seu psiquismo pessoal.

A **primeira geração** de seres clonados a partir do DNA do Senhor Javé caracterizou-se, portanto, por **representar**, cada um deles, um dos múltiplos poderes e potencialidades da sua mente.

Parece ter sido somente em número de catorze os primeiros seres gerados pelo Senhor Javé. Se bem entendemos as informações recebidas o próprio criador **resolveu cessar a geração da primeira linhagem** a partir de certo momento em que percebeu que os **seres recém-gerados eram por demais poderosos**.

Apesar de possuírem forma corporal semelhante em linhas gerais, diferenciavam-se por completo no modo de expressão da força pessoal devido à "especialidade genética funcional" herdada da sua vontade. Contudo, independente de quais aspectos os pudessem envolver, **as suas personalidades pessoais (possíveis gostos, preferências, tendências) deixavam de existir quando o Senhor Javé fazia valer a força da sua vontade mental sobre eles**. Quando tal acontecia e ainda acontece, eles simplesmente agem movidos pela vontade imperiosa daquele que os gerou, e o fazem instantânea e automaticamente, como se fossem espécies de "autômatos ou robôs", **sem tempo ou possibilidade para reflexão pessoal se tal fosse possível**.

Em termos de aparência aos olhos humanos e dos valores psicológicos que nos norteiam o modo de expressão, esses seres poderiam ser considerados belos, frios, impávidos, impassíveis, poderosos, totalmente dependentes da química da mente do Senhor Javé, e amorosos de uma maneira totalmente estranha ao modo como na Terra julgamos ser o amor.

Cada um deles, como já dito, **herdou certa dose da potencialidade genial do seu criador**. Assim o Senhor Javé fez para que **nenhum lhe fosse superior ou igual**, além do que, por força da condição do decaimento, ainda que Javé pudesse desejar, ele não teria como se "duplicar" integralmente.

A clonagem era, portanto, o único modo possível de ser por ele utilizado até esta altura dos fatos. Porém, usando as palavras e conceitos da Terra, seria obrigado a dizer que Javé utilizou-se do processo de uma "**clonagem dirigida**", ou seja, com manipulação dos genes para fins específicos.

Esses seres não podem ser considerados **machos ou fêmeas**, pelo simples fato de que essa questão de polaridade **somente passou a existir em etapas posteriores da história deste universo**.

Esses seres são, na sua maioria, desconhecidos para os atuais padrões terrenos e, na atualidade cósmica, todos se encontram algo enfraquecidos, apesar de que continuam atuantes e dependentes do Senhor Javé. Alguns deles, porém, se tornaram conhecidos para os padrões terrenos através das revelações constantes no livro de Enoch e em alguns dos livros que compõem o Antigo e o Novo Testamentos.

Depois disso perguntei ao anjo da paz que estava junto comigo a explicação de todos esses mistérios. Disse-lhe: Quem são aqueles que vi nos quatro lados do Senhor e dos quais ouvi e escrevi as palavras? Ele me respondeu: É (São) Miguel, o anjo clemente e paciente.

A seguir, (São) Rafael, o anjo que preside às dores e aos sofrimentos dos homens. A seguir Gabriel que preside a tudo que é poderoso. Enfim é Phantuel que preside à penitência e à esperança daqueles que devem herdar a vida eterna. Tais são os quatro anjos de Deus altíssimo. Essas são as quatro vozes que acabas de ouvir.

O Livro de Enoch[4].

Foi desse modo que Enoch descreveu alguns dos painéis dos singulares encontros que na sua condição humana ele teve com a hierarquia que assessora o Senhor Javé. É imperioso que recordemos que Enoch foi um dos elos de uma singular corrente de seres humanos apontados na Bíblia como sendo os herdeiros de uma genética extraterrena, surgida do cruzamento de seres de fora (na Bíblia, chamados de "filhos de Deus") com as mulheres terráqueas, como apontado no capítulo 6 do Gênesis, o primeiro livro do Antigo Testamento.

Enoch viveu sessenta e cinco anos, e gerou Matusalém. Após o nascimento de Matusalém, Enoch andou com Deus durante trezentos anos, e gerou filhos e filhas. A duração da vida de Enoch foi de trezentos e sessenta e cinco anos. Enoch andou com Deus, e desapareceu, porque Deus o levou. (Gen 5, 21-24).

(...)

Quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas, e escolheram esposas entre elas. (...) Naquele tempo viviam gigantes na terra, como também daí por diante, quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e elas geravam filhos. Estes são os heróis, tão afamados nos tempos antigos. (Gen 6, 1-4)[5].

Os quatro anjos citados anteriormente aqui são chamados como alguns dos seres da primeira geração de clones do Senhor Javé. Coloquei entre parêntesis a expressão "São" (Santo) posta antes dos nomes de alguns dos anjos exatamente com o objetivo de chamar a atenção do eventual leitor destas páginas para que seja percebido que os tradutores posteriores dos livros da antiguidade foram introduzindo nas narrativas os valores comuns às suas óticas religiosas. Afinal, seres desse naipe são muito mais evoluídos que a condição humana. São amorosos, honestos, desconhecem a "maldade", mas não agem sob a perspectiva da lógica humana pelo simples fato de que, como já afirmado, eles não são humanos. Contudo, aos olhos terrenos, as suas atitudes (motivadas ou não pela vontade de Javé) podem ser difíceis de serem aceitas como amorosas fraternais ou mesmo justas. Observemos o exemplo abaixo.

Nos tempos de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote por nome Zacarias, da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus e observavam irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor. Mas não tinham filho, porque Isabel era estéril, e ambos de idade avançada.

Ora, exercendo Zacarias diante de Deus as funções de sacerdote, na ordem da sua classe, coube-lhe por sorte, segundo o costume em uso entre os sacerdotes, entrar no santuário do Senhor e aí oferecer o perfume. Todo o povo estava de fora, à hora da oferenda do perfume. Apareceu-lhe então um anjo do Senhor, em pé, à direita do altar do perfume. Vendo-o, Zacarias ficou perturbado, e o temor assaltou-o.

Mas o anjo disse-lhe: "Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração: Isabel, tua mulher, dar-te-á um filho, e chamá-lo-ás João. Ele será para ti motivo de gozo e alegria, e muitos se alegrarão com o seu nascimento; porque será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem cerveja, e desde o ventre de sua mãe

será cheio do Espírito Santo; ele converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus; e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias para reconduzir os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto."

Zacarias perguntou ao anjo: "Donde terei certeza disso? Pois sou velho, e minha mulher é de idade avançada."

O anjo respondeu-lhe: "Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te trazer esta feliz nova. Eis que ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas acontecerem, visto que não deste crédito às minhas palavras, que se hão de cumprir a seu tempo."

No entanto, o povo estava esperando Zacarias; e admirava-se de ele se demorar tanto tempo no santuário. Ao sair, não lhes podia falar, e compreenderam que tivera no santuário uma visão. Ele lhes explicava isto por acenos, e permaneceu mudo.

Decorridos os dias do seu ministério, retirou-se para sua casa. Algum tempo depois Isabel, sua mulher, concebeu; e por cinco meses se ocultava, dizendo: "Eis a graça que o Senhor me fez, quando lançou os olhos sobre mim para tirar o meu opróbrio dentre os homens."

(...)

Completando-se para Isabel o tempo de dar à luz, teve um filho. Os seus vizinhos e parentes souberam que o Senhor lhe manifestara a sua misericórdia, e congratulavam-se com ela.

No oitavo dia, foram circuncidar o menino e o queriam chamar pelo nome de seu pai, Zacarias. Mas sua mãe interveio: "Não, disse ela, ele se chamará João." Replicaram-lhe: "Não há ninguém na tua família que se chame por este nome." E perguntavam por acenos ao seu pai como queria que se chamasse. Ele, pedindo uma tabuinha, escreveu nelas as palavras: "João é o seu nome." Todos ficaram pasmados. E logo se lhe abriu a boca e soltou-lhe a língua e ele falou, bendizendo a Deus.

O temor apoderou-se de todos os seus vizinhos; o fato divulgou-se por todas as montanhas da Judéia. Todos os que o ouviam, conservaram-no no coração, dizendo: "Que será este menino?" porque a mão do Senhor estava com ele.

(Lucas 1, 5-25; 57-66[6]).

Sob a perspectiva terrestre, a questão é: que mal pode existir na atitude de um homem já avançado em idade, casado com uma mulher também já idosa, desconfiar que pode existir algum equívoco na notícia de que vai ser pai naquelas condições? Que pecado ele cometeu para que "alguém", com poderes além da condição humana, sinta-se no direito de violentar um mero mortal, deixando-o mudo pelo tempo que houve por bem fazê-lo? Que aspecto educativo dos anjos para com os humanos pode existir numa atitude desse naipe? Alguém, realmente evoluído, age dessa maneira? Eis a questão!

Pelo que penso ter aprendido com os mestres e com as suas doutrinas que balizam a minha existência, **qualquer forma de violência e de imposição é necessariamente sinal de fragilidade no campo do progresso espiritual**. Miserável e pequeno que sou, esforço-me por jamais me permitir impor o que quer que seja ou agredir seja a quem for ao meu redor. Ainda assim, pergunto-me como é possível um "anjo do Senhor" agir de forma tão abusiva e violenta por um motivo desse naipe. Isso porque Zacarias era um homem de bem e tido como justo pelo próprio Senhor Javé, tanto que havia sido escolhido para ser o pai do grande profeta João, o Batista, precursor de Jesus. Como e por que um "anjo" agia de forma tão "estúpida" (perdoem-me a expressão, mas é exatamente esta a que sempre usei e uso nas minhas reflexões sobre a questão) com um cidadão terráqueo?

O aspecto mais constrangedor é perceber que o próprio Senhor Javé agiu de modo muito mais violento ainda para com esta humanidade, conforme descrito na Bíblia quando, por exemplo, no livro Gênesis, "mandou Abraão matar seu próprio filho" apenas para testar a sua fé e somente o impedindo no momento em que ele ia consumar o absurdo e criminoso sacrifício humano. Como podem seres pretensamente mais evoluídos do que os miseráveis seres humanos terráqueos agirem como nem mesmo boa parte dos "miseráveis terráqueos" (os mais esclarecidos) agiria de tal modo com os seus semelhantes?

O mais estranho é que as notícias que existem na Bíblia sobre as atitudes do Senhor Javé teriam sido reveladas por ele mesmo a Moisés, através dos seus anjos, o que implica em que **ele não se poupou diante da "opinião pública terrena"**. Muito pelo contrário, **fez absoluta questão de se mostrar como era e é.**

Esta tese se apóia na crença dos judeus que acreditam que foi o próprio Javé quem entregou a Moisés os primeiros cinco livros do Antigo Testamento (a Torah) que contam os exageros do próprio Senhor Javé. E pelo que se percebe de Gabriel, ao tempo do nascimento de Jesus, parece que os seus anjos também agem do mesmo modo, ou então essa simplesmente é a maneira deles agirem, gostem ou não os humanos da Terra.

Confesso que, por força dessas minhas opiniões a respeito das atitudes do Senhor Javé e dos seus anjos, jamais levei a sério a possibilidade de que "alguém" que age como nem os seres humanos da Terra (os mais esclarecidos, repito) agiriam, pudesse ser o criador deste universo ou a quem se pudesse creditar a possibilidade de ser "deus".

Para minha desagradável surpresa, quando fui levado por esses "anjos" a pensar que estava agindo sob a égide do amor do Mestre Jesus, no anúncio do seu tão aguardado retorno – processo que eles iniciaram no ano de 1999 e o concluíram em 2006 – é que, em sendo depois abertamente contatado por eles, fui informado que os mesmos haviam, vamos dizer, **subordinado as suas estratégias aos fins**. Em outras palavras, haviam faltado com a verdade para me levar a fazer o que eles gostariam ou necessitariam que alguém na Terra o fizesse, para que os desígnios do Senhor Javé fossem cumpridos, a fim de que também se cumprissem as escrituras – no caso específico, o capítulo 11 do Apocalipse, como já explicado no livro "A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta de Jesus"[7].

Não tenho como revelar o que esses seres fizeram para me "convencer" a atender as suas orientações, pois simplesmente não seria compreendido além de ser também estéril em termos de aprendizagem.

Diante dos fatos, pude perceber por mim mesmo – ainda que ninguém mais neste mundo saiba – que estava lidando com os mesmos tais "anjos" do

Senhor Javé, que se **utilizavam dos mesmíssimos métodos de outrora para com os humanos da Terra**. Só que os anjos atuais apresentavam-se claramente (aqui não falo de mediunidade) como os seres que na Terra são tidos como "extraterrestres" com os seus típicos meios de transporte.

A estupefação não teve limites quando percebi que era o próprio Senhor Javé, com todo o seu poderio pessoal e assessoria celestial, que tempos depois se apresentava assumindo-se como o responsável direto por toda aquela situação, aos meus olhos, degradante, indigna de qualquer ser que respeitasse a si mesmo – isso pensava com a minha ótica terrena. Mas eis a questão a qual já me referi: nem Javé, nem muito menos os seus filhos-assessores são humanos. Eles agem do modo que aparentemente nos é estranho, por força da natureza que os marca e que nada tem de humana.

Constatação

Devemos entender que o que hoje conhecemos como sendo a nossa "condição humana" parece representar – por mais incrível que isso nos possa parecer – um "desdobramento melhorado (no sentido da moral), porém, diminuído (no sentido do potencial intelectual)" da natureza que marca os filhos-assessores e, em especial, a do Senhor Javé.

O fato é que muitas outras perguntas poderiam ser feitas sobre os diversos aspectos da questão. Contudo, o meu único objetivo em reproduzir essa passagem do evangelho de Lucas, é o de tentar demonstrar o "meu espanto inicial" e o **modo inegavelmente "estranho" com que o Senhor Javé e os seus assessores tratam esta humanidade**. Porém, eis o problema e novamente o cito: apesar de aparentemente mais evoluídos que os humanos da Terra, a lógica deles não é humana e, para nós, torna-se incompreensível, isso num aspecto generoso de análise. A outra opção é simplesmente refletir que eles, por diferentes que possam ser em relação à lógica humana, ainda que possuam a forma humanóide e estejam mais adiantados que esta humanidade em termos mentais e tecnológicos, **parecem incompletos e/ou apresentam fragilidades no campo do que entendemos como moral e virtude**.

Pelo que pude e posso compreender das minhas vivências – e posso sempre estar equivocado – penso que eles, os filhos de Javé da primeira linhagem, realmente não conhecem o que entendemos por maldade, apesar das atitudes frias e objetivas. Pena que não tenham um mínimo de **bom humor.** Essa "**riqueza psicológica**" parece ser conquista dos "miseráveis terráqueos", sob a perspectiva de quem nos olha lá de fora. Afinal, como já apontava o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues, "a imaginação consola os homens sobre o que não podem ser. O humor o consola sobre o que são".

Assim, os chamados "anjos do Senhor", Miguel, Rafael, Gabriel e Phantuel, como também Uriel, todos citados no Livro de Enoch, são seres pertencentes à primeira geração advinda da genética do Senhor Javé.

Devo ressaltar que, quando da arquitetura das páginas do já citado livro "A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus", ao longo do ano de 2005, fui surpreendido pela presença de um ser que se apresentou como Aya Fa Yel (Rafael), informando-me que havia recebido a incumbência de ser um dos autores do livro que deveria ser então produzido com o meu concurso terreno. Apresentou-se também como "assessor do Mestre Jesus" e um "irmão menor" de Ya Yevh (Javé), além de afirmar pertencer a uma "família especial" de seres na qual ainda se podiam contar os seres Aya Ma Yel (Miguel), Aya Gra Yel (Gabriel), dentre outros.

O interessante é que, provavelmente por força das vibrações modestas do meu espírito em relação à figura de Javé, referente a vidas passadas, e sabedor de que, a cada vez que os meus olhos passaram à vista sobre o Senhor Javé, quando dos meus estudos bíblicos, mais e mais se acumulava no meu psiquismo humano uma certa crítica perene quanto à conduta do "deus dos judeus", aqueles seres obviamente já haviam identificado as minhas reservas em relação à Javé.

Devo ainda ressaltar que, até então, como já dito anteriormente, jamais havia aceitado que alguém que agisse da forma como Javé agia, poderia ser considerado Deus e, mais ainda, criador deste universo. Isso mais uma vez o repito, pois, segundo os tais anjos, teria sido esse um dos motivos que os obrigaram a agir do modo como o fizeram.

Obviamente, se na época eu soubesse que o ser chamado de Rafael era um assessor do Senhor Javé, muito provavelmente não teria concordado em servir como instrumento terreno para o intuito pretendido.

Até os dias em que escrevo o presente livro, não sei se me enganei no meu entendimento sobre Rafael ou se fui propositadamente levado ao engano para poder produzir o livro. Na verdade, isso não tem a menor importância, a não ser o fato de que esses seres, em outras oportunidades, em relação às quais já não posso mais associar o benefício da dúvida, agiram de modo a subordinar as suas estratégias aos fins, sem maiores preocupações com o que na Terra costumamos chamar de **ética**, o que considero lamentável. Eles, porém, simplesmente afirmam e reafirmam que a sua lógica não é humana, além do que existem objetivos mais importantes e urgentes a serem atendidos pela sua atenção do que a preocupação com as minhas conveniências terrenas, as quais, realmente, em nada importam. Contudo, obrigo-me a fazer o presente registro para reflexão do (a) eventual leitor (a) destas páginas.

Os **seres clonados da segunda geração** se caracterizaram por exercerem as funções de **arquitetos criadores e de administradores de realidades locais**. Ao longo da história, para tristeza, incompreensão e fúria do Senhor Javé, **esses seres se deformaram por completo e provocaram problemas de diversas ordens** cujas consequências perduram até os dias atuais.

Muito "tempo cósmico" – sempre sob a perspectiva da lógica terrena – após o **surgimento de problemas entre os seres** gerados pelo Senhor Javé, este, sem atinar com a devida compreensão relativa ao porque dos tais problemas, o agora **não-mais solitário criador** deste universo procurava refletir sobre os últimos acontecimentos, para ele inesperados e improcedentes. O "não-mais solitário" é apenas uma força de expressão porque até os tempos atuais, cerca de 13,7 bilhões de anos desde o início dos tempos deste universo, **Javé é o mais solitário dos seres** por força das circunstâncias que o envolvem e da sua postura inflexível.

Não poderei retratar aqui as ocorrências singulares envolvendo alguns dos **clones do Senhor Javé que fugiram ao seu controle** e, sinceramente, nem o sei se ao tempo desta vida me será possível isso realizar ou mesmo se caberá a outros instrumentos terrenos fazerem. São, porém, questões muito

problemáticas de serem reproduzidas porque na sua essência pouco ou nada têm a ver com a lógica humana, apesar de que seus efeitos até hoje pesam na relação do Senhor Javé com esta humanidade planetária.

Apenas a título de exemplo do que acima foi afirmado, reproduzo outra passagem do Livro de Enoch em que "algo aparentemente incompreensível" para o entendimento terreno é ali informado.

... Então ouvi a voz daqueles que estavam nos quatro cantos, celebravam o Senhor de toda glória.

A primeira voz celebrava o Senhor dos espíritos em todos os séculos.

A segunda voz que eu ouvi celebrava o eleito e os eleitos que são atormentados pelo Senhor dos espíritos.

A terceira voz que eu ouvi suplicava e orava por aqueles que estão na terra e que invocam o Senhor dos Espíritos.

A quarta voz que eu ouvi repelia os anjos ímpios e impedia que se apresentassem diante do Senhor dos espíritos a fim de que suscitassem acusações contra os habitantes da terra.

O Livro de Enoch[8].

Observemos que "o Senhor de toda glória e dos espíritos" a quem Enoch se refere é o Senhor Javé. O "eleito" e os "eleitos" a quem Enoch se refere são aquele que ainda iria nascer na Terra como Jesus e os demais que iriam ser por ele influenciados com a sua doutrina revolucionária sob a perspectiva amorosa.

O interessante e aparentemente incompreensível é que Enoch diz que "*A segunda voz que eu ouvi* ***celebrava o eleito e os eleitos que são atormentados pelo Senhor dos espíritos***." (grifo do autor). Em outras palavras, o Senhor Javé **atormenta** aquele que ele havia escolhido como sendo o **eleito** entre os seus "**filhos do poder**" para conduzir o "interminável problema" de "anjos rebeldes" e "populações planetárias enlouquecidas além de também rebeldes em relação aos seus desígnios". Além de atormentar o seu próprio **eleito,** o Senhor Javé, já naquele tempo, cerca de três milênios antes do tempo do nascimento de Jesus, atormentava também, com suas imposições, alguns dos que desde então eram

tidos como "seguidores" daquele considerado como **eleito** e que também nasceriam na Terra, dentro do programa encarnatório em torno da sua missão.

Por que o Senhor Javé escolheu dentre os seres gerados por ele exatamente o eleito e por que ele **já o atormentava** são respostas que somente poderão ser ofertadas ao longo de alguns trabalhos específicos por força da complexidade do tema. Neste presente trabalho pouco irei me referir a esta questão até porque a "história" de como aquela **divindade se permitiu "nascer para o contexto de Javé"** submetendo a sua alma divina a um dos corpos clonados pela vontade do Senhor Javé é tema por demais complexo que necessita de abordagem específica e, enquanto produzo estas páginas, ainda não fui informado se deverei ser o instrumento terreno a tratar da questão.

Retomando agora as etapas das gerações dos seres clonados, ressalto novamente que a expressão "não-mais solitário Senhor Javé", utilizada anteriormente, refere-se ao fato de que realmente existiam, como ainda existem, uma quantidade considerável de seres que convivem diretamente com o Senhor Javé. Porém, é imperioso que seja novamente ressaltado que todos esses seres são invariavelmente **dominados pela mente do Senhor Javé, o que implica em que prevalece sempre os seus pensamentos e a sua vontade**. Ou seja, **não há contraditório jamais junto ao Senhor Javé, o que é outra forma de solidão** que somente está sendo por ele percebida nos tempos atuais desta aventura universal. Mais à frente voltarei a tratar do assunto.

Movido, então, pelas circunstâncias dos problemas que o levaram a acessos de cólera e de outros temperos não-humanos, o Senhor Javé atravessou um período no qual refletiu com muita propriedade, a seu modo, sobre as questões em curso, o que criou temporariamente no seu psiquismo novas disposições mentais vinculadas ao aspecto belo daquilo que entendemos por "sabedoria" e "amor".

Decidiu, então, gerar mais alguns seres clonados a partir de si mesmo, dirigindo agora o seu comando genético-mental na urdidura de cada ser, vibrando com os sentimentos mais nobres possíveis de serem elaborados por alguém nas suas circunstâncias. Foram criados exatamente sete seres naquela geração especial o que permitiu ao Mais Alto "enviar" sete almas divinizadas que "foram para o sacrifício amoroso" e se submeteram aos corpos gerados por

Javé e aos seus ditames. Muito tempo depois, já no contexto do conhecimento terreno, uma daquelas divindades seria conhecida pelo nome de Jesus.

Tempos depois, na medida em que diversas realidades planetárias continuavam a ser criadas, com as suas naturezas locais, o Senhor Javé viu-se obrigado a criar uma geração particular de seres com vistas as gestões locais. Estas envolviam a administração dos padrões dependentes presentes nessas naturezas, cujas mentes eram, com ainda o são, especializadas na sustentação e administração dos chamados **campos morfogenéticos**[9] que estão por trás da evolução de cada espécie existente no universo. Ressalto que esse assunto será desenvolvido mais adiante.

Não foram somente essas as gerações advindas diretamente da vontade do Senhor Javé. Algumas poucas mais foram ainda urdidas pela sua mente magnífica. Ele as deixou de produzir quando outras gerações foram arquitetadas – agora não mais criadas diretamente por Javé, mas sim pelos seres por eles criados nas sucessivas gerações – e estas, tempos mais tarde, viriam a edificar um quadro existencial complicadíssimo de ser administrado pelo Senhor Javé e por seus "filhos do poder divino".

Constatação

Os seres criados diretamente pela vontade do Senhor Javé são considerados como pertencentes à primeira linhagem dos filhos do poder divino. Algumas classes de seres desta primeira linhagem, por sua vez, passaram também a criar outras populações que são consideradas como de segunda linhagem.

Dentre essas gerações que detêm por herança indireta o "DNA do Senhor Javé", consideradas **de "segunda linhagem divina",** as que mais têm relação com a atual situação da galáxia a que pertencemos e, mais especificamente, com os fatos que hoje nos marcam a existência na Terra, podemos citar:

1. Os seres de **primeira geração da segunda linhagem,** que gerados pelos clones do Senhor Javé. Esses seres foram, mais tarde, os responsáveis pelas rebeliões mais complicadas contra o poder dita-

torial do Senhor Javé. Aquele que ficou conhecido na Terra como sendo Lúcifer, o anjo rebelde, aqui se enquadra já que ele foi gerado por um dos herdeiros direto do Senhor Javé. Esse ser, desconhecido para os padrões terrestres, criou um núcleo, em tempos idos, cujos membros passaram a ser chamados como sendo os "**puros de Javé**". Este assunto é tão sério e complexo que a doença "nazista" surgida mais tarde no psiquismo humano terráqueo é uma degenerescência dessa questão.

2. Os seres de **segunda geração da segunda linhagem** que foram gerados pelos seres predecessores da primeira geração da segunda linhagem. Foi nesse ponto que o processo de **geração por clonagem deixou de ser o único modo de gerar seres** pelo universo afora. Nessa altura dos fatos, muitos **seres evolutivos**, cujos espíritos foram se submetendo aos corpos das naturezas planetárias criadas não só pelo próprio Senhor Javé como também por aquelas edificadas por muitos dos seus "filhos do poder divino", já participavam ativamente da vida universal. A diferença entre estes últimos e os "clones do Senhor Javé" – independente do grau e do tipo de clonagem a que possam pertencer – é que os "**evolutivos**" **podem evoluir**, enquanto os "**clonados**" **normalmente não o conseguem fazer**, a não ser em raras exceções verificadas até os tempos atuais.

Em outras palavras, o que estou aqui afirmando é que a diferença básica entre os seres gerados por clonagem (filhos diletos de Javé ou filhos do poder divino de Javé ou ainda filhos da primeira linhagem divina – assim são conhecidos nos anais celestiais) e aqueles gerados por reprodução sexual ou outra combinação de genes, reside no fato de que estes últimos permitem que os seus **espíritos imantados nos seus corpos transitórios possam naturalmente evoluir**. **No caso da clonagem, apesar de possível, dificilmente o podem fazer** ou, pelo menos, é um processo muito mais difícil e complexo de ser realizado pela "individualidade espiritual" submetida a um corpo programado para ser dependente da mente do seu criador. Este é um dos aspectos cruciais da presente revelação e que é base para muitos dos esclarecimentos que ainda virão.

Na natureza terrestre podemos observar um fenômeno comportamental que tem tudo a ver com a questão "**Javé, os seus clones e os padrões dependentes**", que se expressa na atitude individual e coletiva dos membros de um grupo. Aqui me refiro à "**compulsão coletiva**" que marca o comportamento de cardumes de pequenos peixes e bando de pássaros que parecem se movimentar sob a égide de uma "mente grupal-coletiva", e é simplesmente curioso observar quando todos do grupo mudam de direção em um dado momento. É a metáfora mais adequada que posso conceber sobre o Senhor Javé e os seus níveis hierárquicos considerados "puros". É nesses termos que eles normalmente agem e convivem, o que é algo "chocante" para o nosso entendimento.

Isso, porque, para uma divindade especialista na geração de padrões dependentes – como era o caso do Senhor Javé antes do decaimento – a **harmonia da criação** a ser gerada é sempre o objetivo último a ser atingido e, para tanto, a movimentação em grupo, visto aqui como um só organismo, mais facilmente conduziria a esse estágio. A questão é: o que ocorre quando o grupo enlouquece ou adoece? Eis uma parte do drama aqui abordado.

Imaginemos, agora, que um dos peixes ou um dos pássaros do exemplo resolva "**seguir rumo diferente**" dos demais, seja para "pior ou melhor". Como ele poderá realizar tal intento se a sua genética corporal é exatamente igual aos demais?

Como dito anteriormente, para os seres "clonados", aos nossos olhos seria praticamente **impossível a auto-afirmação individual** num contexto como esse. Contudo, se existem os corpos cujas condições genéticas e disposições psicológicas são controladas pelo ser que se pretende deus, existe também o aspecto de que as almas que os animam são individualidades espirituais distintas que se deixaram investir pelos corpos em tudo semelhantes e gerados a partir da vontade do Senhor Javé. Com o tempo e o enfraquecimento da condição corporal, associado ao poder espiritual (marco evolutivo de cada ser) pessoal de cada individualidade, é possível o "**despertar espiritual**" ainda que na condição de subordinação a um corpo com essas características. **E isso aconteceu, felizmente, e neste caso para melhor, com alguns poucos dos "fi-**

lhos de Javé". Contudo, torna-se imperioso que reflitamos mais sobre a questão da "harmonia" para que possamos perceber alguns aspectos complementares.

Tudo no universo parece revelar que, em cada **semente** surgida pela "aglutinação" das micro-partículas – o termo é impróprio, mas é o que mais se aproxima do sentido pretendido – formadoras da realidade material na qual estamos inseridos por meio da prisão dos nossos espíritos ao corpo animal transitório, parece residir uma "**intenção-programa**". Esta aparente destinação programada a partir da mente criadora que a tudo tenta comandar, torna tendente àquela partícula associar-se com outras visando uma "harmonia final" em determinado nível de consecução do que foi gerado.

Em âmbito maior, observemos agora a tendência sempre presente na tentativa da construção do **ritmo comum** em um bando de pássaros, em cardumes de peixes, como já citados, ou mesmo numa banda de *jazz,* cujos membros, ao moverem-se como uma só unidade, tornam-se uma única "força", na medida em que predizem os movimentos e a tonalidade "a seguir", sempre na busca da construção da harmonia. O que aqui se ressalta é que o grupo, na busca da harmonia, mais se parece com um único organismo, transcendendo o amontoado de elementos individuais.

Observemos ainda que o **ritmo comum** tanto num bando de pássaros como num cardume de peixes aponta sempre para os aspectos de "direção", "modo de existir ou de ser" ou mesmo "modo de sobreviver", sempre na construção da harmonia. Quanto à banda de *jazz*, permaneçamos em mente apenas com o sentido de "direção" na busca da harmonia.

Se bem observarmos a harmonia do universo como sendo o pretendido objetivo final é necessário, portanto, que a direção dos esforços seja constantemente no sentido da harmonia aumentar, sempre. Contudo, existe uma força oposta à "harmonização do todo", que é aquela que a física chama de **entropia**, que é exatamente a segunda lei da termodinâmica. Segundo esta lei, o que tem se desenvolvido no universo, na medida em que o "tempo" passa, não é a harmonia, a estrutura, a diferenciação e nem muito menos a ordem, mas sim, o seu oposto, que é a desordem, o caos. Observe bem o leitor (a) esse fato!

Assim, de acordo com os postulados da entropia, o caos deverá ser o estado final para o qual se dirige o nosso universo, para a sua desintegração no menor estado possível de energia, para sua "morte calórica" e o mergulho no "caldo calórico indiferenciado", como apontam alguns autores. Porém, há nessa questão um aspecto crucial, como aponta Berendt no seu livro *Nada Brahma:*

"Com freqüência cada vez maior, a ciência tem se confrontado com a seguinte questão: se a entropia cresce de forma tão irresistível, o estado de caos final já não deveria ter sido atingido? Sim, consoante diversas metodologias, torna-se claro que ***o caos já devia ter sido alcançado há milhões de anos.***"[10] (grifo meu).

"Por que não o foi?", pergunto-me sempre que penso sobre o assunto, em âmbito menor e obviamente inapropriado, ao observar a "compulsão coletiva" de grupos de seres humanos para a cretinice, como se esforçando com o intuito de inviabilizar a vida no nosso planeta, sempre em nome de estultices de toda ordem.

O assunto é tão sério que muitos cientistas no campo da biologia, afirma Berendt, já se tornaram **oponentes declarados da segunda lei da termodinâmica**, pois é simplesmente impraticável unir o reconhecimento do evolucionismo, que se sustenta no fato da vida existir em constante processo de diferenciação, de um lado, e a entropia, de outro, que determinaria exatamente o contrário.

Aqui importa ainda ressaltar que, por esse e ouros aspectos, para grupos de físicos norte-americanos de Princeton e Pasadena, a **negentropia** tem um papel importante. Como já ressaltado, entropia significa desintegração e diferenciação; negentropia, porém, significa "entropia negativa", que é uma força contrária à entropia. Isso significa um processo de ordem crescente e de diferenciação, *"um desenvolvimento constante não só da vida como também do universo inteiro, tanto no microcosmo como do macrocosmo"*, como nos esclarece Berendt.

O fato é que todas essas "**forças**" descortinadas pela ciência da humanidade terrestre, penso que representam apenas e tão somente as "**vontades e desejos**", expressados pelos "**impulsos incontroláveis**" **de uma divindade em desequilibro**, numa primeira instância, e em outra, pelos mesmos "impulsos

incontroláveis", só que agora de um ser cuja força mental já não expressa a sua potencialidade de "divindade caída", mas que ainda pensa como tal. Complicando a questão, a essa "força" outras tantas mentes e vontades de seres programados para refletir o que "recebem" do Senhor Javé se associam, num processo aparentemente inevitável rumo ao caos, no que são secundados, no caso terrestre, pela compulsão nervosa dos fanáticos, dos inflexíveis, dos pretensos "donos da verdade", enfim, dos que enfeiam a vida com as suas atitudes doentias e cretinices de toda ordem.

A "poluição mental", advinda da sujeira das atitudes, dos pensamentos e dos sentimentos dos seres de um determinado nível vibratório **marca-se indelevelmente** no "astral do ambiente" além de no "astral-espiritual dos próprios autores". Sob essa perspectiva, imaginemos qual é o estado dos níveis espirituais e astrais adjacentes ao universo físico aonde se congregam as individualidades espirituais perturbadas e necessitadas, como também em que nível se encontra o estado, sob uma ótica mais ampla, do "astral deste universo". Somente "imaginemos" porque, a quem interessar possa, o tema será aprofundado no livro "o Drama Espiritual de Javé".

Penso que, apesar de aparentemente invisível, existe uma "**força do bem**" vinculada á beleza e ao amor universal, que trabalha incessantemente no mister amoroso, harmonia maior que haverá de levar a bom termo a condução do universo em que vivemos, apesar do caos aparente. Nesse sentido, parafraseando Exupery[11] penso que o "essencial continua invisível os olhos" desta humanidade, e tão dramática é a situação que nem mesmo as leis da ciência terrena podem absorver todos os aspectos da questão.

A título de informação, existe uma multiplicidade tão ampla de classes de clones do Senhor Javé que penso jamais esta humanidade poderá um dia fazer uma idéia precisa dessa complexidade. Além deles, também se fazem presentes no nosso universo **inúmeras civilizações extraterrenas que já conseguiram superar todas as dificuldades pertinentes ao problema referente ao "Senhor Javé e assessores"**, e que trabalham construtivamente para o progresso de todos. Há ainda outra gama de civilizações cósmicas que já "entram e saem" deste universo, equilibrando aspectos de um trabalho de "limpeza astral" e de edificação de estruturas espirituais e astrais que possam permitir,

no futuro, que este universo possa "harmonicamente" ter o seu fim sem que permaneçam os impasses nos seus níveis espirituais adjacentes, colecionados ao longo da sua evolução. Enfim, há toda uma sorte de "esforços existenciais" em curso de progresso que os habitantes da Terra encontram-se ainda longe de poderem ser claramente informados a respeito, mas tudo isso com vistas á construção da necessária e verdadeira harmonia do belo e do amor, forças maiores a estruturar a existência cósmica e eterna de tudo o que existe.

Apenas a título de conclusão do presente capítulo, quanto às diversas e sucessivas gerações de seres em evolução que passaram a acontecer no seu universo que respondem hoje pelas "civilizações extraterrestres evoluídas", Javé jamais as quis ou as desejou, apenas teve que se acostumar com elas, pois que as mesmas foram sendo edificadas nos diversos planetas administrados pelos seus filhos co-criadores de realidades locais.

Se **dependesse apenas do Senhor Javé** somente os seres não-pensantes e dependentes da sua vontade teriam lugar nas muitas realidades da sua criação. Na verdade, ele passou a se acostumar e a concordar com as diversas civilizações que foram acontecendo aqui e acolá por começar a perceber que algo de muito errado estava acontecendo com os "filhos puros" advindos da sua condição pessoal de divindade.

Por trás de toda essa história o que estava – e sempre esteve – de fato acontecendo com o surgimento dessas civilizações evolutivas na criação do Senhor Javé, era e ainda é a estratégia do Mais Alto, como forma de **redenção** coletiva de toda uma plêiade de divindades, de todos os espíritos envolvidos nessa aventura cósmica e, em especial, a do próprio Senhor Javé, ainda que disso, somente agora, parece que ele está começando a ter a devida consciência dos fatos que o envolvem. A "volta de Jesus" ao contexto terrestre, cercada pela glória do Senhor Javé, é o **ponto culminante dessa "tomada de consciência" de sua parte**, apesar de que o significado profundo da intenção de Jesus somente será compreendido pelas gerações futuras terráqueas. O fato é que o Senhor Javé que jamais pretendeu ou consentiu em "dividir o comando", finalmente agora o faz pelo bem da necessidade de todos, em especial, pelo seu próprio bem.

Emissários da Espiritualidade Maior.

"Hey you, don´t tell me there´s no hope at all,

Together we stand, divided we fall."

(Roger Waters)[1].

Fui solicitado a revelar o que fosse possível, conforme meu critério e discernimento, da minha impressão acerca da jamais pretendida vivência com as desagradáveis tempestades que repentinamente invadiram a minha vida por força da "convivência" com o Senhor Javé e com alguns dos que o assessoram. Desde que resolvi atender a essa solicitação sempre me vem à mente que eu posso estar transmitindo às pessoas a sensação de que não há esperança de irmos a lugar algum enquanto o Senhor Javé estiver à frente desta aventura universal.

Enquanto escrevia o que até agora foi exposto, de vez em quando povoava o meu psiquismo uma música da notável banda Pink Floyd[1], chamada "Hey You", provavelmente porque, no seu verso final, reproduzido acima, diz, em tradução livre e adaptada: "hey, você, não diga que não há mais esperança; juntos nós podemos suportar, divididos cairemos". Acreditem-me: tenho toda a esperança que couber neste universo de que chegaremos a bom termo, em especial por força da atuação de muitas divindades envolvidas com a questão, notadamente Jesus e Sai Baba, dentre outras. Além deles, existe também o esforço concentrado de alguns dos assessores do Senhor Javé que conseguiram

superar as limitações impostas por força da clonagem e que agora o influenciam dentro da "**conspiração amorosa**" que o envolve.

Constatação

Sim! Há uma conspiração amorosa em torno do Senhor Javé que o envolve e que, doravante, o sustentará na direção do alinhamento necessário à resolução dos problemas há muito acumulados. Essa conspiração amorosa demorou bilhões de anos – contados no tempo terrestre – para ser arquitetada pelo Mais Alto através do sacrifício dos seus pares.

Feito o registro vamos adiante com a nossa tentativa de descerrar o véu em torno do Senhor Javé e de alguns dos mistérios que o cercam. Vamos, pois, retomar, a linha mestra da nossa abordagem situando-a na **lógica espiritual** dos seres que "lá de fora" observavam e refletiam sobre o **dilema** em curso com a criação indesejável agora em plena expansão.

Observando o contexto das dimensões existenciais criadas pela divindade problemática tudo o que os incontáveis seres espirituais que estavam situados "fora" do problema podiam fazer era aguardar o momento de serem úteis e nada mais. Ao mesmo tempo em que era estudada a questão de "como ser útil" numa empreitada algo enlouquecida em relação a qual mal se podia vislumbrar, mesmo na perspectiva desses seres evoluídos, um final razoável.

Quando o Senhor Javé começou a criar as suas gerações de "filhos puros" muitos desses seres espiritualizados, relacionados diretamente ou não com a divindade caída, foram se auto-escalando para o **sacrifício inevitável**, que era – como anteriormente explicado – o de submeter os seus espíritos a corpos gerados a partir da clonagem das "células mentais do Senhor Javé". O escandaloso era que isso os **impediria de ter "personalidade própria"**, o que era algo impensável até então, "desde que a eternidade existe" – desculpem a forma de expressão, mas não há vocábulos adequados para expressar a idéia.

Para aqueles seres, submeterem-se ao "impensável" não era lá uma atitude muito refletida: **os fatos criados pela divindade caída simplesmente ditaram os acontecimentos** para eles. Na medida em que o Senhor Javé co-

meçou a criar as gerações de clones, assim que ele as criava, instantaneamente esses espíritos se permitiam passar por um processo extremamente doloroso de adequação a uma situação "degradada" e "degradante". Isso porque, a partir de então, seus **espíritos permaneceriam impassíveis e inertes**, sofrendo em si mesmos o produto da convivência da obediência inexorável aos ditames da mente do Senhor Javé, sem nenhuma outra possibilidade, a não ser o de cumprir as suas determinações. E isso implicava em débitos espirituais perante a **Justiça Divina**, apesar dos atenuantes que envolviam e envolvem a questão.

Imagino – somente o imagino – como é difícil para o cômodo e equivocado modo de pensar terreno aceitar que seja possível algo assim ter ocorrido sem que ninguém o tivesse impedido. "Como Deus pode ter permitido isso?"; "Por que Deus não fez nada?"; "Por que alguém não o impediu"?

Os "seres adultos" deste e de outros níveis existenciais sabem que **"ninguém impede ninguém" de fazer o que quer que seja**. Deus, em especial, é quem não o faz, pois seria uma interferência indevida nas suas próprias leis expressas pela justiça divina que provê a cada ser criado conforme os seus méritos e deméritos. Óbvio que essa aferição se dá por meio do livre-arbítrio de cada ser. **Se Deus interferisse tal não seria possível**. Contudo, nós outros, os menores, podemos sim "tentar" interferir nos processos com os quais estamos envolvidos e vezes há em que isso nos permite "interferir" na vida alheia de modo elegante e produtivo ou não. Mas o "interferir" aqui não significa necessariamente resolver algum problema ou algumas das suas conseqüências. Imperfeitos como somos, "interferir" muitas vezes significa "impor as nossas opiniões e jugo", o que tem sido sinônimo de acúmulo de "débitos espirituais" por força da doença que marca o ego pessoal.

Assim, em não existindo outra opção, enquanto durasse a "firmeza" e a "força" das criações clonadas do Senhor Javé seus espíritos **escravizados à degradante situação** jamais poderiam perceber quem, na verdade, eram. Somente com o **enfraquecimento do contexto vibratório** em torno da **dominação mental** do Senhor Javé sobre eles é que talvez pudessem, um dia, no futuro distante da nova realidade espaço-tempo a qual alguns deles agora se achavam submetidos – outros permanecem como assessores do Senhor Javé atuando nas esferas adjacentes a este universo – promover o **"despertar" das**

suas reais personalidades espirituais, aspecto impensável e desconhecido para o Senhor Javé.

Toda essa questão tem a ver com a **ilusão que a mente adoentada do Senhor Javé tomou como verdadeira**, ou seja, a de que **o seu poder pessoal edificava a "existência completa" dos seres criados**. Para o seu tirocínio, na medida em que clonava novos corpos a partir da **programação mental** (espécie de "software quântico") **por ele determinada**, quando esses corpos "apresentavam vida" perante seus olhos (porque ocorria a imantação dos espíritos nos mesmos sem que ele pudesse perceber), o Senhor Javé pensava ser também dele a correspondente "força espiritual" que dava vida a seus filhos. Essa força espiritual que fornecia e fornece estrutura espiritual à criação "densa material", nos níveis em que o Senhor Javé a realizava, seja no nível astral onde reside ou na dimensão espaço-tempo do nosso universo nada tem a ver com o seu poder mental, obrigo-me a novamente ressaltar. Mas ele pensava que sim!

A **natureza do seu processo de gerar seres era tão aberrante e cruel** que, simplesmente, as leis do que na Terra chamamos de Justiça Divina, **ainda não foram aplicadas** sobre o Senhor Javé, até porque, por paradoxal que possa parecer, ele sempre agiu sem maldade alguma já que esse padrão emocional não faz parte do seu psiquismo.

Constatação

O que nós chamamos de "maldade" parece ter surgido a partir da "desconfiguração espiritual" de alguns dos seres de segunda linhagem e dos seres evolucionistas, quando dos movimentos rebeldes contra o Senhor Javé e sua hierarquia, mas essa é outra história. Contudo, excetuando o aspecto do que chamamos de "mal", tudo o que de "complicado" existe foi gerado a partir da mente que se formou na entidade a quem chamamos de Senhor Javé.

Sei que esta é uma assertiva que dificilmente será compreendida e aceita pela atual geração de humanos até porque **algumas das religiões da Terra foram criadas a partir das "ordens" desse ser**, o que é um tema bas-

tante complexo e complicado de ser abordado. Ainda assim, porque a hora já chegou e pela necessidade premente de que essas notícias sejam veiculadas, independente de poderem ser ou não compreendidas pela atual geração de humanos, oportunamente esse tema será melhor apresentado a esta família planetária. Afinal, as gerações que ainda surgirão neste palco planetário são quem terão que lidar com a complexidade da questão pertinente a **algumas práticas religiosas doentias advindas das religiões formatadas pelo Senhor Javé e por seus assessores** – é óbvio que sempre o fizeram com a melhor das intenções.

O fato é que os seres cujos espíritos foram para o sacrifício existencial e hoje "são" alguns daqueles a quem chamamos de "extraterrenos", "extra-isso", "extra-aquilo", "anjos do Senhor", muitos deles, apesar de possuírem a **forma humanóide**, pouco têm daquilo que conhecemos como **natureza humana**. Dentre eles, alguns existem que são normalmente impecáveis na conduta, apesar de frios e precisos, extremamente disciplinados na obediência e na reverência ao Senhor Javé, a quem consideram como criador, Deus e Pai do contexto em que eles vivem. Alguns outros **não vivem neste universo**, como já dito, residindo e dando apoio e sustentação ao Senhor Javé, na dimensão astral em que se encontram.

Torna-se, pois, imperioso que seja percebido que existem muitas individualidades espirituais extremamente evoluídas e superiores aos critérios e padrões do que da Terra se pode perceber, que estão submetidas a um sacrifício superlativo. Para tanto, tiveram que se transformar, temporariamente (**enquanto durar este universo e/ou até que se libertem do jugo mental do Senhor Javé por meio de um "processo evolutivo" incompreensível para esta humanidade**), em assessores-clones do Senhor Javé, para apoiá-lo e ajudá-lo, tendo que, para isso, submeterem-se totalmente aos seus ditames.

Alguns deles, com o "passar dos bilhões de anos" da criação, e apesar de indelevelmente dependentes e ligados à vontade do Senhor Javé, foram, aos poucos, com a força e a lucidez dos seus espíritos, percebendo o nível de algumas atitudes e posturas inconseqüentes e estéreis daquele a quem são obrigados a considerarem Deus. Contudo, por força da dependência química de estarem investidos de corpos que eram obrigados a pensar e sentir absolutamente tudo

que o Senhor Javé pensava e sentia, somente de modo muito lento é que esses seres puderam ir arquitetando uma "certa" liberdade em relação aos equívocos do Senhor Javé, apesar de não demonstrarem isso abertamente.

Nesse tempo, Miguel respondeu e disse a Rafael: Meu espírito se rebela e se irrita contra a severidade do julgamento secreto contra os anjos; quem poderá suportar um julgamento tão terrível, que jamais será modificado, que deve perdê--los pela eternidade?

A sentença foi pronunciada contra eles por aqueles que fizeram com que saíssem deste modo. E mantendo-se diante do Senhor dos espíritos, Miguel respondeu, e disse a Rafael: Que coração não teria se emocionado, que espírito não teria compaixão?

Depois, Miguel disse a Rafael: Não os defenderei na presença do Senhor, posto que ofenderam o Senhor dos espíritos, conduzindo-se como deuses, também a justiça divina exercer-se-á sobre eles durante toda eternidade.

O Livro de Enoch[2].

Isso é o que nos conta Enoch. Curiosamente, **a discordância de Miguel foi expressa de modo discreto a Rafael e toda essa "conversa" foi tida na frente do Senhor Javé.** O mais estranho e curioso ainda é que parece que ele não a percebeu ou não a valorizou.

Penso saber que as ordens do Senhor Javé sempre foram e são ainda imperiosas para aqueles que foram criados e programados para simplesmente o obedecerem, tornando-se seus agentes por todos os quadrantes da sua criação. O Senhor Javé assim procedeu por **muitos motivos** sendo os mais perceptíveis à ótica da análise humana os que serão agora mais profundamente abordados.

Solidão de Javé.

Como já dito anteriormente, a queda da divindade forjou o nascimento, a partir de si mesma, de um "**ente incompleto e problemático**", apesar de ainda muito poderoso, em temos de força e poder mental. O "ente" produzido pela "vonta**de desesperada**" da divindade em sobreviver à tragédia por ela

mesma provocada foi e é de um tipo nunca antes visto e jamais programado em qualquer padrão de pesquisa ou expectativa cósmica.

A expressão é forte e "politicamente incorreta" – seguramente desagradável – mas terei que usá-la: o ente que surgiu como resultado de um processo jamais ocorrido – falência de uma divindade que implodiu parte de suas potencialidades por insistência em torno de "objetivos mentais" pessoais – foi e é considerado como uma **aberração**. Nele, quase tudo o que lhe marcava e marca a individualidade se expressa em nível superlativo, desde os seus poderes (os que haviam sobrevivido ao caos vibratório) até os seus problemas. Dentre esses últimos, a sensação de solidão e de se sentir prisioneiro dentro de uma "bolha" (desculpem a pobreza da metáfora) multifacetada em **algumas dimensões que jamais conseguiram ter estabelecidas as "pontes" e "ligações" entre as mesmas**, o tornou tendente a criar companhia.

Como somente **dispunha de si mesmo como parâmetro**, começou a gerar seres, por meio do que hoje esta humanidade conhece como "clonagem", em quase tudo semelhantes a ele, como já informado anteriormente.

Necessidade Administrativa.

O senso de "incompletude" que passou a marcar o psiquismo do Senhor Javé, associado ao seu desespero por ver o que criara se expandir de modo multifacetado em dimensões diversas, praticamente o obrigou a sentir-se "necessitado" de ajuda para a gestão do que percebia como tendo surgido a partir dele.

"Ajuda vinda de fora", ou seja, dos ambientes paradisíacos que quando no estado de divindade estava habituado, não lhe era possível e deles sequer o Senhor Javé tinha mais conhecimento "na sua nova condição mental".

Por força do que lhe acontecera perdera por completo a noção de quem havia sido antes da queda, com quem convivera, onde costumava estar como residente e tudo mais que lhe era habitual. Restara-lhe a sensação de que era "alguém poderoso, importante" e a certeza de que era o criador do que conseguia vislumbrar a sua frente.

Sensação de "equívoco cometido" devido à percepção do problema em curso.

Eis um aspecto sutil presente nas posturas e atitudes do Senhor Javé que sempre esteve presente como pano de fundo dos seus pensamentos em todos os momentos da sua longa existência enquanto divindade caída. Paradoxalmente, foi a "questão pontual" a que menos ele se dedicou a refletir. No seu psiquismo parece sempre ter existido a inquietante "sensação" de que "alguém" ou "alguns" que ele não percebia – e que, conforme desconfiava, pareciam se encontrar além dos limites da sua criação – a "qualquer momento" viriam ter com ele, o que lhe causava desconforto profundo. Com a criação das gerações de **entes que obrigatoriamente lhe faziam companhia e o "veneravam sempre**", sentia-se como se "protegido" perante essa perspectiva que vez por outra povoava o seu modo de pensar algo afetado.

Necessidade de se ver e de se sentir grande.

Por simplório e bizarro que possa parecer, essa componente do psiquismo do Senhor Javé obrigou-o a criar seres obviamente "menores" que ele em poder e em tudo mais. Muito do que está registrado nas páginas da Bíblia referentes a um deus que a toda hora estava sendo venerado pelos seus anjos tem a ver com essa estranha questão, mesmo quando observada pela lógica do não menos afetado "ego terreno" dos homens e mulheres deste mundo.

"Não posso acreditar em um Deus que quer ser louvado o tempo todo...", disse-nos Friedrich Nietzsche[3], filósofo alemão, sobre as posturas do Senhor Javé, o que aponta para um "ego inflamado", antítese da simplicidade e do desapego que caracteriza as individualidades evoluídas sob a perspectiva do progresso espiritual.

Nobres preocupações do Senhor Javé.

Confuso no seu modo de pensar, o Senhor Javé, como também já dito, houve por bem "personificar" cada uma das suas principais preocupações diante dos problemas que enfrentava associadas as "espécies cósmicas" que estavam surgindo no âmbito do seu universo.

Quando Enoch retrata que Miguel é o anjo clemente e paciente para com os que erram; Rafael é aquele que preside e acompanha as dores e os sofrimentos humanos e Phantuel é quem preside e coordena à penitência e à esperança dos que devem herdar a vida eterna, ele está se referindo exatamente a **algumas das personificações do Senhor Javé** frente a esse mister. Por trás de cada uma dessas personificações assim programadas encontra-se um número impressionante de seres a elas associados que apresentam o mesmo viés psíquico.

A verdade, ou o que é real, está muito distante do que o ser terráqueo considera como sendo "real" e "verdadeiro". Estamos longe, mas muito longe de percebermos os muitos painéis não só em relação à realidade que nos cerca como também a situação de alguns desses contextos.

No sentido de ofertar mais alguns indicativos sobre esses painéis ainda por serem convenientemente vislumbrados, aqui será apresentado um resumo modesto dos grupos de espíritos que hoje habitam o universo do Senhor Javé e suas adjacências:

(1) Alguns dos que foram espiritualmente criados para viverem neste universo foram gerados puros e inconscientes como centelhas de Deus. Ao longo das suas jornadas evolutivas pertinentes à realidade deste universo, foram desenvolvendo intuição, instinto e sentidos e, posteriormente, a consciência e o livre-arbítrio para que, mentalmente, possam **retornar ao Pai Incognoscível**, reunificando-se á Fonte maior de forma consciente e por meio dos méritos morais individuais. Em outras palavras, é quando o "ego das personalidades transitórias" puder ser amorosa e sabiamente administrado pelo "eu profundo" presente em cada individualidade.

Este aspecto é uma das partes que compõem o mistério por trás da criação do Senhor Javé e parece ser o seu atual plano em linhas gerais, apesar do seu "desalinhamento" em relação ao mesmo. Outra possibilidade é a de que esse não seja o seu plano, e sua intenção doentia é a de "querer para si" a louvação individual, pensando ser ele, na sua loucura e desvario, o centro de tudo, confundindo-se com o Pai Incognoscível. Essa tese é a que normalmente foi assumida por algumas linhagens de rebeldes o que implica em que toda prudência na tratativa desse quesito é pouca.

(**2**) Outros dos que foram espiritualmente criados para viverem neste universo foram também gerados puros e inconscientes, mas foram obrigados, por força das circunstâncias, a darem sustentação espiritual a membros de algumas das classes de seres que foram criados a partir do DNA do Senhor Javé em muitas gerações sucessivas, sem poderem usufruir do livre-arbítrio.

Isso implica em que nem todos os assessores-clones do Senhor Javé têm, na sua componente espiritual, as chamadas "almas divinas". Existe, portanto, entre as diversas gerações de seres clonados uma mistura de "almas" sendo algumas de origem "divina" e outras criadas "simples e ignorantes" para evoluírem no âmbito da criação do Senhor Javé durante o tempo que for necessário à redenção conjunta.

Como já dito, alguns desses, com o passar do tempo cósmico, estranhamente parecem ter "evoluído" e pretendido se libertar do jugo impositivo da personalidade de Javé. Outros foram e ainda são os focos diretos de rebeliões ocorridas ao longo da história deste universo.

(**3**) Seres que já existiam como "pensantes e individualizados" antes da criação deste universo, nele se obrigaram a passar a existir como sendo também os espíritos estruturantes da mesma classe de seres criada pelo Senhor Javé a partir dele mesmo, descrita acima. Alguns destes, com o passar do tempo cósmico, conseguiram também "evoluir" e comandam falanges de trabalhadores que buscam a redenção coletiva dos seres viventes na obra do Senhor Javé.

(**4**) Outros havia que também já existiam como "seres pensantes e individualizados" antes da criação deste universo e nele se obrigaram a passar a existir como sendo espíritos estruturantes das muitas espécies planetárias – criadas não só pelo Senhor Javé como também pelos seus assessores – mais especificamente entre os membros da espécie homo sapiens terráquea. Ao que tudo indica, devido à interferência da "serpente" no episódio do Jardim do Éden, os membros da espécie homo sapiens da Terra tomaram "consciência do bem e do mal" podendo, portanto, desde então, evoluir espiritualmente. "Incompreensivelmente", para a lógica humana, o Senhor Javé não gostou dessa "tomada de consciência", como ele mesmo fez questão de deixar claro nas páginas da Bíblia. Esta é outra questão que necessita de abordagem específica que a seu tempo virá.

(5) Existe um "pequeno grupo" de individualidades divinizadas que de diversos modos – e mais notadamente sob a perspectiva espiritual superior – atuam no drama universal do Senhor Javé.

O interessante é que não há nenhum, nenhum só ser que exista no âmbito da criação do Senhor Javé, independente do grau ou do tipo de personalidade que possa estar investido, que não esteja submetido às leis de causa e efeito que repousam nas opções do livre-arbítrio individual, ainda que submetidos a corpos totalmente dependentes da vontade do Senhor Javé. Existem "atenuantes" que pesam na medida da **Justiça Divina**, mas esta **sempre se expressa, ainda que somente depois dos fatos acontecidos, e ao final de "ciclos" existenciais** – se assim não fosse não haveria livre-arbítrio – em relação ao que ocorre no âmbito da sua criação.

Um intrigante aspecto desse contexto é o de que, para os seres evolutivos, como é o caso dos espíritos que reencarnam ciclicamente na espécie **homo sapiens**, a Justiça Divina sempre se expressa, e disso tomamos consciência quando nos libertamos dos corpos animais temporários e, livres das injunções do cérebro carnal, somos obrigados a conviver com as resultantes desta Justiça, seja na reprogramação das vidas futuras e mesmo enquanto delas usufruímos, conforme o mérito individual.

Já quanto ao Senhor Javé e aos seus filhos diletos, pelo fato deles se julgarem "eternos" sem de fato o serem, quando eles perceberem que o fenômeno da "morte corporal" também os atingirá, só que num contexto de tempo cósmico obviamente bem mais amplo do que o comum terráqueo, perceberão, por fim, que a Justiça Divina sempre os convidou, e ao próprio Senhor Javé, a repensarem as suas atitudes e posturas. Esse aspecto é independente da rotulação – alguns se apresentam como sendo "superiores" e detentores de "poderes divinos" – com que esses seres costumam se apresentar aos olhos desavisados dos mortais da Terra. Em outras palavras: o Senhor Javé e toda a sua corte celestial "um dia", ao final do seu ciclo existencial, **terão que prestar contas a Justiça Divina.** A Lei Maior é para todos, inclusive e principalmente para as divindades.

O importante é que desde que Jesus foi para o seu sacrifício pessoal esse aspecto da questão começou a ser por eles percebido – e pelo Senhor Javé também.

A Sorte de cada Ser e o Destino Inevitável.

Talvez uma das razões mais substanciais para que me decidisse a escrever e a publicar o presente livro resida num fato singular por mim percebido: alguns dos assessores do Senhor Javé, apesar de incapacitados de desobedecer as suas ordens, cumpriam-nas, por imperioso que lhes fosse, mas com certa dose de "**constrangimento moral no olhar**". Isso penso ter percebido na não desejada (de minha parte) "convivência" tida com esses seres ao longo dos últimos anos, mais especificamente desde que percebi, no ano de 2006, que eles eram obrigados a subordinar as suas estratégias aos fins pretendidos, o que, aos meus olhos, era e é **sinal de pouca evolução espiritual**.

O fato é que percebi – ou alguém me levou a perceber o precioso detalhe – que aqueles espíritos, apesar de submetidos aos corpos clonados do Senhor Javé, ainda que impossibilitados de não cumprir as ordens do seu senhor, cumpriam-nas com certo grau de constrangimento no olhar, como se já possuíssem uma consciência de que o que estavam fazendo não era necessariamente o mais adequado.

No que me toca foi frustrante perceber que aqueles seres, tidos por mim como "muito mais evoluídos" do que eu ou do que qualquer outro terráqueo, simplesmente não sabiam como agir nas suas tentativas de me submeterem ao seu jugo, na medida em que as minhas disciplinas de vida – dentre elas, o desapego à própria vida, implícito à disciplina tibetana do Poh Wah, que é a "arte de morrer bem ou em paz", a qual pratico há muitos anos; e a de combater o mal e a violência por meio da resistência pacífica e amorosa – "desengati-

lhavam" qualquer pressão ou temor que eles me pudessem fazer ou provocar sempre com vistas a que eu obedecesse as determinações do Senhor Javé.

Percebi, por mim mesmo, que eles não conseguiam nem de longe vislumbrar o que se passava nos meus pensamentos, o que os forçava a interferir na minha vida terrena para, então, de acordo com as minhas atitudes, compreenderem o que estaria ou não disposto a fazer. Perplexo, percebi também que o próprio Senhor Javé parecia saber ainda menos que os seus assessores sobre o que se passava na mente de um ser humano terráqueo, o que contrariava as informações acerca da sua natural onisciência, dentre outros aspectos do que costumamos considerar como "divino".

Lidando com aqueles seres terminei por arquitetar um entendimento algo impróprio referente às suas situações existenciais. Sob a premissa do que se pode compreender na Terra – e repito, o exemplo é impróprio – seria como se uma alma que está submetida ao cérebro animal de uma onça, que em tese jamais poderia "pensar" e "ter noção de si mesma fosse como tal ou algo diferente de uma onça", simplesmente passasse a "ter consciência disso", mas continuasse incapaz de se expressar para deixar isso claro.

Do mesmo modo, as almas que davam vida aos clones do Senhor Javé que em tese teriam que pensar e sentir sempre como ele, **ainda que despertos para as suas verdadeiras identidades espirituais, jamais poderiam isso expressar** por força da limitação imposta pela "genética viciada" dos seus corpos, nos moldes determinados pela vontade do Senhor Javé. Em sendo assim, não se poderia esperar que, mesmo num futuro distante, as mesmas pudessem ter "evoluído" e superado a barreira da herança genética corporal, permitindo-lhes ter a devida consciência de que estavam submetidos a um corpo programado para jamais lhes permitirem a expressão pessoal, mas sempre e somente servirem como espécies de "robôs" aos ditames do seu criador. Os fatos, porém, apontavam para a possibilidade de que ocorreram **algumas exceções singulares entre os assessores do Senhor Javé**.

Foi exatamente disso que eu comecei a desconfiar ao longo de cerca de dois anos da tal convivência até que, para o limite da perplexidade de um ser humano terráqueo, fui levado por alguns deles próprios a ter essa "certeza" – contra a minha vontade, pois evito ao máximo ter certeza sobre coisa alguma,

único modo de não me apegar a conceitos, opiniões e falsas verdades – o que até hoje me é motivo de inquietação profunda. Contudo, foi por força desse sentimento de "inquietação profunda" que senti diante do desespero silencioso de alguns daqueles seres, que me obriguei a deixar de lado a mais remota conveniência que o meu desgastado e desprestigiado ego terreno ainda pudesse ter. Resolvi, então, fazer o que eu mesmo me permitisse realizar, equivocado ou não, com ou sem ajuda, no mister revelador dessas situações de **alto grau de constrangimento espiritual e moral**.

Ao longo desse tempo, de vez em quando, quedava-me refletindo sobre o meu aparente destino. Esforcei-me, como tantos outros que conheço, por anos a fio, na busca da verdade por trás da questão extraterrena. Agora, ali estava eu, detendo o privilégio de "saber" com absoluta tranqüilidade o que poucos na Terra sabem sobre "vida além das nossas fronteiras usuais".

Acostumado que estava a lidar com espíritos e demais seres através do canal mediúnico, tive o estranhíssimo privilégio de saber que não estávamos sós e que **jamais havia tido um tempo na história planetária em que "alguém" na Terra esteve sozinho**. A história é longa e isso faz com que os modestos poucos milhares de anos que a espécie *homo sapiens* se encontra no aparente "comando" do planeta pareça "um nada" diante do tempo de vida de certa espécie cósmica que se sente "proprietária" deste recanto, sem que disso os pretensos terráqueos que atualmente o "dominam" sequer possam vislumbrar.

Além da espécie cósmica advinda da clonagem do Senhor Javé que se sente proprietária do planeta existem mais algumas poucas civilizações desta galáxia que já estiveram no aparente comando de eventos que tiveram lugar neste palco planetário em intervalos de tempo muito superiores ao da espécie *homo sapiens*. Para a sorte de todos os envolvidos o Senhor Javé deu um "basta" nesta questão e o próprio Mestre Jesus, desde que se sacrificou em benefício de todo um contexto existencial impossível de ser vislumbrado pelos terráqueos, conquistou, vamos assim dizer, perante todas as partes, o direito de conduzir pacificamente essas questões menores, em nome do bem maior comum universal.

E lá estava eu, um mero mortal aturdido e perplexo, lidando com algumas das resultantes promovidas por esses atores extraterrenos enquanto mais

e mais descortinava **quão diferente era e é a situação que nos rodeia daquela "romantizada" por todas as religiões da Terra**, sem exceção. Simplesmente porque o fator "**queda da divindade criadora**" e a sua "**ressurreição desesperada numa condição menor e prejudicada de si mesma**" para permanecer no comando da criação **jamais havia sido explicada a esta atual geração de homens e mulheres**. Para complicar ainda mais a questão, a **atual geração de humanos**, desde um pouco antes da época do nascimento de Jesus, **perdeu o elo com o passado histórico** no qual esse aspecto havia sido conhecido por alguns núcleos terráqueos.

Que destino estranho era o meu o de agora saber o que muitos não sabem ao mesmo tempo em que sofria o peso de ser "tratado como um mero animal-criminoso terráqueo", indigno de qualquer apoio, e completamente submetido aos ditames nervosos e estéreis do Senhor Javé e dos seus representantes – é assim que somos todos vistos pela maioria das civilizações que acompanham o nosso lento e penoso progresso. Algumas outras, mais generosas, nos têm na conta de doentes e de "doidos". Poucas, as mais evoluídas, sabem que essa história é muito complexa para que definições apressadas e concludentes possam ter lugar.

Quanto mais e mais refletia, ao mesmo tempo em que convivia com todo aquele estranho contexto que invadira a minha vida terrena, percebia que a fama dos espíritos que reencarnavam na espécie *homo sapiens* pior não era devido a Jesus. Isso pelo fato desta divindade, a quem tanto devemos, ter se feito um simples animal terráqueo, despindo-se de toda a sua condição de divindade (e da de "filho clonado do Senhor Javé), como se com isso estivesse, dentre outros aspectos, **exigindo ou clamando por um pouco mais de respeito para com a condição humana na Terra**.

Nunca havia lamentado coisa alguma nesta minha existência e passei a lamentar profundamente a minha "sorte". Esperneei como pude; rebelei-me silenciosamente perante o jugo impositivo, ridículo e absurdo que me era imposto por uma plêiade de seres que impiedosamente (apenas com um brilho constrangedor no olhar) manipulavam fatos, pessoas e emoções, tudo com o objetivo estéril de fazer valer os desígnios do Senhor Javé. Esses "desígnios", aos meus olhos, mais pareciam caprichos da esquisitice psicológica de alguém. E

assim foi até que percebi que não estava lidando com "alguém" humano – o que nem por isso me levou a achar menos esquisito o *modus operandi* desses seres.

Criei a minha própria *satyagraha* – resistência amorosa e pacífica em nome da verdade – e quase crio um problema maior ainda com a minha atitude, o que me fez recuar, desistindo então de confrontar na minha posição de verme mortal terráqueo com uma "força" que, engraçado, tinha todo o poder de destruir a minha condição humana e tudo o mais ao meu redor, mas, estranhamente, parecia não ter o poder de mudar um "til" nas minhas opiniões e posturas. Logo eu que me esforço para não ter opiniões **sobre o que ainda preciso descortinar**, e que me deixo levar por qualquer gentileza ou sorriso fraternal; logo eu que repouso e me submeto a qualquer jugo suave. Ali, porém, encontrava-me insubmisso, solitário, enfrentando forças desconhecidas e aparentemente "frias" para com a condição humana as quais insistiam que eu me encontrava irremediavelmente preparado para sofrer os tais "ajustes" por elas pretendidos. Esses ajustes eram acenados como necessários ao meu "condenável procedimento" em não me permitir ser transformado em "instrumento terreno" do Senhor Javé para que seus fins fossem plenamente atingidos. Detalhe: escrever este e outros livros não seria propriamente a submissão por eles pretendida; isso incluía algumas outras atitudes de minha parte que jamais pude ofertar as quais me permito não revelar por não ver nenhuma função ou utilidade.

Para me defender das envolventes aproximações daqueles seres "resolvi me desqualificar perante mim mesmo" – entenda quem puder –, assumindo que em nenhuma hipótese o meu afetado psiquismo poderia se permitir arquitetar qualquer idéia, opinião ou juízo de valor sobre o que fosse, pois reconhecia o nível de atordoamento em que me encontrava. Esse comportamento, associado à prática dos meus exercícios de Yoga profunda que me permitem repousar no sagrado que habita em mim, tiveram o condão de me ajudar a desligar-me no campo da "preocupação" sobre o que aqueles seres pudessem vir a fazer com a minha condição humana.

Em algum momento dessa história um dos tais seres esforçou-se por me fazer perceber que, para eles e principalmente para o Senhor Javé, a espécie *homo sapiens* da Terra – assim me refiro porque existem outros segmentos

genéticos desta "espécie" habitando outros planetas – era uma espécie de "**última fronteira**". Não levei a sério e nem muito menos procurei compreender naqueles dias o que tal conceito poderia significar.

Foi quando entrou em cena um grupo de amigos espirituais que me suportam a companhia vibratória desde há muito, esforçando-se por me "confirmar" – aqui, através do canal mediúnico – que a tal informação era "verdade" e que eu deveria me esforçar por entender e aceitar aquilo como sendo um dos aspectos da "**verdade atual sobre o Senhor Javé**".

Após algum tempo e movido por outras circunstâncias difíceis de serem aqui expostas, fui me deixando envolver pelo esforço sistemático que passei a observar ao meu redor da parte não só dos amigos espirituais como também dos tais seres assessores do Senhor Javé. Estes, agora, nada mais faziam no sentido de me forçar ou me levar a fazer algo. Simplesmente me acompanhavam o "cotidiano das minhas atividades pessoais e profissionais", deixando-se perceber como podiam, sempre com a preocupação de me "demonstrarem" que eles ali estavam, expectantes, apesar de que eu não atinava – até porque jamais voltei a confiar neles ou em quem quer que seja que esteja situado para além das fronteiras do que o meu debilitado ego humano possa perceber por si mesmo – com o que pudesse ser a intenção deles.

Foi quando a partir de certa ocorrência pude "claramente perceber" que aqueles seres e o Senhor Javé, simplesmente hoje – na verdade aproximadamente desde os últimos três milênios – enfraquecidos como estavam e estão, em algum momento deste período, parecem **ter perdido a condição de se comunicar com qualquer outra inteligência que não pertença à "corrente mental"** existente entre o Senhor Javé e algumas das gerações de clones que lhe estão ainda submetidas – atente bem o (a) leitor (a). Aquilo foi como um "choque" para quem já se encontrava perplexo e atordoado com outras tantas situações inusitadas que estavam sendo descortinadas perante o que restava do meu tirocínio.

Constatação

O Senhor Javé e os demais membros da hierarquia celeste que lhe assessoram somente podem se comunicar em circuito interno. A comunicação desses seres com outras civilizações cósmicas adiantadas se processa por meio de tecnologia ou de comunicados unilaterais. Por outro lado, eles não se comunicam com a Realidade Maior que se encontra além das fronteiras da criação problemática.

No que concerne às demais civilizações do universo – evolutivas, atrasadas e problemáticas – eles conseguem impor os seus comunicados de modo unilateral. A novidade é que desde que a espécie homo sapiens foi gerada nos moldes atuais, eles passaram a "escutar" o que os homens e mulheres da Terra literalmente "falavam" e a sofrer a conseqüência vibratória dos fatos planetários. Em outras palavras, a "boca" dos membros da espécie humana terráquea passou a ser utilizada de forma estratégica pelos espíritos que encarnam nos corpos da Terra, único modo de influenciarem por palavras, emoções e atitudes ao Senhor Javé e aos seus descendentes diretos.

Para aumentar a minha perplexidade – se é que ainda era possível – demonstram-me que, no caso de Jesus, havia algo extremamente grave ainda por ser percebido de minha parte: que **um dos motivos que o levara a se fazer homem era o de exatamente poder ser compreendido claramente pelo Senhor Javé** já que o que ele dissesse ou fizesse na condição humana poderia ser percebido objetivamente por todos os que participam da "mente coletiva" que tem como foco o Senhor Javé.

Apenas para renovar a memória do (a) leitor (a), o **Senhor Javé havia perdido a condição de se comunicar com quem lhe era superior desde os idos tempos da sua queda**. Ainda que algumas divindades estivessem agora submetidas aos corpos clonados, estes não lhes permitia, vamos assim dizer, a conversa franca e aberta com seus assessores porque naquela condição somente as ordens e a vontade do Senhor Javé fluíam e fluem na unilateralidade que sempre caracterizou a sua coexistência com os seus "ministros" e assessores. Estes recebem ordens e obedecem, mas não lhes era nem é possível exercer

a comunicação no campo do que na Terra chamamos de contraditório ou conversa aberta com argumentações de lado a lado.

Constatação

No que concerne aos acontecimentos celestiais desconhecidos para os padrões da cultura terráquea o que está em curso é uma "operação de resgate" de uma divindade caída e de outras que tiveram que se sacrificar pelo bem comum. Tudo o mais que acontece neste universo e nas dimensões existenciais a ele adjacentes é aspecto secundário a esse processo.

Ao longo da arquitetura dos livros que produzo a pedido dos mentores espirituais fui colecionando vários "porquês" singulares sobre as **razões do ser excelso, a quem chamamos de Jesus, ter se feito um simples animal terráqueo**. Por amor a esta humanidade, por amor e para resgatar Lúcifer, dentre outros, e agora ali estava o mais forte "porque": para **resgatar uma divindade caída** a quem ele também muito ama e parece ter tido alguma dose de "responsabilidade indireta" na pouco pensada atitude criativa daquele a quem hoje conhecemos como Senhor Javé.

Realmente, fui me dando conta de que o **Senhor Javé sempre anunciara um rei divino que viria dominar a Terra em seu nome**. E lá aparece Jesus, de fato um ente divino, mas que se apresentava como **alguém que havia vindo para servir e não para dominar**. O fato é que o **Senhor Javé parece jamais ter aceitado ou compreendido que o seu enviado não iria utilizar-se dos poderes pessoais para se fazer o "rei da Terra"**, como designado profeticamente pelo Senhor Javé através dos profetas judeus. Jesus teve que demonstrá-lo claramente, pagando um alto preço por sua atitude.

Quando isso me foi demonstrado pensei na "sorte" (o que o nosso aparente livre-arbítrio terráqueo pode decidir) do ser humano chamado Jesus associada ao "destino" (o aparentemente inevitável) que ele mesmo se forçava a cumprir como forma também de ajudar ao Senhor Javé como também as demais partes envolvidas nesse drama.

Constatação

A sorte de cada ser deste universo encontra-se inexoravelmente ligada ao destino do Senhor Javé como também ao da sua criação.

Comecei, então, a descortinar os muitos modos de como **cada ser deste universo estava indelevelmente unido ao Senhor Javé**. "Por que?" – perguntava-me, enquanto as repostas vinham no canal intuitivo como se organizando para um dia serem expostas. "Nesta vida não dá mais para me aprofundar devidamente no assunto", pensei comigo mesmo, deixando que o conjunto de "notícias" em torno da questão fluísse livremente, apesar de pensar que agora sei que esta temática não é para o tempo desta vida. É questão por demais complexa e não há maturidade espiritual para que temas desse naipe possam ser veiculados na atual cultura deste mundo.

Lembro-me que em certa noite em que o desalento povoava o psiquismo a ponto do futuro não importar muito – já que "insuportável mesmo" era o então momento presente promovido pela imposição dos assessores do Senhor Javé –, consegui arquitetar o sono refletindo que, na condição em que vivíamos na Terra, **realmente parecia ser melhor não ter olhos para enxergar**.

A sensação de que "esta vida não é para ser vivida, mas sim para se lutar e se guerrear sempre", recordava-me da canção "Hold on" do grupo Yes[1], e assim fui dormir mais uma vez entregando o meu ego terreno ao Pai Amantíssimo sonhando, o confesso, em não acordar para o dia seguinte já que as reflexões que me via obrigado a fazer eram muito duras de serem vivenciadas.

Muitos dos que conseguem arquitetar uma visão profunda a cerca do funcionamento do universo em que vivemos, **pela sua frieza para com a vida nele existente**, "seguramente" tende ao ateísmo por **supor que um Deus não criaria algo tão cruel**. Este mesmo universo que conspira durante bilhões de anos para a geração da vida, como é o caso da que ocorreu na Terra, também a destrói em um segundo, como por exemplo, num choque de um cometa, como o de alguns já ocorridos ao longo da evolução do nosso planeta. Afinal, que Deus é este que arquiteta uma máquina de criar vida e ao mesmo tempo

de destruí-la de modo aparentemente tão caótico e contraditório? – passei a me perguntar.

Será que, pelo fato da divindade ter sido tragada pela sua criação, alguns ajustes que ela pensava ainda em fazer não mais puderam ser feitos por conta da sua queda? Será que os ajustes não impediriam esse aparente fator de "caos" na movimentação das órbitas e no esgotamento do combustível das estrelas que causam as suas "mortes" e de outros tantos eventos caóticos que enfeiam e contradizem o próprio esforço criador da divindade? – refletia mais e mais enquanto me recusava a tomar notas daquelas reflexões, como se delas quisesse fugir.

Pouco importava, porém, para onde a vida me levava as tais reflexões me acompanhavam como uma espécie de "castigo Javeiano".

Em certo momento, encontrava-m escrevendo algumas dessas reflexões na "noite congelante" de Nova York, no fim do dia 13 de janeiro de 2010, já próximo à madrugada do dia seguinte do retorno para o Brasil. Enquanto tomava algumas notas vi na televisão notícias sobre o terremoto devastador de 7 graus da escala Richter, que havia se abatido sobre o Haiti no dia anterior.

"É impressionante" – pensei – como a minha mente está acostumada a "compensar" acontecimentos desse naipe com a "lógica espírita" (segundo minha própria visão de análise a que "estou acostumado") de que se tal aconteceu é porque os espíritos dos nossos irmãos e irmãs que hoje vivem no Haiti tinham "carmas" a serem compensados referentes a vidas passadas e por isso ali estavam congregados, numa região em que a aparente mão de destino os logrou ajuntar. Que seja! Esse é um dos aspectos misteriosos que envolvem a vida na Terra: o tal carma referente às vidas passadas, seja ele positivo ou negativo.

Isso de fato existe, compreendamos ou não, aceitemos ou não. Porém, por trás de toda essa questão, está uma "**criação imperfeita**", cheia de problemas, e cuja condução político-administrativa é um caos tão sofrível quão dolorosa é a situação de sofrimento de pessoas que trabalharam a vida inteira para construir um lar para suas famílias e, repentinamente, perdem tudo o que construíram, assim, simples assim, e temos que chamar isso de carma

ou de acidentes que obviamente também ocorrem fazendo sofrer quem tem carma negativo ou não.

O constrangedor é que, acidente ou não, carma ou não, o que realmente está em jogo, sob uma perspectiva espiritual superior, é que nossos espíritos, por atrasados e criminosos que sejam perante as leis da justiça do Senhor Javé como também as de ordem divina, não precisariam estar existindo nessas condições se não fosse o **erro original da divindade adoentada.** Ele nos imputa um "**pecado original**" que na verdade é mera questão acessória já que o **equívoco original é do próprio Senhor Javé** em ter criado um processo existencial o qual não controla, não sabe como vai terminar e não tem tido a menor condição, no campo da sabedoria, para dar bom curso ao mesmo, apesar da sua genialidade intelectual científica.

Assim me expressando, o (a) eventual leitor (a) destas páginas deve estar pensando como este aflito escrevente parece ter raiva, rancor, mágoa em relação ao Senhor Javé. Ledo engano: não tenho! Desde que percebi o seu drama pessoal e de outras divindades, além do de todos nós, que me **despi das emoções humanas comuns relativas a questões desse naipe**. Apenas posso lamentar o que aconteceu como também o lamento ter que ser "eu" o "alguém" a expressar essas revelações.

O que resta do meu ego terreno apenas está tentando demonstrar que muitos dos problemas deste universo existem porque a nossa **casa universal é defeituosa na sua concepção**, ainda que grandiosa e com aspecto majestoso em relação a tudo o que a divindade intentou e conseguiu fazer, apesar dos problemas.

Somente assim me expresso para chamar a atenção do (a) leitor (a) para um aspecto que as religiões da Terra não ousam perceber e ressaltar: o **Pai Amantíssimo**, o **Incognoscível**, **Aquele que é só amor e a quem realmente podemos chamar de Deus** (com letra maiúscula), **não interfere no livre-arbítrio de quem quer que seja, nada impõe e a ninguém castiga**. Contudo, se alguém no uso do seu livre-arbítrio cria uma roda e a põe para rodar, a partir do fato ocorrido, somente aquele – e os que com ele coexistem em relação de semelhança existencial – que a criou e a fez rolar é quem poderá detê-la, ainda

que com a ajuda (mas não interferência pontual e excludente) de muitos e das próprias Divindades que representam a Deidade.

Se o (a) eventual leitor (a), o Senhor Javé, eu ou quem quer que seja, neste mundo ou alhures, neste universo ou além dele, criar uma roda e a colocar para rolar (desculpem a pobreza da metáfora), somente os "semelhantes em nível de existência" poderão atuar no desenrolar dos fatos, tentando colaborar com o processo em curso. Deus não impede coisa alguma, de quem quer que seja, nem no princípio nem no fim de processo algum, pois caso o fizesse, a **Justiça Divina** não poderia se expressar. E esta se expressa por meio de critérios simples os quais, conforme os valores humanos corresponderiam ao que nos é ensinado pela Revelação Espiritual (e por outras revelações no passado): **a semeadura é livre sendo, porém, a colheita obrigatória.** E isso é inexorável!

A cada um é dado de acordo com as suas obras e esse critério da Justiça Divina serve tanto para as divindades como para qualquer outro tipo de ser neste universo ou no próprio paraíso. O que muda é apenas o "sentido gradualístico" do que chamamos como sendo méritos e deméritos. Contudo, no "final" das contas da equação da Justiça Divina, tudo se ajusta sem privilégios ou prejuízos de nenhuma ordem.

É imperioso que não esqueçamos que cada ser que existe (divindade ou evolutivo) **traz a semente do Sagrado em si mesmo**, o que o torna um "deus" do seu próprio destino, até a comunhão íntima com o Pai Amantíssimo.

Assim, apesar do modo como esse "aspecto problemático" foi exposto, ou seja, o de estarmos vivendo numa dimensão espaço-tempo a qual, apesar de bela é prenhe de problemas e de acidentes de toda ordem, **não podemos culpar o Senhor Javé ou quem quer que seja por coisa alguma que nos acontece**. Isso porque, ainda que estejamos inevitavelmente cercados pelas circunstâncias de uma criação problemática, com seus encantos e problemas, **somos completamente responsáveis pela arquitetura do destino pessoal dos nossos espíritos imortais**.

Apesar de aparentemente estarmos destinados a seguir alinhados com a criação do Senhor Javé, sou dos que pensam saber que somos pilotos do próprio destino, sempre, independentes de estarmos submetidos ou não ao

aparente reino de alguém, ainda que este pareça estar camuflado diante dos nossos sentidos. Afinal, o condicionamento advindo dos sentidos do corpo animal terráqueo é que permite que isso ocorra.

Amit Goswami, em seu livro "Deus não está morto"[2] nos esclarece muitos aspectos importantes sobre essa **"camuflagem" da realidade material em relação à realidades outras que existem como pano de fundo para a existência terrena**.

É o nosso padrão de hábitos, o ego/caráter que é o lócus de nosso condicionamento psicossocial, que camufla Deus e a unidade da consciência quântica. Esta camuflagem é necessária? A resposta é importante. Nossos egos são necessários para termos um ponto de referência. Quem nós seríamos sem a existência do ego?

De modo análogo, o mundo macromaterial de imensas massas à nossa volta atua como uma camuflagem que oculta sua natureza quântica.

(...)

Para enxergar através da camuflagem, você não precisa ficar desorientado, tentando perceber qualquer movimento de fuga dos microcomponentes de um corpo macro, que estão unidos ao centro de massa do objeto. Suas ondas quânticas se propagam enquanto estão no lugar. Na verdade, durante o tempo que leva para você piscar os olhos, o centro de massa de um macroobjeto, perto de você, pode se mover por um milionésimo-trilionésimo de centímetro, ou algo parecido. Esse movimento é imperceptível para nossos olhos, mas os físicos, com seus maravilhosos instrumentos a laser, mediram estes movimentos quânticos.

Para que essa camuflagem? Essa camuflagem é para termos pontos de referência para nossos corpos físicos. Se você e eu manifestarmos um pouco disso basicamente nos mesmos lugares, sempre que olharmos, poderemos conversar um com o outro sobre essas coisas; podemos formar uma realidade consensual. Isto é importante. E até mais importante é o fato de macroobjetos físicos poderem ser usados para representarmos objetos quânticos mais sutis, como pensamentos, que tendem a se afastar quando não os estamos observando. Isto também é bom. Imagine como você se sentiria se, ao ler esta página, as letras impressas estivessem se afastando de seus olhos em virtude de seus movimentos quânticos. Naturalmente,

essa fixidez tem seu lado ruim: desenvolvemos o conceito errôneo de que o mundo de macroobjetos é algo separado de nós.

Em bem menos de uma página do seu livro Amit Goswami refere-se a alguns conceitos os quais considero como sendo fundamentais para a arquitetura do entendimento em torno da obra do Senhor Javé. O "ego terreno como o *lócus* do nosso condicionamento psicossocial", "Deus camuflado", "unidade da consciência quântica", "o mundo material ao nosso redor como uma camuflagem", "realidade consensual", o "pensamento como um objeto quântico sutil", dentre outros aspectos, quando estudados sob a ótica do que está sendo afirmado nestas páginas, servem como alicerces para a compreensão sobre o que o Senhor Javé fez e como ele permanece camuflado, vivendo em outras realidades, apesar de atuante sobre a que nos encontramos prisioneiros.

Ainda segundo Amit Goswami, o **condicionamento do nosso ego existe por força do encantamento que o ambiente exterior provoca**, o que nos dificulta, digo eu, a **contemplação do que está por trás dessa camuflagem**, que é a **realidade espiritual** maior, **pátria eterna do Eu profundo que reside também camuflado em cada um de nós.**

Ora, não podemos esquecer que o "ambiente exterior" que encanta aos que vivem da Terra é obra do Senhor Javé, além de que "aqueles que se sentem encantados" também o são, conforme os postulados aqui apresentados – é **condicionamento puro por todos os lados**.

Se bem percebermos, os nossos espíritos, ao deixarem o corpo animal – que é a base do ego terreno – e a coexistência com a realidade material na hora da morte do corpo até então utilizado, em tese encontram-se **livres das injunções do reino do Senhor Javé**, pois que este somente existe para quando estes se condicionam aos corpos animais, como já apontado no capítulo cinco. Porém, se ao desencarnar, carrega consigo o "modo de pensar condicionado dos valores terrenos", mesmo retornando para os ambientes espirituais, permanecerá cego para os outros padrões de existência superiores, permanecendo, assim, eterno prisioneiro das regiões espirituais primitivas adjacentes ao universo material. Esse é o **pano de fundo do ciclo aparentemente interminável das reencarnações que ocorrem na Terra**!

Constatação

Nesses tempos atuais do universo o Senhor Javé já sabe que a sua obra saiu totalmente do seu controle e dela ele é refém. Ele somente poderá evoluir e ser resgatado e/ou reconstituído na sua condição divina anterior se toda a "sua família universal" evoluir.

O Senhor Javé, seus assessores e todos nós, necessitamos que **os que podem evoluir o façam**, libertando-se dos grilhões da camuflagem material densa do universo em que vivemos e de suas realidades adjacentes. Assim fazendo, paradoxalmente poderão novamente viver no reino do Senhor Javé, só que agora na condição de libertos para assim ajudar e apoiar aos que ainda, como o **próprio Criador e seus filhos clonados, dependem e são, portanto, reféns da evolução dos que se encontram inseridos no contexto da sua criação**.

Lembremo-nos, ainda, que "**evoluir**" significa "**reordenar para melhor**" a **condição do código da vida indelevelmente marcado no DNA** de todos os que herdaram o legado existencial daquele que criou o universo material.

Constatação

Cada ser humano à parte é uma "célula viva" do organismo do Senhor Javé: quando melhoramos, implicitamente estaremos contribuindo com a sua melhora e a dos que dele dependem. Daí a importância do melhoramento pessoal, conceito pelo qual Jesus deu a sua vida em sacrifício.

Assim, em sendo verdade o que aqui está exposto, não esqueçamos que qualquer ser dos que vivem neste universo **pode e deve um dia evoluir.** Isso independente da origem direta ou indireta das clonagens das gerações dos filhos do Senhor Javé, ou mesmo de pertencer àqueles que foram criados "livres" da programação mental (do software da mente de Javé) ainda que submetidos a corpos transitórios que direta ou indiretamente padecem da

herança do "DNA" de Javé. Precisamos nos **libertar desse drama existencial** ao qual estamos todos submetidos.

Cada ser residente neste universo que evolui e se liberta da camuflagem densa material é **alguém que marcou no DNA do próprio Senhor Javé a sua colaboração amorosa** para que também um dia possa ele se libertar da armadilha que ele mesmo gerou, apesar da sua boa intenção inicial enquanto divindade.

Portanto, compreendamos ou não, aceitemos ou não, a sorte de cada um de nós está inexoravelmente ligada ao destino do Senhor Javé e da sua criação. Sob outra perspectiva, a sorte do Senhor Javé e da sua criação está ligada ao destino de cada um de nós. O que intermedeia toda essa questão é a **marca das nossas emoções no nosso próprio DNA**, o que, em última instância, é o que **influencia a inquietante condição do Senhor Javé.** Contudo, para que esta percepção se torne possível ao senso comum, necessário se faz que deixemos de lado o "velho e ultrapassado modo de pensar" que domina o psiquismo humano até os dias de hoje. E aqui me refiro à visão de mundo entronizada pela ciência ainda apartada da percepção dos postulados quânticos que envolvem a vida. Quem melhor define a questão é Amit Goswami, no seu livro "Deus não está morto"[3], quando nos aponta:

"Nossa antiga ciência nos diz que real é o universo material, do qual cada cérebro é uma parte, e a experiência do ego e de Deus são apenas experiências epifenomenais desses cérebros. Alguns místicos dizem que apenas Deus é real e que o mundo manifestado é irreal. A versão popular do cristianismo nos diz que tanto o universo material como Deus são reais, mas, no entanto, são realidades separadas".

"A nova ciência nos diz que o universo, Deus e a todos nós, seres humanos, não estamos separados: a separação entre Deus, o mundo e nós é uma aparência, um epifenômeno."

Ressalto que o "Deus" citado por Amit Goswami no contexto da sua abordagem, parece ser o "deus" criador deste universo, ou seja, a "consciência quântica" por trás da criação. Aqui, porém, obrigo-me a dizer que, pelo que depreendo, existem "duas consciências quânticas" por trás dos dois âmbitos

da criação referida neste livro: a criação eterna, que repousa na **Matriz Modeladora Eterna** proveniente da "**consciência quântica" do Pai Amantíssimo**, personificação maior da Deidade, e a criação deste universo e das demais dimensões a ele adjacentes, que repousa na **matriz secundária** proveniente do nível de "**consciência quântica" da divindade co-criadora de padrões dependentes**, conhecida atualmente pelo conhecimento terráqueo como o Senhor Javé.

Os ensinamentos de Amit Goswami aplicam-se a ambos, ou seja, pelos **aspectos físicos do corpo animal que os nosso espíritos habitam**, estamos indelevelmente conectados ao Senhor Javé. Pelo "**Sagrado**" – a parte divina presente em cada ser – que habita no mais íntimo dos nossos espíritos, estamos amorosamente ligados a Deus, o Pai Amantíssimo.

Estudar e compreender esse tema são questões de ordem pessoal que somente as **gerações futuras** terão a oportunidade de, desde cedo, nos **bancos escolares**, **adestrarem os seus cérebros** para a **percepção mais profunda da realidade que nos envolve**. Somente assim, uma **nova visão de mundo alicerçada na sabedoria e na iluminação pessoal**, associada a um novo significado para a existência terão lugar no cotidiano planetário.

Em toda história da Terra a primeira geração de encarnados a saber disso em detalhes é a que atualmente se encontra no palco planetário. Que façamos pois bom uso do que agora estamos sendo informados. Se engano houver mal nenhum disso virá já que a proposta é a do melhoramento íntimo que somente pode promover paz, amor, e harmonia com o belo.

O Agente do Mais Alto se faz Emissário do "Deus Criador".

"O Messias, Senhor do Universo" - Salmo.

Por que tumultuam as nações?

Por que tramam os povos vãs conspirações?

Erguem-se, juntos, os reis da terra, e os príncipes se unem para conspirar contra o Senhor e contra seu Cristo.

"Quebremos seu jugo, disseram eles, e sacudamos para longe de nós as suas cadeias!"

Aquele, porém, que mora nos céus, se ri.

O Senhor os reduz ao ridículo, dirigindo-se a eles em cólera, Ele os aterra com seu furor: "Sou eu, diz, quem me sagrei um rei em Sião, minha montanha é santa."

*Vou publicar o decreto do Senhor: Disse-me o Senhor: "**Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede-me; dar-te-ei por herança todas as nações;** Tu possuirás os confins do mundo; Tu as governarás com cetro de ferro; Tu as pulverizarás como um vaso de argila."* (grifo do autor)

Agora, ó reis, compreendeis isto.

Instruí-vos, ó juízes da terra.

Servi ao Senhor com respeito e exultai em sua presença. Prestai-lhe homenagem com tremor.

Para que não se irrite *e não pereçais, quando, em breve, se acender sua cólera.*

Felizes, entretanto, todos os que nele confiam.

(Salmos 2)[1].

Afirmei, no capítulo sete, que o Senhor Javé, movido pelas desagradáveis circunstâncias advindas dos problemas produzidos pela sua segunda geração de seres clonados, atravessou um período raro de "reflexão e pesar" sobre os fatos em curso, o que o levou a criar no seu psiquismo novas disposições mentais.

Como informado anteriormente, decidiu, então, gerar mais alguns seres clonados a partir de si mesmo, dirigindo agora o seu "comando genético-mental" pleno dos sentimentos mais nobres, possíveis de serem elaborados por alguém nas suas circunstâncias. Foram então geradas exatamente sete individualidades naquela linhagem especial, o que fez com que sete almas divinizadas fossem para o sacrifício amoroso ao submeteram seus espíritos aos novos corpos gerados através do inevitável e doloroso padrão de dependência comum ao método de criação do Senhor Javé.

Muito tempo depois, já sob a égide dos problemas que convergiram para o planeta Terra, duas daquelas divindades viriam a ser conhecidas pelos nomes de Jesus e Melquizedec.

O salmo anteriormente reproduzido representa a síntese de um Mistério Maior referente a ocorrências pretéritas que se situam muito além do que pode ser vislumbrado pela lógica humana.

O espírito daquele a quem conhecemos como Jesus resolveu, exatamente naquela oportunidade, **"mergulhar" na obra do Senhor Javé** em relação a qual se vira obrigado a dar o apoio estrutural em muito dos níveis da geração equivocada sob todos os aspectos. E ele o fez de tal modo que a **sua "personalidade", enquanto clone especial do Senhor Javé**, passou a ser conhecida na hierarquia que o cercava como sendo a "**Personificação da Sabedoria**", que "bilhões" de anos terrestres depois viria a ser conhecido nas tradições terrenas como "**Sofia**[2]", muito tempo antes da sua "incarnação" como Jesus.

O Senhor Javé, ao se "assenhorar" das mentes dos seres recém-gerados, percebeu que estava se defrontando com uma pequena geração de seres – eram somente sete indivíduos o que também a diferenciava de quase todas as outras pelo grande número de seres que as caracterizavam – que demonstravam uma

condição que os diferenciavam de todos os membros das demais gerações de clones anteriormente geradas.

Mesmo sem compreender no que exatamente aqueles seres eram diferentes dos demais o Senhor Javé passou a contar com eles em espécie de missões de extrema complexidade nas quais um **pesado nível de impasse na sua política cósmica** – por força do seu modo impositivo – sempre terminava por ser produzido, o que requeria esforços especiais no campo da "diplomacia" amorosa.

Com o tempo, simplesmente o Senhor Javé e os seus filhos das primeiras gerações foram se acostumando e se encantando com aqueles sete seres que pareciam possuir uma "filosofia" pessoal distinta, apesar de no "tudo mais" apresentarem as mesmas características das demais classes de clones, como também as do próprio Senhor Javé. Entretanto, aqui se impõe uma observação.

A cada geração de seres clonados que surgia a partir da vontade do Senhor Javé a relação de semelhança entre eles e o Pai Javé era plasmada de acordo com o "legado mental" que o Criador repassava a cada um dos membros daquela geração. Para além desse aspecto, todos os pertencentes a uma determinada geração **aparentavam a característica comum daquela linhagem**, ainda que apresentassem poderes e potencialidades distintas entre eles.

Assim, a cada geração que surgia, apesar de todos serem herdeiros e clones dos poderes, das características e do jeito de ser do Senhor Javé, o fato é que começaram a **existir níveis de diferenciação entre as gerações e os seus membros**, aspecto que terminou por criar mais e mais problemas entre os "filhos puros do Senhor Javé".

Tudo se complicou ainda mais quando os "filhos puros" das diversas gerações criaram, a partir de si mesmos, linhagens ainda mais complexas de filhos (como se fossem netos, bisnetos do Senhor Javé só que considerados "não tão puros" ou simplesmente "impuros" ou "mestiços") e, estes sim, **terminaram por povoar a criação do "Pai Javé" com toda sorte de problemas e níveis de impasse**.

Se, por um lado, o "DNA" riquíssimo do Senhor Javé estava presente em todos aqueles seres, tornando mais magnífico ainda os potenciais indivi-

duais dos membros daquele conjunto, em todos eles estava também presente a **semente dos inúmeros germes da doença do Senhor Javé no campo da incompletude, da insatisfação, da imposição, enfim, do domínio.**

Um dos impasses que surgiu nessa triste e impressionante história foi que, se no princípio todos os seres criados obedeciam cegamente ao Senhor Javé, com o tempo, como todos eles haviam herdado o **DNA doente de Javé** com o germe da "**dominação a qualquer custo**", com a eclosão de diversas doenças vibratórias ao longo dos "bilhões de anos" da história da criação, os **seus filhos mais adoentados se sentiram inevitavelmente levados "por efeito genético" a também dominar uns aos outros**, e isso por herança direta e exclusiva do "**veneno do psiquismo do dominador Pai Javé**".

Foi quando o caos começou a se estabelecer fortemente em todos os quadrantes do universo e, como retratado nas antigas **tradições védicas indo-arianas**[3], foi quando **Shiva**, um dos deuses da trindade do panteão hindu, "**cortou uma das cabeças" do deus Brahma** numa estranha narrativa que aponta para uma até hoje incompreensível e **inquietante disputa em torno de uma aparente supremacia na criação e na administração do universo.** Essa questão será apenas ressaltada superficialmente na presente obra já que requer trabalho específico para o necessário aprofundamento.

Assim, o (a) leitor (a) deve atentar para o aspecto de que uma das poucas "pistas" que se relaciona com esse passado imemorial somente se fez presente no conhecimento dos terráqueos a partir das notícias que Enoch trouxe, conforme reproduzido no capítulo sete, quando do contato com o Senhor Javé, sobre os tais "anjos decaídos", os quais, por terem sido expulsos do céu vieram habitar a Terra junto com esta humanidade que então engatinhava ainda os seus primeiros passos, na sua lenta jornada evolutiva.

Além da revelação que nos foi legada por Enoch, também em tempos imemoriais, por decisão também do Senhor Javé – na época conhecido na Terra como sendo o deus Brahma – teve lugar a primeira revelação a este mundo sobre as notícias da criação deste universo e do seu criador quando no seu bojo surgiu também a já referida "notícia" de que o **deus Shiva cortara uma das cabeças do deus Brahma**. Mas, o que isso poderia significar em toda a sua amplitude? – haverá de perguntar o (a) eventual leitor (a).

Naquela época isso não foi devidamente compreendido nem nos tempos posteriores até a presente atualidade. Contudo, é chegada a hora do necessário complemento apesar de que não poderá existir o aprofundamento da questão nestas páginas, como já explicado anteriormente. Retomando a explicação já fornecida e apenas para ressaltá-la com outros painéis, o que estava em jogo era que o Senhor Javé precisava ser impedido de continuar a criar mais e mais gerações de clones que somente complicavam o já caótico quadro da sua criação. A "cabeça" cortada por Shiva significava o aspecto mental do "potencial criador" que desde então se viu **impossibilitado de gerar mais clones a partir de si mesmo**.

A quem interessar possa o espírito do "deus Shiva" encontra-se em missão na Terra, encarnado como o avatar a quem conhecemos como Sai Baba. Arrisco-me a tal afirmar mesmo sabendo da complexidade em torno do tema que é sagrado para muitos que o relacionam com possíveis encarnações de avatares do "deus Vishnu", pelo que me desculpo se vier a ferir suscetibilidades.

Constatação

O Senhor Javé (Brahma, nas tradições védicas) se viu impedido de criar mais gerações de seres a partir de si mesmo quando foi para isso impedido pelo primeiro clone a se rebelar (Shiva, nas tradições védicas). Este era a personificação de uma das divindades co-criadoras que se submetera aos corpos produzidos a partir de Javé exatamente com a missão de impedir que o mesmo continuasse a gerar mais "entes complicados".

O fato é que somente alguns poucos membros das diversas gerações de filhos do Senhor Javé – pelo menos até o momento em que escrevo estas páginas – lhe permaneceram fiéis sem jamais terem sofrido abertamente da doença da imposição (que pudesse causar problemas entre eles próprios). Ainda estes, contudo, agem em obediência ao dispositivo psicológico doentio do Senhor Javé que invariavelmente atua por meio da imposição do mais forte sobre o mais fraco o que implica que mesmo os "clones equilibrados", quando tratavam e tratam com os **seres menores criados para evoluir nas naturezas planetárias**, como é o caso dos terráqueos, o fazem de modo impositivo.

A título de elucidação, os chamados "seres menores criados para evoluir nas naturezas planetárias" – como é o caso do *homo sapiens* da Terra – apesar de terem seus corpos criados a partir da **célula-mãe herdada com o DNA do Senhor Javé**, não podem ser considerados "clones" já que têm a liberdade de fazer o que querem, por força do uso do livre-arbítrio pessoal.

Entendamos bem: **os clones puros não foram programados para ter livre-arbítrio** – o que é chocante – porque são passíveis de sentir absolutamente tudo o que o Senhor Javé sente, querendo Javé ou não, querendo eles ou não, pois foi e é "algo" que passou a ser inevitável, por frustrante e violento que isso possa nos parecer. É um processo doentio e automático, apesar de todos eles acharem normal por terem a tal se acostumado, por terem sido programados para viverem exatamente daquela forma e por não imaginarem nada diferente daquele padrão.

Para muitos dentre os membros da hierarquia celestial em torno do Senhor Javé – não todos – era e ainda é simplesmente "impossível" imaginar como um "**ser com livre-arbítrio precisava ou poderia existir**", daí o choque de alguns deles quando, na **época da criação da espécie humana terráquea, "Adão e Eva" tiveram seus olhos abertos para a noção do bem e do mal, ou seja, para o livre-arbítrio e a responsabilidade existencial**.

Para a "lógica desses seres", e é importante que o percebamos, por mais que nos pareça insensato, o normal e comum seria a criação de clones ou, no caso da natureza terrestre, de seres não-pensantes via reprodução sexual como a conhecemos. Repito: muitos deles até hoje ainda pensam desse modo por absurdo que isso nos possa parecer. O "porque" deles pensarem dessa maneira é assunto que não será aqui aprofundado já que inevitavelmente desviaria o foco elucidativo que se pretende para este livro.

Outra maneira de abordar o assunto é ressaltando que muitos deles acham um "abuso", um "absurdo" que existam seres como os *homo sapiens* pensantes terráqueos, o que revela a "**ignorância espiritual" profunda** em que esses seres clonados se acostumaram a existir. Apesar disso, eles não têm maldade alguma e nem padecem dos problemas espirituais que alguns dos seus irmãos em clonagem apresentam, e aqui nos referimos aos que "enlouqueceram" na disputa pelo poder e por outras questões.

Obviamente se os seres clonados pensam desse modo é porque o Senhor Javé também pensa exatamente da mesma maneira, e não é por menos que o criador, até os tempos atuais, teima por chamar de "**pecado original**" o episódio em que Adão e Eva deixam de ser "animais instintivos" tornando-se animais despertos para a responsabilidade espiritual de suas vidas. É frustrante para a nossa lógica atual isso perceber, mas é imperioso que o façamos: o Senhor Javé e sua assessoria direta jamais pretenderam que existisse uma "raça pensante" na Terra, pelo menos nos termos em que entendemos por "raça-pensante"!

Na minha pequenez e expressando a minha indignação a alguns dos seres que assessoram o Senhor Javé que vez por outra me obsequiam com as suas presenças, certa feita disse-lhes que "*o único pecado original que eu podia perceber era a geração indevida e imprópria de um universo cujos padrões obrigam todos a existirem em condições desagradáveis por força da vontade de um só*". Obviamente não gostaram e provavelmente estou pagando um preço pelo que expressei. Contudo, por equivocado que eu esteja – e provavelmente estou – não consigo mudar de opinião, exatamente eu que sempre me vigiei para não ter opiniões sobre "muita coisa", em especial sobre o que não posso aquilatar.

Um dos aspectos do plano deles era o de "edificar" na Terra algumas espécies diferenciadas, ou seja, **clones indiretos**, como é o nosso caso, já que é isso que os nossos corpos animais são em relação ao Senhor Javé. Afinal, como já referido, os nossos corpos terrenos são herdeiros do seu DNA semeado há cerca de 3,8 bilhões anos, ao tempo da Terra ainda primitiva. No entanto, essas "espécies diferenciadas" seriam "psicologicamente dependentes" da mente do Senhor Javé a exemplo do que ocorre com seus filhos considerados puros.

Isso tudo porque, por mais absurdo que nos possa parecer, repito, o Senhor Javé não sabe e nem consegue lidar com "seres pensantes" que não o obedecem, por força da sua natural, apesar de doentia, condição de **criador de padrões de dependência**. Não esqueçamos que a criação do Senhor Javé sempre se expressou via o seu DNA e do seu legado mental direto para cada individualidade ou tipo de ser. Tentando explicar melhor, é como se a célula-mãe da individualidade a ser criada já com o DNA do Senhor Javé recebesse ainda uma espécie de "**software mental-psíquico**" de sua parte, com a programação de poder específica que ele deseja repassar àquele indivíduo.

O outro modo de ver essa questão com a nossa lógica terrena seria o de simplesmente perceber que o Senhor Javé não suporta e nem sabe como conviver com "crianças desobedientes", quanto mais se essas crianças se tornam impertinentes, orgulhosas, violentas e, além disso, promovem todo tipo de desacerto em relação às boas regras da convivência. As páginas do Antigo Testamento atestam o que aqui está sendo afirmado.

Torna-se difícil para este autor terreno reproduzir estas páginas apresentando um pretenso diagnóstico sobre o Senhor Javé e o seu modo de ser e de agir, o que obviamente implica em muitos erros e imprecisões de minha parte. Mais ainda quando me obrigo a ressaltar que o conjunto de "painéis psicológicos" da personalidade que o marca é doentio exatamente pela "força mental" que ele aplicou no seu desesperado ressurgimento enquanto divindade decaída, no ser com a personalidade incompreensível e incompleta a quem chamamos de Javé. Esta tarefa, é bom que se frise e se repita, encontra-se além da condição humana e mais especificamente da cota que me marca.

Acho mesmo abusivo que não seja "alguém de fora" com "autoridade moral e espiritual" que revele e explique esta complexa questão aos que vivem na Terra. Contudo, os amigos de outros rincões existenciais afirmam renovadamente que não pode ser desse modo: faz-se necessário o concurso de alguém da Terra para que o assunto possa ser resgatado e atualizado para o conhecimento moderno.

Assim, no trato desta jamais desejada tarefa de minha parte, e apesar do incômodo moral que isso me causa, não tenho como ser generoso na escolha das palavras: o **Senhor Javé é um problema** não só para a Espiritualidade Superior e todos os compartimentos da Hierarquia Divina, mas também para os seus "filhos puros de clonagem direta das primeiras gerações", para toda a comunidade de civilizações deste universo compreendendo as já evoluídas e as que ainda estão enfrentando problemas existenciais de toda sorte, como é o caso da população que vive na Terra. **E a criação que dele surgiu transformou-se em outro problema maior ainda.**

Pior! Para os terráqueos essa questão assume-se como singular e superlativa pelo fato de **aqui ter se concentrado toda uma convergência de questões pendentes cujas origens se situam além das fronteiras terrestres**.

É como se todas elas tivessem que ser resolvidas aqui, apesar de terem sido causadas em outros rincões existenciais. A princípio, parece-nos uma injustiça para com a Terra – o que efetivamente o é se estivéssemos nos referindo somente ao aspecto físico planetário. Contudo, boa parte dos espíritos que vem reencarnando na Terra desde há muito **são os mesmíssimos personagens que criaram os tais problemas em outros tempos e lugares deste universo.**

Ao que parece o Senhor Javé compreende alguns aspectos dessa questão. A Justiça Divina, no entanto, registra todos os méritos e deméritos, além dos atenuantes, advindos de cada individualidade ao longo de toda essa triste história, principalmente e de modo mais específico, os do próprio Senhor Javé, responsável maior por todo o contexto hoje existente.

Gostemos ou não, percebamos ou não, em sendo verdade o que aqui está sendo apresentado vivemos neste universo **a mais detestável ditadura** que aos olhos terrenos possa como tal existir. E não é por menos que a herança doentia da "**imposição via poder absoluto**" encontra-se vivamente presente no DNA de todos os **ditadores terrenos,** o que é lamentável e detestável, apesar de saber que não poderia mesmo ser lá muito diferente do que podemos tristemente ainda observar na Terra.

Os seres deste universo que já conseguiram superar essa faceta existencial assim conseguem agir porque nestes o aspecto doentio da **herança não se encontra mais "vivo" ou "ativo" nos seus códigos genéticos pessoais**. Isso implica em que estes minimamente evoluíram sob essa perspectiva espiritual e construíram uma nova configuração no DNA que lhes é próprio. Veja o (a) eventual leitor (a) destas páginas, como a questão é complexa e difícil de ser abordada. Afinal, estamos aqui nos referindo à herança problemática do "deus" deste universo.

O fluxo dos padrões psíquicos da comunicação entre o Senhor Javé e os seus filhos é, aos meus olhos, tão doentio – para eles é absolutamente normal – que, quando o "Comandante Javé", em estado de fúria ou mesmo por necessidade de dar ênfase ao que lhe vai no íntimo, expressa a sua vontade, aí é que os seus filhos não têm como esboçar qualquer reação, e não o fazem mesmo até os dias atuais. Contudo, aqueles sete seres considerados especiais, gerados que foram numa linhagem única e já depois de decorridas a produ-

ção de outras tantas, o que parece é que o "cansaço" ou "enfraquecimento" do Senhor Javé – aspecto jamais aceito por ele e pelos seus pares – terminou permitindo àquelas almas divinas mergulharem seus espíritos nos corpos clonados pelo Criador. Ao fazerem, já eram **sabedores que, com o tempo, os seus potenciais espirituais divinos poderiam ser despertados pelo esforço e mérito pessoal de cada um deles**, de acordo com as suas características individuais. Este foi o **plano das sete divindades** – recorde o (a) leitor da já referida **"conspiração amorosa"** atuante em torno do Senhor Javé – que foram para o sacrifício amoroso, e foi exatamente isso que começou a ocorrer ao longo do tempo cósmico.

Um dos detalhes que os diferenciavam dos demais é que nenhum daqueles sete seres demonstrava qualquer tendência a **disputar "espaços" e "posições" na confusa hierarquia dos "filhos puros de Javé"**. O próprio Senhor Javé foi percebendo que, em relação a um dos sete as suas ordens não eram prontamente obedecidas quando o assunto versava sobre "imposições" ou missões de dominação, ou, se eram, aquele ser agia a seu modo, resolvendo os impasses de um jeito incompreensível para ele e muitos dos seus pares. O curioso é que o ser em questão – a Personificação da Sabedoria – conseguia pacificar os tais impasses sem acrescentar novos problemas aos já existentes, o que era e ainda é algo singular para a hierarquia que envolve o criador deste universo, por absurda que possa parecer esta afirmação.

Foi desse modo que aquele ser começou a ser chamado pelos seus pares por uma expressão que lhe caracterizava a posição **de sabedoria única** dentre toda aquela plêiade de seres, incluído o próprio Senhor Javé.

Pena que a expressão "Sofia", na nossa língua, implique numa percepção feminina, o que nos leva a pensar em questões de gênero masculino e feminino, aspecto que distorce por completo a situação nos termos em que aqueles seres a vivenciaram. Como já dito, os seres criados diretamente a partir do Senhor Javé não eram nem do gênero masculino nem feminino. Essas polaridades de gênero sequer existiam à época desses fatos. Elas surgiriam mais tarde quando a **"máquina" de gerar vida do Senhor Javé por meio de "clonagem e emissão mental"** atingiu níveis críticos, completamente **fora de controle**, o que transformou diversos mundos do universo em verdadeiros laboratórios

para que outras formas de reprodução pudessem ser desenvolvidas. Como exemplo disso é possível caracterizar a natureza da própria Terra, apesar de saber que essa afirmação poderá chocar a sensibilidade de muitos, pelo que desde já me desculpo.

Foi exatamente numa dessas "missões" que o ser divino da geração especial, aquele que era e é considerado como sendo a "**personificação da sabedoria profunda**", terminou por se estabelecer como mandatário do Senhor Javé no âmbito da nossa galáxia Via Láctea, mais especificamente no sistema de mundos pertencentes à estrela conhecida na Terra como Capela.

Apenas para que o (a) eventual leitor (a) tenha noção, até esta altura dos acontecimentos universais, nada, absolutamente nada havia sido revelado ao conhecimento deste mundo, até porque somente existem "habitantes da Terra" há cerca de alguns poucos milênios e enquanto todos esses fatos decorreram ao longo dos bilhões de anos de história sequer existia vida pensante estabelecida no nosso planeta.

Em tempos recentes, coube a Chico Xavier, sob a égide intelectual do seu mentor espiritual Emanuel, resgatar o tema aparentemente perdido dos "Exilados de Capela" e do "**Cristo Cósmico**" como também os das suas promessas para os deserdados cidadãos terrestres. O Cristo Cósmico é a mesma personalidade a quem neste livro denomino como sendo **Sofia**, a personificação da Sabedoria gerada pelo Senhor Javé, exatamente aquele que no futuro viria a nascer na Terra como Jesus.

Foi assim que o **agente do Mais Alto se fez filho do Senhor Javé** para depois se tornar o seu emissário para os que vivem na Terra, único modo que ele encontrou de atuar no nível existencial em que poderia **influenciar amorosamente a todas as forças existenciais envolvidas no drama**. Pena que jamais o compreendemos e nem o levamos a sério. Contudo, os problemas persistem até os dias atuais, desde que as "primeiras questões" mal resolvidas tiveram lugar naqueles dias difíceis de "reino universal" cujo comandante passou a se ver assolado por "traidores" e por outros seres que pretendiam eliminá-lo, conforme enxergava, para assim dominar o que por ele havia sido criado.

A Via Láctea e o Quartel-General da Última Rebelião.

A cada mundo deste universo sempre foi e é dado pelo Mais Alto, no campo da revelação, o que pode ser benéfico para o progresso dos seus habitantes. Contudo, o que assim é feito quase sempre é à revelia dos critérios do discernimento do Senhor Javé. Essas tentativas nem sempre funcionam de modo satisfatório, até porque ele não pode perceber – apenas desconfia – que existe um nível "Mais Alto" do que aqueles que ele mesmo gerou e controla. Ainda assim, o fluxo dessas informações tem sido incessante a partir de uma determinada etapa dessa longa aventura existencial.

Explicando melhor: quando o intercâmbio informativo é entre os mundos do universo físico as forças do Senhor Javé a tudo controlam. Porém, quando este se dá entre as realidades espirituais situadas além as fronteiras deste universo e algumas das suas moradas – este processo é comumente chamado de "revelação" – as forças celestiais do Senhor Javé não podem interferir e nem sempre isso é "bem visto" por eles.

Ao longo dos evos foram realizadas muitas tentativas de ajuda às diversas populações planetárias que vieram a ser geradas pelos "filhos de Javé" e que não conseguiram ainda realizar os seus objetivos evolutivos. Em alguns desses casos, isso não foi possível por uma conjunção de fatores dentre os quais o fato do Senhor Javé e de alguns dos chamados "príncipes de Javé", não o permitirem, por força das suas **atitudes desalinhadas em relação aos propósitos espirituais**. Afinal, o Senhor Javé e os filhos das suas diversas gerações somente agem em relação aos seres evolutivos a partir da lógica coletiva que caracteriza o psiquismo da "aristocracia que o cerca".

Os diversos membros dessa "hierarquia celestial" têm vida própria "entre eles" já que não se misturam com "seres de segunda linhagem" e com outros graus de mestiçagem, apoiados nos seus valores e na sua cultura plenamente definidos pelo que é agradável ao Senhor Javé. Eles vivem numa espécie de circuito existencial fechado, por estranho que possa parecer ao agitado, festivo e problemático modo como se vive na Terra.

Constatação

A dolorosa verdade é que tudo tem de ser feito "apesar de Javé" posto que muitas vezes a sua "cegueira espiritual" e a sua "doença de imposição mental" simplesmente atrapalham as tentativas de ajuda do Mais Alto. O pior: sempre foi assim até esses dias atuais.

Eis outra aparente bizarrice afirmada neste livro, mas é exatamente isso mesmo, por doloroso que possa parecer!

Foi procurando evitar o primeiro "grande problema" no âmbito daqueles que existiam neste universo que o Mais Alto, em certa oportunidade, fez algo que aos olhos do Senhor Javé **mais pareceu uma invasão indesejada aos seus domínios**, num episódio cujo **teor de dramaticidade** não encontra guarida nas palavras terrenas.

Na verdade, é fato que existem resquícios das notícias desses acontecimentos ocorridos em tempos imemoriais quando sequer a Terra existia, e que hoje formam um corpo de lendas, para muitos, e de verdades religiosas para outros, como a que me referi no capítulo anterior sobre as **desavenças entre os deuses Brahma e Shiva**, tema que será agora novamente abordado.

Numa história que um dia será melhor esclarecida e que ocorreu, como já informado, em tempos nos quais sequer existia o sistema solar – a estrela que é o nosso Sol ainda não havia nascido – surgiu o **primeiro antagonismo real** ao Senhor Javé, quando um dos seus "clones periféricos" **se insurgiu contra a dependência mental do seu Criador, como também contra a sua desde então desconfiada incapacidade de levar a bom termo a criação por ele gerada**.

Pelo que hoje penso estar informado, o "clone periférico" era somente o disfarce assumido por outra divindade – uma das que havia formado a corrente vibratória que tentou evitar a atitude criatória daquele que viria a ser o Senhor Javé – que houve por bem, e pelo uso da força, impedir que mais e mais gerações de clones fossem geradas. O chamado "uso da força" parece que somente teve lugar por ser, na época, a única linguagem capaz de ser entendida pelo criador, pela sua atitude sempre impositiva em tudo o que quer e que realiza, estabelece o **confronto de forças como sendo o único meio de comunicação**. O resultado disso sempre redunda em **"pactos" ou confrontos**. **A outra opção é a obediência cega, a submissão total ao Senhor Javé! Este é o principal aspecto da sua doença psicológica.**

Aqui deixo um registro: apesar de convidado de modo renovado a fazer "pacto" com o Senhor Javé jamais o fiz – pelo menos até o momento em que escrevo estas linhas. Sinto-me como se tivesse que "vender a minha alma" aos seus ditames e desígnios, o que não consigo fazê-lo. Disse-lhe, inúmeras vezes, que se havia algo em mim que lhe fosse útil ou que eu pudesse ofertar-lhe eu o daria gratuitamente sem nada querer ou esperar receber da sua parte. Outrossim, se algo ele quisesse me dar eu receberia com alegria e gratidão, sem a necessidade de "pactos", aspecto que considero de menor importância sob a perspectiva da elevação espiritual. Até hoje pago um preço pesado, difícil de ser explicado e/ou revelado, pelo que me escuso de não levar o tema adiante. O pouco que aqui deixo registrado é somente com o intuito de que esta informação possa tornar-se útil a alguém na formulação do seu entendimento em relação à postura estranha e radical do Senhor Javé para com esta humanidade.

Retomando o curso desta narrativa é importante ressaltar que os tempos em que surgiu a primeira insurgência contra o Senhor Javé foram difíceis e delicados de serem vividos. Os fatos se deram num padrão de realidade incompreensível para os elementos que o discernimento desta humanidade dispõe para compor a sua lógica além de terem se situado em regiões do cosmos que nada têm a ver com a galáxia que vivemos na atualidade.

Naquela oportunidade pretendeu-se **"eliminar" o que restava do poder da mente criadora** do Senhor Javé no que se referia ao seu projeto de desenvolvimento material deste universo. Enquanto isso acontecia, apareceu

outro "clone rebelde", surgido logo após o advento da primeira desavença, que convidava a todos os seres então existentes nas plagas universais (eram poucos naquela altura comparados ao que somente hoje existem na Terra) ao **auto-sacrifício**, como forma de não mais ser alimentado o "**truque**" do que hoje é chamado pela mecânica quântica de "**colapso de onda**", que faz surgir esta faixa de realidade na qual se insere o universo denso material.

Aos olhos do conhecimento atual isso seguramente haverá de parecer impróprio, descabido, desprovido de lógica científica, dentre outros aspectos pouco lisonjeiros. Contudo, era exatamente em torno de um "**jogo mental**" impossível de ser compreendido pelos atuais paradigmas que marcam as fronteiras seja do nosso conhecimento como também da nossa imaginação, que os **padrões daquele confronto tiveram lugar**: um jogo de pretensos "deuses" cujos **poderes mentais conseguiam atingir e influenciar diretamente a matriz energética que permanece subjacente a este universo.**

Naquela altura dos fatos o nosso universo contava com aproximadamente 2,9 bilhões de anos de existência, o que, sob a perspectiva do "tempo da realidade maior" que nos envolve é "um nada", como também os atuais 13,7 bilhões de anos desde a sua criação representam um "outro nada" em termos do "não-tempo da eternidade" – entenda quem puder.

O fato é que mesmo antes da primeira desavença "pública" ocorrida entre os membros da hierarquia do criador já havia existido uma tentativa das "outras divindades da corrente" em "retirar" a congênere caída, resgatando-a para a sua situação existencial anterior á queda, mas que não funcionou adequadamente. O curioso é que essa questão "passou-se no âmbito da mente" da divindade caída, quando as demais "invadiram amorosamente a sua condição mental" na tentativa frustrada de fazê-lo parar e permitir ser substituído quando ainda existia razão plausível. Essa razão tinha a ver com a ainda existente possibilidade, na época desses fatos, que permitisse a expectativa de outro roteiro, uma espécie de redirecionamento nos caminhos deste universo. Enfim, quando ainda era vislumbrada a possibilidade de um destino diferente para a criação então gerada.

Para o "pessoal adulto", situado além das fronteiras da criação do Senhor Javé enquanto divindade, sempre foi plenamente sabido que **o que havia sido**

gerado era e é um grande problema cujas conseqüências são imprevisíveis e difíceis de serem administradas por eles. E o "interessante", em termos de ótica terrena, é que este problema é bem atual para os "habitantes do paraíso", pois desde então praticamente todos se dedicam a administrar o problema desde que o mesmo surgiu com a doença da divindade co-criadora de padrões dependentes.

Quando o "**clone rebelde**" se insurgiu contra a ordem recém-estabelecida no contexto do universo do Senhor Javé isso foi visto, por alguns dos "filhos de Javé" como uma interferência indevida e desnecessária num processo existencial ainda por ser estabelecido nos seus matizes, o que os levou a criar mais e mais situações planetárias, como se a dificultar a pretendida "**desconstituição da base estrutural densa**" do universo criado. Loucura? Para o que hoje compreendemos como sendo o nosso universo, provavelmente sim, mas para os padrões do que então existia, seguramente não. Na verdade, pelo que depreendo, nem hoje mesmo o seria.

Infelizmente (ou seria "felizmente"? – a escolha corre por conta de quem está lendo estas páginas) ainda não vimos nada, e nem será neste livro – e penso mesmo que nem ao tempo da vida atual da presente geração de espíritos encarnados – que todo esse "pretérito impensável" venha a ser revelado.

A questão é que somente agora, com o advento da compreensão em torno dos novos conceitos advindos com a física quântica, é que estamos começando a perceber que **fomos condicionados a pensar que a realidade exterior** (o universo como o conhecemos) **é mais real do que a interior** (realidade espiritual), quando na verdade, o mundo interior é quem define o exterior. Mas como falar disso para pessoas que sequer reconhecem que existe uma "vida interior" a ser alimentada enquanto se vive na Terra? Todos têm tempo para cuidar dos fatos da vida animal exterior. Mas quem, dentre os humanos terráqueos, cultivam a sua vida interior? Infelizmente poucos!

A **sensação de que este universo é real** para os nossos sentidos é tão forte e mágica que nos **leva a pensar que nada mais existe** além do que tomamos como sendo a realidade que nos envolve. Isso inevitavelmente se dá porque o simples ato de viver na Terra produz a identidade individual que nos marca a personalidade – costumeiramente chamada de ego – e esta indevidamente

se sobrepõe à consciência profunda presente nos nossos espíritos. Como decorrência disso surge a "quase inevitável" ignorância de que realmente temos uma alma, o que parcialmente obscurece a sabedoria em relação ao que de fato cada ser humano é: **um espírito imortal temporariamente submetido a um ego-cerebral animal**.

Os hindus chamam a essa "poderosa ilusão" de *Maya*, que seria o poder cósmico que faz possível a existência fenomênica e as percepções em torno da mesma. Desse modo, de acordo com a filosofia hindu, somente aquilo que é imutável e eterno merece o nome de realidade. **Tudo o mais que está sujeito à mudança e que, portanto, tem princípio e fim, é considerado *Maya***. Em sânscrito, existe inclusive a expressão *mayasakti*, que expressa o poder de *Maya* que **nos faz pensar que o real é o mundo ilusório que vivemos e que nada mais parece existir**. Veja bem o (a) leitor (a)!

Diferente da cultura ocidental que nada ou pouco sabe sobre a reencarnação e o impacto que a vida terrestre causa à mente espiritual, a cultura oriental ensina que é através das diversas encarnações de um espírito que a identidade do ego pacifica-se cedendo lugar, em plena vida física, à consciência espiritual profunda da presença do Sagrado, da Deidade, em cada ser.

A ilusão, porém, que marca o psiquismo daqueles que estão inseridos neste universo – ou em uma das outras realidades adjacentes também geradas pela divindade caída – não permite a percepção das complicações singulares e dramáticas advindas de um processo que, digamos, começou cheio de equívocos no seu aspecto estrutural, apesar da genialidade criativa daquele que o gerou.

O estabelecimento das **fronteiras vibratórias** entre os diversos níveis de realidade existentes na criação da divindade – e desta em relação à Realidade Maior que a envolve – é processo sutil que se **ampara sempre na consciência das divindades criadoras** como também se **apóia no psiquismo produzido pelas consciências espirituais "mergulhadas" nessas realidades**, ou seja, no psiquismo dos habitantes de cada faixa de realidade. Em não existindo observação não existe observador; em não existindo observador não há senso ou sentido de realidade.

Se os corpos animais que os nossos espíritos utilizam são condicionados a somente observarem a faixa de realidade pertinente à criação do Senhor Javé, obviamente, pelos sentidos deste corpo, somente esta realidade preenche o psiquismo do observador. Quando, porém, a **natureza espiritual da alma é desperta em plena vida física**, outros sentidos são ativados (no "corpo espiritual") e ainda que submetido ao cérebro animal o "observador" pode ver mais além.

De certo modo este tema já foi superficialmente abordado no capítulo quatro, quando ali foi afirmado que **vivemos em um gigantesco holograma**, apesar de não percebermos isso objetivamente. E por que não percebíamos essa questão? Porque os **limites fundamentais do nosso espaço-tempo**, ou seja, do gigantesco e majestoso holograma em que vivemos, **simplesmente não podem ser percebidos pelos cérebros humanos**. Não há nada no corpo humano que permita perceber as micro-partículas e suas correspondentes "porções de energia" formadoras desta realidade – esta é a questão.

Os tais "limites fundamentais" do nosso espaço-tempo – que corresponderia ao ponto em que o espaço-tempo deixa de se comportar como o "**suave-contínuo**" descrito por Einstein se transformando em "**grânulos**" do mesmo modo que uma fotografia se dissolve em pontos específicos de tinta na medida em que se faz um "zoom" sobre a mesma – não têm como ser percebidos pela condição animal humana.

O fato é que nesses "grânulos" ocorreriam o que os cientistas chamam de "**convulsões quânticas**" microscópicas do espaço-tempo, que talvez representem a forma como o "**colapso quântico**" acontece **formando a faixa de realidade** que conhecemos, enquanto as demais que existem permanecem para nós "inexistentes" pelo fato de estarmos também condicionados para não percebê-las.

E ainda relembrando, "suave-contínuo" de Einstein refere-se ao fato de que o "filme" da nossa realidade passa diante dos nossos olhos de modo "suave" e "contínuo", sem que percebamos o **"truque"** que faz surgir a realidade visível a partir das suas menores partes constituintes e do campo energético que jaz subjacente a ela.

O que o **segundo** “**clone rebelde**” da nossa história propunha, para o bem de todos e, em especial do próprio Senhor Javé, era que em não existindo “mentes” inseridas no universo e nas realidades adjacentes, ou seja, no âmbito da criação do Senhor Javé, em algum momento – e com certa interferência vinda de fora do contexto da criação gerada – tudo se “desconstituiria” se transformando, aqui digo eu em pobre analogia, numa “explosão de fogos de artifício” sem maiores conseqüências. Isso ele o fez amando profundamente – conforme os valores com que esses seres se amam – àquele que o criou.

O modo como esses seres se amam entre eles nada tem a ver com o que conhecemos na Terra sobre o tema em nenhuma das suas facetas. Não há palavras nem vocábulos conceituais que me permitam levar adiante esse aspecto da questão. Simplesmente o amor deles não é humano, o que não implica necessariamente em nenhum “defeito” – só que é totalmente diferente do padrão comum ao animal terráqueo.

Veja só o (a) virtual leitor (a) destas páginas como o tema é complexo e complicado de ser abordado, novamente o afirmo. Óbvio que o que aqui está sendo exposto é metáfora pobre e simplória em relação ao acontecido, cujo contexto e fatos ainda se encontram em curso de evolução e as notícias deles advindas estão ainda longe, muito longe de serem esgotadas. Na verdade esse processo está somente começando. Um dia foi o tempo da Revelação Espiritual, agora chegou o tempo da Revelação Cósmica. São essas duas componentes informativas que o ser humano terráqueo necessita para compreender a realidade maior que o cerca e a sua função no contexto.

O fato é que depois do **primeiro episódio de antagonismo real** ao Senhor Javé – na verdade composto por muitos eventos distintos que produziram “**alguns clones rebeldes**” – outros tantos foram se seguindo ao longo do tempo universal, modificando apenas os “sujeitos”, o contexto em que se davam e a “roupagem psicológica” com que os inevitáveis confrontos e conflitos eram investidos.

O modo impositivo e inflexível do Senhor Javé, associado à única opção existencial por ele aceita e com a qual ele poderia interagir – seres que em sendo herdeiros do seu DNA lhe seriam semelhantes e, portanto, totalmente obedientes e dependentes da sua vontade – terminaram por criar obstáculos

evolutivos para as civilizações que foram surgindo em diversos planetas. Infelizmente, verdadeiros "muros" foram criados pela administração universal e contra os quais sempre trombavam as civilizações planetárias surgidas por força dos desdobramentos criativos direta ou indiretamente advindos não só do Senhor Javé como também dos seus filhos co-criadores e detentores de parte dos seus poderes pessoais.

O nível de problema chegou a um ponto tal que um desses filhos co--criadores, seguido por toda sua geração de espécies por ele criadas contra a vontade do Senhor Javé, em **outro episódio constrangedor**, simplesmente "**invadiu" a dimensão paralela** onde reside o Senhor Javé e se encontra estabelecido o seu quartel-general, como forma de liquidar o poder mantenedor da **máquina universal que estava criando sistematicamente "vida" doente, complicada e estéril, sem nenhuma destinação nos planos diretores evolutivos do verdadeiro Deus**.

Foram momentos complicadíssimos, os quais, a exemplo da história dos problemas anteriores, ainda repercutem os seus desdobramentos até os "tempos atuais" deste universo. São **histórias mal resolvidas** das quais acabaram surgindo falanges que mais tarde iriam compor o que hoje podemos chamar de "trevas espirituais" do desespero e do ódio contra o criador.

O mais próximo dos muitos confrontos ocorridos ao longo dos últimos dez bilhões de anos da história deste universo – ocorreram muitos outros – deu-se na nossa galáxia, e refere-se ao que nas tradições espirituais da Terra é chamada de "**rebelião de Lúcifer** ocorrida há cerca de "somente" 700 mil anos atrás. Este evento de ordem extraterrena, por sua vez, gerou uma quantidade impensável de outros tantos problemas e confrontos os quais parecem, a meu juízo, acabaram por minar de uma vez por todas o já frágil psiquismo do Senhor Javé, além de ter levado a níveis extremos a "loucura" impositiva de alguns dos seres das chamadas gerações "impuras" advindas dos "filhos diretos de Javé".

Foi a partir de então que, como se para complicar ainda mais um quadro já de impasse, para além dos desentendimentos entre alguns dos "filhos de Javé" e ele próprio, passaram a existir terríveis enfrentamentos em números muito mais expressivos, entre os próprios filhos das gerações posteriores do Senhor

Javé. Esses se deram tanto entre as chamadas de ordem direta (consideradas "puras"), como também entre as indiretas (consideradas "impuras"), disputando espaços de poder em relação ao comando de determinados mundos espalhados pelo universo.

A Terra não fugiu a esse contexto tendo sido miseravelmente envolvida nessas querelas desde há cerca de 450 mil anos, se a questão for observada no contexto mais amplo, e notadamente, ao longo dos últimos vinte e cinco mil anos, no que se refere ao fato da Terra ter se transformado em "palco de horrores" para contendas algumas delas narradas em livros jamais compreendidos pela visão ocidental.

O termo "miseravelmente" aqui utilizado se refere ao fato de que o belo planeta azul foi sendo "invadido" – tanto na sua esfera física-material como nas suas componentes espirituais – por um número impressionante de fluxos de seres problemáticos cujos **descuidados padrões morais** de toda ordem até hoje respondem por muitos dos nossos dramas.

Painéis dessas lutas, disputas e confrontos ocorridos no passado terrestre ficaram indelevelmente registrados nos quadros de horror e de destruição que foram pintados – no que concerne ao contexto terrestre – nas tradições literárias da antiguidade como, por exemplo, no Ramaiana e no Mahabharata, épicos hindus[1].

Foi assim, que muito tempo antes daqueles descritos nos livros hindus, que na função de representante do Senhor Javé no âmbito da Via-Láctea, a galáxia em que vivemos, veio a "Personificação da Sabedoria" entre todas as gerações de "filhos de Javé", há cerca de 500 milhões de anos terrestres, residir no sistema de mundos da estrela de Capela para dali "administrar" a parte da galáxia que havia recebido a **mais séria parcela da convergência dos segmentos problemáticos** dos confrontos ocorridos até então.

Nesse contexto é que o representante do Senhor Javé se viu obrigado a administrar o problema que surgiu a partir de uma **doença de fixação mental** da parte de um dos seres das chamadas gerações impuras de Javé.

Algo do que agora será exposto sobre o problema de Lúcifer já foi abordado superficialmente no livro "Carma e Compromisso"[2]. No entanto,

aqui somente poderá ser revelado o que for necessário à compreensão ainda que superficial sobre o tema que está sendo exposto até porque a "questão luciferiana" deverá compor uma obra específica, por força da necessidade do seu aprofundamento e da amplitude que envolveu o drama de um ser que terminou se transformando em problema de muitos. Ressalto que na leitura que faço daqueles acontecimentos, por paradoxal que possa parecer, se por um lado o movimento iniciado por Lúcifer produziu a derrocada de diversos bilhões de seres, sem que a rebelião tivesse ocorrido, parece que **jamais seria possível a solução que hoje se vislumbra** – da parte dos seres divinos situados nos ambientes existenciais superiores – para toda essa questão.

A "história de Lúcifer" começa há cerca de um milhão e duzentos mil anos terrestres ao tempo em que a vida cósmica se desenvolvia no seu "curso normal" em torno da sede sistêmica de Capela.

As diversas comunidades planetárias ali sediadas continuavam a desenvolver os seus esforços evolutivos, sempre na superação dos naturais obstáculos inerentes à vida neste universo. Afinal, a nossa casa universal, apesar de maravilhosa e magnificente, apresenta uma ordem considerável de problemas (disputas, imposição pela força, instinto de sobrevivência – dentre outros) a serem sempre superados pelos que nele vivem. Todas aquelas comunidades siderais tinham na pessoa do representante do Senhor Javé o foco irradiador dos estímulos e das orientações necessárias ao progresso comum.

Entre as diversas equipes de trabalho distribuídas nos diversos setores da grande hierarquia celestial que assessorava o representante do Senhor Javé havia uma que possuía, entre os seus pares, um ser que a todos encantava com a sua capacidade pessoal de desenvolver assuntos e temas dos mais diversos, abordando muitos dos aspectos da vida cósmica dentro dos padrões da ciência daqueles mundos.

A equipe a qual aqui me refiro era especializada, por assim dizer, no estudo e no desenvolvimento de padrões mentais de percepção, cujo objetivo era o de descortinar as leis que respondiam pela engrenagem da vida universal. Em outras palavras, e sob uma perspectiva espiritual, aqueles seres estudavam o que poderíamos chamar dos "paradigmas da mente espiritual em evolução" tanto no campo da consciência dos seres pensantes como naquele que na Terra

chamamos de instintivo. É imperioso que se ressalte que o estudo daqueles seres se dava em torno da **existência dos "seres menores"** – e da interação destes com os mecanismos universais – advindos das criações planetárias de alguns dos filhos do Senhor Javé.

Na época dos fatos em questão aquela equipe era formada por 5.420 individualidades as quais normalmente residiam em um dos mundos do sistema.

A exemplo do que ocorre no nosso planeta podemos também afirmar que não existem dois seres cósmicos iguais — a não ser nos casos raríssimos de certo padrão de clonagem aqui referidos, apesar de tal igualdade residir numa semelhança física exata, mas que não condiciona a que tal se dê também a nível de psiquismo por serem individualidades espirituais distintas.

O que importa aqui é perceber que cada indivíduo, pensante ou não, clonado ou produto de algum modo de reprodução via concurso sexual ou em laboratório, de modo singular tem o seu marco evolutivo distinto dos demais. Esse "marco vibratório" diz respeito as suas conquistas e a sua ordem específica de problemas e de obstáculos a serem por ele superados, tendo, portanto, a sua forma pessoal "única de ver e perceber" a realidade que o rodeia. Era esse o campo de atuação, o foco de estudo principal daquela equipe à qual pertencia o irmão cósmico que na Terra ficou conhecido como Lúcifer. Nos tempos idos de Capela esse ser ali era conhecido como Yel Luzbel.

Estudar, entender, catalogar e daí inferir os padrões do pensamento cósmico dos seres em evolução, diríamos ser este, de modo simplório, o objetivo maior daqueles seres. A codificação pretendida era de vital importância para que o que na época era entendido como sendo a **justiça das leis cósmicas de causa e efeito** ali vigentes como, também em outras ordens de mundos.

Há um sentido gradual nas leis do carma[3] que ainda não foi possível ser explicado à comunidade terrena que se baseia, vamos dizer, na "catalogação quântica" – peço desculpas pela expressão utilizada, mas simplesmente não disponho de vocábulos apropriados – do padrão de raciocínio e de percepção de cada ser. É a partir dos méritos e deméritos "catalogados em si mesmo" que o ser é avaliado pela justiça divina conforme as exigências das leis evolucio-

nistas presentes em todo o cosmos, e estas são independentes da vontade e dos desígnios do Senhor Javé.

Lúcifer, dentre todos os membros daquela família cósmica, era o que mais se dedicava à pesquisa no campo específico da "percepção da Deidade" pelos seres menores em evolução.

Ele começou a se inquietar com a grande diversidade de níveis perceptivos dos seres em evolução espalhados pelas diferentes espécies do cosmos. O porquê de existir vida não-pensante (como é o caso dos animais da natureza terrestre) e esta ainda ser destruída por outras formas de vida, esse aspecto e outros mais lhe causavam inquietação mental além da conta. "Qual a função de tantas espécies que "sofriam rotas evolutivas?"; "Por que tanto sofrimento e necessidade de superação e de destruição das formas mais frágeis?"– perguntava-se Lúcifer sem que a sua mente pudesse encontrar as razões que pudessem a isso justificar. Outros aspectos também o inquietavam e para os quais não encontrava guarida nos parâmetros da ciência que lhe era comum ao psiquismo.

Assim, quanto mais estudava a respeito do assunto mais se questionava sobre a razão pela qual seres do seu nível vibratório tinham praticamente as mesmas dificuldades dos demais que lhe eram inferiores, em termos de escala evolucionista, quanto à percepção dos demais seres da hierarquia, fosse a que existia em torno do Senhor Javé, como também de uma hierarquia divina que ele julgava existir. Mais tarde, já no desdobramento dos problemas daqueles dias, Lúcifer questionaria também sobre a figura do **Mítico Deus Verdadeiro**, situado muito além das fronteiras da criação do Senhor Javé.

Entender o Universo com os seus muitos níveis, onde ocorriam os esforços evolutivos de muitos seres não era problema para Lúcifer. O problema era não "atentar" com as repostas satisfatórias as suas indagações. Além do que, não perceber Aquele que a tudo criou e seus Prepostos como também o próprio criador do universo em que viviam lhe eram fatores de inquietação, até porque a ele e a sua família – como as demais residentes no âmbito do sistema de Capela – somente era dado coexistir com os representantes do criador.

Aceitar que as suas poderosíssimas potencialidades mentais não podiam sequer notar a existência de certos seres de porte divino, vamos assim dizer, intermediários entre o representante do Senhor Javé e a condição em que ele próprio se encontrava, e mais ainda sobre o que se situava além das fronteiras do reino universal do criador, angustiava-lhe o íntimo. Por que tinha de ser daquela maneira? Se aqueles seres lhe eram superiores em vibração por que não se potencializavam de modo a serem percebidos por todos ou, pelo menos, por aqueles que, como ele — a seu juízo — já tinham condições para tanto?

É imperioso que recordemos que nesse ponto da história, o Senhor Javé e muitos dos seus assessores diretos residiam na "realidade paralela" já referida neste livro, não sendo diretamente percebido pelos seres residentes nos mundos deste universo, a não ser pelos muito dotados no campo da percepção espiritual e mental, o que não era o caso de Lúcifer e muito menos o de ninguém entre os membros da sua grande família cósmica.

Muitos foram os encontros promovidos pelo grupo de Lúcifer em diversas comunidades planetárias para a discussão do tema. Ao longo de certo período do tempo cósmico esse assunto foi praticamente levado a todos os conselhos locais, planetários e siderais para a necessária avaliação já que fora promovido pelos membros da família Yel que era bastante respeitada e estimada por toda a comunidade daquela associação de mundos.

Naquela altura dos acontecimentos não existia sequer o menor indício de que aquela simples e edificante discussão acadêmica viria a se transformar em rebelião ou em ocorrências do gênero. Os debates que aconteciam em todos os lugares eram tidos honestamente por aqueles que deles participavam — inclusive pelo próprio Lúcifer — como um assunto a mais a ser estudado como fator de evolução para todos.

Os próprios assessores diretos do representante do criador deste universo delas participavam fornecendo as suas opiniões além de outras versões que ali eram apresentadas, e que ofertadas pelo mais sábio dentre os presentes — o então Mestre Celestial chamado de "Sabedoria Divina ("Sofia"), visando o esclarecimento de todos.

No decurso do tempo cósmico e após inúmeras oportunidades de esclarecimento coletivo, foi percebido um problema singular em torno da pessoa de Lúcifer. Por conta da sua indevida fixação mental em torno do assunto, a atmosfera daqueles mundos "começou a reagir" às ondas mentais nervosas e repetidas da parte de Lúcifer, o que gerou uma espécie de "vírus mental" que passou a contaminar de modo indescritível para os padrões terrenos a quase todos os seres ali residentes.

Para consternação geral surgiu um problema de saúde pública, por assim dizer, jamais acontecido. E tão rápida foi a sua propagação que os seres adoentados, por força da boa moral que sempre marcou as suas atitudes e como forma de preservar os que ainda não haviam sido contaminados, resolveram se isolar numa espécie de "quarentena" até que fosse arquitetada a solução para o inusitado problema que vitimara a tantos seres.

Somente para que tenhamos uma idéia aproximada dos fatos, em termos de tempo terrestre, desde as primeiras reuniões solicitadas pela família Yel para a abordagem do tema (ocorridas há cerca de 900 mil anos) até o surgimento do tal "vírus" foram decorridos cerca de aproximadamente 200 mil anos terrestres. Assim, por volta de 700 mil anos atrás, ocorreram os primeiros movimentos de muitas levas de seres adoentados com vistas ao isolamento em mundos previamente escolhidos para os receberem.

Com o isolamento surgiu o agravamento da doença daqueles diversos bilhões de seres os quais foram perdendo a postura do que poderíamos chamar de "simplicidade" diante da existência. Depois, já afetados pelo "nervosismo" presente nos seus psiquismos passaram a exigir e a reclamar sobre uma "ajuda" que não veio porque não havia como vir para aqueles mundos agora complicados por força dos seus habitantes adoentados em alto grau.

Foi exatamente nessa altura dos acontecimentos que um problema de "saúde pública" se transformou em "questão política" quando os doentes começaram a cobrar explicações para as antigas teses apresentadas por Lúcifer, por sinal, jamais esclarecidas. Todas elas, no final das contas, tinham a ver direta ou indiretamente com a questão da doença e da incompletude do Senhor Javé, como também com as imperfeições deste universo, o que **naqueles dias e naqueles mundos eram também questões desconhecidas como agora**

o são para os que atualmente vivem na Terra. Infelizmente, é como se o padrão histórico tivesse se repetido ao longo desses últimos 700 mil anos, apenas mudando de residência planetária e agora sem rebelião de nenhum tipo posto que estéreis do modo como elas são professadas.

O fato é que **Lúcifer se viu a frente de um movimento doentio** cujas teses pessoais terminaram por servir de bandeira de luta contra uma ordem estabelecida, e que era institucionalmente representada exatamente "pelo filho especial" do invisível "deus criador deste universo". Em palavras terrenas pouco cuidadosas seria lícito dizer que o problema político havia "sobrado" para o represente do Senhor Javé – aquele a quem na Terra viríamos a conhecer mais tarde como Jesus.

Após muitas dores e constrangimentos presentes nos psiquismos envolvidos de todas as partes daquela questão, a separação definitiva se deu quando a inevitável ordem de isolamento cósmico teve que ser imposta àqueles mundos já antes em estado de "quarentena". Esse aspecto da questão inevitavelmente ressaltou as cores do agora movimento rebelde contra o **representante do "deus criador" e da Deidade** – assim era visto naqueles dias – e contra tudo o mais que pudesse existir relativo em especial ao Senhor Javé, e o repito, na época considerado um "deus lendário" que, para os então rebeldes, agia em nome de uma "Deidade desconhecida" e aparentemente apartada de tudo o que estava em curso neste universo.

A história que culminou com o ajuntamento nas esferas espirituais adjacentes ao planeta Terra de toda uma gama de bilhões de individualidades espirituais combalidas e doentes advindas dos muitos conflitos travados ao longo dos exílios provenientes da rebelião. Além desses, ficaram também aprisionados os seres que aqui aportaram em suas próprias naves, cujas histórias não serão aqui narradas, até porque já foram superficialmente descritas nos livros "Reintegração Cósmica"[4] e no já citado "Carma e Compromisso".

Assim, de todos os mundos que receberam os seres doentes no início do problema de Lúcifer, somente a Terra permaneceu isolada ao longo dos últimos 100 mil anos, fazendo convergir para este orbe a parcela mais complicada de todo esse processo histórico. Isso porque os demais mundos já haviam sido

reintegrados à convivência cósmica com as parcelas das suas populações que haviam reconquistado o padrão energético de "saúde" natural à vida cósmica.

Na Terra permaneceram as individualidades que haviam perdido a capacidade de amar naturalmente o seu semelhante, aspecto que ainda hoje infelizmente é percebido ainda em boa parte dos que formam esta família planetária. Foi desse modo, portanto, que o "quartel-general" da rebelião e todos os demais seres problemáticos foram agrupados na Terra tendo, desde então, o nosso planeta se transformado numa espécie de última trincheira de uma luta onde jamais houve vitoriosos.

Além da Terra, considerado sob certa perspectiva como sendo o "último dos mundos rebeldes", outros mundos se viram posteriormente envolvidos ao longo dos desdobramentos do problema, os quais foram por sua vez também isolados, permanecendo alguns poucos deles ainda em estado de isolamento semelhante ao do nosso planeta. Contudo, a **opção do Cristo Cósmico de se "diminuir a ponto de nascer como um simples animal terráqueo"**, colocou a Terra no centro do circuito de acontecimentos que envolvem um número simplesmente espantoso de civilizações que têm a ver com esses últimos problemas. Afinal, os "últimos problemas acontecidos", em outra instância de análise, referem-se às **intermináveis disputas por poder** havidas entre os membros periféricos das gerações do Senhor Javé, que **apenas "pegaram carona" no desenrolar da questão provocada por Lúcifer**.

Este irmão cósmico carrega sobre os ombros muitas culpas e responsabilidades só que, parte delas, pelo que penso, não lhe são devidas. Mas simplesmente, como os assessores diretos do Senhor Javé parecem jamais errarem em coisa alguma, aplicando a justiça que lhes é própria com as cores das limitações espirituais que marcam as suas condutas, parece ter sobrado para Lúcifer não somente o peso dos seus próprios erros como também o equívoco de "seguidores não convidados", além dos "eternos espertalhões e oportunistas" existentes neste mundo e alhures. Contudo, se o Senhor Javé e a sua hierarquia respondem pelo padrão de justiça mais imediato que nos envolve, é imperioso não esquecer que a **Justiça Divina** – que se situa sobre todos os universos criados e demais regiões existenciais superiores que a tudo

transcendem – a tudo registra e dispõe, ainda que a seu turno, o que a cada um deve ser dado conforme as próprias obras e méritos pessoais.

Como a Deidade respeita o livre-arbítrio absoluto de todos os seres que existem, independente do modo como foram criados, **é da responsabilidade pessoal de cada ser o que este aciona por força da sua vontade e opções**. Em assim sendo, e como já dito, a **Justiça Divina jamais interfere ou impede alguém de fazer qualquer coisa**, por abominável que seja. Mas ela sempre atua e age "no dia seguinte", ainda que esse aspecto, para os que vivem na Terra – cujo psiquismo de uma vida rápida de alguns poucos anos – comumente não percebem a atuação inconteste dos seus cânones ao tempo daquela existência.

No caso do Senhor Javé, cuja vida foi e ainda é exatamente a mesma que ele conseguiu edificar para si mesmo desde o "início dos tempos deste universo", o seu encontro – e de seus assessores – com os critérios dessa Justiça Divina ainda está por acontecer, e eles, finalmente, estão começando a perceber esse novo contexto que sempre os envolveu. A questão é que agora os critérios divinos começam a apresentar as suas contas!

A Terra, sua Natureza e a Espécie Humana.

Rudyard Kipling[1] é autor de um conjunto de obras para crianças que tratam de temas do tipo: "Como o Leopardo arranjou as suas manchas?", "Como o Dromedário arranjou a sua bolsa?", nas quais ele explora, com linguagem metodicamente posta para o entendimento infantil, noções importantes no campo das informações científicas.

Por incompetência de minha parte e mais ainda por inabilitação teórica e formal em torno dos assuntos que estou sendo obrigado a tratar a fim de cumprir com o inusitado objetivo deste livro, vou imitar, de modo simplório, a estratégia de Kipling, sem, obviamente, o brilho e a competência registrados no seu trabalho.

O meu tema será: "**Como o Senhor Javé criou uma singularidade chamada célula?**".

Pelo menos em teoria já sabemos que a divindade criadora de padrões dependentes gerou, a partir de sua mente, a singularidade que deu origem ao nosso universo. Para isso ela se utilizou do "**potencial sagrado da energia espiritual**" conhecida nas culturas orientais da Terra como Kundalini.

A partir de então, com a rápida expansão dessa singularidade, começou a ocorrer o processo de "**transição de fase**" com "**quebra de simetria**" – que será explicado adiante – processo este que passou a **marcar as "transições" entre as diversas etapas da evolução do universo.** Mas, que etapas são essas? De certa forma, elas já foram descritas nos capítulos anteriores, e aqui as reproduziremos de modo resumido apenas para tornar mais didática a compreensão em torno do "**método mental do Senhor Javé**".

Vamos nos valer aqui da abordagem de Freeman Dyson[2], no seu texto "A Evolução da Ciência", de como ocorrem no universo o que chamamos de evolução e a simbiose.

Nos primeiros estágios da sua história, o nosso universo era quente e denso e encontrava-se em rápida expansão. Aqui a matéria e a radiação estavam totalmente desordenadas e uniformemente misturadas.

Ocorreu então, talvez, a maior "quebra de simetria" de que se tem notícia (opinião deste autor), que se constituiu na separação do universo em duas fases: *uma que continha a maior parte da matéria e que estava destinada a se condensar mais tarde em estrelas e galáxias, e a outra que continha maior parte da radiação e que estava destinada a se transformar no espaço intergaláctico,* explica-nos Dyson.

A separação aconteceu logo que o universo se tornou suficientemente transparente para que as grandes acumulações de matéria que se juntaram por ação da sua própria gravitação pudessem irradiar a sua energia gravitacional para o vazio que as rodeava. Em conseqüência desta transição, o universo perdeu a sua simetria espacial original. Antes da transição, ele tinha a simetria do espaço uniforme. Depois da transição, transformou-se numa coleção de acumulações irregulares.

O mesmo processo de quebra de simetria foi então repetido sucessivamente a escalas cada vez menores. Uma acumulação isolada da primeira geração era uma enorme massa de gás, localmente uniforme e simétrica. A uniformidade local do gás foi então quebrada, quando ele se condensou, formando as acumulações de terceira geração a que chamamos galáxias. O gás de uma região local de uma galáxia continuou a arrefecer, até se condensar, formando as acumulações de terceira geração, a que chamamos nuvens moleculares gigantes. Finalmente, o gás e o pó de uma região local de uma nuvem molecular condensaram-se, formando as acumulações de quarta geração, a que chamamos estrelas e planetas.

Deste modo, o universo transformou-se num sortido hierárquico de acumulações com formas e dimensões variadas. Neste estágio, a formação de acumulações foi conduzida pela gravidade e auxiliada por transições de fase que permitiram a separação física da matéria em diferentes fases.

Assim, atente bem o (a) leitor (a), podemos constatar que em todas as etapas da evolução do universo, conforme nos aponta Dyson, encontramos **transições ordem-desordem** com as mesmas características: primeiro, o súbito aparecimento de estruturas que não existiam anteriormente; e em seguida, a separação física de estruturas recém-nascidas em diferentes regiões do espaço. Aqui temos, portanto, o processo de "transição de fases" da desordem para ordem, processo este que pode ser chamado de "quebra de simetria".

De um ponto de vista matemático, uma fase desordenada tem um grau mais elevado de simetria do que uma fase ordenada. Por exemplo, o ambiente (situação físico-química – grifo do autor) *de uma molécula de água no ar úmido é o mesmo em todas as direções, enquanto o ambiente da mesma molécula depois de ter se precipitado num floco de neve é um cristal regular com eixos cristalinos orientados ao longo de direções específicas. A molécula vê o seu ambiente mudar da maior simetria de uma esfera para a menor simetria de um prisma hexagonal. A alteração no ambiente, da desordem para a ordem, está associada a uma perda de simetria. A súbita perda de simetria pode ser observada em muitas das mais importantes transições de fase, á medida em que o universo evolui* – explica-nos Dyson.

Apenas para facilitar o entendimento da parte do (a) eventual leitor (a), "transição de fase", explica-nos o próprio Dyson, "é uma alteração abrupta nas propriedades físicas ou químicas da matéria, habitualmente causada pelo seu aquecimento ou arrefecimento. Exemplos conhecidos de transição de fase são a transformação da água em gelo, a magnetização do ferro, a precipitação de neve a partir de vapor de água dissolvido no ar".

Observemos agora as "transições de fase" da desordem para a ordem, assim conceituadas pelas leis da física e que sempre estão associadas a uma perda de simetria, em todas as etapas não só da evolução do universo como também nas etapas posteriores da evolução da vida na Terra. Esta etapa da evolução se deu a partir de uma "**célula-mãe**" surgida no nosso ambiente planetário, e de como esta foi evoluindo até se associar sob a forma de organismos complexos – sempre ocorrendo "perda de simetria" entre as "transições de fase". Conforme penso, isso implica em algo significativo em relação ao **modo de pensar da inteligência por trás de todo esse processo**. Ou seja, o **modo**

operacional da mente do Senhor Javé funciona através do que, aos olhos da ciência, seria considerado como uma **transição de "fases operacionais" no âmbito dos seus projetos mentais, por meio da quebra de simetria**.

Mas como seria essa "transição de fase", da desordem para a ordem, no interior da mente do Criador?

Diante do **inevitável ímpeto de sobreviver a qualquer custo**, de construir uma saída para a sua própria existência – o que implica em um bom destino para a sua a criação da qual ele é refém – surge na sua mente o que poderíamos chamar de "crise", de "**desordem**", de uma espécie de "**caos mental provocado pelo desespero**". Para superar esse estado mental, o Senhor Javé faz valer a sua força no limite do poder que ainda lhe é inerente, e faz surgir uma espécie de programa mental genialmente ordenado, estabelecendo o novo padrão (**ordem**) o qual **aos nossos olhos é tido como a materialização da sua idéia**.

Os postulados da física quântica chamam a isso de "**salto quântico do pensamento**", apontando ser necessário que uma **mente não-material** (o "observador quântico", que é o caso em que o Senhor Javé se encontra na realidade paralela de onde costuma agir) **faça valer a sua vontade** (opção quântica perante as muitas possibilidades) **sobre a matriz quântica**, fazendo surgir na **faixa de realidade** em que vivemos o **produto** (idéia materializada) que a sua interferência mental determinou.

Constatação

O Senhor Javé materializa as suas idéias através do salto quântico do seu pensamento que quase sempre se expressa da desordem para a ordem. Isso se dá quando a sua mente não material faz valer a sua vontade sobre a matriz quântica que foi gerada pelo seu estado de divindade co-criadora antes do decaimento, fazendo assim surgir a realidade material do universo no qual estamos inseridos. Do mesmo modo a sua mente não material age em relação as demais esferas da sua criação.

Esse é o **mecanismo psíquico do Senhor Javé** – como também é o que as nossas mentes espirituais utilizam enquanto submetidas aos corpos animais da Terra –para compor e influenciar a realidade na qual estamos inseridos. Alguns poucos indivíduos que possuem maestria nesse mister costumam realizar os chamados "milagres" quando associam esta habilidade a outros aspectos do patrimônio espiritual que lhes é inerente.

No caso específico do psiquismo do Senhor Javé isso pode ser "facilmente" notado pela resposta à seguinte indagação: Qual foi a primeira "percepção", ou "sensação" que teve lugar na mente da divindade decaída e agora inusitadamente prisioneira da sua própria criação? Resposta: obviamente algo próximo do desespero superlativo, do **caos**, ou seja, da **desordem.** A segunda etapa do seu psiquismo sobrevivente à queda foi o despertar da sua força mental superlativa para se reconstituir e construir o ambiente ao seu redor, ou seja, promover algum tipo de **ordem.** Logo depois voltava a ficar instável (desordem) e buscava superar o problema (ordem). E assim, **sempre da desordem para a ordem, foi o psiquismo mental do Senhor Javé construindo o seu modo de sobreviver enquanto procurava organizar a própria criação**. Em outras palavras, **entre acessos de inquietação e de pacificação pessoal**, foi o sobrevivente da própria desgraça reconstituindo no âmbito da sua criação os padrões que lhe eram possíveis repassar à matriz energética que criara e da qual são subprodutos as demais dimensões que compõem a "criação total" do Senhor Javé.

Assim, a mudança abrupta – leia-se salto quântico – que ocorre no nosso mundo material, deve-se ao "aquecimento ou resfriamento" da química mental do Senhor Javé que corresponderá sempre a procedimento idêntico na química da nossa realidade. Sobre esse tema, veremos mais adiante como o mesmo processo quântico pontua a chamada "evolução das espécies" apontada por Charles Darwin.

Obviamente que o autor aqui citado nada tem a ver com a tese que apresento valendo-me das suas abordagens, como também o mesmo raciocínio vale para as demais citações ao longo deste livro. A hipótese de apresentar a personalidade do Senhor Javé **por trás dos processos evolutivos** não só do

universo como do da própria vida na Terra corre por conta da minha responsabilidade pessoal.

Desse modo, com o objetivo de elucidar um pouco mais a questão, continuo a valer-me das reflexões de Dyson em torno do tema que aqui nos importa.

A minha abordagem da evolução assenta em analogias entre a biologia, a astronomia e a história. Começo pela biologia. Os principais agentes da evolução biológica são a evolução das espécies e a simbiose. No mundo da biologia, estas palavras têm sentidos conhecidos. A vida evoluiu por um processo de sucessivo refinamento e subdivisão de forma e função; ou seja, pela evolução das espécies, pontuada por um processo de união de espécies diferentes e geneticamente distantes num só organismo, isto é, de simbiose.

(...)

Como cientista físico, fico impressionado com o fato da transferência de conceitos da biologia para a astronomia ser válida a dois níveis. Podemos observar no céu muitas analogias entre os processos astronômico e biológico... Da mesma maneira que podemos observar analogias semelhantes entre os processos intelectual e biológico na evolução e na taxonomia das disciplinas científicas. ***A evolução do universo e a evolução da ciência podem ser descritas na mesma linguagem que a evolução da vida*** – diz-nos Dyson, com grifo meu.

Atente bem o (a) leitor (a) o que tanto a evolução do universo como a evolução das leis da ciência que o define – como também ainda a evolução da própria vida – podem ser descritas numa mesma linguagem, ou seja, pelo mesmo método ou modelo mental operacional. Isso é afirmado pelos postulados científicos. Tudo o que estou apontando é que o Senhor Javé, que apresentou a si mesmo como "Criador dos céus e da Terra" através das páginas do Antigo Testamento, é quem responde pela autoria intelectual de todo esse processo e já é tempo disso ser percebido pelos que vivem neste planeta.

Continuemos a refletir sobre a abordagem de Dyson a cerca de **outras transições de fases que vieram a ocorrer**, agora ao longo da estruturação do nosso planeta e da edificação da vida planetária.

O processo de evolução astronômica só se deteve quando as estrelas e os planetas ficaram formados. Depois da Terra se ter condensado a partir do pó interestelar, abriu-se um mundo novo de oportunidades à separação de fases e ao crescimento das estruturas. Primeiro, surgiu a separação do interior da Terra nos seus principais componentes: núcleo, manto e crosta. Veio depois a separação da superfície do planeta em solo, oceano e atmosfera. Trata-se de um processo contínuo, circulando a água constantemente do oceano para a atmosfera, para a Terra, e novamente para o oceano. O terceiro processo que transforma a Terra é a divisão em placas e a formação e destruição da crosta nas extremidades das placas, processo que é conhecido pelo nome de tectônica de placas; a tectônica de placas é uma força poderosa, que atribui constantemente novas estruturas a Terra. O quarto processo que cria estrutura e ordem na Terra é o mais poderoso de todos eles. O quarto processo é a vida. A vida apareceu na Terra há três ou quatro bilhões de anos, dando novo sentido ao conceito de evolução das espécies.

A transição dos mortos para os vivos foi uma transição entre fases de um novo tipo. Foi uma transição da desordem para a ordem, em que a fase ordenada adquiriu a capacidade de se perpetuar depois de terem mudado as condições que levaram ao seu aparecimento. Há muitas teorias acerca da origem da vida, e não temos provas diretas que nos permitam decidir qual delas é a verdadeira. Aquilo que é certamente verdade é que uma mistura complexa de elementos químicos orgânicos fez a transição para uma fase ordenada capaz de crescer, de se reproduzir e de se alimentar no seu meio ambiente.

Depois de estabelecida, a fase ordenada possui suficiente estabilidade para sofrer mutações e evoluir, formando bilhões de espécies diferentes. (...) Mas a diversificação de novas formas de vida sobre a Terra é, em muitos aspectos, semelhante à diversificação de novas espécies celestes, galáxias e nuvens de poeira, estrelas e planetas, que ocorreu no universo antes do surgimento da vida.

Assim, considero que já forneci ao eventual leitor (a) um rico material para que lhe seja possível refletir sobre o **processo de transição de fases que está presente em absolutamente todas as etapas do processo evolutivo que envolve a expansão do universo até o surgimento da vida planetária**. Contudo, para chegar à resposta ao meu tema de "Como o Senhor Javé criou

a singularidade chamada célula?", precisamos ainda abordar outro aspecto, em relação ao qual continuarei a me valer de Freeman Dyson.

As transições de fases são uma das duas forças motoras da evolução. A outra é a simbiose. A simbiose é a religação de duas estruturas, depois de terem sido separadas uma da outra e de terem evoluído durante muito tempo por caminhos separados, por forma a constituírem uma estrutura combinada com um comportamento não observado nos componentes separados. A simbiose desempenhou um papel fundamental na evolução das células eucarióticas a partir das procarióticas. A mitocôndria e o cloroplasto, que são componentes essenciais das células modernas, já foram criaturas independentes que viviam separadas uma da outra. A célula simbiótica adquiriu uma complexidade de estrutura e função tal, que nenhum dos componentes poderia ter evoluído separado. Deste modo, a simbiose permite que a evolução dê passos gigantes. Uma criatura simbiótica pode saltar de estruturas simples para estruturas complexas muito mais rapidamente do que uma criatura que evolua por processos normais de mutação e evolução das espécies.

A simbiose está tão presente no céu como está na biologia. Os astrônomos estão habituados a falar de estrelas simbióticas.

Muito mais poderíamos aqui reproduzir sobre a importância da **simbiose** nos eventos astronômicos como também na questão geológica da Terra. Afinal, foi a simbiose dos dois mundos contrastantes presentes no nosso planeta, a sua parte líquida e a parte sólida superficial frequentemente transformada por transições de fase, que tornou a vida possível.

Assim podemos constatar que de fato as **transições de fase** e a **simbiose** são as duas forças motoras mais importantes na evolução do universo e da vida.

Constatação

Se temos o processo chamado de transição de fase associado à simbiose acontecendo como marco regulatório e definidor de todas as etapas evolutivas não só do universo como também na edificação da vida na Terra e, se admitimos a existência de um ser criador, é de boa lógica presumir que o processo exteriorizado é reflexo do *modus operandi* mental do criador.

Desse modo parece funcionar a mente do Senhor Javé quando ele expressa, para além de si mesmo, o modelo mental das "coisas" que surgem no âmbito do seu universo. O seu gênio criador parece formatar "programas mentais básicos" das estruturas menores, expressando-as por meio da sua força mental na matriz por ele criada. A partir daí as formas materiais vão tomando curso de evolução através das transições de fase associando-se sempre a outras formas num constante processo de simbiose.

Assim, de modo simplório, penso que o Senhor Javé, em termos de ótica terrena, **gerou um segundo "Big Bang" ao criar a célula-mãe a partir da condição dos genes existentes no seu próprio DNA**, definindo, dessa maneira, tudo o mais que veio a existir como formas de vida na Terra.

O interessante é que todas as formas vivas da natureza terrestres são definidas por apenas 3% dos 3.000.000.000 de pares-base de nucleotídeos que compõem os genes presentes no DNA não só do genoma humano[3] como também em todos os outros genomas das demais espécies vivas da natureza terrestre – é o que especula os postulados científicos sobre o tema. Os outros 97% são considerados "DNA-lixo"[4] por serem aparentemente destituídos de função, ou pelo menos as suas funções não foram até agora percebidas pela ciência.

Em outras palavras, somente os outros 3% do DNA conseguem se transformar no RNA a fim de produzir as proteínas que definem o que nós somos como seres viventes na Terra, e que também constituem e pontuam todas as demais formas de vida presentes na nossa natureza.

Convido o (a) leitor (a) a refletir sobre a seguinte suposição:

- Os clones do Senhor Javé da Primeira Geração assumiram corpos que herdaram 99,99999 % do seu DNA. É tão grande o peso da influência do DNA do criador que praticamente impede a individualidade de poder evoluir de algum modo. Seu destino aparente é o de ser sempre um robô a serviço do criador.

- Os clones da Segunda Geração assumiram corpos que herdaram 99.98877 % do DNA do Senhor Javé. O peso da influência é ainda singular. Sucessivamente, as próximas gerações foram assumindo corpos com um peso de influência do DNA do Senhor Javé cada vez menor, apesar de sempre considerável, o que foi permitindo aos espíritos que se submetiam a esses corpos terem uma "folga", uma espécie de "margem" de manobra para poderem "despertar" os potenciais das personalidades espirituais que lhes eram próprias.
- Os clones da Geração Especial em que somente sete seres foram "plasmados" herdaram cerca de 74% do DNA do Senhor Javé.

Quando diversos filhos-clones do Senhor Javé começaram a semear o seu DNA adaptado às condições de cada planeta, o grau de dependência ou peso de influência do criador começou a diminuir consideravelmente. Em muitos casos, a molécula de DNA semeadas nesses mundos tinha cerca de 30 a 35 % de DNA ativado sendo os demais 70 a 65% considerados como DNA-lixo (parte do DNA inibida). Isso foi permitindo que espíritos pudessem encarnar nos corpos planetários com uma certa margem de possibilidade de evolução já que a influência das "potencialidades, características e doenças" do Senhor Javé era possível de ser administrada pela força evolutiva das individualidades espirituais que agora povoavam o universo.

A última espécie cósmica a ser edificada no universo parece ter sido a espécie *homo sapiens* da Terra. O DNA que deu origem a todos os demais corpos de seres vivos da natureza terrestre foi semeado neste mundo há 3,8 bilhões de anos atrás com somente cerca de 3% ativado (que corresponde a uma influência já discreta das características do Senhor Javé) permanecendo os demais 97 % (DNA-lixo) desativado. Isso permitiria aos espíritos que encarnam na Terra uma margem de manobra espiritual muito superior a tudo o mais que existe no universo. Atente bem o (a) leitor (a).

Pergunto agora: será que o Senhor Javé e seus engenheiros genéticos manipularam os genes do DNA enviado para o nosso planeta nos moldes em que hoje os cientistas da Terra o percebem? Deixo a possível resposta para o

(a) leitor (a) desde já novamente me desculpando por não aprofundar essa questão que, por apaixonante que possa ser, desviaria a atenção do tema central que tenho tentado enfocar nestas páginas. A quem desejar se aprofundar um pouco mais no tema, rogo que observa a nota explicativa ao final do livro. Informo ainda que devo aprofundar o tema em outro livro denominado "O Outro Lado da Rebelião de Lúcifer".

Assim, obrigo-me a perceber que, sob a perspectiva do modelo mental o Senhor Javé criou outra singularidade a qual em se expandindo e se multiplicando gerou mais um "Big Bang" existencial. Conforme penso, da geração do universo à criação da célula-mãe com o código existencial de tudo o que existe na Terra, o Senhor Javé foi tecendo a sua teia de vida e nela dispondo os elementos dos seus modelos mentais. Estes, ao tomarem vida própria, começaram por sua vez a se replicarem e se reproduzirem, obrigando ao Senhor Javé e aos seus assessores a **trabalharem incessantemente na formatação de processos de controle para o que surgia independente das suas vontades**.

Um dos aspectos interessantes dessa história é o de que, pelo que entendo, o mesmo processo se repetiu em muitas realidades planetárias distintas quando **outros percentuais dos genes do DNA do Senhor Javé foram ali "ativados" para exercer a função de definir padrões de vida locais.** Isso fez com que a "**máquina de gerar vida do Senhor Javé**" passasse a exigir incessante processo de geração do Mais Alto das "**novas almas**" que seriam criadas "simples e ignorantes" para fazer face à estruturação espiritual de tudo o que estava sendo gerado no âmbito da criação em foco.

Desse modo, no que toca às questões terrestres, a evolução da célula foi e é o maior triunfo da natureza, isso supondo que ela foi gerada a partir dos elementos disponíveis na própria natureza. Contudo, tendencioso que sou a pensar que a tal **"célula-mãe" aqui foi posta por alguém**, conforme defendia o prêmio Nobel de biologia Francis Crick[5], por meio da sua teoria "**Panspermia Dirigida**", penso que a "evolução da célula", a partir do seu aparecimento na Terra, é fonte de toda "uma magia" plenamente explicada pela ciência. Digo "magia" porque há um "quê" de magia em tudo o que o Senhor Javé faz, na medida em que o seu universo, apesar de real para todos nós, é pura "ilusão e magia" se observado sob outra perspectiva.

Francis Crick apontou **a hipótese da célula-mãe ter chegado a Terra num artefato fechado, único modo de uma célula tão complexa ter conseguido semear a vida na Terra como de fato ocorreu**, segundo essa perspectiva. David McKay[6], da Nasa, chama a atenção para o fato de: "**Ou a vida na Terra teve uma origem integral como a deusa Atena que saiu inteira da cabeça de Zeus ou ela teve origem em algum outro lugar**".

É interessante perceber como a tese de que a "**vida já chegou pronta e acabada na Terra**" é clara e óbvia para muitos cientistas e ao mesmo tempo absurdamente improvável para outros tantos. A pergunta que se impõe é: como isso é possível se os elementos disponíveis para a análise são os mesmos? E quanto ao método científico, quais dos cientistas estão aplicando o método para concluírem por uma ou outra opção? Como ficam as "**certezas científicas**"?

A partir do **fato aceito** por todos os segmentos científicos de que a molécula-mãe de tudo o que passou a existir "apareceu" na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos, podemos observar, como aponta os postulados da biologia, que a evolução da célula – na direção da formatação de organismos multicelulares – se dá, primeiro, pela modificação do programa de desenvolvimento embrionário da própria célula. Esta modificação se deve a alteração nos genes cuja função é a de controlar o comportamento celular. Nos genes, o código genético encontra-se, vamos dizer, de forma passiva no DNA cuja função é a de produzir proteínas.

As **proteínas**, pelo que penso, são quem **carregam os "modelos mentais da célula" advindos da mente formatadora desta realidade biológica**. As proteínas são os **agentes que determinam o comportamento das células**, ou seja, o **"psiquismo" de cada célula**, se assim posso me referir. Contudo, perdoem-me os cientistas pelo atrevimento e pelas inexatidões conceituais aqui cometidas, mas penso que cada célula tem a sua "perspectiva", vamos dizer, "pessoal", como cada grupamento de células com função específica tem também a sua "perspectiva conjunta singular".

Acho, portanto, dentro do contexto ora apresentado, que a **herança do psiquismo do Senhor Javé encontra-se passivamente presente no DNA**, expressando-se **através da produção das proteínas** que definirão o com-

portamento funcional das células. Contudo, sob a perspectiva da ressonância mórfica que será explica mais adiante, a herança não é exclusivamente genética, como nos explica o Dr. Rupert Sheldrake.

Os genes permitem aos organismos produzirem determinadas proteínas e alguns estão mesmo envolvidos no controle da síntese protéica. Mas gerar as proteínas certas não é suficiente para construir vida, muito menos dotá-la de suas herdadas formas de comportamento, seus instintos; o que se dá justamente em virtude dos campos mórficos, que não são transmitidos geneticamente, mas sim por intermédio da ressonância mórfica, uma influência direta do passado no presente, através do tempo.

O fato é que por mais que amadoristicamente estude e reflita sobre a questão, para meu próprio espanto, não consigo perceber, sob a perspectiva "espiritual-quântica", "causa final" nas proteínas, o que me remete a pensar sobre a "causa real" **por trás da camuflagem** do que entendemos como realidade biológica: realmente **o Senhor Javé é a mente responsável pela formatação e geração da vida celular na Terra**. Apesar disso, ele parece não possuir a menor possibilidade em lidar com o pano de fundo espiritual, aquele que dá "**função moral**" e "**causa ou destinação final**" ao que existe, aspecto este que parece não existir na sua criação.

Por que a **natureza terrestre é violenta e brutal** em muitos dos seus aspectos? Por que o sistema existencial em curso é o de **vida destruindo vida para poder sobreviver**? Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que os membros das espécies que são violentas na luta pela sobrevivência estes conseguem expressar um tipo de amor pela sua prole que encanta a quem tiver sensibilidade para perceber o cuidado da galinha com os seus pintinhos, o zelo de uma cadela por seus filhotes, dentre muitos outros aspectos que apontam para uma "**ternura original**" que parece existir **apesar de eclipsada pela violência dos fatos da luta pela sobrevivência a qualquer custo**.

Penso que a resposta reside exatamente no aspecto já citado: **a mente do Senhor Javé parece ser genial para a criação de "células-básicas", mas desprovida da possibilidade de exercer a força responsável pela fixação espiritual da função moral das criaturas por ele criadas**. Isso se dá pela condição doentia da sua estrutura mental deformada enquanto divindade

decaída e ainda pelo **aspecto espiritual perturbador** que lhe marca a "**personalidade incompleta**".

E a sua genial marca biológica em tudo se mostra na natureza terrestre ao mesmo tempo em que a sua triste condição espiritual se revela na **ausência de "finalidade moral e virtuosa" em toda a sua criação**. Persiste, porém, por sobre toda essa "incompletude", os **resquícios da sua ternura, do seu zelo pessoal pelos seres por ele criados**. Por outro lado, a perturbadora necessidade de somente saber coexistir recebendo a submissão total dos seus "filhos" permanece como marca da sua incompetência e da sua **incapacidade na arte do conviver.** Pode parecer primário, simplório, além de aparentemente ridículo por aqui estarmos tratando de um "ser divino com problemas", mas é exatamente isso mesmo.

Ao registrar afirmações desse naipe sei como me arrisco a obviamente não ser compreendido nem muito menos respeitado por uma provável parte dos leitores (as). Sem querer aparentar traços quixotescos devo, porém, ressaltar que qualquer pessoa que venha a desafiar o que estabelecido está certamente haverá de pagar preço singular no campo da sua sensibilidade e em outros aspectos da vida. Que seja! Mas diante da inevitável veiculação dessas notícias não tenho como abrir mão das minhas convicções pessoais por receio da infâmia, do deboche, do patrulhamento e das perseguições. Mas, sem problemas! Estou mais para um dos membros do exército de Brancaleone da Norcia[7] do que para Sancho Pança, fiel escudeiro de Dom Quixote de La Mancha[8]. Faço o que posso e esforço-me por administrar o senso de ridículo ao meu redor.

O paradoxal em torno do Senhor Javé reside no seguinte aspecto: de tudo o que criou, ou do que nasceu a partir da sua semeadura do seu código de vida na Terra, **somente a espécie *homo sapiens* adquiriu uma "finalidade existencial"**. O estranho é que isso ainda pareça ter sido contra a sua vontade já que tal se deu por conta da "serpente", ou seja, das forças rebeldes de Lúcifer (aspecto 1) que não desejavam que os espíritos doentes dos rebelados nascessem em corpos não pensantes, sob pena – segundo a perspectiva que então os marcava – dos ideais revolucionários serem totalmente esquecidos. O outro lado dessa questão (aspecto 2) foi a presença dos Nefelim bíblicos,

povo extraterreno que participou diretamente na manipulação genética desta humanidade.

Aqui importa se recordar que, ao nascer para este mundo, um alma pensante, ou seja, humanizada, ao submeter a sua mente espiritual eterna a um simples cérebro animal temporário, "zera" os seus arquivos mentais em nada se recordando das lembranças pretéritas. E esse era um dos aspectos mais observados por ambas as partes na contenda entre as forças do Senhor Javé e os rebeldes alojados na Terra.

Retornando, porém, à questão do "**psiquismo**" **da natureza animal e vegetal terrestre**, podemos facilmente perceber que há um fator psíquico que se expressa em duas componentes, e que está presente em toda fauna e flora: o **impulso de sobreviver a qualquer custo** e o império (imposição de força) do mais forte sobre o mais fraco – leia-se **subjugação**. Convenhamos: **isso é a "cara" do Senhor Javé**! Este é o seu "modelo mental" desde que ele se viu obrigado a sobreviver a qualquer custo e a se impor sobre as adversidades que passaram a lhe rodear a "nova existência" enquanto divindade decaída.

Outra questão que ainda podemos perceber é a dos "aspectos psicológicos do criador" por trás das leis e dos eventos físicos no âmbito do seu universo já que neste **tudo nasce já programado para morrer**, ou seja, tudo já nasce com o germe da própria morte – sejam as estrelas, qualquer ser na natureza terrestre ou mesmo os seres humanos. E desconfio que isso inevitavelmente se dá em todo o âmbito da sua criação, transformando a tudo e a todos numa simples "questão de tempo". Afinal, o que nasce ou quem nasce já está marcado para morrer mais cedo ou mais tarde, exatamente como o próprio Senhor Javé que em estando subjugado à própria criação não escapa das suas próprias leis.

Assim, todos os seres viventes deste universo são herdeiros de uma "**doença terminal**" pelo simples fato de que o próprio universo também o é, como também o são as demais dimensões paralelas geradas a partir da criação da divindade decaída que se reconstruiu com a personalidade do Senhor Javé. Nem mesmo ele, o criador escapa a esse aspecto que nivela a tudo e todos como cenário, eventos e personagens temporários de uma **novela cósmica que começou sem que o seu roteiro estivesse escrito**.

Tal se dá por força do “**impensável acidente**” **com a divindade que a impediu de “finalizar” a sua criação**. Em resumo – e sendo repetitivo – a exemplo do que ocorre com o Senhor Javé e os seus filhos assessores absolutamente tudo o que deles é originado já vem programado para um dia deixar de existir sob a perspectiva do que foi criado pela divindade.

O Senhor Javé, apesar de se afirmar “eterno”, terá também a sua “hora de deixar a forma que conseguiu estruturar para si mesmo”, como também é o caso de todos os clones por ele criados. Como já informado, **apenas o “tempo de vida útil” dele e dos seus é superlativamente superior ao de todas as realidades planetárias** criadas por ele ou a partir dele.

Perante Moisés ao tempo do êxodo dos hebreus fugindo da dominação egípcia – afirmou que “**era o que era desde toda a eternidade**”, mas isso se referindo “a eternidade” dos 13,7 bilhões de anos desde a criação deste universo, quando ele se fez como ainda hoje é e aparenta ser.

Outro aspecto que podemos observar no âmbito do universo são as “criações” causadas quase sempre por “explosões”, além de eventos cataclísmicos determinando novas oportunidades existenciais, num eterno ciclo de transição entre fases sempre pautadas ou pontuadas por “mudança na temperatura da vida”. Esta pobre metáfora pretende simbolizar que as “**modificações temperamentais do Senhor Javé**”, com as suas “explosões de fúria” tão claramente expostas nas páginas da Bíblia, parecem provocar também as tais transições de fase entre muitas das situações no âmbito da realidade em que vivemos. Em resumo: **tudo neste universo parece ser a “cara” do Senhor Javé**. Quem tiver olhos que veja!

Foi, então, desse modo que o modelo mental do Senhor Javé, herdado da sua mente divina antes da queda espiritual, foi por ele aplicado nos mesmos moldes em cada uma das etapas da sua criação. Só que à herança da sua capacidade genial no campo intelectual associava-se agora um conjunto de “**esquisitices comportamentais**” por força do seu sofrimento pessoal enquanto divindade decaída prenhe de problemas espirituais.

Assim, como pudemos ver anteriormente, ao criar o universo a sua mente divina gerou a singularidade para, a partir dela, aplicar processo que

os cientistas chamam de "transição de fase". E ele o fez em larga escala e em tudo o que criou, seja enquanto ainda divindade, ao longo dos primeiros "micro-instantes" do universo, como depois da sua queda, já com a enigmática personalidade do Senhor Javé. Afinal, como foi e é sempre a mesma mente trabalhando o modelo do processo criativo foi inevitavelmente os mesmo, variando apenas o ritmo.

Se, porém, a criação do universo foi toda pontuada pelos traços do seu psiquismo em pleno assombro no meio de uma dolorosa constatação, bem mais tarde, já com a sua consciência aturdida de um "ser engolido pelo processo criativo", foi com essa "**consciência doente**" que novamente plasmou, a partir de si mesmo, numa perspectiva holográfica, a marca do seu modo de ser, **repassando-a, por inevitável herança genética** aos corpos e ao psiquismo de todos os seres vivos que surgiriam na natureza terrestre e alhures. Sem que o soubesse, ao semear nos mundos do universo a "**marca do seu modo de ser" decodificada no DNA**, ele estava como se "**distribuindo as células do ser" para que o mesmo pudesse ser ajudado por quem delas se "apoderasse temporariamente". E é exatamente isso que os nossos espíritos fazem**, **melhorando ou piorando a situação do Senhor Javé a cada vez que mergulhamos na sua criação**, ou seja, a cada renovada oportunidade que reencarnamos no mundo terrestre. Já é tempo disso ser percebido.

E aqui existe uma interdependência que precisa desesperadamente ser percebida pelos seres pensantes que vivem na Terra já o Senhor Javé precisa da nossa energia amorosa para poder seguir adiante, rumo ao "porto seguro" do qual ele tanto necessita. O paradoxal aqui é o aspecto de que se disso realmente ele tem a devida consciência ainda não a demonstra e nem mesmo sei se ele "aprova completamente" o modo terreno como este não menos aflito escrevente está veiculando o presente conjunto de informações. Desconfio que sim, por isso o faço, apesar da flagrante pequenez que me marca não só a condição, mas a própria conduta enquanto "animal terrestre" na tentativa de traduzir "dramas celestiais e espirituais" de divindades. Obviamente deve existir algo de muito errado nessa perspectiva, pelo que novamente me desculpo.

Quanto à espécie humana terráquea, se as informações que disponho estiverem corretas, esta derivou sem dúvida nenhuma da molécula-mãe aqui

já referida, que foi semeada na Terra há cerca de 3,8 bilhões anos atrás. A partir daí, contudo, a espécie animal que hoje nossos espíritos animam surgiu como "**filha**" **de uma série tortuosa de contingências**, o que desqualificaria a discussão pouco edificante entre evolucionistas e criacionistas.

O interessante é que as informações que julgo possuir encontram-se harmonizadas com os indícios apontados pelo método científico. Contudo, estes aqui são extrapolados por força da autoria nestas páginas apresentada ser creditada à conta de certa divindade, uma espécie de "deus-criador", o que corre por responsabilidade do tirocínio deste escrevente – ou pelo menos é assim que penso.

Finalizando o presente capítulo importa ainda afirmar que por trás da criação do Senhor Javé e dos seus filhos está o que foi definido por Rupert Sheldrake como sendo os **campos morfogenéticos**.

Este é um dos temas mais importantes dos aqui tratados porque tem relação direta com a missão de Jesus que permanece incompreendida nos dias atuais desta pós-modernidade que de "moderna" efetivamente parece ter muito pouco.

O que Charles Darwin percebeu sobre a "**descontinuidade**" das espécies, ou seja, a ausência de fósseis que evidenciassem a **continuidade**, somente com a ajuda dos desdobramentos da física quântica que surgiriam mais tarde seria uma questão convenientemente esclarecida.

Aqui nos referimos aos "*gaps*" explicados pelos **saltos quânticos dos arquétipos das espécies** conforme os modelos dos campos morfogenéticos propostos por Shledrake. Mas, o que devemos compreender como "saltos quânticos dos arquétipos das espécies"?

Vamos agora nos servir dos escritos de Amit Goswami sobre o postulado de Rupert Sheldrake.

Por volta da metade do século XX o mistério da nossa existência tornou-se assunto de ampla discussão entre os humanistas. Foi nesse ponto que a formulação da evolução de Darwin foi reavaliada e questionada por pensadores como Pierre Teilhard de Chardin e Sri Aurobindo — que afirma-

vam que a evolução não era arbitrária, mas movia-se propositadamente numa direção; sustentavam que o curso da vida, desde os primeiros organismos até os animais e plantas mais complexos, tinha um propósito, que os seres humanos não eram acidentes da natureza, e que a nossa evolução social, inclusive a nossa jornada para os reinos mais elevados da experiência espiritual, era o desfecho visado por toda a evolução.

Na atualidade, quem defende essa tese é Rupert Sheldrake. Segundo sua teoria, as formas biológicas são criadas e sustentadas através de campos morfogênicos. Esses campos criam uma estrutura invisível que moléculas, células e órgãos irão obedecer enquanto se diferenciam e se especializam para criar determinada forma de vida. Esse campo subjacente evolui ao longo do tempo, pois cada geração de uma espécie não é apenas estruturada por ele como também acompanha as suas mudanças à medida que ele supera os desafios do meio ambiente.

Por exemplo: para sobreviver em seu nicho biológico um peixe poderá precisar desenvolver novas nadadeiras para nadar mais depressa; assim o "instinto" (a vontade do peixe) iniciaria uma mudança no campo morfogênico da espécie, que se refletiria no crescimento das nadadeiras em sua prole. Essa teoria apresenta a possibilidade de que os saltos evidentes nos fósseis encontrados possam ter ocorrido assim também. Por exemplo: um determinado peixe poderia ter chegado ao limite da sua evolução na água e produzido uma prole que era na realidade uma nova espécie: anfíbios, que poderiam rastejar na terra.

Segundo Sheldrake, esse progresso poderia explicar também a evolução social dos seres humanos. De qualquer momento da História pode-se dizer que o nível da capacidade e da consciência humana era definido por um campo morfogênico comum. À medida que os indivíduos realizam suas capacidades particulares — correr mais depressa, ler pensamentos, receber intuições — o campo morfogênico evolui, não apenas para essas pessoas, mas para todos os outros seres humanos. É por isso que as invenções e descobertas muitas vezes são anunciadas, ao mesmo tempo, por vários indivíduos sem qualquer contato entre si.

Os problemas detectados na evolução biológica (esses "problemas" representam espécies de anomalias para o paradigma materialista) foram popularizados por Steven Gould como sendo "sinais de pontuação" e por problemas na "morfo-

gênese biológica", de acordo com Rupert Sheldrake. Existem ainda problemas do mesmo naipe referentes a processos de cura mente-corpo, sobre os quais luminares como Deepak Chopra e Larry Dossey escreveram copiosamente.

É aqui que começam a se fundir as descobertas da física moderna e as recentes pesquisas científicas a respeito dos efeitos da oração e da intenção. Estamos intimamente ligados ao universo e uns aos outros, e a nossa influência em nosso mundo, através dos pensamentos é mais poderosa do que qualquer pessoa jamais sonhou. Hoje, muitos pesquisam os efeitos das nossas intenções no universo físico. Estuda-se hoje os efeitos das nossas intenções sobre o nosso ritmo cardíaco, a pressão arterial, o sistema imunológico e as ondas cerebrais que antes se acreditava controladas pelo sistema nervoso autônomo.

Além disso, pesquisas recentes (Dr. Larry Dossey - Recovering the Soul) têm demonstrado que as nossas intenções podem afetar também o corpo de outras pessoas, sua mente e a forma dos acontecimentos no mundo. A nova física está nos mostrando que estamos ligados de um modo que transcende os limites do tempo e espaço. Não apenas estamos ligados aos outros telepaticamente, como também temos a capacidade da premonição: aparentemente conseguimos apreender imagens ou sugestões de acontecimentos iminentes especialmente se eles afetam a nossa vida.

Uma série de experiências (Dr. Dossey) mostrou uma coisa especialmente interessante: embora a nossa capacidade de afetar o mundo funcione em ambos os casos, a intenção não instrutiva (isto é, sustentar a idéia de que o melhor deveria acontecer, sem introduzir a nossa opinião) funciona melhor do que a intenção instrutiva (sustentar a idéia de que deveria ocorrer um determinado desfecho). Isto parece indicar que existe um princípio embutido na nossa ligação com o resto do universo, que mantém o nosso ego cerceado.

O mais significativo é que sabemos que a nossa atitude e a nossa intenção a respeito das outras pessoas são extremamente importantes. Quando pensamos positivamente, nos elevamos e elevamos os outros.

Em resumo, e concluindo o assunto ainda segundo Amit Goswami[10], *"a hipótese do bioquímico inglês Rupert Sheldrake é uma versão da teoria holística da natureza, segundo a qual tudo no universo é organizado em uma série de níveis.*

Segundo ele, nos sistemas holísticos de organização, o todo depende de um campo mórfico, que organiza todo o sistema. Esses campos têm uma espécie de memória, e o processo pelo qual os sistemas do passado influenciam o presente sistema é chamado de ressonância mórfica (uma influência entre seres semelhantes). A ressonância mórfica é uma ação à distância e contém uma transferência de informações, não de energia. Exemplo prático: o animal de estimação sabe quando o dono está indo para casa. O que está em jogo com a teoria de Sheldrake é toda a concepção materialista do universo."

Importa agora refletir sobre o que tem a ver **a missão de Jesus** com a questão do pretenso **campo morfogenético desta humanidade**.

Percebamos que quando ocorre um melhoramento em certa massa crítica de uma determinada espécie o ganho coletivo é distribuído automaticamente para os seus demais membros.

Tomo aqui o exemplo da tese do centésimo macaco, apontada em primeiro lugar por Lawrence Blair[11], em seu livro *Rhythms of Vision,* de 1975 e mais tarde por Lyall Watson[12] no seu polêmico livro *Lifetide – a Biology of the Unconscious*, no qual ele usou pela primeira vez a terminologia do "centésimo macaco", quando da edição em 1979.

Lyall Watson e Lawrence Blair foram os criadores do que hoje é tido por alguns críticos como mito e, por outros, como verdadeiro, e diz respeito a uma experiência ocorrida nos anos cinqüenta, levada a efeito por cientistas japoneses.

Teria sido então percebido, no ano de 1952, que um macaco que vivia na ilha de Koshima, aprendeu a lavar as batatas que lhes eram jogadas pelos cientistas para se alimentarem. Tempos depois, mais e mais macacos daquela ilha "aprenderam" o novo comportamento. Quando certa massa crítica (daí o nome de "centésimo macaco") de macacos daquela ilha havia assumido o novo hábito, macacos de algumas pequenas ilhas próximas passaram a se comportar do mesmo modo.

Apesar de controversa aqui me utilizo da idéia do "centésimo macaco" despreocupado quanto ao que sobre ela possa ser dito, até porque muitas das críticas que lhe são endereçadas teimam por não atentar para o fato de que

os postulados da física quântica, notadamente os que se referem à **interconectividade não-localizada** e ao **salto quântico**, atestam a importância do poder de influência de um indivíduo e de certa massa crítica de membros de uma espécie sobre o todo.

Sob essa perspectiva, o **melhoramento de um só membro de determinada espécie** conta como pontuação, vamos dizer, "positiva" para o progresso de todos os seus membros. Quando um determinado "centésimo macaco" **automatizou o hábito** – que representa uma conquista daquela espécie em termos de progresso evolutivo – parece ter ativado, com a sua contribuição pessoal, todo o campo em benefício dos demais membros da espécie.

Será que não foi exatamente por conhecer este mecanismo dos campos mórficos que o Mestre Jesus – e tantos outros mestres – tentaram de todos os modos incutir nos seus legados **a importância do melhoramento pessoal como forma do progresso de todos os membros** da espécie humana terráquea? E com o progresso de muitos (a massa crítica universal necessária ao salto quântico) o Senhor Javé e seus "filhos puros" serão também ajudados – atente bem o (a) leitor (a).

O "amai-vos uns aos outros" e o seu desesperado testemunho de como o ser terráqueo deveria amar o seu próximo tem tudo a ver com esta questão, pois **somente despertando em nós esta potencialidade adormecida a espécie humana terráquea poderá construir o seu próprio futuro** – e Jesus sempre soube disto. Não existe outro modo, não há outro caminho.

Não será ninguém de fora – nem Jesus, nem Javé, extraterrestres e nem mesmo o próprio Pai Amantíssimo – que virá fazer pelo ser terráqueo o que ele parece jamais ter feito além de já se encontrar atrasado desde há muito, que é **ativar o seu potencial amoroso por meio do seu melhoramento pessoal, ou seja, pelo seu despertar espiritual.**

Detalhe: isso nada tem a ver necessariamente com religião pelo menos nos moldes em que os terráqueos as têm praticado. **O que importa aqui não é ser alguém religioso, mas sim, espiritualizado**! As religiões deveriam levar os seus adeptos a expressarem a espiritualidade nas suas atitudes e posturas.

Contudo, ao longo da história da religiosidade humana não é exatamente isso que se pode observar. Muito ao contrário, o que é lamentável.

O outro aspecto da questão é que o Senhor Javé em sendo refém da sua criação, com as suas atitudes contraproducentes, parece não estar ajudando a si mesmo a reconquistar a sua condição perdida de divindade.

Em sendo verdade o que aqui está sendo exposto – toda prudência é pouca, caro (a) leitor (a), pois seguramente existem muitos equívocos no entendimento deste aflito escrevente – o Senhor Javé é quem mais necessita do nosso despertar espiritual, até mesmo que **o honremos com o amor mais carinhoso que pudermos ofertar-lhe para que ele possa reconstruir em si mesmo a condição do seu retorno ao seio do Pai Amantíssimo**.

Constatação

O DNA do Senhor Javé, por ter em si todos os potenciais das possibilidades genéticas do que foi por ele semeado nos diversos quadrantes do universo, tornou-se refém do progresso evolutivo de todas as criaturas nele existentes, notadamente das que possuem senso de responsabilidade moral desperto.

As vibrações pessoais dos membros de cada espécie cósmica convergem para o seu respectivo campo morfogenético. Este se encontra indelevelmente vinculado ao Senhor Javé em intercâmbio incessante por meio das marcações advindas das emoções que estão por trás das posturas e das atitudes, das conquistas e dos problemas dos habitantes deste universo.

Nesse contexto, somente as vibrações amorosas e esclarecidas terão o efetivo poder de contribuir para o progresso individual e coletivo de todos os que estão interligados ao sistema existencial gerado pela divindade e hoje centralizado no Senhor Javé.

Amar ao criador deste universo "com todas as fibras do teu ser", finalmente, nos dias atuais, com o nosso atual nível de compreensão, nos poderá parecer uma questão de DNA para DNA, e assim verdadeiramente é, como o

é também entre o DNA de um cachorrinho e seu "dono" e entre os próprios pares da espécie humana.

Não há distância entre os seres que se amam como também não existe para aqueles que se detestam, e isso é um fato que hoje as conseqüências dos postulados quânticos nos permitem perceber objetivamente. **Esta não é mais uma questão de crença, mas sim de compreensão arquitetada pelo conhecimento já disponível.** E isso implica em responsabilidade pessoal intransferível e indesculpável, para aqueles que, em podendo, ao longo da vida ter acesso a essas informações continuam fechando os olhos ao essencial, adormecidos que estão nas posturas de preguiça e do falso conforto da crença destituída de razão e de nobreza moral.

Afinal, percebamos ou não, **vivemos no meio de uma imensa malha energética**, uma **rede de partículas e de ondas de energia** que permite a comunicação não somente entre as formas de vida, mas também entre as formas estruturais atômicas em diferentes níveis vibratórios. A **matriz quântica** referida ao longo do livro é a responsável pela comunicação dos diferentes campos Inteligentes que interagem com o ser humano ainda que disso ele não tenha ainda a devida consciência.

Jesus deu a sua vida em benefício deste ideal de fraternidade. Pena que não o levamos a sério e, sinceramente, não espero que a atual geração dos habitantes deste mundo o leve, ainda que em breves tempos toda essa questão se tornará clara até para quem "não tenha olhos para ver".

Minha perspectiva pessoal reside na esperança de que **as gerações que se substituem no palco deste planeta**, estas sim, as do futuro breve, compreenderão o recado amoroso dos muitos mestres que edificaram na cultura planetária as melhores lições e testemunhos em torno do **ideal de fraternidade entre os seres viventes**.

Que venha, pois, o **eterno presente disfarçado de futuro**, diante do nosso psiquismo, até porque seremos os mesmos atores ainda a tentar edificar no íntimo de nós mesmos a ousadia de sermos cidadãos amorosos numa cultura mundial que nos convida à esperteza, ao oportunismo barato, enfim, ao

modo cretino como **entronizamos o inútil enquanto o essencial continua invisível aos nossos olhos**.

Que sejamos daqueles que ousam amar ainda que não enxerguemos resultados nas nossas atitudes. Assim estaremos contribuindo, da melhor forma que nos é possível, para o embelezamento do campo morfogenético desta humanidade ou de algo que a isso se assemelhe.

Capítulo 13

O Deus Refém da sua Criação.

Eis uma das metáforas possíveis:

Era uma vez um cientista que desejou construir um avião que pudesse voar sozinho. Seu professor e mestre o desaconselhou.

Embevecido pela pretensão criativa o cientista fez valer o seu poder mental. Contudo, o avião recém-construído, para sua surpresa, começou a voar independente da sua vontade.

Percebendo o perigo, o criador fez-se piloto da própria criação. Nessa transição, enfraqueceu a si mesmo, machucando-se bastante, a ponto de não poder pilotar de modo conveniente a própria criação.

Com o tempo, enlouquecido pelo sofrimento e desgastado por força dos inúmeros desafios, o piloto resolveu criar, a partir de si mesmo, uma tripulação de clones adaptados às funções que o pudesse ajudar a manter o avião no ar.

A essa altura, o seu professor resolveu também ir para o sacrifício e se fez co-piloto, ainda que contra a vontade do piloto.

Alguns membros da tripulação, padecendo da mesma doença, começaram a ter problemas com o piloto e com co-piloto, que tudo fazia para ajudar ao piloto e manter o avião em bom curso, até que fossem criadas as condições para o pouso seguro.

O piloto e a tripulação resolvem, então, criar, a partir si mesmos, uma classe de passageiros com a intenção de que, apesar de inferiores, entre os assim considerados, alguns pudessem se habilitar a ajudar.

Padecendo, porém da mesma doença dos seus criadores, passageiros, tripulação e piloto começaram a ter problemas entre si, e de todo tipo, e o avião mal consegue se sustentar no ar.

O co-piloto disfarça-se entre os passageiros para orientá-los quanto ao que fazer. É descoberto e expulso do avião, mas antes, avisa: "ainda que não o desejem ou mesmo compreendam, é imperioso que eu retorne para dividir o comando a fim de que possamos todos seguir em rota segura e pousar em paz".

Com tempo, o piloto leva a sua doença a grau extremo de insanidade, mas não abre mão do comando. O estado da tripulação e de boa parte dos passageiros se deteriora sobremaneira.

Resumo: "apertem os cintos porque o piloto, apesar de não ter sumido, adoeceu e precisa de ajuda".

Há algum tempo atrás, desde que a onda do "holismo"[1] começou a povoar a discussão em torno de algumas questões pertinentes à vida planetária, comecei a valorizar um aspecto até então periférico nas minhas preocupações quanto à realidade que me rodeia.

Conhecedor e, sob certo aspecto, estudioso das diversas tradições religiosas do oriente antigo, mas ainda sem ter estudado em profundidade os postulados filosóficos da mecânica quântica, sempre soube que desde a antiguidade tardia ecoava uma estranha notícia de que estávamos ligados a absolutamente tudo o que nos rodeava. Esta "ligação global" representaria uma espécie de parceria que, percebida ou não, **repartia os seus lucros e prejuízos** existenciais de modo inapelável para todos os membros da "aventura global".

Os famosos "registros akáshicos" me figuravam como se "átomos invisíveis" plenos de uma capacidade memorial de a tudo registrar, como se espiões de Deus fossem, e deles ninguém se escondia, único modo, pensava então nas minhas abstrações imaginativas, de Deus ser efetivamente consciente e onipresente. Associado a isso, obviamente numa ingenuidade intelectual a toda prova, formulava o outro lado da minha dicotomia perceptiva como sendo a presença do Eu Sagrado-Superior em cada ser. Era o modelo do qual me valia como base para algumas reflexões.

Com o tempo e aí já assentado no conhecimento, ainda que autodidata, em torno dos postulados da física quântica e dos seus desdobramentos em relação ao que pensamos ser a realidade que nos rodeia, comecei a valorizar de modo mais apropriado a possibilidade de que realmente estávamos todos entrelaçados vibratoriamente no curso de um destino comum, soubéssemos disso ou não. Foi quando tive o privilégio de ler sobre um pouco da vida e do trabalho de John Wheeler[2], que foi contemporâneo de Albert Einstein.

Wheeler, para minha surpresa e encantamento, vislumbrou o "***universo participativo***" – expressão dele – em que vivemos, dizendo ainda que "***somos fragmentos do universo olhando para si mesmo, e construindo a si mesmo***". Veja o (a) leitor (a) que percepção singular e interessante.

Mais recentemente capturei a melhor formulação sobre a questão quântica que pude ter o privilégio de acessar num outro livro de Greeg Braden, "Segredos de um modo antigo de rezar"[3], quando ele também se referia a John Wheeler e à questão do universo participativo.

Quando perscrutamos o vazio do universo em busca dos seus limites, ou o mundo quântico do átomo, o próprio ato de olharmos coloca ali algo para vermos. A antecipação da consciência esperando ver alguma coisa – o sentimento de que algo está lá para se ver – é o ato que cria.

Entendamos que o nosso espírito, ao se encontrar submetido à obra do Senhor Javé, ou seja, ao ter a sua mente espiritual eterna submetida a um cérebro animal mortal, enquanto essa submissão existir a nossa **consciência espiritual** estará sempre sendo obrigada **a ver e a se expressar através da** "**brecha de consciência**" que lhe é possível e que é permitida pelo **condicionamento do cérebro transitório**. Dessa forma, estaremos sempre, desde que submetidos ao corpo animal, a somente enxergar o universo material-denso que existe a partir da opção do Senhor Javé.

Isso é o que provoca o chamado "**movimento de consciência**" sob a ótica da perspectiva quântica, **pelo fato dela esperar encontrar algo para ver, ela deterministicamente verá o que o cérebro estiver condicionado para enxergar**. Nisso reside o "**truque**" da mente criativa do Senhor Javé.

Aqui importa perceber que, inevitavelmente, ao nos fazermos "vivos" para o universo do Senhor Javé, realmente participamos de modo ativo do **renovado ciclo de recriação da sua teia existencial** pelo simples fato de estarmos nela inseridos – por meio da vinculação dos nossos espíritos ao corpo material, o que é comumente chamado de "**encarnação**".

Constatação

Quando uma individualidade espiritual nasce para o universo do Senhor Javé isso implicará necessariamente em que o seu espírito doravante estará submetido a um corpo transitório, seja de que tipo ou categoria for passando a somente perceber o que lhe for permitido pelo condicionamento da sua forma existencial temporária. Também somente poderá expressar do seu potencial o que lhe for possível à arte adquirida de fazer valer a sua natureza espiritual por sobre a natureza da condição transitória, o que no caso da Terra é chamada de "condição animal".

Ao nascer para qualquer um dos mundos do universo do Senhor Javé o condicionamento imposto pelos corpos advindos do seu DNA haverá sempre de limitar a expressão da individualidade espiritual que anima o corpo denso mortal. A ninguém isso é poupado até porque não existe mesmo como. Somente é possível a **superação desse condicionamento** pelo despertar do potencial espiritual da individualidade. No caso terreno, isso se dá quando **a natureza espiritual da alma supera os condicionamentos da natureza animal do cérebro transitório**.

Outro modo de existir neste universo, mas sem se submeter aos ditames do condicionamento imposto a quem nele se insere, refere-se à possibilidade de alguém de fora criar um modo de aqui penetrar sem se submeter a nenhum dos corpos gerados pelas naturezas existentes nos mundos deste universo. Isso porque **qualquer corpo "surgido ou criado" no âmbito da criação do Senhor Javé terá invariavelmente como base existencial o seu DNA**.

Assim, **estar vivo para as coisas do universo do Senhor Javé** é o mesmo que **participar não só do seu destino como da sua perene construção.**

Além do mais, devido ao modo como o Senhor Javé semeou a vida na Terra – e ao que parece em todo o universo – existe uma **singular interdependência entre ele e cada um de nós, e disso ele é refém como também o somos da sua condição pessoal**, e nisso reside um dos mistérios do seu modo de "criar".

"Como essa interdependência se processa?" – perguntará o (a) eventual leitor (a). Isso se dá de um modo aparentemente bem simples: o **Senhor Javé é só emoção**! Assim, o seu software é ativado pelas emoções que cada ser humano marca no seu DNA pessoal, ou seja, **a "química" do DNA de cada célula do nosso corpo influencia a "química" do DNA do Senhor Javé. O inverso também se dá.** Isso se processa de modo "não-local", ou seja, através dos "**fluxos emocionais**" **registrados no mundo dos quanta**, exatamente aquele que foi gerado pela mente da divindade decaída.

Na verdade, parece existir uma ligação tão natural entre a dimensão universal física-densa na qual estamos inseridos e a esfera existencial na qual reside o Senhor Javé que, quando isso um dia for verificado e devidamente provado, a estupefação será a tônica da reação do meio científico. O "**meio líquido**" presente no cosmos, conforme apontam os fatos que começam a ser descortinados, é o tal "elo" entre o nosso universo de seres transitórios e as demais dimensões existenciais presentes na obra do Senhor Javé.

Não esqueçamos que a porção química do DNA das nossas células é mero líquido que compõe os 70% da "água" que formam os nossos corpos animais. Assim penso por mera dedução óbvia dos estudos que me obriguei a empreender com o objetivo de arquitetar alguma compreensão razoável sobre o Senhor Javé e o modo como ele interage com a sua criação. Contudo, não caberá a este escrevente, nem muito menos ao processo das revelações, a elucidação quanto a esse aspecto da questão, mas sim ao progresso científico. Aguardemos, pois! Aqui fica apenas o registro.

A quem interessar possa Masaru Emoto[4] tem feito progressos memoráveis na percepção de que a água retém informações vibratórias que nela se marcam. Apesar da controvérsia científica em torno da questão vale à pena conferir o teor das suas pesquisas e as enigmáticas fotografias expostas nos seus livros.

Peço mil ou milhões de desculpas pelo que agora abordo, mas depois de tanto ser instigado a pensar por mim próprio sobre o que me estava sendo descortinado – por força da minha convivência com os seres que assistem rotineiramente o Senhor Javé – sou levado a pensar que o **"deus criador deste universo" não descansou no sétimo dia**. **Ele simplesmente parece ter desmoronado** e, como diz a escritora canadense Antonine Maillet[5] , somos todos **artesãos do oitavo dia** – e aqui complemento – de uma criação que jamais foi finalizada com a propriedade que a mesma requeria e requer.

E é este aspecto que se encontra em jogo e desse jogo todos participamos até bem pouco tempo sem ter a menor idéia das regras que o movimentam. E o que acontece com um jogador que entra em campo desconhecendo as regras do jogo? Somente cometerá penalidades desnecessárias, não saberá para onde convergir os seus esforces, enfim, não há como uma equipe formada por jogadores nessa condição ganhar ou ter sucesso no que seja.

A cada ser que nasce para o universo do Senhor Javé, ou em instância menor, a cada ser que nasce na Terra, entrando no campo de jogo deste palco planetário, ele é, ainda que não o saiba, um fator a mais de sucesso ou de insucesso existencial para a família humana, como também para o futuro do Senhor Javé, queria ele ou não.

Desculpem-me a expressão, mas a "bomba de gerar vida" criada de modo inconseqüente pelo Senhor Javé e pelos seus filhos já "explodiu" de modo caótico dentro da sua já incontrolável criação universal "explodida" há cerca de 13,7 bilhões de anos atrás, o que representa, repito, um problema superlativo para tudo o que existe para além das fronteiras desta criação equivocada. É como se fossem "dois problemas num só" – e é exatamente esse impensável conjunto de problemas que hoje é administrado pelo Mais Alto. Observe o (a) leitor (a) que isso é o que se refere ao caso da Terra, mas não se pode esquecer que existem "outras bombas" planetárias espalhadas por este universo, algumas já totalmente administradas e outras ainda não.

Tudo porque muito da vida criada no âmbito deste universo somente o marcou com as conseqüências espirituais extremamente negativas e isso não se apaga nem se "deixa para lá". Muito ao contrário. Essa herança gerada pela responsabilidade existencial tem que ser administrada até o limite, enquanto

um só **espírito desequilibrado permanecer preso à erraticidade espiritual adjacente ao espaço-tempo deste universo**. E isso não é simples de ser feito. Por ser um tema complexo esse assunto será tratado em obra distinta.

Se a população deste mundo soubesse como se esforçam os poucos que sabem disso para serem úteis aos desígnios do Mais Alto com vistas à resolução desse mister... O que se pretende é que não ocorra um novo foco de "explosão" inconcebível. Só que agora a preocupação é com o campo vibratório do que poderíamos chamar do "acúmulo de energia deletéria" gerado pelo sofrimento e perturbação das muitas individualidades espirituais ainda prisioneiras do ciclo das "reencarnações" no Reino do Senhor Javé – isso no que se refere ao caso da Terra.

O fato é que muitas das formas de vida que a máquina de produção de novos corpos no âmbito deste universo produz a cada vez que o mais discreto casal dos animais terrenos se acasala são absolutamente **destituídas de função existencial** sob a perspectiva da ótica espiritual, o que sei ser assunto polêmico, e aqui somente estou ressaltando o que já abordei anteriormente. Sei que isso contradiz algumas expectativas das "certezas espirituais" de muitas pessoas – e lamento fazê-lo.

Apenas ressalto por força da necessidade de percebermos o nível crítico de interdependência que este universo passa a ter em relação a qualquer individualidade que "entra em jogo", dentro das regras que marcam o **progresso ou o desencaminhamento deste universo, conforme as atitudes e sentimentos dos seus habitantes**. Sobre esse aspecto muito ainda poderia ser abordado. Mas pelo que penso entender, a atual geração de encarnados não está minimamente preparada para tanto, o que transporta para o futuro o grande problema que se encontra por trás de muitos dos hábitos dos animais da espécie *homo sapiens,* notadamente no campo alimentar.

Não se pode "parar a roda" que, ladeira abaixo pelos espaços infinitos aumenta a sua velocidade a tal ponto que nada pode ser feito no sentido de pará-la ou de destruí-la. Mas algo precisa ser feito. E a **única coisa que pode ser feita é junto aos seres pensantes deste universo que podem evoluir** sob a perspectiva moral e espiritual.

Continuemos a refletir sobre o que diz Gregg Braden[6] sobre a questão.

Situando-se além da afirmação de John Wheeler (...) os textos antigos ampliam com um detalhe importante – e às vezes subestimado – a idéia de que criamos por meio da observação. Eles sugerem que é a qualidade das nossas crenças enquanto olhamos que determina o que a nossa consciência cria. Em outras palavras, se vemos o nosso corpo e o mundo através da lente de separação, raiva, sofrimento e ódio, o espelho quântico reflete essas qualidades devolvendo-as como raiva em nossa família, doença em nosso corpo e guerra entre nações.

Dessa forma, vamos resumir tudo o que até agora falamos, servindo-nos de uma reflexão de Santa Catarina de Siena[7], também citada por Braden, que tem tudo a ver com o que estamos afirmando sobre o fato do Senhor Javé ser refém do que se passa no âmbito da sua obra.

A força que criou os esplendores inimagináveis e os horrores inimagináveis refugiou-se em nós e seguirá as nossas ordens.

Essa força é o Senhor Javé! Por ter criado vida no âmbito da sua criação a partir do seu próprio DNA, **ele encapsulou, em cada ser criado**, o seu próprio poder de ação e de criação e por conta dessa distribuição ele se tornou **refém do que cada ser terráqueo (no caso da Terra) faz da herança que recebeu**. Assim é até porque ele troca relações vibratórias incessantes com todo o seu "corpo de DNA", ou melhor, com a corrente que o envolve a qual é composta por todos os seres criados, sendo cada um de nós um elo – um "foco" – dessa corrente.

As implicações do que até agora afirmo são extremamente complexas, pois, simplesmente, o temível Senhor Javé, este ser excelso e incompreensível para a condição humana por esta se deixa levar, obediente e doce, se envolvido pelo carinho, pela ternura e pela compreensão amorosa dos seus "filhos terrestres". Isso tudo por força da interdependência holográfica, marca registrada dos padrões quânticos da sua criação. Amit Goswami chama esses e outros aspectos percebidos em torno da questão como sendo as "**assinaturas quânticas**" do deus criador.

O piloto da "metáfora possível", citada no início do capítulo, parece finalmente estar dividindo o comando da gestão desta aventura universal com

o seu co-piloto, aquele a quem na Terra conhecemos como Jesus – apesar de que existem outros co-pilotos nessa aventura.

Não esqueçamos que Jesus foi quem mais se esforçou dando a sua vida em sacrifício – desculpem-me a repetição – para que pudéssemos progredir na verticalidade sublime da ousadia de amar em um mundo dominado pelos "espertalhões" e "oportunistas baratos".

Óbvio que há um preço a ser pago pelos "ingênuos e simplórios" que amam o seu próximo acima de todas as coisas. Contudo, temos que amar também ao Senhor Javé com toda "força" de que formos capazes. Esse aspecto é para que, provavelmente, não tenhamos dúvida de que o Senhor Javé receberá o eflúvio das nossas vibrações amorosas em sua intenção. Há, porém, quem diga que essa ênfase se deve para que o Senhor Javé possa receber sem "impedimentos" os bons eflúvios que as "suas criaturas" lhes endereçam.

Cabe, portanto, ao ser humano, no caso da perspectiva que podemos ter a partir do que atualmente é conhecido, soerguer-se e agigantar-se na arquitetura do próprio avanço espiritual para assim propiciar o progresso comum além de ajudar aos que se situam num contexto que não é humano. Em contrapartida e por paradoxal e politicamente incorreto que possa nos parecer, dos seres vinculados ao Senhor Javé e dele próprio, destes não podemos nem devemos esperar que nos demonstrem o que naturalmente na condição humana poderíamos desejar: a percepção de que também somos amados por eles.

De fato, sei que somos amados pelo Senhor Javé. Contudo, deixando de lado o romantismo e a inexistência de bom humor da parte dele e dos seres que o cercam, não será de boa prudência esperar perceber esse amor ser expresso por eles, pelo menos nos moldes que estamos acostumados a expressá-lo na qualidade de animais terráqueos.

Aqui se impõe a percepção de que devemos ousadamente amar a quem não nos demonstra a normal contrapartida sob a ótica da perspectiva terrena. Jesus se submeteu ao Senhor Javé, mas a ele não se subordinou se por isso entendermos que o Mestre aceitou todo o peso dos desígnios daquele que o enviara, menos o de impor-se por força dos seus poderes aos que cá viviam,

transformando-se no **Rei da Terra,** como pretendia o Senhor Javé. Contudo, Jesus não se rebelou, amou Javé acima de todas as coisas, e cumpriu o destino que lhe foi possível realizar, sem, contudo, subordinar-se á imposição do Senhor Javé em relação ao modo como ele gostaria que Jesus tivesse agido.

O Senhor Javé sabe que nós, os "humanos terráqueos" – como somos chamados por Gabriel no Alcorão – estamos longe de nos situarmos próximos à doçura de Jesus e, fiquemos tranqüilos, que isso de nós não é esperado. O Senhor Javé esperava isso de Jesus até porque, em sendo Jesus a expressão terrena de um dos seus "clones especiais", ele imaginava que, naturalmente, na condição humana, **Jesus continuasse a agir sob o influxo do seu poder mental**, como era de costume entre os seus clones. Mas Jesus, ao fazer-se "Filho do Homem", usou de um artifício inevitável para nascer como um simples animal terráqueo: diminui-se ao ponto de poder ser inseminado artificialmente em Maria, sua mãe terrena, conforme descrito no livro "Reintegração Cósmica" publicado em 1998.

Quais as conseqüências decorrentes desse fato para a relação dele com o Senhor Javé? Resposta: a **componente genética terrena da sua mãe Maria foi um dos aspectos responsáveis pela diminuição do poder da mente do Senhor Javé em relação à condição humana de Jesus**. Mas essa é outra questão enigmática que em si mesma encerra inumeráveis aspectos e painéis para aqui ser devidamente retratada.

O que importa aqui perceber é simplesmente que o Senhor Javé encontra-se refém da sua própria criação. Seu futuro a curto, médio e longo-prazo, dependerá de para onde os seres pensantes passíveis de evolução no âmbito deste universo tiverem a sabedoria de direcionar as suas emoções sejam em relação a ele como também a tudo o mais que nos envolve.

É, enfim, **chegada a hora da maioridade espiritual desta humanidade**, de nos vermos como "gente adulta", responsável pelo próprio destino. Basta de transferirmos para Deus, Jesus, extraterrestres e espíritos as responsabilidades que nos são próprias. Não há outra saída!

Detalhe: lembremo-nos de que a ótica desses seres não é a humana. Contudo, devemos a Sidarta Gautama, a Lao-Tse, a Jesus e a tantos outros, o

fato de, ainda que esta humanidade planetária seja observada lá de fora como um amontoado de doentes, loucos e criminosos diante das leis cósmicas, a **"gente adulta" de lá sabe que o "psiquismo" da natureza humana terráquea é superior ao da hierarquia atrelada ao Senhor Javé como também a do próprio**. Não é por menos que ele, finalmente, está concordando em ceder o controle desta humanidade melhorada a Jesus – a que deverá existir neste palco planetário a partir de aproximadamente 2.050 – já que finalmente começou a ver com bons olhos que existem "graça e função" no fato desta humanidade se encontrar desperta para o significado do bem e do mal. Afinal, este é o único modo de caminharmos na direção do bem e da beleza comuns ao ato de existir ainda que em meio problemático.

O Senhor Javé, por estranha que possa ser a natureza atual da sua personalidade, jamais perdeu a noção do que é o bem e do que é a beleza, alimentos naturais da sua alma enquanto divindade. De muita coisa ele pode ter esquecido; disso seguramente não.

À exceção do seu modo impositivo, não tenhamos dúvida, o Senhor Javé é um excelente parceiro na construção do bem e do belo nas estradas deste universo. Para isso percebermos necessário se faz deixar de lado o modo de pensar que nos é usual.

Jesus sempre soube disso!

Capítulo 14

Destino do Universo.

Na medida em que posso, leio bastante sobre temas científicos com o intuito de me manter atualizado com o que chamo "educação científica", autodidata neste campo que tive que me obrigar a ser por força das circunstâncias da vida.

Muitas vezes observei com os olhos de "quase-cientista" a realidade ao meu redor e disso retirei uma cota de aprendizado que muito me serve no trato com as coisas que estão além da ciência, como ela atualmente se define.

Observando o nosso planeta e, em especial, a sua história geológica, mais ainda quando nos tempos de um inconcluso curso de geologia na universidade, pude estudar as "dobras nas camadas" que compõem o chão que pisamos, enquanto percebia o efeito das tremendas forças tectônicas que fazia surgir montanhas e vales profundos, dando forma ao relevo terrestre.

Perguntava-me, na época, se alguém, deus, quem pudesse ter sido, que desejou criar um mundo, por que não o havia criado de forma mais organizada, harmonizada em termos dos circuitos das forças presentes na natureza, sem todo aquele confronto absurdo que observava entre algumas das componentes da biosfera planetária? Afinal, perguntava-me, o que os meus olhos de um "quase-geólogo" observavam era fruto de uma arquitetura divina ou do confronto de forças da natureza planetária?

Ao me aprofundar na história da humanidade e com o progresso das minhas próprias inquisições sobre o tipo de deus que teria produzido uma natureza tão perversa como a da Terra, onde o mais forte sempre dominava e

devorava o mais fraco, mais me complicava na arte do entendimento e sempre somente me restava a "fé" religiosa para tudo aceitar sem maiores complicações, postura que não conseguia assumir.

O fato é que não podia fechar os meus olhos de "quase-geólogo" que percebia um planeta que, se por um lado era belo e maravilhoso, por outro mais parecia um palco de horrores onde catástrofes ambientais e dramas pessoais se sucediam no aparente inferno do "ter que viver" sem conscientemente saber ou se recordar de ter pedido algo nesse sentido. Assim, sempre resolvi deixar a fé de lado para poder me manter livre, ainda que equivocado e peticionado aos "fins purgatoriais" – conforme costumava refletir nos anos de juventude.

O fato é que jamais deixei de me impressionar por vivermos num mundo no qual, apesar de belo, temos de nos proteger dele sempre e sempre. O que havia dado de errado para que um deus perfeito gerasse um mundo belo, porém, inconstante e aparentemente confuso em muitos de seus aspectos naturais? Como alguém perfeito gera algo imperfeito? Isso era tão absurdo quanto pensar que alguém imperfeito poderia gerar algo perfeito. Mas, perguntava-me ainda: será que a "lógica humana" servirá para conclusões desse naipe, em torno do conceito Deus e da realidade que nos cerca?

Tudo piorou, nesse sentido, ao me tornar um "quase astrônomo amador", quando, então, percebi que não era somente a Terra que eu considerava um mundo nervoso, apesar de belo, mas todo o universo, com suas incontáveis galáxias até então conhecidas. Tudo que nelas existia parecia também ser tomado pelo **nervosismo existencial**. E se tínhamos, enquanto viventes na Terra, que nos proteger do nosso próprio planeta, pasmo fiquei quando percebi que todo o quadro existencial ao meu redor era belo, porém, preocupante porque por meio de eventos cósmicos catastróficos literalmente o "céu poderia cair nas nossas cabeças", pensava.

Que deus poderia ter criado tamanho paradoxo? Ou melhor, que tipo de deus, caso realmente tivesse existido um, poderia ter gerado e dado forma a tantas coisas geniais e encantadoras e, ao mesmo tempo, tudo o que havia sido por ele criado ou que da sua criação inicial pudesse ter surgido, com ou sem a sua autorização, podia, de um momento para outro, ser transformado em instrumento de destruição e de pavor?

Para melhor viver e tornar suportável o meu nível de questionamento perante o óbvio da realidade que me rodeava, deixei de lado muitas dessas questões e fui tocando a vida. Mas, quanto mais descobertas astronômicas eram divulgadas, mais enigmático o sentido do "todo universal" se tornava para mim.

Concluía, quando queria parar de pensar sobre a questão, que o possível deus deveria ter criado somente a tal singularidade que dera início a expansão universal, chamada pelos cientistas de Big Bang. O resto somente poderia ter sido, discordando de Einstein na minha intimidade dos meus pensamentos — veja só o (a) eventual leitor (a)! — por conta do "jogo de dados". Não havia mesmo outra explicação para a minha modesta lógica: o tal deus havia jogado dados e deu um dos resultados que a probabilidade podia apontar.

Quando, mais recentemente, passei a vista da minha curiosidade científica pelas deduções inerentes aos postulados dos experimentos quânticos, aí é que a "certeza lógica" se fez no meu psiquismo quando conclui que o tal deus, o observador apontado pela mecânica quântica, havia sim jogado dados e, o pior, ou o melhor, e diferente do que pensara antes, interferira para que desse um resultado específico. Assim, todos os seres que viviam no âmbito do seu universo eram obrigados a viver dentro dos padrões e limites do resultado por ele programado.

Sempre tive dificuldade em aceitar que as forças que deram vida eram exatamente aquelas de quem deveria me proteger o que, convenhamos, era e é um paradoxo aparentemente inaceitável, como também o é qualquer noção lógica que se encaixe no conceito. Que tipo de "deus" poderia criar a força que dá a vida e, ao mesmo tempo, o processo destrutivo que a tudo impõe um fim, **sem que a dignidade possa naturalmente se fazer presente nos atos finais da existência**?

Somente após tomar conhecimento do drama do Senhor Javé é que me pacifiquei quanto ao assunto até porque a personalidade do ser que passei a conhecer por força das suas atitudes para com todos os aspectos da sua criação, seres humanos terráqueos incluídos, sempre me pareceu a de alguém ainda mais necessitado do que muitos terráqueos, do perdão e da compreensão alheias. Um "deus assim", com tantos dramas, explicaria as idas e vindas das

transições de fase já descritas. Mas como alguém nessas condições poderia ter gerado a genial singularidade que a tudo deu origem? Somente os **dois estágios de uma mesma mente genial situada em dois contextos e situações diferentes explicaria tantos disparates e aparente incoerências no conjunto da obra**. E é aqui que se enquadram **a mente de uma divindade e o que dela lhe foi possível reconstituir após a sua queda**.

Quando, por fim, fui "agraciado" com a escolha, pelo que entendo, "forçada" da parte da hierarquia do Senhor Javé em relação a um frustrado plano da parte deles até hoje somente explicado em parte para este escrevente, vi-me "escolhido" para levar adiante o mister esclarecedor que eles precisam semear na Terra. Segundo apontam para que sejam cumpridas esta e outras etapas necessárias ao progresso e à redenção de todas as partes envolvidas neste processo.

A esta altura torna-se imperioso o seguinte registro: tanto na doutrina judaica como, em especial, na do Alcorão, o que Javé ou Alá (o mesmo "deus" chamado de modos diferentes nos alfabetos hebraico e arábico) **deseja do humano da Terra é a sua total submissão aos seus desígnios**. "Islã" significa completa devoção ou rendição a Deus. Este ser, ao longo dos últimos quatro anos – 2007 a 2010, ano em que escrevo estas páginas – sempre exigiu de mim uma subordinação jamais dada de minha parte, o que provocou "atritos" vibratórios que sempre caíram sobre os meus ombros já que, em tese, sou obviamente a parte mais fraca.

Esta é uma das leis aparentemente incompreensíveis da parte do Senhor Javé e que tem a ver com o império do mais forte sobre o mais fraco. Repito: por mais fora de propósito que isso possa parecer a nós ocidentais é exatamente isso que este ser deseja e não aceita outro comportamento. Foi e é assim com os hebreus (judeus), com os muçulmanos e com qualquer outro humano terráqueo.

O mais estranho de tudo é que o "Messias" que ele enviou – Jesus – era e é a antítese desse comportamento já que o seu jugo é suave e jamais impôs coisa alguma sobre os ombros de alguém. E esta é a minha escola, por miserável que eu seja.

O resumo dessa história é que jamais consegui me render ou subordinar à imposição que julgo doentia e desnecessária da parte desses seres. Ainda assim, após longuíssimos quatro anos em que o peso desagradável do método e da insistência tentou me envolver a cada momento, e sabedores da minha sempre renovada recusa em me submeter ao jugo que sempre considerei e considero doentio, estranhamente, repito, o Senhor Javé e os seus "anjos", apesar da minha inarredável postura, procuram sempre me envolver com a força e os métodos que lhes marcam a atitude para com os humanos da Terra, na produção dessas elucidações e em outros aspectos da vida, o que lamento profundamente, mas por força das suas naturezas doentias hoje sei que não poderia mesmo ser diferente.

Dessa forma, sempre tratado como "alguém" que deve fazer o que eles querem sem oferecer qualquer padrão de resistência que não os levem a se sentirem obrigados a usarem dos expedientes disciplinadores que lhes são comuns, fui me acostumando ao inevitável. De minha parte, quando conclui que o que estava vivendo não era "loucura além da conta", "delírio" ou coisa do gênero, eles trataram de patrocinar alguns eventos meramente "ufológicos" para que eu fosse compreendendo o "método dos filhos do Senhor Javé".

Quando percebi mais uma fase de eventos inevitáveis que estavam me acontecendo, sem que por eles tivesse conscientemente procurado, a princípio assustei-me com o aspecto de que não eram somente mais espíritos que me solicitavam o concurso mediúnico, mas sim, seres concretos deste universo e ainda associados a outros seres que não eram cidadãos deste universo, mas nele se projetavam. Penso que somente não perdi de vez o juízo porque ao longo da existência consegui arquitetar uma boa dose de bom humor e de tolerância para com tudo ao meu redor.

Ofereci todo tipo de resistência ao longo destes últimos quatro anos praticando, inclusive, a minha própria "*satiagraha*"[8] – a minha profissão de fé pessoal no campo da resistência pacífica e amorosa em nome do que julgo ser a beleza, a decência e a verdade do amor fraternal.

Penso que quase os "levei a loucura" e a mim mesmo também. Contudo, tal qual bêbado que não mais atina com a condição inebriante que domina o seu psiquismo, ou um louco que se acha o mais normal dos homens, fui admi-

nistrando a mim mesmo preparando-me para, a qualquer hora, sofrer algum tipo de atentado ao que considero ser o que restava da minha honra pessoal, nas circunstâncias da convivência com aquela plêiade de seres extraterrenos e de outras classes. Sofri vários!

Em algum momento daquele confronto impensável que estava sendo travado nos bastidores da minha existência terrena um desses seres me sinalizou algo que jamais levei a sério, pelo menos até quando comecei a escrever a segunda versão do presente livro – a primeira eu havia deletado para "mostrar a mim" mesmo que estava com o controle da situação – veja só o (a) leitor (a) a que ponto cheguei no meu processo de "desobediência declarada" à imposição tida por mim como absurda. O que me foi sinalizado na ocasião dizia respeito à seguinte questão: "**o destino do universo estava em jogo!**" – obviamente, não levei a sério.

"O antropocentrismo presente no pensamento viciado desta humanidade em se achar sempre o centro importante de alguma questão não iria me envolver" – pensei, como se a afastar definitivamente qualquer possibilidade de dar alguma credibilidade ao tema.

Por mais um bom tempo perseverei na minha postura enquanto uma série infindável de situações plenas de mau gosto e de desespero – conforme o meu tirocínio – se desenrolou ao meu redor em praticamente todas as minhas atividades do cotidiano. Decidi parar de levar qualquer a coisa a sério vindo de quem viesse: espíritos, extraterrestres, seres "astralizados", terrestres, o que fosse.

Foi quando "alguém" que, conforme penso, não pertence a nenhuma das classificações acima me solicitou o concurso pessoal e simplesmente a esse "alguém não poderia dizer "não" ou nada dizer. Muito mais me foi ainda revelado e decidi atender ao que me foi solicitado: fazer e aceitar absolutamente tudo o que viesse do Senhor Javé e da sua equipe como se "verdade fosse" porque, para aqueles seres – o Senhor Javé principalmente – pela natureza que os marcam, eles não poderiam agir de outro modo para comigo. E muito precisava ser feito e no que eu poderia contribuir, encontrava-me bastante atrasado, não por minha culpa, mas por uma série de circunstâncias que não valem a pena serem aqui explicadas.

Decidi, então, fazer o que me fosse possível apesar de achar ridícula a tese apontada por eles de que "somente eu" poderia realizar o que aqueles seres necessitariam que fosse feito. Afinidade entre a minha pessoa e eles era e é igual a "zero"; docilidade da parte deles em relação a mim igual a "zero"; docilidade de minha parte em relação a eles também igual a "zero". "Como alguma coisa sob essas circunstâncias poderia dar certo?" – pensava e ainda penso enquanto escrevo estas linhas, mas foi exatamente assim que esses últimos livros foram produzidos.

Se o que está aqui é verdade ou não, sinceramente, não tenho a menor idéia ou a menor dose de certeza. Se o que está aqui sendo informado é produto da minha mente ou promovido por algum desvario de minha parte? Resposta: a esse aspecto da questão pretendo ter a "absoluta certeza" de que não é. Se o que neste livro está sendo veiculado é produto da mente de espíritos desencarnados brincalhões e perturbadores? Pretendo também ter a "absoluta certeza" de que não é. Se o que aqui está sendo revelado é produzido realmente por seres que assistem o Senhor Javé e pelo próprio? É isso que "eles" afirmam, mas não posso aferir se essa é a verdade por trás dos fatos que me envolvem. Contudo, penso ser esta a verdade. "Eles" quem?

Quem são esses seres que me repassam as informações com as quais sou obrigado a lidar e a agir com o meu próprio tirocínio para concluir, ainda que equivocadamente, alguns dos postulados hipotéticos que aqui apresento? Resposta: são alguns dos que afirmam assistirem ao Senhor Javé, como assistiam ao Cristo Cósmico quando dos episódios no sistema de mundos de Capela, ou seja, aqueles seres conhecidos na Terra como "anjos do Senhor Javé", mais especificamente os que poderiam ser chamados de Miguel, Rafael e Gabriel, além de mais dois cujos nomes apenas "penso conhecer", mas não sei ao certo como escrevê-los – o que não tem importância nenhuma. Enfim, seriam alguns dos "filhos de Javé" que já "pensam" um pouquinho por conta própria, ou pelos menos se esforçam para que eu pense deste modo – o que também não tem nenhuma importância.

Lido com eles como lido com tudo que me rodeia: com a ternura que posso ofertar associada a uma espécie de sentimento estóico[9] mesclado a uma profunda indiferença quanto ao que me possa acontecer com a condição

humana. Não tenho alternativa e não me permito colecionar qualquer tipo de ilusão em relação a este mundo ou do que desses seres possa vir. Apenas faço o que não posso deixar de fazer perante as circunstâncias que me envolvem.

Ainda assim, com a minha total descrença em relação ao tema agora em foco, esses seres insistem em reafirmar que o "**destino do universo está em jogo**" e que a Terra não é o centro de coisa alguma nobre nem nesta galáxia, e nem muito menos neste universo. No entanto, o nosso planeta passou, na verdade, a ser o centro ou o foco de um gravíssimo problema, por ter recebido como habitantes individualidades cósmicas profundamente adoentadas sob a perspectiva espiritual. Esse aspecto da história, sim, **transformou a situação corrente do nosso planeta em um dos pilares de uma estrutura que não pode ruir sob pena de levar consigo todo o resto**.

Caso um dia venha a ocorrer o caos planetário, comprometerá de um modo inimaginável o desenrolar de muitas etapas que ainda precisam ser postas em prática. Isso tudo para que o Senhor Javé, os seres que o assistem mais diretamente, os demais clones da sua hierarquia, as demais famílias planetárias e suas esferas espirituais correspondentes repletas de espíritos também agora reféns do progresso deste universo, possam ter o necessário bom curso evolutivo com vistas à redenção de todas essas consciências individualizadas.

Em suma, esses seres – além de outros que assessoram ao Mestre Jesus – afirmam mais ou menos o seguinte.

Resumo do que foi afirmado até este capítulo:

A divindade criou a singularidade/matriz energética de tudo o que existe enquanto sua criação.

A divindade sofreu o decaimento e hoje se expressa por meio da personalidade conhecida como Javé.

Javé, durante algum tempo, teve forças para atuar conscientemente sobre a matriz associada a sua mente, que era e é, apesar de deformada, a mesma que a criou.

Há algum tempo cósmico ele perdeu esta condição por força dos seus problemas.

Tudo o que de "vivo" foi sendo criado no âmbito da faixa de realidade mais densa da sua criação, ou seja, no universo em que vivemos, foi tendo um "campo morfogenético holográfico" associado a uma das mentes de seus assessores assim designados pelo Senhor Javé.

Isso implica que cada espécie cósmica tem uma espécie de "patrocinador mental" ou "padrinho vibratório" que sofre ou vibra em todos os diapasões possíveis com absolutamente tudo o que os membros daquela espécie fazem e sentem.

No caso das espécies não-pensantes somente o fator resultante da vibração da espécie é que é "recebida" pelo Senhor Javé, e isso implica em uma série de problemas impossíveis de serem entendidos por esta humanidade.

No caso das espécies ditas pensantes aqui é que o problema se complica porque o Senhor Javé recebe invariavelmente o fluxo individualizado de cada um dos filhos indiretos ou diretos, via clonagem, reprodução sexuada ou assexuada, e de outros modos impensáveis para o nosso conhecimento. →

Em o Senhor Javé se vitimando e decaindo cada vez mais ele leva consigo todos os membros da sua hierarquia de clones a sofrerem o mesmo problema – à exceção daqueles cujas consciências espirituais já despertaram muito ou pouco permitindo assim que possam administrar o fluxo doentio das vibrações do Senhor Javé sem que isso os vitime sobremaneira.

Javé também repassa inconscientemente – para cada individualidade dos seres que direta ou indiretamente herdaram seu DNA – o fluxo da sua doença pessoal, o que acarreta um número impressionante de doenças energéticas que vitimam aqueles cuja vibração pessoal não se encontra "gozando de boa saúde" – infelizmente esse corresponde ao caso da quase maioria das pessoas da Terra.

O único antídoto contra essa contaminação indesejável é a "saúde espiritual" que cada individualidade pode produzir em si mesma pelo necessário e

inadiável exercício do amor como expressão de cidadania pessoal, associado a um mínimo de "sabedoria existencial".

Com quase todas as mentes afetadas por um contexto doentio, o "astral-espiritual" condensado neste universo, e nas realidades paralelas a ele adjacentes, simplesmente impede e dificulta mais ainda que as mentes não adoecidas possam intermediar o problema agindo sobre a matriz energética de modo a direcioná-la no sentido do belo, da harmonia e do amor. Afinal, esta é a única maneira de administrar o aspecto evolutivo da obra da divindade decaída que se assenta "sobre" e "com base" na tal matriz.

Em outras palavras, é como se essa matriz tivesse que ser bem trabalhada por mentes poderosas e sadias. Contudo, por força das circunstâncias, ela é acessada a cada momento por absolutamente todos os cidadãos mergulhados na criação da divindade. Esse fato tem provocado uma espécie de curto-circuito há alguns bilhões de anos e isso seria o principal fator no descontrole operacional desta criação que envolve o universo em que vivemos.

A espécie *homo sapiens*, devido ao modo como foi criada e por ter **sido a "última" das espécies cósmicas gerada a partir do DNA do Senhor Javé,** por primitiva e animal que seja, possuiria algumas características que até mesmo os anjos e arcanjos teriam algum tipo de "inveja" – perdoem-me as palavras, mas não tenho outras. Esse aspecto transformaria esta espécie humana em "especial", não pelo que ela já fez até hoje, mas sim, quando espíritos melhorados nela encarnarem ou reencarnarem, poderá vir a fazer em tempos breves, e isso parece ser muito mais importante do que pode ser atualmente vislumbrado por qualquer homem ou mulher da Terra. →

Como o Senhor Javé perdeu a condição de comandar, de forma sadia, a administração do processo em curso, faz-se necessário que outras mentes poderosas se associem à dele no mister coordenador dos rumos do processo evolutivo deste universo e do que mais a ele se encontra associado.

No que com o conhecimento terreno eu posso vislumbrar todo o processo histórico que se desenrolou nos últimos milênios tem a ver com a "divisão de comando" do processo em curso.

Assim, o ser a quem chamamos de Jesus, estaria finalmente assumindo, nos tempos em que escrevo estas linhas, o co-comando junto com o Senhor Javé, e outras mentes que a esse circuito divino ainda se associarão (penso ser o caso de Sai Baba).

Esta é uma notícia alvissareira, mas não resolve a questão, apenas impede que a mesma venha a piorar.

Faz-se necessário que cada individualidade deste universo dê a sua contribuição consciente ao processo em curso para que o objetivo comum seja alcançado, que é o de conduzir os rumos desta criação ao porto seguro da harmonia final da sua desconstituição, e todos dela possam já se encontrar libertos vivendo tranquilamente a vida real, a tal "vida eterna" da qual falava Jesus.

Aqui importa compreender que, em sendo verdade o que se encontra exposto, o "campo morfogético universal", "somatória" (esta palavra não é a mais adequada) de todos os campos de espécies pensantes e não-pensantes existentes no âmbito deste universo, encontra-se profundamente abalado por força das contribuições de todos os seus membros já que parceiros e sócios de um destino comum, ainda que disso não tenham a devida consciência.

Antes de seguirmos adiante, e apenas a título de ressalte, vamos, de modo superficial, ilustrar como um **simples mortal da Terra pode influenciar o Senhor Javé**.

O indivíduo usa suas emoções e assim afeta instantaneamente o seu próprio DNA e o DNA do foco da sua emoção (quando dirigimos intencionalmente os "pensamentos" para alguém), o que, por sua vez, registra também automaticamente no campo morfogenético da espécie humana.

É nesse ponto que o Senhor Javé recebe também o eflúvio dessas vibrações já que o campo morfogenético desta humanidade encontra—se indelevelmente a ele associado. A partir de certa massa crítica das influências marcadas no campo morfogenético este, por sua vez, influencia ainda mais, por efeito do aspecto holográfico ao Senhor Javé, o que faz com que a cada momento ele receba as "vibrações pessoais" e, em algum momento depois, o fator resultante de certa massa crítica das vibrações da espécie *homo sapiens.*

É simplesmente atordoante, mas é assim mesmo que se processa, afirmam esses seres. Deve ser "insuportável" para ele – pelo menos é o que posso pensar.

Estou aqui afirmando que cada dose de "raiva ou ódio" que um ser humano venha a sentir por outro o Senhor Javé também sente a influência da vibração, e depois nele se registra o "acumulado" do problema entre essas duas pessoas. Imagine, portanto, eventual leitor (a), se isso for verdade. E tudo indica que é!

Reside exatamente nesta questão o aspecto do Senhor Javé ser refém de toda a sua "criação viva".

As Grandes Almas que se fizeram humanas terráqueas obviamente sempre souberam disso e, no passado remoto, esse tema chegou a ser semeado no conhecimento do mundo, apesar de aparentemente ter se perdido por entre as brumas do tempo, e hoje pertencer ao reino dos mitos e das lendas. Em tempos mais atuais, as almas missionárias que passaram por este mundo não revelarem abertamente a questão por uma série de motivos, dentre os quais:

1. "Ignorância doentia" desta humanidade e de algumas outras "forças atrasadas" que a envolvem sobre os aspectos espirituais profundos em torno da questão "Javé" como o Criador deste universo;
2. Sem a compreensão dos postulados quânticos simplesmente é impraticável a arquitetura de qualquer entendimento sobre a figura do Senhor Javé e o modo como ele e nós interagimos com a criação em curso. Somente agora trabalhos de vanguarda na análise dos desdobramentos do "modo de pensar quântico" estão sendo produzidos em larga escala e de modo acessível à massa humana;
3. O nível superlativo dos "débitos cármicos" da média dos espíritos congregados no orbe terrestre, o que transforma o nosso planeta em um mundo de expiação e provas, como aponta a Revelação Espiritual codificada por Alan Kardec;
4. O isolamento do planeta Terra ao longo dos últimos milênios, por decisão de "última instância" do Senhor Javé;

5. Imaturidade espiritual de praticamente toda a "família de espíritos doentes" que está congregada na Terra e que jamais ofertou condições para que uma revelação desse naipe tivesse lugar, entre outros aspectos dessa "imaturidade".

Importa, pois, perceber que somente uma geração de seres humanos mais esclarecida, sob a perspectiva intelectual, e mais madura, sob a ótica espiritual, é que terá a singular condição de **compreender a real e essencial importância do "melhoramento pessoal"**. Essa geração deverá se preocupar então com a evolução de cada indivíduo deste mundo, influenciando o "campo morfogenético" desta humanidade, tornando, assim, possível a necessária massa crítica para o "salto quântico" das nossas consciências. Nesse dia ainda por vir não mais haverá pobres nem miseráveis entre os nossos irmãos planetários. Este é o caminho e parece não existir outro. Seguramente, por isso, todos os mestres e mestras deste mundo, sempre ressaltaram a importância do amor e da fraternidade como elo maior a nos unir.

Sinceramente, trabalho e me esforço como ser humano para que um dia surja uma geração de homens e mulheres que façam do aspecto da interconexão deste universo a ponte amorosa que os haverá de aproximar do Senhor Javé e dos que o assistem. Desse modo, tanto ele e a sua criação poderão chegar a bom termo de curso final no campo da evolução. Afinal, a antiga sabedoria existente na Ásia desde há muito nos afirmava o que atualmente está sendo comprovado pela física teórica e pela mecânica quântica: que "tudo é uma só unidade".

Constatação

Todos os seres viventes deste universo são parceiros e sócios de um destino comum já que atrelados ao destino pessoal do Senhor Javé.

Pretende-se que, antes do fim deste universo, todas as individualidades espirituais que um dia nele mergulharam e aqui tiveram residência transitória estejam completamente libertas em relação aos problemas e dificuldades vivenciados.

Sob essa perspectiva, o que apontam os cientistas da Terra sobre o destino deste universo deve ser motivo de reflexão para todos nós, na medida em que estamos começando a compreender a nossa "função pessoal" em toda esta história.

Se realmente torcemos para que possa existir um "bom final" para a história universal e se buscamos construir uma destinação harmônica para o final de todo esse roteiro, como ficam, então, os **postulados da lei da entropia** que afirmam que o universo caminha para a desordem, para o caos, para a sua desintegração no menor estado possível de energia, conforme os postulados científicos?

Reflitamos, pois, sobre a especulação dos cientistas em relação às prováveis situações e cenários para o "destino final" do nosso universo:

1. A aceleração cessa e o universo se expande eternamente, o que levaria cerca de mais 100 trilhões de anos até que as últimas estrelas viessem a morrer, apagando assim as luzes do universo. Isso seria devido à taxa de geração de estrelas que, segundo os postulados científicos, vem diminuindo e tempo existirá em que não mais surgirão novas estrelas para substituir as que se extinguiram. Com o passar das eras universais, daqui a um intervalo de tempo que se estima ser o do já citado 100 trilhões de anos, não mais existirá "luz" no universo.

2. A aceleração continua nos padrões atuais. Isso faria com que em mais 30 bilhões de anos viesse a ocorrer o chamado "avermelhamento cósmico". Nesse caso a aceleração cósmica afastará todas as outras galáxias para fora do nosso campo de visão, fazendo com que todas as evidências do Big Bang estejam doravante perdidas.

3. A aceleração se intensifica. Isso provocaria em 50 bilhões de anos o "Big Rip", evento no qual a energia escura vai terminar "rasgando todas as estruturas" desde os aglomerados até os átomos.

4. A aceleração se altera para uma rápida desaceleração e colapsa fazendo com que em 30 bilhões de anos ocorra o "Big Crunch", que significa um retorno ao estágio da singularidade que deu início à expansão do universo nos seus primeiros micro-segundos.

Como podemos ver tudo dependerá se a "energia escura" vai continuar a acelerar a expansão cósmica. E o que é essa energia escura que se tornou a vilã dos destinos do nosso universo? Ninguém ainda sabe ao certo. Aqui é importante frisar para o (a) leitor (a) que diversos conceitos na cosmologia estão ainda por serem melhor evidenciados e mesmo compreendidos, o que é o caso da "energia escura" que ainda dará margem a muita discussão científica.

Ainda assim, ao tempo em que escrevo estas páginas, o que é que se sabe sobre a chamada "energia escura"? Que ela é a responsável pela aceleração da expansão cósmica. Sabe-se também que a energia escura assumiu o controle total sobre a matéria há poucos bilhões de anos, mais exatamente há cerca de 4 bilhões de anos. Antes disso, apontam os cientistas, a expansão havia sido abrandada devido à atração gravitacional exercida pela matéria e a gravidade foi então capaz de criar estruturas desde galáxias até super-aglomerados. Mas agora, por causa da energia escura, estruturas maiores que super-aglomerados simplesmente não podem se formar porque esta não mais permite.

Na verdade, se a energia escura tivesse começado a dominar a situação universal antes do que ela dominou – por exemplo, quando o Universo contasse com a idade de apenas 100 milhões de anos – a formação de estruturas teria terminado antes mesmo que as galáxias se desenvolvessem e simplesmente o universo não teria se formado nos moldes em que conhecemos.

Desse modo, os cosmólogos têm apenas pistas rudimentares sobre o que a energia escura pode ser. Sabe-se, porém, que para acelerar a expansão universal torna-se necessário a existência de uma força repulsiva, e a Teoria da Relatividade Geral de Einstein prevê que a gravidade de uma forma de energia extremamente elástica pode ser, na verdade, repulsiva.

Detalhe: a energia quântica que preenche o espaço vazio parece agir dessa maneira. Essa **energia quântica é exatamente a rede que a tudo une**, a qual nos referimos anteriormente: a matriz gerada pela mente da divindade criadora que depois viria a decair. Se assim é, o "**final mal arquitetado**" deste universo deveria ter relação direta com a "programação" saída da sua mente divina. Ou não será porque a divindade foi "tragada" pela sua criação **impedindo-a assim de dar uma "formatação final" ao que havia criado**? Hoje, prisioneira e refém da própria criação, adoentada e enfraquecida, como

o ser em que ela se transformou por conta do decaimento terá **condições de interferir na "matriz criadora original" se a sua condição mental não é mais a que possuía enquanto divindade**?

Muitos cientistas se dedicam a arquitetura daquilo que alguns deles chamam de "**fórmula final**", ou seja, uma equação que pudesse encapsular todas as leis da física.

Depois de muito refletir e de desistir de refletir a respeito – não espero ser entendido – cheguei à conclusão de que não deve existir uma "fórmula final". Obviamente esta conclusão é amadora, simplória e tudo o mais que o academicismo puder disso dizer. Contudo, após ter tido acesso ao que suponho ser o drama da divindade que criou a singularidade a qual por sua vez originou o nosso universo, penso que, como já dito, pelo fato dela ter sido "engolida" pela sua própria criação, o "fechamento" que a sua mente de divindade ainda pretendia dar a sua recém-criada obra, não lhe foi possível realizar. Deixou, assim, dessa forma, um **processo em curso inacabado**, magnífico, porém, defeituoso em algumas de suas vertentes. Como o fechamento da fórmula mental da criação parece não ter sido feito a tempo, não haverá termos adequados – conforme penso – para uma "fórmula final" ofertada pela mente criadora, daí os cenários aparentemente caóticos que aguardam o futuro deste universo.

Qual o principal aspecto deste drama: **o universo**, em tese, **não pode acabar enquanto existam "espíritos doentes" alojados nas "esferas espirituais erráticas"** geradas por força da criação. É o impasse dos impasses e ninguém sabe o enigmático caos espiritual em que esse aspecto se transformaria. Além do que, a **Segunda Lei da Termodinâmica** decreta que absolutamente tudo o que existe no universo sofre os efeitos da entropia, ou em outras palavras, **tudo deve acabar**, enfim, morrer. Assim, todas as civilizações evoluídas que existem no nosso universo simplesmente sabem que as suas "porções materiais", sejam os seus corpos ou tudo o mais que caracterize as suas moradas, possam ser elas em planetas naturais ou artificiais, pouco importa, deixarão um dia de existir.

Essa lei aponta para o caos universal em que nada mais existirá a não ser provavelmente os "buracos negros" administrando a "inexistência" de qualquer micro-partícula com "cara de matéria".

Alguém, contudo, poderia dizer: exagero! Seja qual o cenário apontado pela ciência este universo ainda terá "muito tempo" para que as situações espirituais individuais complicadas possam ser revertidas. Será? Parece que não é esta a opinião dos seres e espíritos que me suportam a companhia vibratória.

Pude perceber que é exatamente nesse aspecto que reside uma dose de inenarrável aflição da parte da "gente adulta deste universo e de outros níveis" envolvida com o problema. Sobre este tema, contudo, devo encerrar aqui a sua abordagem sem que o possa aprofundar. Nos livros "o Drama Espiritual de Javé" e "o Drama Espiritual de Jesus" voltaremos a abordá-lo, com outras cores, mas ainda sem a pretensão de aprofundá-lo.

Somente quando as condições planetárias permitirem é que, conforme penso, deverá existir possibilidade para tanto. Ressalto que não estimo que "essas condições" venham a existir ao tempo da vida deste escrevente. Quem sabe se na próxima oportunidade em que o espírito que me anima voltar a passear pela vida terrena possa "eu" novamente voltar a estudar o tema e despertar o que ainda nestes tempos atuais me está sendo revelado, mas sobre o que não vejo a menor condição para a veiculação dessas informações, atitude que é referendada pelos seres que as revelam. Estamos longe de nos encontrarmos preparados para a Verdade Cósmica e todos os aspectos que a compõem.

O fato é que o mistério que talvez explique o modo de agir do Senhor Javé resida na sua ignorância quanto aos princípios e fins que o motivam a existir. **Dissociado do Belo e da Verdade**, profundamente adoentado em si mesmo e sem ninguém que o possa objetivamente ajudar, somente pode ser ajudado a se curar no âmbito da sua própria prisão, que é a sua própria criação a qual se encontra potencial e indelevelmente vinculado. E é exatamente nesse aspecto que entra o gênero humano terráqueo nesta história.

O paradoxal é que, a **espécie *homo sapiens***, como vista por quase todo o conjunto de seres que nos vê lá de fora, **é uma raça cujos espíritos que a animam são doentes, loucos e criminosos**, como informado anteriormente. De fato somos. Porém, aqui **reside o maior dos mistérios sobre o futuro**: quando espíritos melhorados começarem a encarnar na espécie humana terráquea, esta terá o condão de "marcar" no "DNA coletivo" o qual, de modo imanente está presente em cada um dos elos da "corrente humana terráquea",

o que – pasme o (a) eventual leitor (a) deste livro – **nenhuma outra raça extraterrestre deste universo consegue atualmente fazer de modo decisivo e com a força vibratória necessária: influenciar, com as sua emoções, a situação existencial do Senhor Javé**!

Isso porque, quando **há cerca de cinco bilhões de anos atrás o Senhor Javé começou a sofrer na sua condição existencial um estranho processo** que aqui não poderá ser explicado, ele começou **a vibrar de tal modo que se desconectou do exercício do poder total sobre a matriz que havia criado enquanto divindade**. Desde então, a sua mente cansada, apesar de portentosa, somente acessa "parcialmente" a matriz energética da sua criação. Parece ter sido depois disso que a "energia escura" passou a dominar a matéria universal e a aceleração da expansão cósmica rumo ao caos começou a ter lugar no concerto universal em algum momento entre os últimos 5 a 4 bilhões de anos do tempo de vida do nosso universo.

Como já informado no capítulo anterior, o que a "gente adulta" deste universo sabe e nós ainda não percebemos é que, de fato, como rezam alguns dos mitos sumérios, hindus e hebreus – este cópia do "*enuma elish*" sumério[10] – quando afirmam que "deus" criou os céus e a Terra em seis dias e no sétimo ele descansou: **no "sétimo" ele não descansou, na verdade, ele parece ter adoecido pelo esforço mental desprendido**. Mesmo na condição humana aparentemente miserável em que vivem os nossos espíritos neste mundo é imperioso que o ajudemos a se soerguer, através das mais belas e singelas emoções que a ele possamos endereçar, ainda que seja difícil a "coexistência vibratória" com alguém cuja natureza não se enquadra muito bem no que esta condição humana possa atualmente conceber.

Seja porque simplesmente ele não pode fazer nada por si mesmo, por força dessa natureza singular que o marca enquanto divindade decaída, ou porque nem mesmo ele, Javé, pode observar o lado de "fora" para além da criação na qual ele hoje é obrigado a existir – ou se observar "lá de fora" – o Senhor Javé encontra-se refém do que a sua criação a ele possa endereçar em termos de vibração emocional. E essa é a linguagem, como muito bem nos demonstra Gregg Braden em seu livro "a Matriz Divina" (torno a ressaltar), através da qual a "matriz" consegue entender e se deixar influenciar.

O fato é que ainda que meio desconectado em termos de poder influenciá-la conscientemente (ele somente o faz de modo algo descontrolado), ele "permanece totalmente conectado" quanto à influência que dela é a ele endereçada.

Antes, porém, de encerrar o presente capítulo, é necessário que seja ressaltado, ainda que de modo superficial, um dos aspectos singulares sobre o destino deste universo.

Segundo Joachim-Ernst Berendt, o já citado autor de "Nada Brahma", o físico nuclear francês Jean E. Charon[11] transformou a Teoria Geral da Relatividade de Einstein em uma "**Teoria da Relatividade Complexa**". Esta teoria de Charon aponta como modelo final do nosso universo um "final dos tempos onde não mais existirá matéria, ao menos no sentido em que a definimos hoje, ou seja, no sentido de maior ou menor concentração de partículas nucleares (fótons e nêutrons). Só restarão pares de elétrons, pósitrons, que se "banham" na radiação negra, cuja temperatura constante é cerca de 60 mil graus...". Assim, continua Charon, "chegamos a um ponto bem interessante: o "Juízo Final" não virá para seres materiais, pois estes não existirão mais nessa ocasião. No final dos tempos, serão encontrados elétrons e pósitrons".

"**Condutores do espírito**, os **elétrons**, até lá, terão armazenado uma inigualável massa de informações e estarão carregados com conhecimento, ação, reflexão e amor.", conclui Berendt sobre a teoria de Charon.

Este é um dos aspectos mais belos e enigmáticos sobre o destino do nosso universo que **repousa na capacidade de cada elétron em armazenar toda a sua vivência ao longo da história universal** – atente bem o (a) leitor (a). Há algo de "espantoso" em todo esse processo que finalmente está sendo descortinado pela ciência.

Será que o eventual leitor destas páginas se recorda dos famosos "arquivos akáshicos" que, presentes no "éter que a tudo envolve e sustenta", teriam o condão de registrar, de memorizar tudo o que acontece aqui e alhures? Pois muito bem. **Matriz de Planck, Campo de Energia, Matriz Modeladora, Singularidade, Fonte Universal, Fluido Universal, Matriz Energética, Matriz Akáshica, Éter, Rede Quântica, Matriz Quântica, Campo Quântico**, dentre

outras definições e conceitos, **significam a mesma coisa**, ou seja, **a base e o alicerce formatados pela mente da divindade que decaiu**.

Um dos aspectos significativos é que o "elétron" – na verdade, os fótons e seus spins – **presente na base e no alicerce de tudo o que existe** a partir desta matriz, tem uma função ainda por ser compreendida em toda sua plenitude por parte dos humanos da Terra.

Realmente, a criação do elétron, a partir dos léptons formatados nos primeiros "micro-momentos" da criação do nosso universo foi obra da divindade decaída. Contudo, a sua **função no concerto universal e no suporte à evolução da componente espiritual deste universo e das realidades a ele adjacentes**, deve-se ao trabalho incessante de outra divindade que jamais descansou desde os primeiros momentos de toda essa história. No livro "O Drama Cósmico de Jesus", se me for permitido, voltarei a tratar deste tema com mais "liberdade especulativa".

Por enquanto percebamos apenas que os elétrons que hoje compõem o seu corpo caro (a) leitor (a) marcam nas suas "memórias quânticas" todos os pensamentos e sentimentos vividos. Quando o corpo morre, eles são reaproveitados pela natureza e podem vir a compor outros corpos no futuro. Do mesmo modo, os elétrons que hoje formam o nosso corpo já pertenceram a "outras formas" vivas e amorfas de antepassados e de outros painéis existenciais. As implicações disso deveriam ser refletidas por todos nós já que o tema tem tudo a ver com a relação existente entre o criador, as suas criaturas e a sua criação universal.

Centro de Comando Paralelo.

Podemos, agora, sob a perspectiva do que foi abordado até aqui, vislumbramos de onde é que o Senhor Javé atua ou, em outras palavras, a realidade na qual o Senhor Javé vive objetivamente.

Para nos facilitar o entendimento quanto ao "centro de comando paralelo" do Senhor Javé faz-se necessário que compreendamos um dos aspectos que envolvem o que a física quântica chama do já comentado conceito de "colapso quântico". Vamos, pois, determinar algumas premissas para essa compreensão abordando o processo gerador da divindade a partir de outro foco de observação.

Premissa 1 – sob a perspectiva do que podemos vislumbrar da Terra, o **"ser-observador quântico" que gerou a partir de si mesmo um conjunto de níveis existenciais não é Deus, mas somente uma divindade co-criadora**.

Premissa 2 – ao gerar a singularidade, a mente da divindade plasmou por meio do chamado "**colapso quântico**", por opção da sua vontade, os limites e a natureza do espaço-tempo que passou a ser a dimensão física-densa do universo material em que vivemos.

Premissa 3 – torna-se confuso o entendimento sobre esta divindade co-criadora porque, mesmo os cientistas que já admitem a inevitável existência de um ser-criador, o chamam de "Deus". Isso confunde mais ainda o entendimento até porque o ser-criador (a divindade co-criadora), vamos assim dizer, **"colapsou" junto com a dimensão universal física-densa por ele gerada**. Contudo, numa espécie de último micro-momento, como se para

não se sentir refém e/ou diminuído ao se perceber "decaído", com sua vontade exuberante, plasmou, por meio de outros "colapsos da sua consciência" **mais alguns níveis de realidade** com características diversas em relação ao teor vibratório do universo em que vivemos.

Premissa 4 – ao "colapsar" sucessivamente algumas "realidades ou dimensões existenciais", como se a pretender também "corrigir" em bilionésimos de segundo "detalhes" que a sua mente magnífica conseguia "rapidamente" perceber que podiam e precisavam de ajustes conforme seu tirocínio, a divindade, enfraquecida, rendeu-se e por "muito pouco" **não foi literalmente "engolida" pelo nível mais denso** – que corresponde ao nosso universo – conseguindo manter-se edificada (apesar de que com sérios problemas na sua reorganização corporal pessoal) numa realidade paralela a nossa.

Premissa 5 – é imperioso que se perceba que, devido ao "problema de percurso" a divindade deixou de existir como tal, e **o que havia por ela sido feito perdeu a condição de ser ajustado ou corrigido pela mesma mente arquiteta da criação**. Este detalhe é extremamente importante para ser possível a compreensão em torno das "**imperfeições" e das "contradições" existentes no universo** em que vivemos e, acima de tudo, o fato do mesmo ter "**perdido" a mente que o coordenava** já que esta continuou a fazê-lo apesar de decaída. A questão é que ela agora se encontrava numa condição muito enfraquecida em relação a que antes detinha e a partir da sua "nova residência" forçada pelas circunstâncias que os fatos agora lhe ofereciam.

Premissa 6 – portanto, sob a perspectiva dos postulados quânticos, **o ser que gerou o nosso universo e as demais dimensões subjacentes é a "consciência quântica" por trás da criação**. Contudo, digo de minha parte, existe outra "consciência quântica" ainda mais profunda que a tudo sustenta – a Deidade e as Suas Personificações – inclusive a essas **teias quânticas** que permitem **outros "colapsos" criadores de novas e incontáveis realidades existenciais**.

Premissa 7 – ainda sob as perspectivas dos postulados quânticos, o que entendemos por "objetos materiais densos" ou, em outras palavras, a realidade universal em que vivemos, na "verdade" não são coisas determinadas, mas sim "escolhas" da mente (consciência quântica) responsável pelo "colapso" desta

realidade, dentre as **outras possibilidades quânticas permitidas e possíveis à mente criadora**.

É, portanto, a **escolha ou opção mental do ser-criador** é quem **transforma as possibilidades quânticas em eventos reais** para "aqueles" que passam a existir com uma máquina mental perceptiva (cérebro) condicionada à percepção das "leis físico-bioquímicas" daquela realidade. Da interação da mente espiritual que se incorpora aos "cérebros transitórios" é que surgem os aspectos do psiquismo da aparente "nova personalidade" que inevitavelmente "nasce" dentro dos parâmetros daquela dimensão existencial.

Premissa 8 – os cidadãos criados para existirem dentro dos parâmetros da "nova realidade" passam então a "sustentar" a sensação de realidade com a inevitável percepção condicionada dos seus cérebros programados para tal. Os seus espíritos, ainda que naturalmente cidadãos de outras realidades mais sutis, submetidos que estão aos novos corpos transitórios enquanto durar a vida daquela dimensão, nada ou pouco podem fazer quanto à percepção/intuição da sua verdadeira natureza.

A próxima premissa será apresentada sob a forma de mais uma constatação.

Constatação

O nosso universo existe do modo como o conhecemos porque a opção feita pela divindade co-criadora expressou-se uma só vez e nunca mais foi possível à mente da divindade responsável pelo "colapso quântico" que o definiu fazer "outra escolha", devido ao seu decaimento.

Levando-se em consideração essas premissas fica "menos difícil" perceber o que o **clone-rebelde** pretendia – citado no capítulo onze – ao tentar "desconstituir a estruturação material-densa" promovida pelo colapso quântico advindo da vontade da mente da divindade antes do seu decaimento, ao tempo em que existiam "poucos seres" existindo no nosso universo. Na verdade, como já informado, ele queria que os seres obrigados pelo Senhor Javé a existir no âmbito do universo denso-material simplesmente deixassem de "existir para

este universo" como forma de, em não existindo mais "**observadores internos**", a "força" da matéria colapsada se enfraqueceria dando um fim à obra equivocada. Dessa forma, o que hoje percebemos como sendo a realidade que nos rodeia voltaria a ser apenas o campo quântico vibrando em torno das suas múltiplas possibilidades.

As mesmas premissas quânticas que facilitam o entendimento das razões e das intenções do clone-rebelde que foi o primeiro antagonista ao poder universal instituído, servem também como a base da compreensão em torno da **realidade na qual o Senhor Javé se viu obrigado a edificar o seu "quartel-general" ou centro de comando deste universo**.

Partindo de outra ótica recordemo-nos que os cientistas apontam que cada partícula elementar formadora da nossa realidade material tem a sua correspondente antipartícula. Em outras palavras, para cada "pequeno tijolo elementar" daquilo que chamamos por matéria existe um "pequeno tijolo elementar" chamado de antimatéria. Retomando somente a título de rápida ilustração o que foi superficialmente exposto no capítulo três, reflitamos agora sobre uma possível reposta à indagação ali apresentada: para onde teria ido toda a antimatéria que "desapareceu" dos olhos de um hipotético observador, nos primeiros micro-instantes que deram origem ao nosso universo, conforme ali descrito?

Hipótese 1: a antimatéria que foi criada nos primeiros micro-instantes do universo passou necessariamente a pertencer à outra ordem de realidade.

Hipótese 2: alguns cientistas suspeitam que podem existir galáxias formadas por antimatéria em rincões longínquos do nosso próprio universo.

O interessante é também perceber que, segundo os cientistas, a antimatéria somente é destruída quando se encontra com a matéria, o que implica na existência de "limites vibratórios" entre a nossa realidade universal e aquela formada de antimatéria, sob pena de uma eliminar a outra. Talvez aqui resida a explicação para muitos dos fatos e eventos de ordem extraterrestre narrados no Antigo Testamento quando patriarcas e profetas (Abraão, Isaac, Moisés, Elias, dentre outros) se encontravam com seres e artefatos então considerados divinos.

Aqui estamos nos referindo à interação de homens terráqueos, cujos corpos são materiais, não só com seres de outros mundos deste universo cujos corpos também seriam feitos da mesma matéria estruturante que a nossa, como também com seres que pareciam se materializar para esta realidade, ou seja, com seres que viviam em outras realidades e se investiam de um corpo (camuflado) do tipo de matéria que nos é comum para o contato direto com os terráqueos.

O fato é que, em relação ao tempo em que o Senhor Javé e seus assessores interagiram fortemente com os terráqueos, conforme narrado nas páginas da Bíblia, Javé mesmo, em pessoa, parece jamais ter se mostrado nem mesmo a Abraão ou a Moisés, permanecendo sempre como se dentro de "artefatos" (naves envolvidas por nuvens e fogo) ou como se agindo e atuando a partir de outra dimensão paralela a nossa. Alguns dos seus "anjos assessores" agiam atuando dentro dos limites da nossa realidade também por meio de naves e/ou de "projeções holográficas" das suas pessoas ou ainda atuando a partir da dimensão paralela.

Em sendo isso verdade temos, portanto, seres que vivem no âmbito do nosso universo, como também existem outros que se situam em outras realidades dimensionais podendo, por projeção ou poder tecnológico, atuar dentro dos limites que definem a nossa morada universal.

Desconfio que o Senhor Javé e alguns de seus assessores possuem formas corporais estruturadas a partir do que aqui estamos chamando de antimatéria, o que impede o contato direto deles conosco. Pelo que posso por mim mesmo perceber eles o fazem através dos seus **parceiros (clones residentes neste universo) que "existem e vivem" como seus representantes no âmbito do nosso universo** além de também nos contatarem por meio de projeções ou mesmo a partir da dimensão paralela na qual residem.

Óbvio que o argumento lógico não pode e nem deve ser considerado como científico e estou longe disso pretender. Sei que sob qualquer ótica o postulado aqui apresentado pode ser considerado como simplista e destituído de comprovação pelos mecanismos hoje disponíveis ao método científico. Porém, não será pelo fato de não poder se enquadrar como científico que algo

deixa de ser possível, ou a verdade deixa de ser verdade porque a ciência não pode ainda percebê-la.

Assim, apenas tenhamos em mente a possibilidade de que a antimatéria formou, ao longo do "seu tempo", uma dimensão universal que hoje existe paralela ao nosso universo. E que seria ou é exatamente nesse "universo paralelo" que o Senhor Javé e parte da sua hierarquia hoje residem, e que as coisas não andam tão simples por lá. É de boa prudência termos também em mente a possibilidade da esfera onde reside o Senhor Javé ter se formado a partir de outras "razões quânticas".

Como também já apontado a criação da divindade que mais tarde seria conhecida na Terra como Javé não se limitou somente aos dois universos citados. Existem ainda outras **dimensões espirituais primárias,** adjacentes à realidade física do nosso universo como também à realidade paralela onde o Senhor Javé "naturalmente" reside. Essas dimensões primárias são exatamente o que Allan Kardec chamou de "**erraticidade**", quando da Revelação Espiritual, que nada mais são do que esferas espirituais para onde os espíritos que desencarnam de suas vidas terrenas – e de outros mundos transitórios – em estado de pouco ou nenhum equilíbrio são direcionados.

A ponte que parece unir ou ligar as dimensões geradas pela divindade aponta para a singularidade plasmada a partir de sua mente, uma espécie de **matriz multifacetada** cujas vibrações passam a compor realidades distintas, todas elas em estágio progressivo de "finalização da transitoriedade que as marca", apesar dessa "transitoriedade" nos padrões do tempo terrestre ser contada em "bilhões de bilhões de anos". Toda e qualquer face de realidade advinda dessa matriz quântica se expressa como realidade plasmada por força do colapso quântico provocado pela mente geradora da matriz.

Essa matriz, novamente o ressalto, "esconde-se" no mais ínfimo daquilo que consideramos como "material" o que, sob certa perspectiva, é apenas uma ilusão já que, na realidade profunda da concepção dos fatos a matéria não existe, ela finge existir para quem nela está inserido e passa a ser "real" no âmbito desse contexto. É apenas uma espécie de "matrix"[1], e é nisso que reside a "genialidade criativa" da mente da divindade que a criou.

Apenas a título de mais uma ilustração quanto ao tema, reproduzo, a seguir, uma citação sobre "o que é a matéria do nosso universo", constante do livro *Der Rhytmus des Kosmos (The Silent Pulse* – em inglês), do psicólogo norte-americano George Leonard[2].

O microscópio eletrônico possibilita-nos olhar para dentro do corpo, que na sua beleza e terribilidade se movimenta tão livremente quanto o mar... Quanto mais se destaca a magnitude, tanto mais a carne se dissolve. As fibras musculares adquirem um aspecto inteiramente cristalino. Podemos ver que elas são constituídas de moléculas longas e espiraladas que obedecem a uma disposição organizada. Essas moléculas balançam como trigo ao vento, ligadas umas às outras e mantidas no seu lugar por ondas invisíveis que pulsam trilhões de vezes por segundo...

De que são feitas as moléculas?

Se nos aprofundarmos ainda mais no mundo microscópico com o nosso microscópio eletrônico, veremos os átomos, minúsculas bolinhas sombrias dançando ao redor de suas posições fixas nas moléculas, trocando às vezes de lugar com seus parceiros num ritmo perfeito.

E agora vamos examinar um desses átomos: seu interior está levemente velado por uma nuvem de elétrons. Chegamos mais perto, aumentando a ampliação. A camada da superfície se dissolve e entramos no seu interior, e lá encontramos... ***nada!*** (ênfase minha).

Em algum lugar dentro desse vazio, sabemos, há um núcleo. Rastreamos o espaço todo e lá está ele: um pontinho minúsculo. Por fim, descobrimos algo consistente, sólido, um ponto de referência. Mas não! À medida que nos aproximamos do núcleo, ele também começa a se dissolver. Também ele nada mais é do que um campo oscilatório, ondas rítmicas. Dentro do núcleo há outros campos organizados: prótons, nêutrons, e partículas ainda menores. Assim que nos aproximamos de uma partícula dessas, ela se desfaz em oscilações rítmicas.

Os cientistas ainda continuam a buscar as unidades de composição do mundo físico. Em nossos dias, estão procurando quarks, estranhas entidades subatômicas, que têm qualidades descritas com palavras como "estar em cima", "estar embaixo", "charme", "estranheza", "verdade", "beleza", "cor" e "paladar". Mas isso não importa. Se pudéssemos nos aproximar desses espantosos quarks, eles

também se dissolveriam, também renunciariam a qualquer pretensão de solidez. Sua velocidade e posição também seriam claras, só restando deles os relacionamentos e os padrões de vibração.

Do que, então, é feito o corpo? ***De vazio e ritmo*** (ênfase minha). *No âmago do corpo, no cerne mesmo do mundo, não há solidez de matéria. Só existe a dança.*

Como podemos depreender do acima exposto, simplesmente a matéria não é sólida, ou seja, ela não existe sob a perspectiva de ser "alguma coisa". Contudo, os sentidos nos nossos corpos estão condicionados a acharem que somente existe o que sentimos como sendo a "matéria", quando, na verdade, a "dança da energia" por trás do que **somos predestinados a perceber como matéria** é a **realidade que dá de si para "vestir" as percepções condicionadas do cérebro animal**.

O mais interessante é que essa "dança de energia" além de definir o universo em que vivemos, define também, em padrões diversos da sua vibração, as outras realidades geradas pela mente da divindade. O curioso e encantador é que nada disso, nenhuma dessas "realidades" é ainda o que devemos entender pelas esferas da **Espiritualidade Superior,** que se encontram muito além de tudo disso, obedecendo a outra "dança energética" produzida por Prepostos diretos da Deidade, sustentadas por Sua vontade amorosa.

Dia virá em que isso será um pouco melhor compreendido por esta humanidade, mas não nesses tempos. Não há possibilidades para tanto na atual "condição humana". Por agora, contentemo-nos em descortinar algo do que precisamos arquitetar no nosso entendimento para podermos compreender o drama do Senhor Javé que é exatamente a medida do drama de todos nós.

É da esfera astral onde reside que ao longo da evolução da natureza terrestre o Senhor Javé e os seus monitoraram – com um zelo que enterneceria a todos os terráqueos – e administraram o progresso de cada uma das cerca de **50 bilhões de espécies formadoras do que chamamos de natureza terrestre**. E isso se dá por meio da interação das suas mentes com os campos morfogenéticos referidos no capítulo doze.

Apesar do Senhor Javé e dos seus assessores não possuírem a natureza humana que nos define eles apresentam um zelo com tudo o que foi por eles

criado que aos meus olhos simplesmente é incompatível com outras atitudes e posturas que penso ter neles percebido.

O fato do Senhor Javé e os seus “filhos” não possuírem a natureza humana, aos nossos olhos parece ser um “defeito” terrível que os diminui. Mas o grande problema é que não é – pelo menos para eles. Os **estranhos somos nós**, os ditos animais que não deveriam pensar e nem conhecer o bem e o mal. No entanto, hoje pensamos e fazemos o mal a todo momento, como se dando ao Senhor Javé a razão para a sua antiga e ainda teimosa tese de que os humanos da Terra não deveriam ter despertado para o que hoje conhecemos: a **dureza da realidade universal** que nos envolve, ao mesmo tempo que também despertamos para a **beleza da realidade espiritual que a tudo envolve**, inclusive o que foi gerado a partir do equívoco do Senhor Javé enquanto divindade co-criadora.

Este livro já está por demais complexo pelo menos em relação ao nível dos assuntos e dos temas aqui abordados, o que me impede de ir mais além com a análise dos desdobramentos quanto ao significado da existência espiritual e da vida terrena, sob a égide das imposições do Senhor Javé. Outros livros surgirão oportunamente com vistas a esse mister se permitido for. Contudo, enquanto vida houver no âmbito do universo do Senhor Javé, este assunto jamais será esgotado porque simplesmente a condição humana, por elevada que seja em relação a certas capacidades de algumas das classes dos seres advindos do Senhor Javé, encontra-se limitada aos ditames de um cérebro animal, primitivo e transitório, o que nos impede a percepção ampla de todos os contextos e aspectos que envolvem a questão.

Disso jamais poderemos nos esquecer sob pena de repetirmos as mesmas posturas ingênuas e cretinas da vã crença terrena de **dar por sabido o que ainda é necessário ser descoberto**. Essa tola pretensão não nos pode mais marcar a conduta enquanto buscadores da verdade. Dela ainda estou muito distante, que isso fique bem claro.

Sobre o Senhor Javé, seus méritos e deméritos, sua natureza, seu modo de ser e de agir, penso ser conveniente que **nenhuma certeza seja estabelecida no campo do conhecimento humano**. Somente o Mestre Jesus e outros prepostos do Mais Alto pessoalmente poderão, quando oportuno, expressar

as “verdades” sobre uma personalidade que se apresenta de modo diferente e distinto de tudo o que penso conhecer, apesar de que percebo em tudo o que penso conhecer um pouco desse ser estranho a quem chamamos de Javé.

No que toca à minha pequena e miserável condição humana a única “certeza” que disso carrego é a de que, em relação ao que esta humanidade acostumou-se a pensar notadamente nos tempos ditos modernos, algo de muito “louco” e aparentemente incompreensível existe por trás da história do que se passou na Terra e alhures, ao longo do tempo da existência deste universo. E que esse algo muito “louco” para os padrões humanos chama-se exatamente Senhor Javé.

O Grande Dia do Senhor Javé.

Toda essa história poderia ser contada de outra maneira!

Na antiga mitologia hindu existe a referência a um ser supremo, chamado de Senhor do Universo, que era uma divindade eterna e não-concebida que já existia muito antes da criação deste universo. Essa divindade é chamada de Prajapati. Foi ela, reza a tradição védica mais especificamente no Rig Veda[1], que iniciou o processo de criação do cosmos, processo este que **trouxe Brahma a existência**, sendo Brahma, desde então, chamado de deus criador.

No princípio Brahma contemplou o universo que naquela altura era somente um caos disforme. Na medida em que Brahma meditava, o universo começou a se organizar e a tomar forma. A **ordem começou então a se definir a partir do caos**. Contudo, o criador percebeu que **ele não sabia como seria o universo** e **qual o seu destino**, e sua **própria ignorância** tomou a forma de um ser escuro, o qual, Brahma, triste e desapontado o afastou. Segundo a tradição, este ser se tornou a "noite". É dito ainda que **enquanto Brahma continuou a meditar deu origem a uma sucessão de outros seres**, de estrelas e de outros seres, não sem antes gerar uma bela filha, a "Aurora". Qualquer semelhança com a história aqui apresentada não é mera casualidade.

A trindade dos deuses hindu (a Trimurti) é composta pelos deuses Brahma, Vishnu e Shiva. Acima destes encontra-se **Brahman, a Verdade Absoluta, o Absoluto** – a **Deidade** a que nos referimos no primeiro capítulo.

Apenas para que tenhamos uma pálida noção dos problemas hoje considerados lendas, um dos principais mitos do hinduísmo diz respeito à

inimizade de Shiva com a família de descendentes de Brahma (Leia-se: problemas entre clones de diversas gerações).

É estranho, sob todos os aspectos, que em todas as cosmogonias registradas nas tradições referentes aos tempos esquecidos da nossa história, **os próprios "deuses",** que em tese deveriam ser superiores a esta humanidade, **se tinham na conta de inimigos e travavam guerras muito antes desta "raça de criminosos terráqueos" ter começado a fazer das suas**. O bizarro é que nos acostumamos a chamar de "deuses" exatamente a esses seres que pontuam as páginas dessa história esquecida. Mais ainda, esses seres pareciam ter "super-poderes", mas agiam feitos animais doentes movidos pela fúria e pela insensatez.

Sob a perspectiva dos sumérios[2], teria sido inclusive os tais seres extraterrenos – chamados Nefelim no Antigo Testamento – que **teriam introduzido os homens e mulheres da Terra nas suas guerras pessoais, utilizando esta humanidade como "massa de manobra"**. Detalhe: os sumérios jamais se refeririam a esses seres como sendo "deuses" provavelmente porque percebiam que eram tão tendentes á cretinice quanto esta humanidade. Tudo isso porque, sob é perspectiva da qual partimos neste livro, **todos os seres deste universo padecem das doenças advindas do DNA já doente que a tudo deu origem**. Este DNA, prenhe de maravilhas e de problemas genéticos, tem como **fonte primária** exatamente a **"condição pessoal" doentia da divindade decaída**, até agora, nos padrões desta narrativa, identificada com o nome de Javé, na tradição judaica, e por Brahma, na tradição védica mais antiga.

Assim diz Brahma sobre si mesmo nos Upanishades[3].

Eu sou o criador, o útero do universo; fui criado a partir da minha própria essência.

Sou o único Senhor, sou a palavra mais elevada sem começo.

Quem me adorar como tal será salvo.

Concedo a todos os deuses o próprio existir e ponho fim às suas obras e em lugar algum do mundo encontrarão quem seja maior do que eu.

Qualquer semelhança com o estilo do Senhor Javé não é obviamente mera coincidência!

Ainda sob a ótica védica, o outro deus da trindade hindu, Vishnu, **também teria estado presente na criação do universo**, conforme aponta outro mito do hinduísmo.

Neste livro não existe a preocupação de demonstrar a presença da divindade criadora deste universo (Prajapati, conforme o mito hindu) e a sua expressão já decaída e prisioneira da própria criação (Brahma ou Javé) nas demais mitologias e culturas desta antiguidade perdida. Sob a perspectiva histórica, as mitologias, pelo simples fato de se referirem a deuses, sempre foram tidas como lendas pelo seu aspecto clássico.

Para qualquer um que observe a História, o seu **aspecto clássico há muito se encontra superado pelas descobertas arqueológicas** mais recentes. Porém, prevalece a ortodoxia histórica de que necessariamente no passado, o ser humano era mais atrasado que o atual e que jamais existiram "seres de fora" atuando neste palco planetário. Que seja! Fazer o quê, se os "donos da história" não permitem que esse aspecto da verdade possa vir à tona?

Se bem observarmos o fluxo histórico dos povos mais antigos do planeta, ainda que sob perspectiva dos mitos e das lendas nele presente, veremos que a mitologia mais antiga da qual temos notícia até o momento, que é a mitologia suméria, nela um ser chamado An (Anu, nas linguagens acadiana e hitita) que se rebelou contra um "alguém" que lhe era muito superior. Já na mitologia dos hititas é claramente possível perceber que Anu (o mesmo An da mitologia suméria) havia se rebelado contra o poder do **Criador Universal ali chamado de Alalu**, e aqui encontramos mais um "nome" ou epíteto para Javé ou Brahma.

Assim, partamos apenas do princípio de que através do horizonte do que hoje podemos vislumbrar desse estranho passado, sob a égide dos parâmetros atuais da observação histórica, **as lendas sobre deuses e homens foram registradas pela primeira vez na Suméria**.

Na opinião deste escrevente, após o estudo do que existe de disponível sobre o tema, algumas das mitologias especificadas abaixo parecem somente

ter herdado as estranhas notícias das mais antigas. Porém, algumas delas tiveram origem em torno dos fatos vividos pelos seus próprios escribas, testemunhas pessoais da coexistência dos tais "deuses" com os humanos da Terra.

Cada vez que estudo essas mitologias pergunto-me qual o nível de honestidade de princípios e de propósitos que os que cuidam da ciência nessa área parecem ostentar na tratativa do assunto. Salvo as honrosas exceções que felizmente sempre existem, a verdade sobre os fatos do passado parece uma eterna refém da visão viciada associada a interesses pessoais inconfessáveis de pseudo-cientistas, os quais, ainda que detentores de diplomas acadêmicos e formalmente tidos como cientistas, deformam a busca da verdade transformando a ciência em espécie de religião onde as suas crenças pessoais impedem o progresso das idéias e dos fatos.

Na visão "amadora" que tenho dos fatos apontados pelas mitologias, penso que existe uma relação histórica singular que apontam para a existência dos tais deuses comum às seguintes mitologias: suméria, acadiana, hurrita, hitita, ariana-hindu, egípcia, grega romana, correspondendo esta última exatamente ao "tempo histórico" em que os tais **deuses parecem ter se ausentado do nosso planeta.** Ressalto ainda que este "tempo" corresponderia também ao **nascimento de Jesus**, fato que parece ter tido uma importância singular para este afastamento.

Como já dito, não é objetivo do presente trabalho estudar essas mitologias ou mesmo apontar a presença da divindade decaída e das lutas entre os seus pares nas suas páginas de uma história ainda não oficialmente aceita por esses tempos pós-modernos. O único objetivo é demonstrar ao eventual leitor destas páginas que a versão da pretensa história universal aqui apresentada não é novidade, pelo menos parece que não o era para os membros desta humanidade que vivenciaram os dias estranhos de um painel histórico aparentemente perdido nas brumas dos tempos imemoriais.

Observar o passado com os olhos do presente parece ser um processo que peca por essência. Contudo, para a condição parece não existir outro modo de proceder. Os "modelos" da ortodoxia e do classicismo sempre presentes na visão acadêmica das coisas têm obviamente o seu valor, mas não deveriam

servir de obstáculo à percepção do óbvio, ainda que este "óbvio" pareça uma grande "heresia".

A singular "inquietação" presente na visão ortodoxa que impera nos limites da história, da física e da evolução é que a "heresia" referente à possível presença dos seres extraterrenos no passado terrestre e à existência da "espiritualidade", explicaria todo um **contexto hoje inexplicável** pelos pilares da história e da ciência clássicas. Contudo, como sair dessa "zona de conforto histórica e científica" sem subverter o aparente zelo necessário à utilização do método científico como "processo definidor" das verdades que podem e devem ser aceitas como tal? A questão é: até que ponto, como já referido, o modo como certos cientistas se utilizam do método científico está sendo honesto com os fatos?

De que mais precisaria o "senso humano" para poder descortinar com precisão a presença de painéis históricos perturbadores que apontam a interferência de seres de fora no contexto terrestre? Pelo que tenho depreendido na lide com cientistas, imprensa, autoridades políticas e religiosas e, principalmente, as pessoas comuns, essa situação somente será rompida quando algo inquestionável sobre todos os aspectos possa ser percebido por esta humanidade. Pois muito bem: esse "algo inquestionável" é exatamente o "**Grande Dia do Senhor Javé",** por ele aclamado ainda ao tempo de Enoch.

Sei que existem outras interpretações quanto ao significado deste dia, mas sou obrigado aqui a expressar o desejo elucidativo dos mentores responsáveis por parte das informações aqui veiculadas.

Pelo que depreendo, corresponde ao "dia" em que toda a "**verdade escondida**" para os olhos desta humanidade **começará a ser revelada**, queiram os terráqueos ou não, possam os terráqueos compreender, aceitar ou não. E eis que este dia chegou, ainda que o "dia do Senhor Javé" seja um "pouco mais longo" que o usual desta humanidade.

Sabedor desta questão, aquele a quem conhecemos como Jesus resolveu agir nas entrelinhas da determinação do Senhor Javé e anunciou que retornaria pessoalmente para "presidir estes acontecimentos". Assim ele fez por saber que o **Senhor Javé não tem a menor condição, no campo da habilidade, para**

lidar com esta humanidade e outras espécies cósmicas que ainda lhe são problemáticas.

Como já abordado neste e em outros livros, o conceito de "**Reintegração Cósmica**" da Terra, que marca o **fim do isolamento planetário**, tem o mesmo sentido conceitual que existe em torno da compreensão quanto à "**Volta de Jesus**", à "**Separação do Joio e do Trigo**", ao "**Julgamento Geral dos Vivos e dos Mortos**" e ao "**Juízo Final**" apontados por Jesus no Novo Testamento. Contudo, esse evento que terminou por assumir os diversos epítetos acima citados ao longo da história foi efetivamente decretado pelo Senhor Javé em tempos bem mais antigos, e que depois seria revelado por Enoch há cerca de três mil anos ainda antes do tempo de Jesus. É isso que devemos entender como o "Grande Dia do Senhor Javé". Este "dia" tem o seu momento maior quando se cumprir a volta de Jesus com as bênçãos do Senhor Javé.

Para melhor entendermos o significado do "Grande Dia do Senhor Javé" somente o faremos se observarmos o que é revelado sobre os confrontos e guerras havidas entre os seus "filhos, netos e bisnetos" que contra ele se rebelaram nas muitas páginas de um passado universal completamente desconhecido para esta humanidade.

As "confusões cósmicas" causadas por esses seres tidos, alguns poucos deles, como sendo os tais "deuses" das lendas e dos mitos do pretérito terrestre, até hoje parece ser um assunto não muito bem visto pelo Senhor Javé e pela hierarquia que o sustenta e apóia diretamente. Esses seres perderam-se por completo seja no que se refere aos confrontos mantidos contra Javé como também nas lutas entre eles próprios pelos motivos mais espúrios e descabidos.

O drama para quem vive atualmente na Terra é que parte considerável de toda esta história que teve início em outros rincões desaguou aqui, convergiu exatamente para este planeta e suas esferas espirituais que desde então alojam ainda alguns bilhões de individualidades espirituais complicadíssimas perante as leis divinas. Detalhe: muitas das "almas" dos tais deuses que em algum momento "morreram" no curso dos conflitos por eles deflagrados encontram-se hoje reencarnando na Terra, sendo na atualidade homens e mulheres deste mundo sem que disso possam algo saber.

Sob essa ótica, observando o enredo constante das presumíveis histórias de problemas, de insatisfações e de rebeliões ao longo da evolução deste universo, é imperioso recordar as palavras de Franz Kafka[4]: "*É apenas o nosso conceito de tempo que nos faz chamar o Juízo Final por esse nome; na realidade, trata-se de um conselho de guerra.*" Isso porque, como bem analisa Joachim-Ernst Berendt no seu já citado livro "Nada Brahma", é característico do **estado de conselho de guerra** que o ato criminoso, a prisão, o julgamento e a execução da sentença aconteçam a intervalos tão reduzidos que parece que o tempo entre eles deixa de existir. E **para o Senhor Javé e os seus pares**, o tempo em que se desenrola o drama aqui apontado é "nenhum", ou seja, é um **eterno pesadelo que se expressa sempre no presente**.

Assim afirmo porque é o que pude e posso concluir do que por mim mesmo constatei. Óbvio que posso estar equivocado e muito gostaria caso realmente estivesse. Contudo, já vivemos os dias do "Juízo Final" que já se encontra em curso nos ambientes espirituais desde o ano de 1989 e o curioso ou aparentemente desesperador é que para os terráqueos nada disso parece estar acontecendo.

Constatação

O Senhor Javé e as gerações dele surgidas vivem em constante estado de perturbação espiritual por força da doentia preocupação quanto à submissão dos seres por eles criados. É algo simplesmente incompreensível para os padrões terrestres. Eles não fazem por maldade, é da natureza deles agirem dessa maneira. Contudo, esse estado psíquico os deixa em permanente tensão espiritual.

Somente o desgaste promovido pelo passar do "tempo cósmico" é que poderá, como já está finalmente acontecendo, diminuir essa "inquietação" permitindo assim a integração dos seres pensantes deste universo em prol do ideal comum.

Achemos agradável ou não, politicamente incorreto ou não, o que existe neste universo é um sistema político que aos olhos terrenos nada tem

de agradável e explica a doentia tendência verificada nas páginas da nossa história. Assim, eis outra constatação que se impõe.

Constatação

O sistema político deste universo e das demais esferas existenciais a ele vinculadas é uma ditadura doentiamente expressa por uma plêiade de seres robotizados ao sistema de circuito mental criado pelo Senhor Javé.

Somente a doçura do ser – Jesus – que assumiu sobre os seus ombros o sacrifício de se fazer representante dessa hierarquia adoentada perante os terráqueos é que tem o condão de a tudo isso administrar.

É devido a esse aspecto, dentre tantos outros, que somente o ser a quem chamamos de Jesus poderá levar a bom termo o fluxo dos dias difíceis que vivemos todos nós: terráqueos, espíritos desencarnados vinculados aos mundos problemáticos, demais civilizações extraterrenas deste universo, seres vinculados hierarquicamente ao Senhor Javé, e ele próprio. Isso, afirmo, porque o **"dia a dia" daquele que criou este universo não é nada fácil nem muito menos agradável**, por chocante que isso nos possa parecer. Oportunamente esse tema será melhor abordado.

Para tornar o processo de reaproximação mais aceitável e menos incômodo, penso que somente alguns pares da hierarquia do Senhor Javé tenham se feito ou se façam presentes nesses "primeiros contatos", ocorridos e ainda por ocorrerem, ao longo dos próximos tempos.

A esta hierarquia vinculada ao Senhor Javé chamo-a particularmente de "**Força de Criação e de Dominação**", apesar de que neles penso saber não existir maldade de nenhum porte. O que aos nossos olhos parece ser maldade, frieza, ódio ou fúria enlouquecida é outra ordem de problema ainda por ser bem avaliada e entendida pelos terráqueos.

Confesso não ter sido, nem estar sendo fácil, lidar com seres que lhe agridem e ainda (alguns deles) ostentam sorrisos de superioridade como se lamentando a incapacidade do ser terráqueo em não compreender o porquê de

estar sendo agredido e mais: que quem lhe agride deverá ainda ser considerado como alguém superior. Veja só o (a) leitor (a) como o tema é complexo. Aqui, a reação automática, fácil e rápida seria a de considerá-los seres grosseiros e criminosos, vinculados ao mal e às trevas da perversão espiritual.

No meu caso, convivi com o lado agradável deles, recebendo notícias para serem depois reveladas à humanidade, para somente depois descortinar o vínculo que possuíam com o estranho ser chamado Senhor Javé como também o "modo imperioso" como eles tratam os terráqueos. Tive que me esforçar bastante na arquitetura do que julgo ser a compreensão razoável em torno da questão. Ainda assim, não me conformei e nem me conformo com a "comodidade psicológica" que os faz desculpar a si mesmos por estarem agindo a mando do Senhor Javé.

Além de ridícula, inaceitável, violenta e inapropriada – desculpem tanta adjetivação – a postura desses seres era e é tão estranha aos meus olhos que simplesmente desisti de confrontá-los ofertando em troca a todos eles uma atitude que, ao que parece, os deixou sem muitas opções: não resisti ao poder que eles representam, mas também não me submeti. Simplesmente me preparei para ser agredido continuamente no que restava da minha sensibilidade de terráqueo.

Pensando que seria "ferido de morte", continuei vivo por entre os dias que passavam e resolvi então dar o sentimento de paz que pude produzir em troca ao tratamento que recebia, sem, contudo, deixar de praticar a minha já referida "*satiagraha*": além de não me permitir ser igual a eles, que subordinavam a estratégia aos fins, jamais me subordinei apesar de submetido aos ditames e desígnios do Senhor Javé.

Como lido também com os sorrisos de superioridade do lado de cá, isso pelo menos me serviu para lidar com os de outro naipe. Ambos são lamentáveis e estéreis. Esses seres pelo menos têm a pretensa desculpa de não possuírem a natureza humana como a conhecemos – é imperioso que não esqueçamos esse aspecto.

Por algum tempo pensei – e confesso que ainda sou tendente a tanto – que a espécie *homo sapiens* corresponderia a um avanço genético sob a

perspectiva espiritual em relação aos "clones" do Senhor Javé, apesar da rápida mortalidade que acomete a vida terrena, ainda que esta espécie esteja sob a égide do fluxo de espíritos perturbados que nela reencarnam. Contudo, daqui a algumas poucas décadas, a história se modificará e somente espíritos minimamente evoluídos e tendentes ao bem nela reencarnarão, o que fará com que tenhamos a "certeza" de que muito se modificará para melhor o curso da vida desta humanidade.

Aqui me refiro ao que já hoje me é dado ter como "certeza" de que a espécie *homo sapiens*, por atrasada que possa parecer, é o que de "mais moderno existe" no âmbito desta história. No futuro breve, quando sob o influxo vibratório das encarnações de espíritos amorosos, terá o condão de possibilitar ao Senhor Javé o soerguimento da condição vibratória que lhe é própria.

Sob essa perspectiva, o "Grande Dia do Senhor Javé" é somente a separação do joio (espíritos doentes que em nada contribuem para o progresso planetário e para o soerguimento de Javé) e do trigo (espíritos que já podem contribuir decisivamente em ambos os aspectos aqui analisados). Isso possibilitará que a Terra deixe de ser um "mundo de expiação e provas", como apontado pela doutrina espírita, e possa se transformar num "mundo regenerado" que muito poderá contribuir para a redenção de todas as consciências espirituais envolvidas nessa infeliz questão. Jesus sempre soube disso e exatamente por essa e outras questões se ofertou em sacrifício para o bem de todos.

Fica, portanto, mais fácil – não seria bem esta a palavra, mas ainda assim a utilizo – para que o eventual leitor dessas páginas possa perceber que a intenção do Senhor Javé sempre foi e é a de que a população deste planeta evolua. Afinal, como nos diz o astrofísico Ronald Mallet[5]: "**Nós somos o resultado do universo tentando se entender**".

Assim, o aparente terrível conceito do implacável "Juízo Final", o "Grande Dia do Senhor Javé" nada tem de "final", pois representa somente o começo de uma nova etapa em que se torna efetivamente possível o progresso espiritual para muitos que já se acham aptos para tanto, sem que outros tantos, ainda empedernidos em comportamentos primitivos, continuem a atrapalhar o progresso da maioria tendente ao bem. Por isso que "os complicados" estão sendo exilados do planeta na medida em que aportam à espiritualidade, após

as suas vidas na Terra. Esse processo, como já informado, parece ter começado em 1989 e deve perdurar até por volta do ano 2050. Quem viver verá!

Capítulo 17

Ciência, Filosofia e Religião perante uma Verdade Incômoda.

Em sendo verdadeiro o conteúdo destas páginas torna-se imperioso observar o seguinte aspecto. As manchetes da imprensa mundial são as mesmas há muito tempo. Nada há de novo sob o Sol. O que os "**donos das notícias**" desejem que a massa humana saiba, a isso ela terá acesso.

Os eventos advindos das religiões são os mesmos desde há muito. Nada há de novo sobre a questão. O que os "**donos das religiões**" permitem que os seus fiéis saibam a estes será dado então o alimento de que necessitam.

As notícias produzidas pelas nações da Terra são as de sempre. Nada há de novo sobre a geopolítica mundial. Prevalecem os interesses do mercado, os segredos de estado, a corrupção dos mandatários, e todo tipo de crime é cometido em nome da governabilidade. São os "**donos das macro-forças mundiais**" que permitem que os demais mortais tenham o seu cotidiano só que apartados do que realmente se passa nos subterrâneos do poder.

Pergunto-me como os "donos do mundo", os "donos das religiões" e os "donos das notícias" reagirão ao "**Primeiro Contato Oficial**" com seres de outros orbes que demarcará o momento inicial da reintegração cósmica do nosso planeta. Os que se julgam "donos do planeta" não gostam dos assuntos extraterrestres por se tratar de algo que escapa completamente aos seus poderes. O que essa pretensa "elite mundial" pensará a respeito de que talvez parte dos seres que nos cercam se sentem "donos" da "**reserva selvagem**" que construíram neste mundo? Este é um dos aspectos mais intrigantes e enigmáticos de como os próximos dias da história terrena será escrita. Contudo,

existem outros mais ainda perturbadores que terão de ser administrados pelas gerações futuras.

Permaneçamos, porém, tranqüilos porque à frente dessa questão está o Mestre Jesus com a sua habilidade amorosa que nos levará a todos ao porto seguro do Ideal de Fraternidade que haverá de unir os seres viventes deste universo.

Em sendo verdade o que aqui está sendo apresentado – desculpe o (a) leitor (a) a insistência em torno desse aspecto da questão – talvez sequer precisássemos (nós, os terráqueos) estar aqui, e este é outro dos aspectos intrigantes do tema em foco. Esta premissa é cruel e aponta para uma "responsabilidade individualizada" da divindade que **gerou uma máquina de gerar vida** só que totalmente despossuída da estrutura espiritual, o que implica em problemas desnecessários para muitos que nada tinham e nem têm a ver como toda essa história.

O absolutamente inusitado é que hoje sofrem todos neste aparente palco de horrores que se transformou a vida na Terra. Mais inusitado ainda, se é que tal é possível, apesar de vitimados por algo que não promoveram, não pediram, e em sendo obrigados a existirem sob a égide de um ego atormentado e apartado do bem e do belo, **encontram-se hoje na "obrigação" de evoluírem** sob pena de jamais saírem dessa situação de **vexame espiritual**.

"Talvez não precisássemos estar aqui", foi o que afirmei no parágrafo anterior. Observe o (a) leitor (a) que ali coloquei o "talvez" entre aspas, porque não tenho e não posso ter a pretensão disso afirmar, apesar de que é exatamente o que penso que me está sendo informado – e se tivesse que ter alguma interpretação a respeito dos fatos esta seria seguramente a minha opinião. Mas, sinceramente, registro aqui a questão com o objetivo de legar para o futuro as devidas reflexões sobre o tema. Afinal, se este universo não tivesse sido criado, onde estariam muitos dos espíritos que foram criados para aqui existirem?

Levados a viver em condições desfavoráveis, obrigados a administrar um corpo transitório elaborado a partir de um DNA adoentado na sua configuração genética básica, nossos espíritos acordam para este universo com a não percebida responsabilidade de "**reconfigurar" os padrões genéticos do**

DNA adoentado para poderem assim contribuir com o doente original de todo o processo.

Aparentemente, é necessária uma atitude heróica no psiquismo terreno para que um "**ranço profundo" não seja a atitude emocional de qualquer ser humano ao se descobrir como "vítima" desse processo existencial**, quando no descerrar do véu da ilusão que sempre marcou a percepção desta humanidade em relação à pessoa do Senhor Javé. Contudo, uso a expressão "aparentemente" porque ainda existe todo um complexo "pano de fundo", um **contexto ainda anterior** por trás da história que aqui está sendo apresentada que talvez explique o porquê de pelo menos certa parte dos habitantes deste universo se encontrar exatamente aqui.

Infelizmente ou felizmente, nada é tão simples assim em torno da história da personalidade da divindade decaída, hoje conhecida por Senhor Javé. As revelações em torno dele e da sua obra estão apenas começando e, confesso, já estou com saudade dos tempos em que na minha condição humana de nada sabia dessa história.

Isso porque em qualquer forma de ignorância reside a leveza da ilusão, o agradável conforto do não-saber, a suave irresponsabilidade dos ingênuos. Quando tomamos consciência de algo, ainda que com níveis de imprecisão, acaba-se o benefício da boa-crença, e o **lado amargo de uma verdade antes escondida impõe a sua marca sobre cada momento ainda a ser vivido**, agora sob a égide da desilusão e do desconforto. Esta é uma espécie de resumo filosoficamente apressado dos últimos seis anos da minha vida.

A verdade haverá de libertar a cada ser humano do seu ciclo de vida aparentemente miserável, disso não posso ter dúvida. Mas percebê-la por entre a pequenez do meu descuidado psiquismo terráqueo não foi nem está sendo nada agradável. Não existe preparo possível para a condição humana descortinar o desconfortável pano de fundo prenhe dos desígnios do Senhor Javé por trás das nossas vidas sem que o cansaço psicológico, num primeiro momento, não povoe o psiquismo.

A minha primeira sensação foi a de que o meu "modo de pensar terreno" havia sido traído por todas as doutrinas filosóficas e espiritualistas que havia

estudado. Mais que isso, por todas as religiões que me eram credoras de um mínimo de respeito, pelos mentores espirituais que já haviam me solicitado o concurso mediúnico para muitas dezenas de livros, pelos seres extraterrenos e de outros níveis que também já me haviam envolvido com o mesmo intuito. Isso porque nenhum deles – à exceção do amigo espiritual conhecido como Rochester – em nenhum momento, sinalizara qualquer coisa que me pudesse ter tido o vislumbre de que o "tal Senhor Javé", o "deus dos exércitos", o "deus dos judeus", o que se auto-aclamava "criador dos céus e da Terra" e que, ao mesmo tempo, parecia agir como alguém longe de ser tido como "espiritualizado", **pudesse ser real nos "padrões em que ele realmente é".**

Jamais pedi explicações quando fui confrontado pelo Senhor Javé e pelos "seus anjos". Foram eles que se esforçaram para me dar explicações, o que é um aspecto que não deixa de ser interessante. Hoje, depois de pensar que sei o que julgo saber, até acho estranho o tal esforço. Tudo o que me disseram sobre a questão é que eu havia sido cego e surdo ao que eles tentaram fazer e me dizer sobre a situação em que se encontravam.

Primeiro, haviam tentado utilizar outros medianeiros terrenos afinados com o DNA do Senhor Javé e com ligações espirituais diretas de vidas passadas associadas aos seus desígnios. O espírito que me anima, pelo contrário, desde os tempos da rebelião de Lúcifer, e em todas as vidas tidas na Terra, veio numa espécie de acúmulo constante de antagonismos e de antipatias em relação ao Senhor Javé, o que jamais havia me qualificado para "um dia" ser escolhido para fazer cumprir algum dos seus desígnios.

Desde os anos 60, segundo o que entendi, todos aqueles (vamos assim dizer, afinados com o mo*dus operandi* da hierarquia do Senhor Javé) que haviam reencarnado para esses tempos atuais, escalados para fazer cumprir os tais desígnios deste final dos tempos, haviam tido problemas ou não estavam bem posicionados para o cumprimento das tarefas e assim, nenhum dos "afins" ou harmonizados com o Senhor Javé estava apto para o trabalho revelador.

Sobrou, então, para alguém que eles consideram um dos "resgatados pela insistência amorosa do Cristo-Sofia", mas totalmente distante e com postura antagônica em relação ao modo de ser e de agir do Senhor Javé. Assim, o "tratamento de choque" foi inevitável por força da minha postura distante

e indiferente, segundo eles, aos desígnios do Comandante Javé – não é por menos que nos meus momentos de humor costumo dizer que devo eu mesmo dar boas risadas a respeito disso para não deixar esse trabalho somente para as outras pessoas.

Segundo esses seres eu havia menosprezado ou não levado a sério as inúmeras "mensagens" que me haviam sido endereçadas, e isso é fato, o reconheço. Jamais levei a sério ou havia admitido que o Senhor Javé fosse mais do que um "alguém" responsável pela fase do progresso humano (sempre havia pensado exatamente isso), caso alguém como ele pudesse realmente existir. E esse "alguém como ele" referia-se apenas ao Javé que havia percebido nas páginas bíblicas, o que já achava um potencial absurdo alguém ser tido como "deus" apresentando aquelas condições de conduta deploráveis aos meus olhos.

O fato é que a minha doce e confortável ignorância em relação à verdade por trás do Senhor Javé foi violentamente confrontada pelos fatos por ele produzidos ao meu redor.

Como já disse, se a minha condição humana não fosse minimamente dotada de bom humor e de desapego, creio que a loucura e alguma síndrome de pânico superlativo, de terror, de horror, e de todos os adjetivos que possam isso significar, teriam se instalado no meu psiquismo. Contudo, o estoicismo que sempre percebi em mim vindo de fluxos existenciais do passado, associado à imperturbabilidade do meu psiquismo terreno – também adquirido em vidas e passadas e nesta resgatada por algumas disciplinas de vida que formatei para o meu percurso entre o berço e a cova – terminaram por me deixar numa situação curiosa perante esses seres. Esse fato parece tê-los desarmados pelo tempo necessário a consecução de um outro plano que se desenvolvia da parte do Cristo-Sofia, na Terra mais conhecido como Jesus.

Estavam seguros de que rapidamente eu cederia ao que eles me solicitassem desde que me tirassem da situação de opróbrio e de ignomínia em que me encontrava perante a opinião de muitos. Ao contrário, em algumas ocasiões em que esses seres se posicionavam para algum encontro comigo por eles pretendidos, após o mês de maio de 2007, simplesmente virava-lhes as costas em algumas das oportunidades em que isso esteve para acontecer. Vejam só! Quem poderia acreditar nesse tipo de coisa?

Sinceramente, ao meu desavisado tirocínio era completamente incompreensível como eles me haviam "liquidado" perante a opinião alheia e, ao mesmo tempo, tratavam-me como se fosse o único dentre os humanos da Terra com possibilidade de lhes ser útil no que pretendiam.

Sempre pensei que um ser humano ao julgar-se o "único" a ser conhecedor de alguma coisa deveria estar necessariamente enganado e/ou iludido e talvez devesse mesmo ser "internado". E disso era o que eles mais tentavam me convencer, por sinal, até hoje, o que me é motivo de descontentamento. Contudo, convivo com essa questão do modo menos desagradável que posso, lembrando-me dos meus bons tempos em que simplesmente o meu ego terreno não sabia de absolutamente nada sobre a situação do Senhor Javé e desses seres. É duro ter que saber de coisas desagradáveis e perceber que o retorno ao tempo da santa ignorância e das posturas simplórias não mais é possível.

Choque e espanto, indignação e perplexidade, cansaço e desengano, foram alguns dos painéis que mais se fizeram presentes no meu desiludido psiquismo. Hoje simplesmente me pesa o cansaço e a desesperança de saber quanto ainda precisa ser feito associado ao paradoxal e inquietante conhecimento que tenho de **algumas gerações terão que primeiro deixar este mundo para que as que as substituirão**, estas sim, possam fazer algo do muito que precisa ser feito com vistas ao bem comum universal.

Não consigo me iludir com o futuro imediato que espera por esta humanidade – nem com o meu – apesar da doce e serena presença do Mestre Jesus como condutor do processo em curso. Mas fico feliz em imaginar que os humanos da Terra têm um belo futuro, ainda que com problemas ambientais a nível planetário para resolver. Que seja!

Afinal, olho para a geopolítica do nosso mundo e obrigo-me a jamais me acostumar a aceitar a mentira ser entronizada como "política de estado" por muitos mandatários da Terra, como também não me conformo ao ver a hipocrisia e a falta de compromisso da parte de outros tantos. Muito menos me conformo ao observar o descompasso das religiões e a frenética e ridícula luta por fiéis, da parte de algumas delas, o que somente torna abjeta a prática religiosa como se existisse "um negócio a ser feito com Deus". Isso me é fator de desconforto profundo enquanto cidadão deste mundo.

"Olho" também para o "céu" e vejo o Senhor Javé e os que lhe assistem agindo de um modo que faria corar alguns dos desprezíveis ditadores (nas suas posturas de ditadores) deste mundo. Anjos, arcanjos, enfim, seres extraterrestres todos eles pertencentes a um contexto perturbador posto que refém da ajuda e da contribuição que cada ser existente neste universo possa dar com vistas ao benefício da causa comum. Convenhamos, é uma equação muito complicada tanto de ser posta quanto de ser resolvida. Apesar do cansaço, obrigo-me a jamais desistir pelo menos no que se refere a minha "cota de responsabilidade" enquanto verme participante dessa história.

"Olho" ainda para a "Espiritualidade Superior" e as suas forças atuantes e percebo que eles **somente atuam na base do sacrifício pessoal dos seus membros**, mas **não podem agir como força institucionalmente organizada** em nome do Pai Amantíssimo, da Deidade que a tudo dá vida, por um motivo bem simples: "**o bem não pode ser jamais imposto**". Isso obriga aos membros das Hierarquias Superiores primeiramente a trabalhar na base da existência –o nascimento de Jesus entre os terráqueos – onde o problema está ocorrendo, para que depois os que ali se encontram possam então interagir livre e abertamente com as forças do Bem e da Beleza que a tudo presidem, o que corresponde à tão esperada Volta de Jesus e o fim do isolamento terrestre.

Enfim, foi-se a inocência, mas persevera a certeza de que dias melhores estão por vir para as gerações futuras desta humanidade, apesar dos, como já dito, inevitáveis problemas ambientais.

Quanto à atual geração de espíritos encarnados no meio da qual me incluo a nós caberá a administração desses dias difíceis de transição entre um contexto de isolamento e outro onde o "**ter que saber de certas coisas**" é condição essencial para a reintegração do nosso planeta ao convívio com outras civilizações extraterrenas. É isso o que tenho depreendido das minhas vivências com os painéis que me cercam.

Em sendo verdade a percepção de que vivemos num "**universo problema**", sob a égide de um deus-criador com tanto ou mais problemas que nós, as suas próprias criaturas, o que entendemos por "vida" parece ser somente um "jogo" entre as partes, mas é muito mais que isso.

Paramahamsa Yogananda[1], em seu livro "Autobiografia de um Iogue", nos convida a fecharmos os olhos e a nos perguntarmos repetidas vezes: "o que está por trás da escuridão dos meus olhos fechados?". Algum dia, em algum momento, a percepção de que "a pessoa que pensamos ser", aquela que aparece ao nos vermos num espelho é algo nosso que pertence somente ao mundo exterior já que de olhos fechados, percebemos sim que existe um "eu" mais profundo em cada um de nós.

Assim, digo de minha parte, a pessoa que pensamos ser – o "eu" do espelho que vemos quando estamos com os olhos abertos – pertence à **realidade exterior** da nossa vida à qual nos encontramos aparentemente **escravizados**. Contudo, o "eu interior", ao ser percebido pelo ego humano, revela outra realidade que jaz adjacente ao mundo exterior: a "**realidade interior**", ou seja, a "**realidade espiritual**", aquela que é eterna e sempre existiu e sequer depende desta para continuar a existir e da qual o **"eu interior"** de cada um de nós é **cidadão natural**.

Pois muito bem: a **realidade exterior** e o cérebro-corpo que encapsula o nosso espírito e o obriga a ver somente o que nos é aparente corresponde exatamente à **criação densa do Senhor Javé**. Já a **realidade interior** que o nosso cérebro não capta – e que está muito além dos níveis astrais e espirituais primários adjacentes ao nosso universo e também não captadas pelo cérebro humano – esta pertence ao **reino eterno do Pai Amantíssimo, da Deidade** que a tudo dá sustentação, e que corresponde à parcela do Sagrado em cada ser vivo que existe.

O contexto criado pelo Senhor Javé tem uma **infinidade de esquisitices** e de defeitos, apesar de que a estes os nossos espíritos já se acostumaram por força das circunstâncias. O "**ter que se alimentar**" de alguma coisa é um dos aspectos da doença advinda da desordenada maneira com a qual o Senhor Javé se reconstituiu. O normal entre as divindades e as suas criações é o **"ter que se nutrir"**, mas sem o aspecto nervoso do chamado **"apetite algo grosseiro" no bojo do sentimento de "sobrevivência a qualquer custo"** presente no psiquismo de tudo o que existe no âmbito da sua criação. Mas parece que perceber esse contexto por trás do que chamamos de realidade é concurso ainda impróprio para a atual espécie humana terráquea. Será mesmo?

Se existisse uma linha mestra que possibilitasse aos cientistas, aos filósofos e aos religiosos perceberem um incessante esforço da parte de "um alguém" em se mostrar como sendo o criador-condutor do que se passa na Terra e de tudo mais que nos envolve isso facilitaria e, em muito, a possibilidade de cientistas, filósofos e religiosos levarem o assunto a sério.

O curioso é que esta **linha-mestra existe** e o perturbador é ter a consciência de quão incômodo é para os cientistas, filósofos e religiosos perceberem a sua inequívoca existência. "Alguém" a marcou indelevelmente ao longo da história geológica, evolutiva e política do nosso planeta.

"Os religiosos também?", haveria alguém de perguntar. "Em se tratando do Deus deles eles não levam o assunto a sério?", tornaria a perguntar. Sinceramente, sobre o assunto referente ao estranho "Senhor Javé" que aparece por trás do conceito de Deus para cristãos católicos e protestantes como também para judeus e muçulmanos, penso que esse aspecto não é levado a sério pela presente geração de religiosos vinculados a esse tipo de fé. No passado, efetivamente o era, hoje, não! Na verdade, devo ressaltar o detalhe de que o "deus cristão" para alguns dos segmentos do cristianismo nada tem mais a ver com o Senhor Javé.

O inusitado dos fatos é que essa **linha-mestra** – que demonstra cabalmente o fato de que **há um "alguém" por trás dos acontecimentos cósmicos e terrenos** – existe, encontra-se fortemente marcada em padrões amplos da história desta humanidade e está disponível em muitos aspectos para a decodificação do entendimento humano, apesar de não ser um processo simplista de fácil consecução. Exige sensibilidade e honestidade de princípios e de propósitos para ser antes vislumbrada e depois corretamente decodificada.

Vou aqui me valer em relação a um desses aspectos, exatamente o que acho o mais notável sobre a questão, que foi apresentado por Gregg Braden em seu livro "o Código de Deus"[2] e que diz respeito ao fato de que **"alguém" deixou registrado nas bases químicas do DNA** que está **presente em cada célula humana**, um **código que revela o nome** com quatro letras do "alguém" que está por trás da criação da espécie humana terrestre.

O nome deste "alguém" surge após o estudo comparado entre as quatro bases químicas que compõem a estrutura do nosso DNA, a numerologia cabalística, as letras dos alfabetos hebraicos e árabes, o peso atômico dos elementos químicos, dentre outros aspectos. São tantos os parâmetros em jogo que simplesmente é impossível a coincidência. E qual o nome que surge no estudo comparado apresentado magistralmente por Gregg Braden: YHWH, que quer dizer Javé, como hoje ele é chamado na nossa linguagem.

Como bem ressalta Braden, o nome desse ser criador que ele chama de Deus está inscrito em cada uma das células que compõem os nossos corpos e de todos os demais da natureza terrestre. Veja só caro (a) leitor (a) como o Senhor Javé se preocupou em transmitir para a posteridade a sua "assinatura" na obra por ele realizada. **Quanto ele se esforçou para que com o advento da ciência um dia esta humanidade pudesse decodificar quem estava por trás da criação da Terra, da vida que aqui existe e, por conseguinte, de todo o universo**.

O mesmo personagem que semeou na Terra a molécula-mãe que a tudo deu origem já o fez obviamente sabedor do código químico da vida nela existente. Este mesmo alguém, tempos depois, esteve por trás da construção do alfabeto hebraico quando da composição da Torah[3]. O mesmo alguém, mais tarde, também esteve por trás da composição do alfabeto árabe, quando da recitação do Alcorão, sendo ainda o mesmo alguém a influenciar as interpretações cabalísticas presentes no judaísmo.

O que Gregg Braden demonstra em seu livro magistral é que o criador da vida na Terra fez absoluta questão de deixar escrito para a posteridade a versão judaica do seu "nome", alicerçado no que mais tarde seria por ele mesmo estabelecido, ou seja, o judaísmo e a linguagem judaica, através do que ele teria pessoalmente entregado a Moisés – a Torah – e o islamismo e a linguagem árabe, por meio da recitação do Alcorão ao seu servo Maomé. Mais ainda é que em ambas as revelações este alguém se afirmou como sendo o criador dos céus e da Terra e de tudo o que nesse contexto existe.

Constatação

Existe "um alguém" que se apresentou a este mundo nas versões mais antigas, como sendo Brahma, e nas mais recentes como sendo Javé, na versão judaica, e Alá, na versão muçulmana/árabe, e que desesperadamente tenta construir uma ponte junto aos humanos terráqueos para que eles percebam a sua existência e a sua função de criador e de condutor do processo político deste universo.

Desde que Adão e Eva deixaram de ser animais não-pensantes – as "criações de padrões dependentes" que era a especialidade do Senhor Javé enquanto divindade– que **este ser faz de tudo para se fazer conhecido por quem ele considera ser os "seus filhos e filhas" da humanidade terrestre**.

Alguém poderia perguntar: mas se é assim porque ele simplesmente não aparece? Analisemos, somente por alguns momentos, se ele com o seu **temperamento impositivo e pouco dado ao contraditório** realmente fizesse isso. Quem dos orgulhosos terráqueos iria se submeter? Quais das orgulhosas nações da Terra iriam aceitar esse tipo de domínio? Como **o Senhor Javé é passível de acesso de fúria** e de outras tantas esquisitices que marcam o seu temperamento, algum ser humano sabe responder o que um acesso de fúria de um ser como Javé, em plena atmosfera terrestre **poderia acarretar**, ainda que ele se utilizasse de um a projeção para se fazer presente no ambiente deste universo?

É o tipo do assunto que não nos é possível aqui abordar. Apenas tenhamos em mente que, ao longo das páginas da história, pelo menos **desde os tempos de Moisés**, **os seus anjos é que têm feito o contato direto com os terráqueos** sempre em nome do Senhor Javé, como se este não o pudesse fazer ou como se isso não fosse aconselhável.

Por estranhos que possam parecer, mas existem muitos fatos significativos com implicações na nossa história advindos de um ser que "escolheu" a "Terra Santa" para um povo em detrimento de outros, o que obviamente para a condição humana é motivo de guerra. Fez mais: formulou duas religiões exclusivistas como se estas um dia não viessem a se confrontar exatamente

nas duas parcelas que hoje ainda disputam a "Terra Santa". Afinal, o judaísmo e o islamismo são forças que têm modelado a geopolítica do mundo desde que passaram a existir. Alguém quer influência maior? Contudo, para muitos, a figura do Senhor Javé (Alá, para os muçulmanos) parece ser mera peça de uma ficção religiosa do passado.

Em sendo verdade o que aqui está exposto obviamente a teologia das religiões terrenas está equivocada. Assim, a exatidão teológica sempre cobrada em relação à análise dos fatos deixa de existir para dar lugar ao resgate do que esta própria teologia jogou para baixo do tapete: as noções perigosas vinculadas ao aparente politeísmo que precisava combater a qualquer custo.

Assim, o ser humano terráqueo sempre despreza e trata como "heresia" o que a sua tosca ortodoxia de momento entroniza como sendo "a verdade". A questão que aqui se impõe é: quanto de verdade existe na "ortodoxia de momento" que limita a percepção científica, a filosófica e a religiosa em relação à realidade que nos envolve? Na verdade das ortodoxias terrenas da atualidade sequer existe lugar adequado para as questões extraterrena e espiritual, e o que dizer da relação das divindades com as suas criações?

O "desesperador", por um lado, e "encantador", por outro, é perceber que a Verdade Maior situa-se muito além das divindades e das suas criações. **O Senhor Javé e a sua obra universal, por grandiosa que seja, é apenas uma dentre muitas criações**, uma parte minúscula, somente uma parte de um todo ainda por ser compreendido pelas mentes dos seres que evoluem inseridos nessas muitas "partes existenciais" desse "todo" atordoante.

Somente para quem está inserido neste universo e limitado à percepção condicionada que marca os "cérebros" criados a partir da matéria-prima desta criação é que este se assume como espetacular e majestoso. Porém, para os seres que se situam além das fronteiras da obra da divindade caída conhecida como Javé, o universo em que vivemos – e suas realidades adjacentes – **representam tão somente "mais uma" dentre as muitas criações processadas a partir do poder mental de certa classe de divindades**.

Assim, pois, o que podemos conceber como sendo a mais pura "Verdade" parece continuar a ser inacessível à condição humana, quanto mais se esta

se encontra sempre apegada aos conceitos e opiniões que pode arquitetar na sua limitada capacidade de perceber a realidade que a envolve. No entanto, a “verdade” para os cientistas é somente aquela que pode se enquadrar no seu método e, convenhamos, o Senhor Javé e sua história ainda não têm lugar no orgulhoso caminho das formulações científicas apegadas aos interesses dos que pretensamente detêm o seu “método”. Para os **cientistas abertos à busca da verdade**, entretanto, **o “observador quântico” já é uma inevitável certeza** por perturbadora que lhes possa parecer.

Para os espiritualistas, notadamente para os espíritas presos à pureza dos seus conceitos, uma entidade doente como Javé não pode existir e nem muito menos ter criado coisa alguma, muito menos o universo, o que implica que Javé e seu legado não podem ter lugar por entre as páginas das revelações recebidas ao longo da evolução humana. Estes se esquecem de que os próprios Espíritos Codificadores, no caso da Revelação Espírita, explicaram que somente pode ser elucidado a cada geração de encarnados aquilo que ela pode compreender.

Ao juízo dos filósofos a verdade nada pode ter a ver com um princípio criador personalizado de uma forma tão estranha que, aparentemente a nega e dela se afasta, não se enquadrando nada dessa história nas “garagens psíquicas” dos agentes da filosofia moderna e pós-moderna quanto à existência de um “possível Deus”. A bem da verdade, quem quer que se julgue filósofo deveria estudar sobre o mito de Sofia, a divindade por trás da lenta elaboração do que hoje chamamos por “*Filo**Sofia***”, para melhor compreender o fator “Javé”.

Quanto às religiões, por mais que o Senhor Javé tenha se esforçado como diretor, produtor, roteirista e ator principal por trás da formatação de algumas delas, a saber, o judaísmo, o catolicismo e o islamismo, a sua face e suas atitudes, por estranhas que pareceram e parecem à ótica do bem-senso humano, parecem jamais ter conseguido a necessária compreensão da parte seus fiéis. Pergunto-me mesmo se eles “levam a sério” a possibilidade de que possa existir um “deus-doente”, com atitudes desumanas e paradoxalmente às vezes misericordiosas por trás da sofrida história desta humanidade.

Não sendo cientista, nem espiritualizado, muito menos filósofo e não enquadrado em nenhuma religião tenho pois a tranqüila convicção de que

estes escritos desagradarão a todos, o que desde já me pacifica por não ter nenhum tipo de apego à ilusória possibilidade de agradar alguém.

Seguidor que tento ser da doutrina de Jesus, da de Sidarta Gautama, da dos Espíritos, sou caminhante tão trôpego nos meus passos que caminho sem conseguir me enquadrar por entre os naturais limites de uma organização religiosa. Sirvo-me, porém, das luzes dos ensinamentos dessas doutrinas com um zelo que estimaria ver em muitos dos que me tentam atacar a sensibilidade quando me "acusam" de fazer mal as religiões – *Sancta Simplicitas*!

Afinal, a verdade sobre Javé, caso um dia venha efetivamente a se "confirmar" no íntimo de cada ser humano, terá sempre, a princípio, um sabor amargo, pois é uma história que não começou bem e somente acabará bem, caso venha a assim ocorrer, por força do sacrifício de outra divindade "Jesus-Sofia" e de tantos outros, divindades ou não, que tudo fazem para serem úteis ao processo. E aqui é imperioso que mais uma vez seja ressaltado que muitos seres agem para ajudar de algum modo apesar das atitudes estranhas e incompreensíveis do Senhor Javé que quase sempre atrapalha e constrange absolutamente a todos ao seu redor, por força da sua decadência.

Um dos aspectos preocupantes dessa questão é a que se refere ao tempo que será necessário para que a devida compreensão quanto ao Senhor Javé e a sua criação – no que comporta a capacidade humana de compreender o aparentemente incompreensível – passe a fazer parte natural do psiquismo humano. Além de nos encontrarmos bastantes atrasados nesse mister esta é uma das inquietantes componentes das quais o Senhor Javé e as gerações de seres por ele criadas dependem para poderem se libertar da incômoda "prisão" gerada pela criação indevida e desestruturada a nível espiritual.

Outro aspecto relevante do problema diz respeito ao caráter do que pode ser informado sobre a sua pessoa, a sua personalidade e a amplitude do seu drama, cujo legado de superação e de sofrimento permanece depositado sobre "os ombros de muitos".

O fato é que ao longo da história humana sempre foi necessário que a semente do "**homem intelectual espiritualizado**" – e isso necessariamente não significa pessoa inteligente na posse de uma fé religiosa – pudesse surgir

no horizonte desta família planetária. Apesar de estarmos em plena "era do conhecimento" ainda está longe o dia em que o ser humano terráqueo poderá ser "alguém" intelectualizado sob a perspectiva do conhecimento disponível a este mundo. Enquanto tantos passarem fome e viverem miseravelmente, esse "alguém" minimamente esclarecido não poderá surgir, o que é de todo lamentável porque, enquanto assim for esta família humana correrá sempre o perigo da **fé cega e do fanatismo religioso que somente atestam o nível de cretinice em que nos encontramos**.

Muito trabalho espera as gerações que ainda virão porque, para além da "era do conhecimento" faz-se necessário o surgimento da "**era da sabedoria**", momento maior desta humanidade que somente virá a médio e longo prazo, com a sucessão das gerações – e aqui estamos nos referindo ao "**conhecimento espiritualizado**".

Já imaginou o (a) eventual leitor (a) destas páginas se a "morte" não existisse? Ainda bem que ela existe pois é exatamente a substituição dos "donos da Terra" que permite a continuidade da vida neste palco planetário. A substituição constante das sucessivas gerações é o que permite o progresso humano, disso não tenhamos dúvida.

Foi, portanto, por essas razões que se relacionam com a sobrevivência coletiva que muitas sementes maravilhosas foram depositadas no chão algo estéril do psiquismo humano. Essas sementes, contudo, sequer conseguiam lograr vida própria já que eram prontamente destruídas pelas forças criminosas do ortodoxismo religioso fanático de muitas matizes. Tornou-se então necessário esperar pelo surgimento de uma época em que as pessoas fossem livres para pensarem e dizerem o que quisessem, ainda que equivocadas, sem sofrerem a violência do império das forças dominantes.

Em termos de história oriental, apesar de estranho para o entendimento ocidental, muitas dessas sementes vingaram ainda em tempos pretéritos. Contudo, seus frutos saborosos não lograram encontrar apetites educados entre os membros das gerações que se sucederam aos tempos em que ocorreram os ensinamentos originais dos Vedas e focos adjacentes.

No que se refere à história ocidental, como se coroando todo um processo iniciado no século XVI com René Descartes[4], depois com Isaac Newton[5] e mais tarde com o iluminismo, três personagens do século XIX, Karl Marx[6], Sigmund Freud[7] e Charles Darwin, a meu ver, formaram a base sobe a qual nasceram as atuais "gerações pensantes" em termos de Europa e de América, como também as dos tempos atuais da África. A tudo isso, deveria ter se unido a Revelação Espiritual codificada por Alan Kardec, aspecto que terminou por não ocorrer por força de algumas circunstâncias históricas, permanecendo a doutrina ditada pelos Espíritos um movimento meio que à parte do progresso das idéias, em especial o da "liberdade filosófica espiritualizada" que necessita de "amplitude espiritual" para poder ser professada na busca da Verdade e não limitada pelo "estreitismo" do sentimento de zelo religioso que infelizmente abraçou e sufocou o chamado "espiritismo". Uma religião a mais na Terra disputando fiéis não serve nem servirá para muita coisa. Não era e nem é essa a missão do espiritismo.

As notícias sobre o Senhor Javé somente poderiam surgir após o advento da Revelação Espiritual que, infelizmente, não pode dar a devida guarida ao tema quando da sua codificação. Nos dias atuais, porém, penso que algumas das questões pontuais sobre o Senhor Javé, que serão apontadas nesta época de transição, serão incorporadas doravante à memória geral da espécie *homo sapiens*, obviamente transcendendo o aspecto menor e sem importância do instrumento terreno que as abordou.

Nesse ponto não estou dando asas à imaginação como o limiar entre o racional e o inusitado em que estou vivendo permitiria. Afinal, como apontou Charles Darwin[8] na data de 28 de Dezembro de 1834, na página 311 do seu livro "A Viagem do Beagle": *"O limite dos conhecimentos do homem em qualquer assunto é de grande interesse, interesse que é talvez aumentado pela sua íntima proximidade com o domínio da imaginação."*

Descortinar os aspectos de possíveis "verdades cósmicas" por trás da figura do Senhor Javé tem sido um amargo privilégio que tenho tido – não por escolha de minha parte já o disse – ao longo da convivência com as suas atitudes e de seus auxiliares para comigo.

Nesta coexistência entre "condições existenciais" tão díspares tenho suportado o peso de me encontrar no lado dos mais fracos (os humanos) sofrendo a interferência dos aparentemente mais fortes e alicerçados na cômoda, porém, covarde postura (aos meus olhos) de que estes podem assim agir sobre os mais fracos. E viver na condição humana é sinônimo de ter que "aceitar" e "suportar" o deplorável (aos meus olhos) domínio de seres que parecem mal conseguir dar contas das suas próprias existências, de modo a homenagear a beleza e o sagrado que sei estarem presentes em tudo o que existe, inclusive em nós e neles.

Aceito, suporto, não mais me rebelo mas não me conformo! Por isso me obrigo a construir no "templo da minha intimidade" – único que freqüento – o que de mais belo eu posso edificar para homenagear o simples fato de existir como pretensa individualidade no meio de toda essa história.

Assim, pretendo homenagear não somente à vida eterna e ao Pai Amantíssimo que verdadeiramente a gerou, como também à vida que levo na Terra, aos meus Mestres Jesus e Sidarta, dentre outros, como também ao próprio Senhor Javé, responsável maior por toda esta aventura existencial no campo da transitoriedade, na qual estamos indistintamente mergulhados, compreendamos ou não.

Que fique claro: somente registro aqui a minha postura reticente em relação ao *modus operandi* do Senhor Javé, ao "seu jeito de ser", para ser absolutamente honesto com os fatos que me envolvem, mas isso não significa que eu esteja correto.

A minha profissão de fé na luta não-violenta pelo que considero ser um "desrespeito desnecessário" para com esta humanidade, parece ser até algo encomendado da parte de "quem já sabia" que o trabalho de codificar e de revelar temas tão angustiantes e complexos sobraria para um terráqueo do meu tamanho. Assim afirmo porque o temperamento espiritual que me marca as posturas e atitudes, aspecto claramente perceptível para qualquer espírito de percepção mediana do outro lado da vida, não se coaduna de nenhum modo com o "estilo impositivo estéril". Quando pelo menos não é estéril, submeto-me e subordino-me a qualquer agente do Bem ou do Belo que assim possa me parecer. Sendo, porém, aos meus olhos, somente imposição, sem que eu

perceba na minha condição humana a valia amorosa da questão, tenho por norma perder qualquer coisa, menos o rumo do meu alinhamento espiritual que penso ser o que me consola e que me serve de apoio. Em outras palavras, sem que o meu ego esteja alinhado com o código filosófico de conduta que me rege a vida para nada sirvo e melhor seria sequer existir.

Isso pode parecer chocante para o (a) amigo (a) leitor (a) e não espero a boa acolhida no campo da compreensão da parte de nenhum dos meus pares terrenos. Contudo, como já me referi, qualquer amigo espiritual do outro lado sabe desse traço do meu temperamento espiritual. E seja lá quem foi que concorreu para que eu estivesse na posição de trabalho a ser percebida pelo Senhor Javé e para que ele me pudesse então escalar para alguma tarefa sabia exatamente o que estava fazendo no sentido de saber que eu jamais me subordinaria ao "método Javé". Esse é um traço de algumas das existências terrenas do espírito que me anima e nas vezes em que "me vi em situações de confronto ou conflito com o tal deus dos judeus" jamais resisti, mas também nunca me subordinei. Simplesmente assumia a aparente derrota e deixava para lá, esforçando-me para não sentir desprezo por algo que me era incompreensível. Tanto assim é que "perder" para mim tornou-se às vezes uma "questão de honra" já que "ganhar" de qualquer modo me incomoda profundamente.

Nesta vida, por caminhos tortuosos, o "estranho ser" tornou-se "compreensível a meus olhos" numa perspectiva que me permite ao menos achar que me é possível compreendê-lo. Mas isso veio tarde demais para o quesito da submissão com subordinação. Por que faço questão de registrar esse aspecto que eu poderia ter deixado de lado sem a ele me referir? Por uma questão bem simples.

Uma certa parte dos homens e mulheres da Terra se encontra em situação existencial semelhante à minha, ou seja, por mais que se esforcem já não mais conseguirão ver "serventia espiritual" no método do Senhor Javé e talvez se sintam incomodados com suas posturas pessoais.

Aqui atendo a pedidos de amigos espirituais e do próprio Senhor Javé em assim proceder para deixar claro que não há problema maior nessa questão, desde que cada um de nós esteja alinhado com os princípios nobres da existência.

O Senhor Javé pode ter todos os tipos de defeitos perante os olhos deste aflito escrevente. Contudo, julgo saber com o "tamanho de certeza que um descrente pode ter" – que as intenções do Senhor Javé, seja no seu estado anterior de divindade ou mesmo na sua personalidade circunstancial como Javé, são as melhores e possíveis de serem arquitetadas para com esta humanidade. No meu caso, a pretendida subordinação tinha e tem mais a ver com uma questão "pendente" referentes a vidas passadas e mais especificamente com o trabalho a ser desenvolvido nesta vida. E o "pior" é que ele parece ter razão e obviamente o errado sou eu, na minha pequenez e limitação humanas.

O Senhor Javé é tão estranho aos meus olhos que no ano de 2007 pude perceber que ele e os seus assessores subordinavam as suas estratégias aos fins pretendidos, o que me era motivo de crítica pois tal postura revelava ausência de caráter esclarecido. Para o meu total espanto, ao longo do ano de 2009, fui percebendo o inusitado: que ele também subordinava os fins por ele pretendidos a sua estratégia de dominação, o que parecia algo simplesmente impossível para um condutor universal. Foi quando o modo de agir e de ser da natureza não-humana do Senhor Javé foi finalmente percebida pela minha condição humana. E para quem achava que não era mais possível se defrontar com "outras surpresas", **surpreendi-me comigo mesmo por conseguir compreendê-lo** – pelo menos é o que penso – na ambigüidade comportamental mais absurda que já pude perceber.

O interessante é que, conforme penso, não existem elementos suficientes na percepção cerebral que me caracteriza o intelecto humano para compreender a exuberante personalidade do Senhor Javé. Entretanto, a "sensação" que desde então se faz presente no meu psiquismo é a de que consegui compreendê-lo.

Realmente, o Senhor Javé não possui o que chamamos de natureza humana. Contudo, ele não é desumano nem "desumanizado", pois não esqueçamos que nós – na nossa condição humana – é que somos "parte do que ele é". Ele é o que somos e muito mais. Parte deste "muito mais" é que parece ser o "problema" tanto para ele como para a nossa convivência com alguém como ele. **Ativar a componente humana mais e mais por entre os muitos aspectos psicológicos da exuberante personalidade do Senhor Javé** parece

ser o grande e **majestoso plano do Mestre Jesus como etapa decisiva do processo de redenção do criador**.

Constatação

Com o potencial amoroso dos nossos espíritos precisamos ativar, através da condição humana, as expressões deste amor marcando-as no nosso DNA. Assim fazendo, estaremos colaborando na reformulação do "DNA pessoal" do Senhor Javé com vistas a sua redenção. Os corpos físicos que os nossos espíritos utilizam são meros terminais de "repasse químico-amoroso" para a "organização pessoal do criador".

É, pois, exatamente este o **convite amoroso** que é dirigido aos que vivem na Terra: **que possamos marcar na natureza do Senhor Javé as nossas mais belas expressões de carinho, de ternura, enfim, de amor fraternal como modo de redenção coletiva dele e de todos nós**. Eis o **grande mistério jamais revelado** nos detalhes que agora estão sendo ofertados a esta humanidade.

Assim concluo estas páginas sem ter a devida idéia se o que aqui está sendo revelado possui a pretendida relação de honestidade com o que o Senhor Javé e os seus assessores pretenderam me ofertar. Sinceramente não sei, não tenho como ter certeza absoluta sobre a questão, até porque o que esses seres dizem, conforme percebo, às vezes parece apenas compor os painéis das suas necessidades em certos momentos – e assim novamente o registro para rogar a prudência necessária na leitura destas páginas.

E esta pode ser somente mais uma etapa na estratégia do Senhor Javé e dos seus assessores; outras terão que vir. Afinal, por antiga que seja esta história, o resgate das suas notícias para os dias atuais está apenas recomeçando já que sempre existiu um "alguém" por trás de todo esse desgastante processo.

Que venham as gerações futuras com "olhos para ver" o que, talvez, a geração a qual pertenço demore tanto a enxergar: a resposta óbvia, apesar de inusitada, às principais indagações valorosamente construídas pela perquirição científica e filosófica dos membros desta humanidade. São elas: **como surgiram este universo, a vida e a inteligência?**

A resposta a essas indagações além de atordoante causa estupefação e perplexidade, mas tem tudo a ver com este ser intrigante e enigmático aqui denominado como sendo o Senhor Javé.

Que possam o amor, o carinho e a ternura dos terráqueos envolvê-lo na justa homenagem que o seu zelo e dedicação por todos nós, apesar dos problemas, faz por merecer.

Explicações Necessárias.

A teoria do universo estático já não mais povoa o intelecto dos cientistas nos dias atuais. Esse fato implica em que a questão pertinente ao "começo do universo" é hoje motivo essencial de busca tanto para a ciência como para a religião. Cientistas e teólogos debruçam-se inevitavelmente sobre o óbvio, apesar de chocante, do universo observável: o mesmo teve um começo aparentemente a partir do nada seja promovido por alguém ou por alguma coisa.

Albert Einstein, certa feita, disse que os cientistas viviam pela fé na causa e na cadeia de causa e efeito, o que implica em que todo efeito tem uma causa que pode e deve ser descoberta por meio de argumentos racionais. Contudo, "argumentos racionais" da Teologia parecem não serem aceitos como tais para os caminhos da ciência e é normal que assim seja, ou pelo menos deveria ser até o ponto em que o horizonte científico esbarre no presumível terreno do sobrenatural que envolve a criação do universo em que vivemos.

Não sendo cientista nem teólogo, mas respeitando a ambos, devo ressaltar que tenho pouco ou nenhum apreço pela prática religiosa no sentido da crença pela crença, apesar de ser um apaixonado pelo estudo das muitas revelações promovidas ao longo da história, ainda que com suas inevitáveis falhas por força do fator humano no papel de intérprete. Contudo, o que o ser humano fez e faz delas é o que me afasta do convívio com aqueles que a elas doentiamente se vinculam, esquecidos que a existência é muito mais bela e generosa do que a que pode ser entrevista pelo fundamentalismo religioso.

Já a ciência, único caminho seguro para a decodificação da realidade que nos envolve, ainda que esbarre nos limites do que se pode decodificar por

meio do método científico, começou também a praticar um desarrazoado tipo de fundamentalismo. Este, tão absurdo e cruel quanto o de ordem religiosa, chega a entronizar como razoável, teses que necessitavam que a própria lógica da ciência deixasse de existir para que nelas fosse possível crer. O estranho é perceber que todo esse esforço visa apenas a não se aceitar a presença de um criador por trás da realidade observável. Desses me apiedo porque, a título de combater as frágeis e ingênuas criaturas humanas que precisam crer para sobreviver, terminam por serem, elas mesmas, as mais crentes que conheço apesar de travestidas de cientistas. E infelizmente não tão ingênuas assim pelo simples fato de preferirem entronizar o acidente ou o acaso como sendo a causa de um universo extravagantemente delineado por leis e, portanto, inteligente, em vez de admitir a possibilidade da existência de alguém que o criou. Defendem-se dizendo conhecedores e seguidores do método científico. Que seja. Devemos então presumir que aprioristicamente o tal método científico já parte do princípio dogmático que não pode nem deve existir um princípio criador porque assim está definido. Que seja! Qual a diferença entre comportamentos desse tipo e o dos fundamentalistas religiosos? Se cientistas realmente forem falham na busca amorosa da verdade muito mais do que aqueles que de fato não têm olhos para ver porque lhe faltam os elementos do esclarecimento intelectual.

Assim afirmo para dizer que não tenho a ingênua pretensão de que os "argumentos racionais" aqui apresentados por alguém do meu tamanho venham a, sinceramente, servir como ponto de reflexão para os que muito pensam saber, ou ainda para os que estão radicalmente apegados as suas verdades pessoais.

Que cada um possa cuidar do seu próprio arcabouço de conceitos e de aparentes verdades já que é a partir dessa ótica pessoal que cada ser humano se abre para a percepção de novos horizontes ou cega a si mesmo no estacionamento das possibilidades do intelecto que lhe é comum. Afinal, o que mais limita o ser humano se não as opiniões que costuma ter sobre tudo e todos ao seu redor? E quando essas opiniões são produto dos dogmas científicos e/ou religiosos aí é que a cegueira assume proporções dramáticas já que travestida do tragicômico brilho do falso saber.

O fato é que não foram no passado como não são poucos no presente os cientistas honestos que estão se defrontando com a inquietante questão de ter que se defrontar com a necessidade de um criador – chamado de "observador" nos cânones da física quântica – na arquitetura da fórmula maior de uma realidade mais ampla que aquela apontada pela viciada ótica materialista de muitos olhos que se dizem "perscrutadores da realidade".

Desde Einstein que, mesmo tendo as equações por ele genialmente formuladas da Relatividade Geral que apontavam para um universo um dia iniciado e em expansão, por força da visão dominante dos idos do começo do século XX, preferiu apegar-se à visão do universo estático, devido, penso eu, à dificuldade de ter que lidar com um "início para o universo", o que o obrigaria a pensar em um deus-criador, aspecto sempre desprezado pelos cientistas. Não teve olhos para ver o óbvio naquele momento. Preferiu criar uma "constante cosmológica" para adequar as suas equações a um universo incriado, estático e, portanto, eterno. Mais tarde, em 1931, já com olhos para ver, admitiu que "o cientista é controlado pelo senso da causa universal... Sua percepção religiosa toma a forma de um assombro magnífico diante da lei natural, a qual revela uma inteligência de tamanha superioridade que, comparada a ela, todo o pensamento sistemático e ações dos seres humanos se tornam uma reflexão totalmente insignificante".

Utilizemos a modificação no pensamento de Einstein que ele se obrigou a fazer por força das descobertas científicas ocorridas ao tempo da sua vida como exemplo para as nossas reflexões e como apoio para o que foi exposto.

Para facilitar o entendimento em torno da questão reproduziremos aqui algumas informações elencadas no livro "Mostre-me Deus", de Fred Heeren[1].

Em 1917, Albert Einstein publicou um artigo interpretando sua própria Teoria da Relatividade Geral, moldando-a de acordo com a inquestionável visão cosmológica daqueles dias: a Teoria do Universo Estático. A cosmologia do universo estático afirmava que o mesmo era infinito em idade, o que poupava a comunidade científica de ter que lidar com as inquietantes questões fundamentais sobre a origem do cosmos. Naquela época, o consenso entre os astrônomos era o de estrelas vagando aleatoriamente, as nebulosas eram nuvens de gases que pertenciam a nossa própria galáxia e a Via Láctea era o

universo. Einstein estava tão convicto de que essas concepções eram corretas que acrescentou o que agora é conhecido como "fator extra" cosmológico a sua teoria, de modo a encaixá-lo nessa cosmologia preferida. Desde 1915, entretanto, Einstein parecia não encarar as implicações de sua teoria já que outros grandes cientistas da época já haviam notado que, para resolver as equações de campo de Einstein, era necessário que o universo não fosse infinitamente antigo: ele deveria ter tido um princípio. Um universo com um início requer um iniciador ao passo que aponta naturalmente para um criador que existe fora do universo.

A reação inicial da comunidade científica perante a possibilidade de um universo com começo foi tipificada pela declaração de Arthur Eddington: "Filosoficamente, a noção de um começo da presente ordem da natureza é repugnante para mim". Ainda assim, suas próprias observações, dentro do então novo campo da Física Quântica, o convenceram de que as evidências para "uma Mente ou Logos Universal" eram tão fortes que poderiam incitar alguns a promoverem uma fé baseada na ciência com exclusão da fé religiosa.

Por volta de 1927, o astrônomo Edwin Hubble não somente havia estabelecido que as nebulosas continham estrelas individuais e eram galáxias fora de nossa própria galáxia como também que essas galáxias estavam todas se afastando da Terra em altas velocidades. As mais distantes estavam recuando mais rapidamente do que as mais próximas, como se o espaço estivesse se esticando. Novamente, isso implicava o crescimento do universo e obviamente um passado limitado. Somente após Einstein ver as evidências de Hubble de um universo em expansão (e após ele ter visto por si mesmo pelo telescópio de 2,5 m de Hubble), ele formalmente renunciou a seu "fator extra" cosmológico, escrevendo, mais tarde, que o acréscimo a suas equações tinha sido a maior tolice da sua vida.

Em 1965, Arno Penzias e Robert Wilson descobriram radiação cósmica de fundo vinda de todos os pontos do céu, que representava o remanescente previsto pelos primeiros teóricos do Big Bang. Esse novo dado era mais uma peça que apontava para um evento de criação envolvendo o universo inteiro.

Ao longo dos anos 70, astrônomos observaram que as galáxias estavam distribuídas mais densamente – e quasares se tornavam abundantes – confor-

me eles olhavam a distâncias maiores no espaço, o que indicava que o universo havia mudado com o tempo. Essas observações ofereceram argumentação contra um cosmos eterno e a favor de um evento de criação.

Em 1992, a equipe do satélite Cobe da Nasa, descobriu as ondulações previstas na radiação cósmica de fundo. Goerge Smoot, o chefe da equipe, se referiu a essas sementes de futuros superaglomerados de galáxias como "impressões digitais do Criador".

Ainda reproduzindo o interessante vínculo que Fred Heeren faz em seu livro "Mostre-me Deus", entre os avanços da ciência com o registro bíblico, ele ressalta que dentre os povos antigos, apenas os hebreus acertaram em sua cosmologia. O resto do mundo de então, acreditava em um universo mágico e eterno que deu origem aos deuses, ao passo que apenas eles acreditavam em um deus eterno e transcendente que deu origem ao universo.

Como toda causa, a Causa do universo deve ser independente de seu efeito. Portanto, a Causa Inicial deve ser separada do universo, e não uma parte dele. Desde tempos remotos, a Bíblia tem apresentado claramente Deus como um Ente-Espírito que não pode ser contido nem mesmo pelos céus. Ao contrário de outros escritos religiosos primitivos, a Bíblia proibiu a fabricação de imagens de deus, usando isso para ensinar que ele não é um ser físico.

O consenso da ciência moderna é que o universo – e o próprio tempo – teve um começo. Nada que seja restrito ao tempo poderia ter criado o cosmos. Deus deve não somente ser separado da sua criação, mas ele deve existir fora do tempo. Novamente, desde tempos antigos, a Bíblia definiu especificamente Deus como o EU SOU, operando fora do tempo e existindo antes do universo que ele criou.

Assim como Einstein muitos cientistas se viram obrigados a repensar os seus pontos de vista sob a possibilidade de admitirem a presença de um criador para o universo. Isso se deu por força do avanço do progresso da ciência que terminou por propiciar a inevitável necessidade da percepção de um criador. Nesse sentido, muitas foram as descobertas que obrigaram à renovada reflexão sobre um possível criador ou iniciador do universo.

Stephen Hawking escreveu: "Se a velocidade de expansão um segundo após o Big Bang tivesse sido menor por apenas uma parte em cem mil trilhões, o universo teria recolapsado antes que pudesse atingir seu estado presente". Ligeiramente mais veloz do que a taxa crítica, e a matéria teria dispersado rápido demais para permitir a formação de estrelas e galáxias. Geroge Smott descreve o evento da criação como "precisamente orquestrado". Hawking cita ainda a razão crítica entre as massas do próton e elétron como um dos muitos números fundamentais na natureza. Ele acrescenta: "O fato extraordinário é que os valores desses números parecem ter sido precisamente ajustados para tornar o desenvolvimento da vida possível". Já os cálculos do colega de Hawking, Roger Penrose, mostraram que o estado inicial altamente ordenado (baixa entropia) do universo não é algo que poderia ter acontecido pela mais remota casualidade.

Quando Fred Hoyle calculou a probabilidade de o carbono ter precisamente a ressonância necessária (para a combinação com outros átomos e gerar as moléculas que formam os corpos dos seres vivos) por mero acaso, ele disse que o seu ateísmo foi fortemente sacudido, acrescentando: "Uma interpretação de bom senso dos fatos sugere que um superintelecto brincou com a Física".

Dessa forma, os "argumentos racionais" aqui apresentados e agora associados ao que aos poucos vamos descortinando em torno da exuberante figura do Senhor Javé nos permite ter a expectativa crescente de que as próximas gerações dirão, em algum momento no futuro, quando se referirem aos homens e mulheres que foram testemunhas, atores e atrizes do processo de reintegração da Terra ao convívio com as demais famílias deste universo: "Javé tudo fez para se fazer percebido. Como foi possível aos nossos antepassados cegarem a si mesmos em relação a sua existência?".

Este aflito escrevente que o diga!

Finalmente, peço desculpas ao legado de Huberto Roden por aqui não poder utilizar corretamente o *crear* em lugar do verbo "criar" do qual se deriva a idéia de "criador" e de "criação". Corretamente Roden propôs que nesses casos deveriam ser utilizadas as expressões *"creador" e "creação"*, até porque estamos falando de poderes mentais de algo que se encontra muito acima da condição humana. Infelizmente, achei que o livro por si só já estava cheio de elementos

informativos perturbadores e decidi, portanto, manter o uso tradicional, ainda que equivocado, das expressões triviais do cotidiano. Mas Huberto Roden está certo! Espero que as gerações futuras possam melhor enquadrar a criação do Senhor Javé nos vocábulos que a dignifiquem.

Posfácio.

Juntar as peças de um contexto cósmico esfacelado pelo tempo, eis, talvez, o principal objetivo deste livro.

Quando fui solicitado pelos mentores espirituais a codificar uma gama de assuntos e temas cuja variedade me atordoava jamais poderia imaginar que surgisse um tempo, na presente existência, em que um trabalho desse naipe viesse a ser produzido. Afinal, o atual quadro de enigmas que compõem o quebra-cabeça científico-religioso em que se transformou a busca pela verdade que nos marca a existência na Terra sempre foi encoberto por véus de todo naipe que foram descerrados pela lenta evolução do pensamento humano.

O fato é que muito foi feito na derrubada dos véus para que o quadro de enigmas pudesse então ser devidamente observado nos seus múltiplos e variados aspectos para que a decodificação científica pudesse ter o seu lugar. Contudo, a ciência tem sua última fronteira aonde começa o domínio daquilo que esta humanidade considera sobrenatural. Aqui para nada ou muito pouco servem as ferramentas do método científico se estas forem utilizadas por mãos viciadas e reféns do enquadramento de resultados pretendidos na limitada ótica do conhecimento terráqueo.

O presente trabalho pretendeu juntar as peças de um quebra-cabeça que envolve o quadro de enigmas da esfacelada história deste universo e a da Terra, em especial, unindo-a a causa sobrenatural de todo esse contexto criado e da sua interferência ao longo da evolução universal.

Que a ninguém sobre a impressão de que a intenção foi alcançada posto que jamais o será, pelo menos sempre que intentada por um terráqueo e mais ainda por alguém do meu tamanho. O máximo que se pode pretender é fornecer pobremente os elementos das várias peças que compõem o todo universal para a necessária análise. Depois, associá-lo a outro contexto ainda mais complexo situado além das fronteiras deste universo, analisando-os à luz do modo de pensar dos que vivem na Terra. E no mais, semear reflexões com vistas à arquitetura de novos questionamentos que serão sempre necessários à progressiva e inescapável necessidade que o ser humano terráqueo terá sempre que disso fazer uso para ampliar os horizontes da sua percepção.

Quanto a todas as repostas que ainda precisamos para saciar a nossa insaciável curiosidade somente as gerações de um futuro ainda distante a isso poderão almejar. Quanto à atual geração, que mais precisamos a não ser perceber o óbvio que nos apontam as evidências vindas de um passado que se casam as do presente, por estranhas e aparentemente novas que possam parecer para o conhecimento terrestre?

Essas evidências apontam que o Senhor Javé é, de fato, aquele que na sua função natural de divindade criadora idealizou e realizou uma das mais intrigantes obras existenciais obedecendo a misteres impossíveis de serem convenientemente percebidos pelo conhecimento terreno.

Resta-nos somente refletir em torno dessa questão aproveitando-nos do que certa feita foi apontado por Carl Sagan: "Afirmações extraordinárias requerem evidências extraordinárias". De quais evidências ainda necessitamos para perceber o óbvio?

Ainda assim, peço, rogo, imploro que os assuntos aqui tratados sejam tidos à conta de sementes para a reflexão sobre o tema, pois tenho absoluta consciência de que o que aqui está abordado atende apenas e tão somente as necessidades desta época de transição, precisando ser corrigido e complementado pelas gerações futuras, na arquitetura do correto entendimento sobre todo contexto gerado a partir da divindade co-criadora.

Novamente me desculpo pelas imprecisões e pelos inevitáveis equívocos aqui cometidos.

Jan Val Ellam.

Fontes, Notas Explicativas e Referências Bibliográfica.

As notas explicativas elencadas a seguir obviamente representam a opinião do autor às vezes agregada à citação em foco, pelo que é necessário que o (a) eventual leitor (a) perceba que os autores originais apontados nas fontes e nas referências bibliográficas do que aqui é citado não necessariamente concordam com a visão deste autor.

Capítulo 1

1. Espíritos Codificadores. Espíritos pertencentes à equipe do Espírito da Verdade que revelaram ao mundo a Doutrina Espírita que foi codificada por Allan Kardec, na França, na segunda metade do século XIX.

2. Individualidade Deificada. Para melhores esclarecimentos, de tudo o que até hoje foi revelado a esta humanidade sobre o assunto e que se encontra disponível, vejo no "Livro de Urantia" a melhor fonte para se perceber possíveis personificações da Deidade em Divindades Operativas.

3. "Irmãos e irmãs em ministério criador". Esta expressão refere-se, com as palavras terrenas possíveis à questão, às Divindades Co-criadoras que compõem os conselhos de criação das realidades. Nesse nível de existência não existe o padrão de polaridade composto pelos gêneros "masculino" e "feminino" como conhecido na Terra. Não há vocabulário adequado para expressar essas divindades pois cada uma delas é um ser á parte, com gênero próprio, o que as torna totalmente incompreensíveis para o padrão terráqueo.

4. "Eu Superior". O autor terreno destas páginas prefere denominar o "Eu Profundo" como sendo o "modo de pensar da mente espiritual" da individualidade – que permanece discretamente escondida por trás do "modo de pensar humano" da Terra –, e o "Eu Superior", um nível de consciência mais profundo ainda apontado pelos Vedas, como sendo a presença do Sagrado em cada ser, ou seja, da Divindade que mais diretamente representa a Deidade para as questões criadoras.

O "Eu Profundo" seria o "software" resultante das experiências da mente espiritual submetidas a corpos mortais ou não, ao longo da sua evolução, sob a perspectiva do que nos é elucidado pela Revelação Espiritual nos moldes da Doutrina Espírita.

Capítulo 2

1. Premissas Quânticas - Modo de pensar quântico. A compreensão básica em torno dos profundos significados dos horizontes que os conceitos advindos da física quântica ofertam ao "modo de pensar" do ser humano, é fundamental para que seja possível entender o que a divindade criadora realizou, como o fez e seus desdobramentos.

O Ph.D. em física quântica, Dr. Amit Goswami, em seu livro "Deus não está morto – Evidências Científicas da Existência Divina", página 31 (Editora Aleph), afirma que "a essência da física quântica é de difícil compreensão para os cientistas, mas, na minha opinião, os não-cientistas podem compreendê-la com maior facilidade".(...)

"As bases da física quântica datam do início do século XIX. Contudo, aquilo que conhecemos como física quântica começou com o trabalho de Max Planck em 1900. A matemática da física quântica foi descoberta por Werner Heisenberg e Edwin Schrodinger em meados da década de 1920".

"Em sua teoria quântica, Planck lançou a hipótese de que a energia existe em unidades da mesma maneira que a matéria, e não como uma onda eletromagnética constante, como se acreditava anteriormente. Ele postulou que a energia é quantizada – consiste de unidades discretas. A existência dessas unidades

– que Planck chamou *quantum* – tornou-se a primeira grande descoberta da teoria quântica".

"Fundamental para a teoria da física quântica é que toda matéria exibe as propriedades de *partículas* (objetos localizados, como pequenos grânulos) e de *ondas* (perturbações ou variações que se propagam progressivamente de ponto a ponto). Este conceito central, o de que partículas e ondas são dois aspectos de um objeto material, é chamado *dualidade onda-partícula*. Também se concorda, em todo o mundo, que ondas de objetos quânticos são ondas de possibilidade".

A dificuldade que como leigo tenho percebido refere-se exatamente à interpretação do significado dessa dualidade. Uma dessas interpretações aponta para o fato de que cada objeto (ou objeto quântico como chamado pelos cientistas) é descrito por sua função de onda. O que é uma função de onda? É uma função matemática utilizada para determinar a probabilidade de que o objeto poderá ser encontrado em determinado local ao ser verificada a sua posição. A cada verificação da posição do objeto, ou mensuração, ocorrerá uma mudança no estado da matéria, que deixará então de ser uma onda de possibilidade tornando-se uma partícula real. Esta "mudança de estado" é chamada de "colapso da função de onda".

Ainda segundo Amit Goswami, nem a matemática quântica nem muito menos nenhuma das interpretações até hoje formuladas, fornecem uma explicação satisfatória para o evento do colapso. E o grande problema é que os físicos quânticos "foram incapazes de eliminar o conceito de colapso da teoria quântica".

Assim, conclui o Dr. Amit Goswami, "a verdade é que a compreensão do colapso exige a consciência (como defendido por Von Neumann, em 1955). E se seguirmos este pensamento, significará que sem consciência não existe colapso, nem partículas materiais, nem materialidade".

2. Aristóteles (384–322 a. C.). Dificilmente houve, ao longo da história da humanidade, um espírito tão aberto e propenso à percepção de inúmeras facetas do conhecimento humano quanto Aristóteles. Foi ele quem introduziu definitivamente a observação como fonte de conhecimentos filosóficos, já que seu antecessor, Platão, estava bem mais preocupado em criar um corpo teórico

de constatações universais e absolutas produzido pela reflexão e, a partir daí, deduzir as verdades filosóficas.

Em 365, ligou-se a Platão, tendo atuado na Academia deste durante vinte anos, sendo seu discípulo até a morte do mestre (347 a.C.) e conservando sempre, apesar de discordar em alguns pontos, a máxima admiração e afeição pelo mentor. Ambos eram de capacidade intelectual privilegiada e Platão várias vezes referiu-se a Aristóteles como a Inteligência personificada.

As aptidões intelectuais de Aristóteles eram incrivelmente variadas. Política, teatro, poesia, medicina, lógica, histórica, astronomia, física, psicologia, ética, história natural, matemática, biologia e retórica, eram assuntos que, quando abordados pela mente brilhante de Aristóteles, deliciavam seus estudantes, que buscavam a iniciação ao desenvolvimento moral e intelectual, acompanhando o mestre através dos famosos e agradáveis passeios dentro da escola que fundara — o Liceu — em um bosque situado em Atenas.

Os tratados de Aristóteles provêm de notas tomadas por seus ouvintes. Não foram redigidos por ele. É uma obra enciclopédica pela variedade dos temas tratados. Constituem, na realidade, um vasto conjunto que foi posteriormente dividido em quatro grupos de obras: as de lógica, as de filosofia natural, as de biologia e as de moral e política.

A lógica formal, criada por Aristóteles, exerceu profunda influência até os tempos mais recentes, com o aparecimento da lógica simbólica moderna, que a destronou. Seus trabalhos nos campos da Biologia e da Física resumem o conjunto da ciência grega, e durante toda a Idade Média foram a suma dos conhecimentos humanos.

Nunca nenhum cérebro humano percebera tanto da natureza quanto Aristóteles. Sábio, fino e imperturbável, era, na realidade, o retrato do verdadeiro cavalheiro ateniense. Antes de sua morte, elevando ao máximo seus altos predicados morais frente à cultura da época, libertou seus escravos, promovendo assim a primeira alforria da história da humanidade.

3. Berendt, Joachim-Ernst. ***Nada Brahma***, a Música e o Universo da Consciência, Editora Cultrix, 10ª edição, São Paulo, 1997.

4. Carl Friedrich Von Weizsacker (1912–2007). Físico e filósofo alemão.

5. Mestre Zen Hakuin. Hakuin Hekaku (1685–1769), Mestre Zen Budista.

6. Werner Karl Heisenberg (1901–1976). Físico alemão laureado com o Nobel de Física e é considerado um dos fundadores da Mecânica Quântica.

7. Zen Budismo. Nome japonês dado à tradição Ch´an surgida na China e historicamente associada ao Budismo do ramo Mahayana que contém a síntese doutrinária dos ensinamentos do Buddha Sakyamuni ou Gautama Buddha.

8. Vedismo. Denominação da mais antiga religião da Índia possuidora dos mais antigos livros sagrados na linguagem sânscrita cujos ensinamentos foram transmitidos oralmente, geração após geração, até serem finalmente compilados pelo sábio Veda-Vyasa em 5.100 ap. (antes do presente).

9. Taoísmo. Escola de pensamento filosófico chinês que se baseia nos textos do *Tao Te Ching*, atribuídos a Lao Tse, e nos escritos de Chuang Tse.

10. Hermann Minkowski (1864 –1909). Matemático lituano que desenvolveu a Teoria Geométrica dos Números.

11. Lama Anagarika Govinda (1898–1985).

12. Língua japonesa - Berendt, Joachim-Ernst – *Nada Brahma*, a Música e o Universo da Consciência, Editora Cultrix, 10ª edição, São Paulo, 1997.

13. Ryogi Okochi - Berendt, Joachim-Ernst – *Nada Brahma*, a Música e o Universo da Consciência, Editora Cultrix, 10ª edição, São Paulo, 1997.

14. Ímpeto Criador. Aqui me obrigo a rogar o perdão de **Huberto Rohden** que acertadamente aponta a utilização do vocábulo creador, ao invés de "criador" para os casos aqui referidos. De fato, a "criação" levada a efeito por meio da vontade o do observador causando o "colapso quântico" que define a realidade como também o que no seu seio é gerado é uma "creação" e não "criação". Contudo, após a dose de reflexão que me é própria, achei melhor continuar a utilizar a expressão comumente usada para o verbo "criar" por conta das inúmeras questões de vanguarda que já estão sendo apresentadas neste livro. Caso optasse pelo "crear" em vez de "criar", teria que utilizar a todo

momento a sua conjugação "creou", "creará", "crea", o que muito dificultaria o entendimento. Daí a opção de me manter na trivialidade do que é comumente usado.

15. Braden, Gregg – A Matriz Divina. Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2008.

16. Max Planck – Braden, Gregg – A Matriz Divina. Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2008.

17. Albert Einstein – Braden, Gregg – A Matriz Divina. Editora Cultrix, 11ª edição São Paulo, 2008.

Capítulo 3

1. Adjacências astrais e espirituais. O que neste livro é apontado como ambientes astrais e espirituais refere-se ao que Allan Kardec chamava de erraticidade. A dimensão existencial na qual se alojam o Senhor Javé e alguns dos seus assessores pode ser assim enquadrada apesar de que Kardec utilizou o termo para designar mais especificamente o ambiente espiritual transitório para espíritos ainda em desequilíbrio.

Pergunta 233 do Livro dos Espíritos: – A alma reencarna logo depois de se haver separado do corpo?

"Algumas vezes reencarna imediatamente, porém de ordinário só o faz depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. (...)".

Pergunta 224 do Livro dos Espíritos: – Que é a alma no intervalo das encarnações?

"Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera."

– Quanto podem durar esses intervalos?

"Desde algumas horas até milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nuca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver

a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes."

Kardec, Allan, O Livro dos Espíritos, Federação Espírita Brasileira, 86ª edição, Brasília, 1944.

2. Josef Von Eichendorff (1788–1857). Poeta e novelista alemão. Berendt, Joachim-Ernst – *Nada Brahma*, a Música e o Universo da Consciência, Editora Cultrix, 10ª edição, São Paulo, 1997.

3. Cenários especulativos para antes do Big Bang:

- Sem eras anteriores: o que implicaria no fato de que matéria, energia, espaço e tempo começaram abruptamente com o Big Bang.
- Emergência Quântica: neste cenário o espaço e o tempo normais desenvolveram-se a partir de um estado primordial, descrito pela teoria da gravidade quântica.
- Multiverso: sob essa perspectiva o nosso universo e outros surgiram do espaço eterno.
- Universo Cíclico: o Big Bang é o último estágio de um eterno ciclo de expansão, colapso e nova expansão.

4. Inflação Cósmica. A teoria da inflação defende o postulado de que, num pequeníssimo momento após o que se considera em teoria como sendo o primeiro instante da criação, o universo rapidamente se expandiu por um fator centena de vezes muito maior do que o fator pelo qual ele tem se expandido ao longo dos 13,7 bilhões de anos subseqüentes. Durante essa explosão repentina, típica do estado inflacionário, é imperioso atentar para o fato de que, a "homogeneidade" que caracterizava o universo quando ele tinha um tamanho subatômico, mais tarde se tornou a característica do universo inteiro.

Segundo Guth, inflação é o fenômeno pelo qual o universo é levado a uma expansão exponencial pelo campo gravitacional repulsivo criado por um falso vácuo. Embora a inflação ocorresse em muito menos de um segundo, ela poderia ser responsável pelo "Bang" da teoria do Big Bang, poderia explicar a origem de essencialmente toda a matéria existente no universo observado e solucionaria, também, a questão sobre a parcela do universo do universo

que não nos é acessível. E sobre o falso vácuo: "o falso vácuo é uma forma peculiar de matéria cuja existência é prevista por muitas das teorias atuais de partículas elementares". O falso vácuo tem uma pressão negativa que cria um campo gravitacional repulsivo, capaz de levar o universo para um período de expansão exponencial denominado inflação.

Na verdade, a "nova idéia" no ingrediente da expansão universal surgiu no fim dos anos 70 com os físicos de partículas Robert Brout, Francis Englert, Edgard Gunzing e Alexei Starobinsky que em momentos distintos contribuíram para o desenvolvimento da idéia. Contudo, somente em 1981 é que Alan Guth e Andrei Linde lançaram as bases do que atualmente é denominado como sendo o "paradigma da inflação".

Rompendo agora as fronteiras da reprodução dos postulados científicos, dizemos que, no que se refere ao fato da "homogeneidade" presente no universo quando ele apresentava ainda um tamanho subatômico ter se tornado mais tarde a característica de todo o universo, aponta para a seguinte questão: a mente que programou a geração da tal homogeneidade sabia que a sua expansão, ao longo do tempo, iria produzir exatamente o "espetáculo" do universo percebido na atualidade.

5. Partículas Super-luminais, Luminais e Sub-luminais. Segundo os cientistas, a matemática proíbe que um corpo físico alcance a velocidade da luz, já que nessa equação o denominador da fração fica igual a zero. Paradoxalmente, porém, a priori, o mesmo fundamento matemático não impede que "o corpo físico" a supere. Como superar sem, antes, alcançar, eis a questão? Aí é que surgem os táquions. Pelo que se pensa saber, o universo é composto por partículas sub-luminais — isto é, que surgiram no espaço-tempo movendo-se abaixo da velocidade da luz e que, portanto, jamais a alcançarão — e luminais — que surgiram no universo movendo-se exatamente à velocidade da luz. Nessa categoria incluem-se os fótons, as partículas de que a luz é feita.

Supõe-se – existem ainda controvérsias - que existam partículas que formariam uma terceira categoria, que são chamadas de super-luminais — isto é, que surgiriam no universo movendo-se acima da velocidade da luz — que seriam os táquions.

A questão apontada por alguns cientistas é: se é possível destruir matéria reduzindo-a a fótons, como fazem as estrelas e bombas atômicas, por que não pode reduzir matéria a táquions?

Será, pergunta o autor, que essas partículas não poderiam ser os "tijolos" do que existe e se desloca no chamado hiper-espaço?

6. Fundamentos da Física Quântica. Alguns físicos sugerem que a inflação levou a uma profunda conexão entre os quarks presentes na sopa primordial e o Cosmos. Isso porque as flutuações quânticas no campo inflaton (campo aproximadamente análogo ao campo eletromagnético que produziu e guiou o surto da expansão cósmica conhecido como inflação) em escalas subatômicas aumentaram para tamanhos astronômicos pela rápida expansão e se tornaram as sementes para todas as estruturas que vemos hoje no universo.

7. Eclesiastes – Um dos livros da Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

8. Matéria Comum, Matéria Escura e Energia Escura. As partículas elementares convencionais – quarks e léptons – formam a base da matéria que percebemos. Os diferentes tipos de quarks compõem os prótons e nêutrons os quais, por sua vez, formam os núcleos atômicos que, juntamente com os elétrons, formados pelos diversos tipos de léptons, são os tijolos da matéria que conseguimos perceber. Apesar de grandioso, tudo o que podemos observar de luminoso no nosso universo corresponde a somente 4 % do todo universal.

Além da matéria convencional existe uma misteriosa matéria escura a qual, apesar de muito mais abundante que a primeira (23 % do todo universal), permanece, por enquanto, indetectável, sendo inferida apenas indiretamente. Segundo a teoria da supersimetria, a matéria escura poderia ser constituída por parceiros massivos das partículas convencionais. Estes parceiros supersimétricos deverão ser observados pela primeira vez nos experimentos do LHC (Large Hadron Collider).

Apesar da matéria convencional ser continuamente perpassada pela matéria escura, esta é quem ajuda a matéria comum a se aglomerar. Em outras palavras, a matéria escura é quem provê a estruturação da matéria comum funcionando como o esqueleto, ou seja, a espinha dorsal sobre a qual a matéria comum se estrutura.

A enigmática energia escura compõe os 73 % restante do todo universal. É ela quem domina o universo e a sua força repulsiva é quem está afastando as galáxias uma das outras, provocando a expansão acelerada do universo na atualidade.

9. Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Denominação dada ao conjunto das duas teorias científicas de Einstein sobre a questão, a saber, a Relatividade Especial (ou restrita), publicada em 1905 e Relatividade Geral, em 1915.

10. Buraco Branco. A partir de cálculos de Albert Einstein, os cientistas passaram a especular sobre pelo menos três tipos de "buracos" existentes no universo:

- buraco negro – aniquila qualquer tipo de matéria, inclusive a luz, que se encontre no limite do seu horizonte de eventos.
- buraco branco – produz matéria a exemplo da singularidade que em se expandindo deu origem ao nosso universo.
- buraco de minhoca – túnel que serviria para encurtar o espaço permitindo que o mesmo se dobre para que viagens possam então ser feitas entre dois pontos do nosso universo.

Capítulo 4

1. Programas Encarnatórios. Espécie de planejamento arquitetado antes da encarnação que é feito sempre com base nos méritos e deméritos da individualidade espiritual que irá nascer para uma vida terrena.

2. Braden, Gregg – A Matriz Divina. Editora Cultrix, 11ª edição, São Paulo, 2008. Essencialmente, a matriz ali apresentada é exatamente a que neste livro aponto como sendo a que foi gerada pela divindade decaída. Porém, a matriz ressaltada por Gregg Braden foi por ele chamada de "divina," o que me obriga a aqui ressaltar que, conforme os critérios que me obriguei a utilizar na presente exposição, a que por mim poderia ser considerada como realmente sendo divina, seria aquela que penso ser chamada pelos imortais de "Fonte Eterna", "Fonte Primordial", a "Matriz Modeladora Eterna". A que foi gerada pela divindade adoentada não chamarei aqui de "divina", a exemplo do que Gregg Braden fez,

por conta do aprofundamento que do assunto em relação ao que se encontra por trás de Javé, considerado em outro livro de Gregg Braden, excepcional por sinal, denominado "O Código de Deus", como sendo o "Deus" criador.

A título de esclarecimento perante o que me proponho, a pedido dos imortais e por meu próprio discernimento, não me refiro a Javé como Deus, mas sim, como um ser criador, uma divindade criadora que apresentou problemas no curso da sua existência cósmica. Isso não quer dizer que não o respeite na sua grandiosidade de mente criadora. Apenas, nos livros que produzo, obrigo-me a "diminuí-lo" para facilitar o entendimento do eventual leitor quanto ao verdadeiro Deus Amoroso, o Pai-Mãe Incognoscível de absolutamente tudo o que existe.

3. Universo holográfico. A idéia de um universo holográfico (de que vivemos em um gigantesco holograma) foi sugerida pelos cientistas Leonard Susskind e Gerard ´t Hooft.

4. Goswami, Amit. "Deus não está morto – Evidências científicas da existência divina", Editora Aleph, 1ª edição, São Paulo, 2008.

5. Alain Aspect – Goswami, Amit – "Deus não está morto – Evidências científicas da existência divina", Editora Aleph, 1ª edição, São Paulo, 2008.

6. Vladimir Poponin. Físico quântico da Academia Russa de Ciências.

7. Peter Gariaev. Biologista quântico da Academia Russa de Ciências.

8. Panspermia Balística e Dirigida. À medida que todos os seres vivos terrestres conhecidos derivam de um mesmo ancestral comum — assim reza o paradigma científico vigente sobre o assunto — o homem seria, também, produto dessa lenta cadeia evolutiva que um dia teria se iniciado a partir do primeiro foco de vida simples que surgiu no planeta. Sob esta perspectiva, a teoria da **"Panspermia Balística",** desde que correta, explicaria como esse processo se iniciara.

Conforme pensam os seus defensores, rochas de um planeta — ou de um outro bólido celeste — podem ser deslocadas até outros mundos como produto de colisões de asteróides, cometas etc., levando matéria orgânica e, possivelmente, bactérias extremófilas que poderiam sobreviver, dentro da rocha, durante

todo o percurso da sua trajetória espacial até ser atraída pela gravidade de um planeta vizinho ou em ambiente próximo, e ali semear a vida, se condições propícias existirem para tanto.

Existe, ainda, em torno desse mesmo assunto, outro ponto de vista que deve ser ressaltado, já que formulado pela maior autoridade mundial em DNA, o cientista Francis Crick, biólogo que foi laureado com o Prêmio Nobel por descobrir a hélice dupla, a estrutura espiralada do DNA.

Apenas para que possamos compreender a importância das corajosas afirmações desse cientista, obrigamo-nos a ressaltar que, conforme o atual paradigma científico sobre o assunto, todas as formas de vida da Terra provieram de um mesmo código impresso em uma única molécula de DNA. Mas, absolutamente, ninguém sabe como esse código surgiu ou de onde ele veio.

Em 1973, Francis Crick publicou uma teoria que foi denominada "**Panspermia Dirigida**", na qual ele defende a tese de que o nosso DNA veio de outro planeta. O curioso é que ele postula que o DNA não chegou no nosso planeta trazido por um meteoro ou por um cometa, mas sim, em algum tipo de veículo, única maneira, segundo ele, de permitir que o código do DNA chegasse intacto até a Terra.

Segundo Crick, a molécula de DNA é demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação do nosso planeta, há quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, e o primeiro aparecimento de vida, ocorrido há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos. Em outras palavras, o primeiro organismo que apareceu na Terra o fez subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples. Além do que, Crick considera improvável que organismos vivos tenham chegado a Terra como *esporos* de outra estrela ou incrustados em algum meteorito. Assim, o seu corajoso postulado é o de que uma forma primitiva de vida foi plantada na Terra por alguma civilização avançada de outro planeta de forma deliberada. Daí o fato decorrente de que todas as formas de vida da Terra representam um clone derivado de um único organismo extraterrestre.

9. Ellam, Jan Val. Fator Extraterrestre – Editora Zian, São Paulo, 2000.

10. C. S. Lewis (1898–1963). O irlandês Clive Staples Lewis foi o mais influente dos escritores cristãos do século XX.

11. Queimas de Arquivo. Ao longo da antiguidade e da idade média muitas foram as atitudes de imperadores e autoridades que terminaram por privar o mundo de muitos esclarecimentos, se não, vejamos:

- Nabon-Assar, rei da Babilônia, no ano 747 a.C., já usara deste sistema. Ordenou que se apagassem todas as inscrições, que se quebrassem todas as telas de bronze, que se queimassem todas as bibliotecas, que se destruísse por todos os meios e modos, tudo quanto se referisse à época anterior à do seu reinado.
- Em 213 a.C. Chin-Chi-Hoang-Ti, imperador da China, fez queimar todas as bibliotecas com notícias sobre os últimos 25 séculos.
- A destruição de Jerusalém pelos romanos, no ano 70 d.C., não poupou documentos que hoje tanto poderiam ser considerados "sagrados" por parte do judaísmo e do catolicismo, como também, tidos como "escandalosos" pelos mesmos.
- Quando a biblioteca de Alexandria foi destruída ao tempo do imperador romano Julio César, foram perdidos cerca de 700 mil volumes sobre a Grécia Antiga.
- Omar, fanático discípulo de Maomé, fez queimar a "reconstruída" biblioteca de Alexandria, incomparável tesouro das tradições da humanidade, sendo esta a segunda destruição em Alexandria.
- Papas cristãos, intolerantes, destruíram monumentos antigos e tudo quanto se pudesse referir às primitivas religiões, chegando à ousadia de transformarem os templos pagãos em templos cristãos, aproveitando as próprias imagens da Virgem Isis, transformando-as em Virgem Maria. Por onde um frade ou padre católico passasse e visse uma estrela, um papyrus, um tijolo gravado, tudo era destruído ou queimado, pois segundo diziam, uma vez que não entendiam aqueles rabiscos, é porque era obra do diabo, e no local erguiam logo uma cruz de Cristo.

- Muitos calendários solares esculpidos em pedra tornam-se de uso comum entre os maias. Eles construíram observatórios para traçar e calcular os complexos movimentos do Sol, das estrelas e dos planetas, registrando tais informações em livros (códices). Muitos códices foram queimados pelos espanhóis no século 16, em sua tentativa de converter os maias ao cristianismo. O primeiro arcebispo do México, Juan de Zumarraga, orgulhava-se de ter destruído 500 templos indígenas, 20.000 ídolos e incontável quantidade de livros, incluindo o conteúdo total dos livros e pinturas em exibição na Academia de Pintura de Tetzuco. O frade Diego de Landa, outro bispo espanhol, em uma única noite, na cidade de Mani, em Yucatan, pôs fogo em toda a tradição maia. De toda aquela destruição três livros remanescentes formam a base de tudo o que se sabe sobre os maias na atualidade: o Códice de Paris (também conhecido como Códice Perez e Códice Peresianus), o Códice de Dresden e o códice de Tro-Ano.
- Durante a Segunda Guerra mundial, perdeu-se o maior repositório de conhecimentos sobre a Europa Medieval quando Monte Cassino foi bombardeada pelos nazistas.
- Mais recentemente, a destruição da Biblioteca Nacional do Camboja pelo Khmer Vermelho deu fim ao estoque de informações sobre a civilização cambojana.

Foi assim, de cretinice em cretinice, que perdemos o elo com a história original.

Capítulo 5

1. Memória do elétron. Este é uma dos principais assuntos sobre o qual um dia a humanidade se debruçará, pois é a base da compreensão do que foi gerado pela divindade como também das "regras do jogo da existência cósmica" por ela definido. E o elétron, com seus infindáveis fótons nele existentes, é o agente memorial evolutivo de todo esse apaixonante e, ao mesmo tempo, preocupante processo evolutivo.

Do que pude perceber, aconselho o leitor a pesquisar sobre os estudos e reflexões sobre o tema da parte do físico nuclear francês **Jean E. Charon**, como

também os estudos dos físicos norte-americanos de Pasadena e de Princeton sobre a questão.

Capítulo 6

1. Salmos – Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

2. Êxodo – Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

3. Energia Escura – ver nota de esclarecimento 6 do capítulo 3.

4. Alcorão. Livro sagrado do Islamismo ditado pelo anjo Gabriel ao profeta Maomé, em nome de Alá (Javé).

Capítulo 7

1. Salmos – Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

2. Granado, Nelson Vilhena. Omniversalis, Wanel Editora, São Paulo, primeira edição, 2005.

3. Salmos e Deuteronômio - Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

4. Livro de Enoch. Capítulo XXXVIII, 8-9.

Livro apócrifo citado na própria Bíblia referido a uma dos patriarcas anti--diluviano Enoch. Existe ainda o Livro dos Segredos de Enoch.

5. Gênesis - Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

6. Evangelho de Lucas (Lucas 1, 5-25; 57-66). Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

7. Ellam, Jan Val – A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta de Jesus, Editora Zian, São Paulo, 2005.

8. Livro de Enoch. Capítulo XXXVIII, 3-7.

9. Campos Morfogenéticos. Texto de "A New Science of Life" (Uma Nova Ciência da Vida), de **Rupert Sheldrake**, apresentando ao mundo científico o fundamento teórico para uma visão nova e revolucionária da gênese morfológica, ou seja, para o surgimento das formas no mundo orgânico e inorgânico.

Quando estava para me formar em Cambridge, fui apresentado à poesia do alemão Goethe, a qual me inspirou a buscar a ciência numa forma holística. Comecei a perceber o quão limitado era a visão mecanicista. Após minha graduação, estudei Filosofia em Harvard, ampliando ainda mais a minha perspectiva. E concluí que as revoluções científicas envolvem rompimentos paradigmáticos e a teoria mecanicista não passava de um paradigma de um modelo da realidade que poderia ser alterado, ao invés de ser mantido como um aspecto necessário da própria ciência. Comprovei existir sim diversos problemas que não podem ser solucionados por uma concepção mecanicista. Comecei a me interessar pelos campos morfogenéticos, campos que "moldam as formas". É uma idéia já bastante conhecida inicialmente proposta nos anos 20. Ninguém sabe o que são estes campos. Me tornei convicto de serem eles uma nova espécie de campo para além dos conhecidos pela Física. E ainda, de que eles detêm uma espécie de memória, uma vez que se mostram capazes de desenvolvimento.

Isto me levou á hipótese dos campos mórficos e ressonância mórfica, através dos quais, influências pretéritas afetariam acontecimentos presentes, na base da similaridade. Esta hipótese leva à idéia de que cada espécie possui um tipo de memória coletiva, alimentada e compartilhada por cada um dos seus componentes simultaneamente.

Esta hipótese faz diversas previsões sobre a organização dos seres vivos e do próprio universo. Em termos gerais, ela propõe que as chamadas leis naturais não são de fato, leis inexoráveis estabelecidas no momento do big-bang microcósmico por um código napoleônico. Ao invés, elas são "hábitos" que se desenvolveram junto com o próprio universo.

Os campos mórficos explanam como os organismos vivos estão integrados e como as suas diferentes partes trabalham juntas. Naturalmente ela não nega a influência de campos eletromagnéticos e da química, justamente por incluí-las e aos conhecidos aspectos da Física em sua moldura mais abrangente.

Sob este foco, a herança não é exclusivamente genética. Os genes permitem aos organismos produzirem determinadas proteínas e alguns estão mesmo envolvidos no controle da síntese protéica. Mas gerar as proteínas certas não é suficiente para construir vida, muito menos dotá-la de suas herdadas

formas de comportamento, seus instintos; o que se dá justamente em virtude dos campos mórficos, que não são transmitidos geneticamente, mas sim por intermédio da ressonância mórfica, uma influência direta do passado no presente, através do tempo.

Campos mórficos não só nos ajudam a compreender o desenvolvimento da forma e do comportamento, mas igualmente a organização dos grupos sociais. Uma revoada de pássaros ou um cardume possuem um campo mórfico que ligam seus membros entre si. Mesmo quando um deles abandona o grupo, este campo não se rompe, ao contrário, "se estica" atrás do desertor, mantendo a conexão original como se através de um elástico invisível. Penso até que esta conexão entre membros de um mesmo grupo constitui a base da chamada telepatia.

Acredito que a telepatia é normal e natural entre os grupos sociais de seres viventes. Ela permite-lhes manterem-se "conectados" mesmo à distância. O fenômeno já foi exibido por diversos animais, principalmente domésticos, como cães e gatos, quando eles desenvolvem um apego com as pessoas. Eu desenvolvi muitas pesquisas sobre cães que conseguem captar os pensamentos e intenções de seus donos telepaticamente – inclusive de seu retorno ao lar. Alguns cachorros chegam a saber mais de 10 minutos antes, ás vezes até meia hora antes, que seus donos estão chegando em casa.

Não vejo o tempo como a quarta dimensão espacial. Ele é a mensuração do processo de mudança dentro do universo e a flecha do tempo definitivamente foi "atirada" pela expansão do universo (big-bang) o qual sublinha toda evolução cosmológica. Eu não estou propondo que a ressonância mórfica ocorra fora do tempo e sim através dele, do passado para o presente. Existe uma polaridade no tempo, entre o passado, presente e futuro e isto é fundamental para todos os processos biológicos.

A Interpretação de Múltiplos Universos da Mecânica Quântica é apenas um dos diversos caminhos que tentam lidar com os paradoxos gerados por esta teoria. Para mim ela é totalmente mirabolante. Supor que o universo se bifurca a cada instante que um processo quântico ocorre e que há um número quase infinito de universos paralelos ao nosso próprio pode ser uma idéia profícua para a Ficção Científica, mas muito anti-econômica enquanto hipótese

científica. Ela contradiz cada um dos princípios de economia e evidência ao postular um infinito número de universos paralelos sem nenhuma evidência no final das contas.

A Teoria Quântica preconiza que eventos ocorrem probabilisticamente e sob meu ponto de vista os campos mórficos atuam restringindo as possibilidades de forma que, de todos os possíveis fatos que poderiam sobrevir, somente alguns efetivamente sucedem.

10. Berendt, Joachim-Ernst. ***Nada Brahma***, a Música e o Universo da Consciência, Editora Cultrix, 10ª edição, São Paulo, 1997.

Capítulo 8

1. Pink Floyd. Banda de rock britânica (rock clássico harmônico e estilo progressista) cujas músicas e espetáculos sempre se caracterizaram pela extrema elaboração.

2. O Livro de Enoch (Capítulo LXVI, 2-4).

3. Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900). Filólogo, filósofo e poeta alemão.

Capítulo 9

1. Yes. Banda britânica de rock progressivo.

2. Goswami, Amit. "Deus não está morto – Evidências científicas da existência divina", Editora Aleph, 1ª edição, São Paulo, 2008.

3. Goswami, Amit. "Deus não está morto – Evidências científicas da existência divina", Editora Aleph, 1ª edição, São Paulo, 2008.

Capítulo 10

1. Salmos - Bíblia Sagrada, Edição Claretiana, 1982.

2. Sofia. Na tradição judaica Sofia era a "criada" ou colaboradora de Javé, como ela mesmo indicou nas palavras que inspirou a Salomão. Nos Livros da

Sabedoria atribuídos a Salomão, encontramos a própria Sofia falando como a sabedoria da criação.

Capítulo 11

1. Ramaiana e Mahabharata. Livros épicos hindus nos quais são descritas batalhas que envolvem seres humanos e outras classes de seres que à época interferiam na história da Terra.

2. Ellam, Jan Val. Carma e Compromisso, Editora Zian, São Paulo, 1999.

3. Leis do Carma. Leis morais de causa e efeito que apontam os critérios utilizados pela Justiça Divina para dar a cada um de acordo com os seus méritos e deméritos.

4. Ellam, Jan Val. Reintegração Cósmica, Editora Zian, São Paulo, 1998.

Capítulo 12

1. Rudyard Kipling (1895 – 1936). Contista, poeta e romancista inglês.

2. Freeman Dyson. Físico teórico inglês. Texto "A Evolução da Ciência" do livro "A Evolução – a sociedade, a ciência e o universo", Terramar Editora, Lisboa, 2000.

3. Genoma Humano. É a coleção de genes com as informações para formar os indivíduos da espécie humana. O genoma humano é bem menos complexo do que se imaginava a princípio. O genoma contém um número substancialmente menor do que 50 mil genes.

4. DNA lixo. Existe um "misterioso aspecto" para muitos cientistas quanto ao fato de boa parte do DNA que marca toda e qualquer forma de vida na Terra ser aparentemente inútil. Isso porque o genoma humano – todos os genes presentes no DNA – tem 3 bilhões de pares-base de nucleotídeos que formam a estrutura em cadeia do DNA e do RNA que formam a já conhecida dupla hélice apontada por Francis Crick e Thomas Watson. Um dos aspectos enigmáticos sobre essa questão é que desses três bilhões de pares de bases nitrogenadas somente 3% representam genes funcionais. O restante, ou seja,

97% dos genes é chamado pelos cientistas de DNA-lixo pelo simples fato de não terem aparentemente função ou, pelo menos, a função desses 97% dos genes no DNA conhecido na Terra não têm função clara perante a análise científica. Isso porque os "genes-lixo" não costumam produzir proteínas pois são destituídos de instrução para tanto. Só os outros 3% do DNA conseguem se transformar no RNA a fim de produzir as proteínas que definem e constituem o que nós somos como seres viventes na Terra e todas as demais formas de vida presentes na nossa natureza.

5. Francis Crick (1916–2004). Biólogo molecular inglês, físico e neurocientista ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia em 1962. Ele é mais conhecido por ser um dos descobridores em 1953 da estrutura molecular dos ácidos nucléicos e seu significado para a transferência de informações em matéria viva.

7. Brancaleone da Norcia. Personagem da comédia italiana "O Incrível Exército de Brancaleone". O filme narra a aventura de um cavaleiro medieval (um Dom Quixote maltrapilho) que forma um exército composto de quatro miseráveis que o ajuda a tentar conquistar um feudo que julga ter direito.

8. Dom Quixote de La Mancha. Romance de Miguel de Servantes.

9. Charles Darwin (1809–1892). Biologista britânico autor do livro "A Origem das Espécies".

10. Goswami, Amit. "Deus não está morto – Evidências científicas da existência divina", Editora Aleph, 1ª edição, São Paulo, 2008.

11. Blair, Lawrence. Rhythms of Vision – Mudança nos Padrões de Crença, Warner Books, 1975.

12. Lyall Watson (1939–2008). Botânico, zoólogo, e antropólogo sul africano, autor de diversos livros considerados new age, sendo o mais popular "Supernature – A Natural History of the Supernatural" em 1973 e o seu mais polêmico livro *Lifetide – a Biology of the Unconscious,* editado em 1979, foi ele o primeiro a usar a terminologia do "centésimo macaco".

Capítulo 13

1. Holismo. A visão holística é uma maneira de ver o mundo, o ser humano e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas.

2. John Wheeler (1911–2008). Físico teórico estadunidense.

3. Braden, Gregg. "Segredos de um modo antigo de rezar". Editora Cultrix, São Paulo, 2009.

4. Masaru Emoto. Pesquisador que demonstrou que a água está intimamente ligada à nossa consciência individual e coletiva. Autor de diversos livros entre os quais "As Mensagens Escondidas na Água".

5. Antonine Maillet. Romacista e dramaturga canadense.

6. Bradden, Gregg. Segredos de um Modo Antigo de Rezar, Cultrix, São Paulo, 2009.

7. Santa Catarina de Siena (1347–1387). Catarina de Siena é uma santa italiana que teve participação decisiva no Grande Cisma do Ocidente.

8. Satiagraha. Expressão sânscrita que traduz o conceito de resistência pacífica e amorosa pela verdade.

9. Estoicismo. Doutrina filosófica fundada por Zenão de Cítio (século III a.C.), que defendia a idéia de que todo o universo é corpóreo e governado por um Logos Divino. Esta noção os estóicos tomaram de Heráclito. Este Logos, ou Razão Universal, ordena todas as coisas e tudo surge a partir dele, de acordo com ele e graças a ele o universo é uma harmonia só.

O estoicismo propõe viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença (*apathea*) em relação a tudo que é externo ao ser. O homem sábio obedece à lei natural reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo, devendo assim manter a serenidade perante as tragédias e coisas boas.

10. Enuma Elish. Mito da criação babilônico escrito em cuneiforme arcaico. Descoberto em 1849 nas ruínas da antiga biblioteca de Assurbanipal que se situava em Nínive, antiga capital do império assírio (atual Mossul, Iraque). George Smith foi o primeiro a publicá-lo em 1876.

11. Jean Emile Charon (1920–1998). Físico nuclear francês.

Capítulo 14

1. Joachim-Ernst Berendt analisa a "Teoria da Relatividade Complexa" do físico nuclear francês Jean. E. Charon. Berendt, Joachim-Ernst – *Nada Brahma*, a Música e o Universo da Consciência. Editora Cultrix, São Paulo, 1987.

Capítulo 15

1. Matrix. Produção cinematográfica estadunidense e australiana do ano 1999 baseada na trilogia Matrix, Matrix Reloaded e Matrix Revolutions. Os filmes partem do princípio de que a realidade na qual vive o principal personagem (Neo) é na verdade uma simulação de supercomputadores.

2. George Leonard. Editor, escritor e educador estadunidense. Autor de "The Silent Pulse".

Capítulo 16

1. Rig Veda. Na tradição hindu, os Vedas são considerados como textos revelados, transmitidos desde o tempo dos deuses; os sacerdotes brâmanes acreditam que nos Vedas reside a ciência das ciências.

Os textos sagrados explanam a natureza de Brahma, Deus o Criador, cuja expressão em cada homem denomina-se *atma*, alma. Pode-se dizer que toda a importância dos Vedas resume-se na fusão consciente do *atma* com Brahma, da alma com o Espírito.

Os quatro Vedas são: o *hino Sama, o Rig Veda, o Yajur e o Atharva.*

Na imensa literatura da Índia, os Vedas são os únicos textos aos quais não se atribui autor. O *Rig Veda* assinala uma origem divina para os hinos e informa que os mesmos são provenientes de "épocas antigas", revestidos de nova linguagem. Diz-se que os Vedas, revelações divinas feitas aos *rishis* através das eras, possuem *nityatva, "finalidade intemporal"*.

2. Sumérios. Primeiro povo a habitar a Mesopotâmia (atual Iraque) e detentores de uma cultura cujo nível é inexplicável sob a ótica evolutiva em relação às informações antropológicas disponíveis.

3. Upanishades. Literatura hindu. Brahma sobre si mesmo. Berendt, Joachim--Ernst – *Nada Brahma*, a Música e o Universo da Consciência. Editora Cultrix, 1987, 10º edição, São Paulo, ver pg. 29.

4. Franz Kafka (1883–1924). Escritor checo. O adjetivo "kafkiano" costuma ser empregado para qualificar qualquer situação absurda, especialmente quando ela ocorre em meio a labirintos burocráticos; é considerado um dos três maiores escritores do século.

5. Palavras do astrofísico **Ronald Mallet** no documentário "Mistérios Inexplicáveis", da série "O Universo", do History Channel.

Capítulo 17

1. Yogananda, Paramahansa. Autobiografia de um Iogue, Lotus do Saber Editora, Rio de Janeiro, 2001.

2. Braden, Gregg. O Código de Deus, Cultrix, São Paulo, 2006.

3. Torah. A chamada Bíblia Judaica. São os primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Números e Levítico.

4. Renê Descartes (1596–1650). Filósofo francês e inventor da geometria analítica.

5. Isaac Newton (1643–1727). Físico e matemático inglês.

6. Karl Marx (1818–1883)**.** Autor do livro "O Capital", dentre outras.

7. Sigmund Freud (1865 –1939). Médico austríaco formulador da psicanálise.

8. Charles Darwin. Livro "A Viagem do Beagle".

Explicações Necessárias

1. Heeren, Fred. "Mostre-me Deus", Clio Editora, São Paulo, 2008.

PROJETO ORBUM

Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

"Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária."

Princípios:

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Estrutura da Obra de Jan Val Ellam

Por orientação dos mentores espirituais e cósmicos, as obras estarão sendo preparadas e distribuidas em sete grupos distintos, agrupadas pelas características comuns e objetivando melhor compreensão para quem desejar enxergar em profundidade o planejamento global da Espiritualidade.

Todo esse trabalho tem como objetivo maior o esclarecimento planetário ante muitos aspectos das verdades eternas e do necessário conhecimento da vida cósmica, para que nela possa a comunidade terrena ser reintegrada ativamente.

Neste sentido, os escritos recebidos até hoje, estão didaticamente distribuídos da seguinte forma:

Contexto Filosófico-espiritualista

O processo de reintegração da Terra à convivência cósmica somente poderá se desenvolver através de um processo que objetive a necessária preparação filosófica de pelo menos parte considerável da humanidade encarnada.

Para este fim, durante todo o longo e penoso processo da história humana, foi fornecida toda a base político-humanístico-espiritual e filosófica necessária ao esclarecimento do espírito humano, para aqueles que realmente desejaram – ou desejam – alimentar-se da luz do esclarecimento espiritual.

Muitos mestres do conhecimento cósmico na Terra estiveram reencarnados fornecendo, na medida das possibilidades de entendimento nos núcleos terrestres à época dos seus testemunhos amorosos, as principais sementes necessárias ao desenvolvimento do espírito.

Neste final de ciclo, esses mesmos mestres, a pedido de Jesus, o Mestre dos Mestres, estarão atualizando e adequando seus ensinamentos para os dias

finais do milênio passado e os do começo deste, fornecendo assim, a base filosófica necessária ao entendimento do que ora ocorre com a comunidade de espíritos congregados ao orbe terrestre.

Prestando homenagem ao espírito amigo e iluminado de Platão, denominamos a série de livros que irão compor essa base filosófica de "Diálogos", porque será através da conversação desses grandes trabalhadores do progresso terrestre, que os ensinamentos necessários e complementares à toda base de reflexão já existente para este fim de período cósmico estarão registrados.

Livros publicados deste grupo:

- Nos Céus da Grécia
- Muito Além do Horizonte

Contexto Cósmico

Aqui estarão agrupados os livros que abordarão aspectos do Cosmos, sua hierarquia, seus diversos níveis existenciais, os sistemas de mundos comandados pelo Mestre Jesus, Seus assessores, a História da Terra sob a ótica cósmica, a história de grupos de individualidades que para a Terra foram exiladas, certas ordens de problemas cósmicos e mais alguns aspectos que dizem respeito à vida cósmica.

Livros publicados deste grupo:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Recado Cósmico

Contexto Terrestre

Todo o processo de final de período cósmico com a conseqüente transição necessária ao terceiro milênio, os fatos que dele decorrerão e o vislumbre do que deverá ou poderá ocorrer com a comunidade terráquea, são assuntos

que serão abordados nos livros que irão compor os temas relativos à vida sociológico-política dos terráqueos ante a iminente reintegração à vida cósmica e aos demais aspectos dela conseqüentes.

Elucidativos

Temas gerais serão abordados nos livros que formarão este grupo, porquanto necessários ao entendimento do todo.

O fenômeno da morte, as Profecias, vida em outros níveis próximos à Terra, a misteriosa Atlântida, estudos sobre a Prece e muitos outros assuntos serão desenvolvidos como complemento para que percebamos como tudo está relacionado e interligado e que, efetivamente, " nenhum cabelo cai de nossa cabeça", sem que seja permitido ou esteja previsto dentro das Leis que formam o grande Circuito Cósmico, que emana do Pai e por Ele é mantido.

Livro publicado deste grupo:

- Nos Bastidores da Luz

Contexto Doutrinário

Nos livros aqui agrupados, serão apresentados, basicamente, diversos aspectos da reencarnação através da experiência de cinco individualidades espirituais que contarão suas muitas reencarnações, observando, em especial, as posturas felizes e infelizes assumidas quando do trato dos problemas decorrentes das intolerâncias raciais, religiosas, políticas e outras, características do espírito terrestre.

Os livros referentes ao processo reencarnatório aparecem apenas como apoio ao muito que já foi escrito a respeito do assunto, por outros trabalhadores da causa do Mestre. É preciso ressaltar que será exatamente a opinião desses espíritos, conforme o grau de evolução que lhes for peculiar, que desfilará pelas páginas desses livros e não os ensinamentos da Espiritualidade Maior, que normalmente caracterizam as obras com propósitos de esclarecimento.

Os demais livros deste grupo abordam outros temas espiritualistas, da doutrina espírita, como também referentes a diversos painéis do escla-

recimento espiritual sobre certas passagens do passado, vistas sob a ótica de alguns mentores espirituais, com a preocupação de repor certos aspectos da Verdade que nos envolve, conforme o seus graus de percepção.

Livro publicado deste grupo:

- O Sorriso do Mestre

Contexto Histórico

A análise dos fatos históricos tendo como pano de fundo a eterna realidade espiritual que rege os aspectos transitórios das evoluções planetárias, será a base central dos temas que serão abordados nos livros deste grupo.

Contexto Religioso

Sob a ótica espiritual, serão analisados os movimentos religiosos terrestres, separando-se o que é instrumento de aprendizado da Espiritualidade Maior e o que representa criação dos próprios homens dentro do contexto religioso. Há muito de criação humana que foi apresentado como sendo de origem divina. Muito do que de divino foi apresentado à Terra terminou por sofrer distorções promovidas pelas limitações e inclinações menores do gênero humano terrestre. Os livros aqui agrupados fornecerão alguns padrões de reflexão para tais assuntos.

Ω